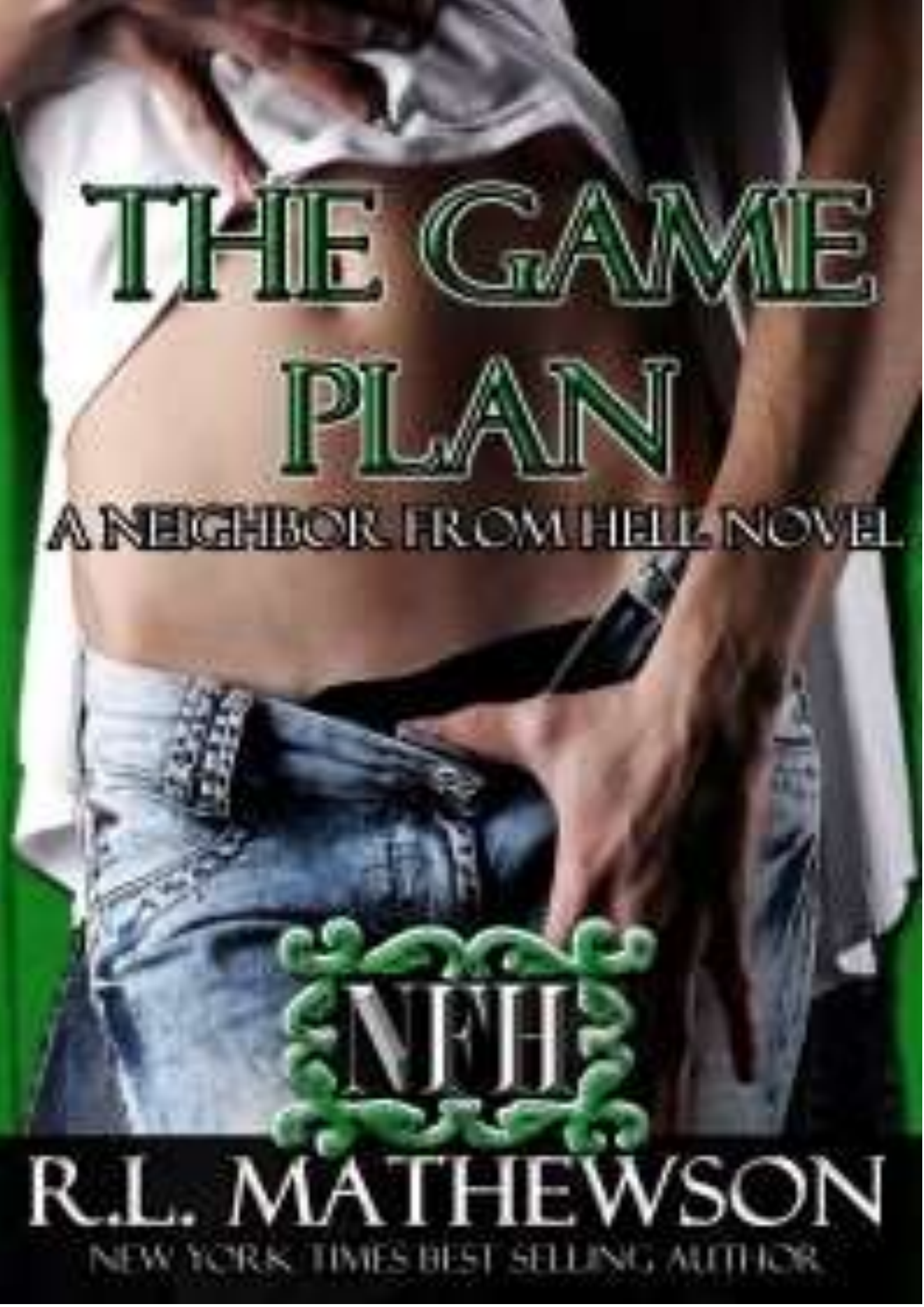

THE GAME PLAN
A NEIGHBOR FROM HELL NOVEL
NFH
R.L. MATHEWSON
NEW YORK TIMES BEST SELLING AUTHOR



Plano de Ataque

(The Game Plan)

Série Vizinho infernal – Livro 05

By R.L. Mathewson

Equipe Pegasus Lançamentos

Envio: Soryu Monteiro

Tradução e formatação: Cartaxo

Revisão Inicial: Leidiane

Revisão Final: Thaise Amorim

Leitura Final e Layout : Luisinha Almeida

Verificação: Anna Azulzinha e Mari Sales



"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada,também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."



Por favor não copiar nossos arquivos no facebook.

Se você viu algum arquivo do PL no Facebook,
sem a nossa autorização,converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL,ajude!

Quem gosta, respeita!

Nõ publique diretamente no facebook,
não exponha o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo.

Se não gostou da tradução,
leia o livro no idioma original.

Equipe de Tradução Pégasus Lançamentos

Nota da Autora

Este livro, como todos os livros que eu já escrevi ou ainda escreverei, é dedicado aos meus filhos, Kayley e Shane, que estiveram comigo nesta viagem.

Este livro também é dedicado a Jodi Negri, que esteve comigo por vários livros agora. Ela tem sido uma grande ajuda, uma boa amiga e totalmente merecia seu próprio Bradford.

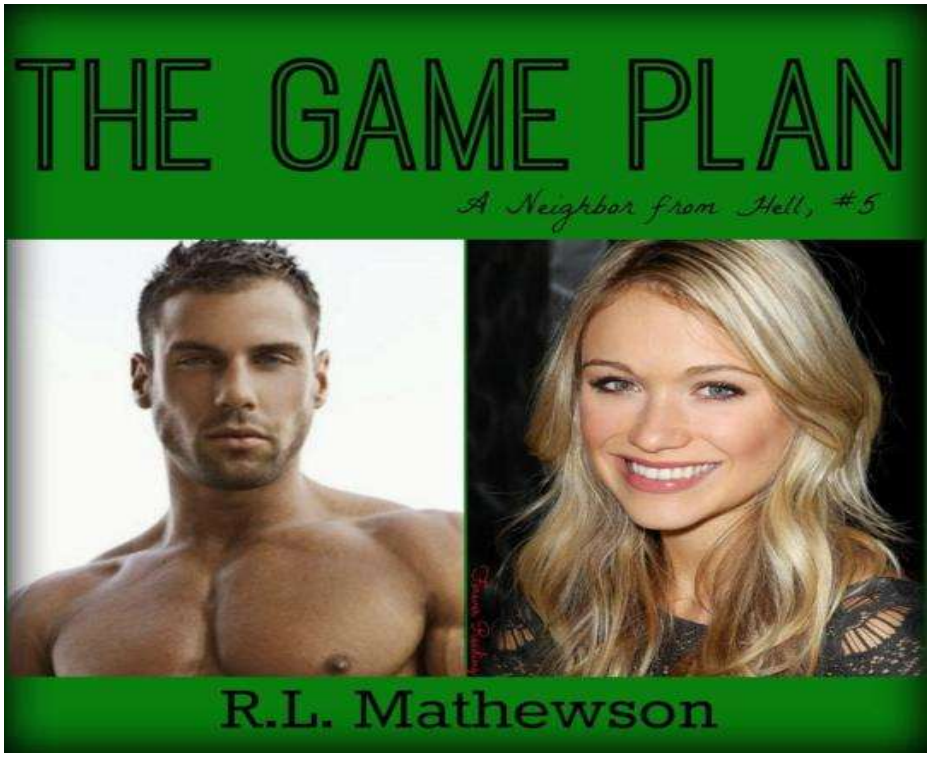
Este livro, também, é dedicado ao meu amigo e marido de Jenn, Danny Carrion, que me diverte muito. Ele também é um ótimo marido, pai e um bom homem, que como todos sabem, é o que faz um Bradford.

Sinopse

Passar os próximos 40 anos na prisão ou desistir do contrato de aluguel? Normalmente ela ignorava os idiotas, mas as coisas mudaram, uma vez que foi forçada a mudar-se em frente à casa de Danny Bradford.

Um monte de coisas... Jodi queria passar um dia, apenas um dia, sem ele fazendo algo para testar os limites do seu controle, mas com aquele maldito sorriso e seu hábito de deixá-la planejando homicídios, ela não imaginava isso acontecendo tão cedo.

Ele amava sua família, mas alguns dias... Era demais, mas tudo bem, porque a sua pequena vizinha, que morava do outro lado do corredor, forneceu-lhe infinitas horas de entretenimento. Não de propósito é claro, mas isso realmente importa, desde que ela o faz sorrir?



Capítulo 1

— Eu amo minha esposa.

— Sim, mas... — Jodi começou a dizer apenas para ser cortada mais uma vez antes que pudesse explicar por que ela precisava, desesperadamente, ser liberada de seu contrato.

— Eu amo minha esposa! — Trevor Bradford, seu senhorio e um homem que ela suspeitava que estava tão perto de cometer um assassinato como ela estava, salientou pela centésima vez desde que ele chegou em seu apartamento há cinco minutos.

Jodi lançou um suspiro exasperado quando se mexeu em sua cadeira e tentou pensar em outra maneira de explicar ao grande e, basicamente, decente homem, que se ele não a liberasse de seu contrato de locação 10 meses mais cedo que o previsto, ela iria acabar matando seu primo com as próprias mãos. Desde que ela tinha certeza que uma confissão completa só iria prejudicá-la, decidiu ir com uma rota mais sutil para sair de sua locação.

— Eu preciso ser liberada de meu contrato de aluguel, porque seu primo é um idiota e ele está fazendo minha vida um inferno! — Explicou ela em uma forma calma e eficiente, deixando de mencionar que já tinha pensado em vinte e nove maneiras diferentes para matar o grande e irritante bastardo.

Por um momento, Trevor não disse nada enquanto a observava do outro lado da pequena mesa da cozinha de campo do século XVIII, que Jodi tinha herdado de sua bisavó Rose. Seus olhos se estreitaram sobre ela numa avaliação e ela fez o mesmo com ele, recusando-se a ser intimidada. Quando se tornou evidente que a intimidação não estava funcionando, ele tentou outra tática.

— Qual primo? — Ele perguntou, fingindo ignorância quando se inclinou para trás em sua cadeira. Jodi mal conteve um estremecimento quando a cadeira rangeu em protesto por ter de suportar um homem tão grande. Se tivesse que adivinhar, diria que o homem pesava bem mais de 90 Kg e, cada gota dele, era puro músculo. Ela realmente não tinha certeza de quanto mais ele poderia abusar da pobre cadeira antes de finalmente ser rachada sob a pressão.

Provavelmente, ela ficaria deprimida por um dia ou dois se perdesse um item tão precioso, especialmente porque não podia se dar ao luxo de substituí-lo, mesmo com uma imitação barata do Wal-Mart. Então, novamente, se isso significasse sair do contrato de locação do inferno e longe do homem mais irritante sobre a terra, iria engolir e lidar com a perda, ela decidiu.

— Você sabe qual é. — Ela cuspiu, sabendo que ele sabia muito bem que um de seus primos estava levando-a para um caminho sem volta.

— Há cinco deles alugando apartamentos aqui. — Ressaltou ele, não parecendo feliz com o fato, mas não

estando disposto a fazer isso fácil para ela. — Tenho medo de que você vai ter que ser um pouco mais específica.

Com certeza, todos os seus primos que alugavam aqui pareciam ser bastardos arrogantes, mas apenas um deles era um completo idiota. O resto de seus primos se divertiam e sim, eles poderiam irrita-la muito, mas não ao ponto dela estar pensando em assassinato. Essa reação foi reservada exclusivamente para um homem e um homem apenas.

Danny Bradford.

Na verdade, foi meio engraçado, porque antes de se mudar para cá, tinha pensado em si mesma como um pacifista. Apenas o pensamento de um choro de filhote de cachorro, ou ferir os sentimentos de alguém acidentalmente, a faria devorar um pote de sorvete Ben & Jerry's e ficar chorando histericamente sobre um filme do canal de televisão Lifetime. Antes de Danny Bradford, ela nunca tinha chegado verdadeiramente a estar irada. Ela nunca teve, sequer, uma rixa antes de conhecê-lo. Costumava relevar as coisas muito rapidamente e não perder tempo em discussões, mas tudo isso mudou no dia em que ela alugou o apartamento e se encontrou com o filho da mãe que vive do outro lado do corredor.

Então, novamente, um monte de coisas tinha mudado em sua vida ao longo dos últimos meses, e algumas dessas coisas poderiam estar influenciando sua reação a Danny Bradford. Mas, tinha certeza de que mesmo se ela não tivesse sido abandonada na noite antes de seu casamento, perdido o

emprego no museu, forçada a aceitar um trabalho como bibliotecária na cidade e humilhada de todas as maneiras imagináveis por seu ex, ela, ainda, estaria desenvolvendo um ódio que tudo consome para o homem que vive do outro lado do corredor

Ele era arrogante, idiota, bom demais para olhar apesar disso, idiota, idiota, realmente irritante e ela mencionou que ele era um idiota? Parece que ele nasceu para sacaneá-la. Já era ruim o suficiente ter que lidar com toda a porcaria que ele a fez passar, mas aquele sorriso arrogante que ele usava quando fazia isso, a irritava da maneira que realmente conta. Ela odiava aquele sorriso, provavelmente não tanto quanto ela odiava o homem, mas era um segundo próximo.

— *Danny!* — Ela soltou, olhando para o homem e silenciosamente desafiando-o a continuar sentado lá, fingindo que não sabia que seu primo estava sendo um merda, fazendo a sua vida um inferno. Ele sabia, oh, ele sabia. Não era a primeira vez que foi forçada a chamá-lo e explicar com toda a calma possível que, se o seu primo não parasse, ela seria forçada a chutá-lo no saco para tirar aquele sorriso arrogante de seu rosto.

Normalmente, quando era forçada a fazer a ligação, o que a fazia se sentir como uma criança fofoqueira, Trevor iria escutar por dez segundos, suspirar pesadamente e entregar o telefone para Zoe, sua esposa e a gerente não oficial de todos os imóveis para locação que possuíam. Trevor, normalmente, só se envolvia como um último recurso, ou se sua esposa

estivesse muito cansada de cuidar dos filhos do casal para reunir a energia para lidar com inquilinos. Na verdade, ela preferia lidar com Zoe, porque ela iria ouvir, simpatizar e depois que Jodi terminasse de colocar tudo para fora de seu peito, a mulher gordinha e baixinha iria dar-lhe um abraço, dizer-lhe para esperar um minuto, atravessaria o corredor e bateria em Danny na cabeça.

Então, com um suspiro de satisfação, Zoe iria sorrir e sair, deixando-a para lidar com Danny e aquele sorriso arrogante, com o conhecimento de que ela, de alguma forma, estabeleceu um desafio para ele. Toda vez que Zoe foi visitá-lo, ele sempre elevou seu jogo para deixá-la louca.

Assim como na semana passada, quando tinha sido forçada a reclamar de Danny por colocá-la para entrega, de um outro restaurante, dos quais está banido. Zoe tinha chegado bem em cima, desta vez não se incomodou em ir ao seu apartamento primeiro antes de bater na porta de Danny. Quando ele abriu a porta, enquanto comia suas asas de frango, ela gostaria de salientar, Zoe suspirou, estendeu a mão e deu um tapa em Danny.

Em vez de ficar chateado com Zoe, como devia se alguém ficasse batendo na sua cabeça, Danny tinha simplesmente dado de ombros e pegado outra asa. Assim quando ele estava prestes a dar uma mordida, Zoe arrancou a asa e a caixa de viagem para fora de suas mãos, fez uma careta para ele, virou-se e saiu.

Foi quando Danny finalmente reagiu.

Foi também o momento em que ela realmente desejou não ter saído de seu apartamento para verificar o e-mail. Antes que ela pudesse fugir, Danny a olhou acusadoramente, como se ela tivesse roubado suas asinhas de frango, bem, tecnicamente as asas eram dela, desde que o pedido estava em seu nome.

Ele não tinha dito uma palavra quando fechou a porta, não precisava dizer nada, porque esse brilho em seu olhar tinha dito tudo. Ela passou a noite rolando na cama, dividida entre pedir desculpas para salvar-se da vingança, encolhendo-se durante a tentativa de dizer a si mesma que não havia nada para se preocupar e ficando com raiva por estar obcecada por algo tão estúpido. Quando o despertador a obrigou a arrastar a bunda para fora da cama na manhã seguinte, quis chutar a bunda dele, bem como a própria, por desperdiçar toda a noite deitada acordada se preocupando em vez de dormir.

Trinta minutos, um banho morno, três xícaras de café forte depois, ela ainda estava chutando-se por sua própria estupidez, quando tinha deixado seu apartamento e mentalmente se preparado para as próximas dez horas de lidar com reuniões, comitês, hora da história com as crianças, hora de artesanato e um evento na livraria. Todos os pensamentos do dia agitado que a aguardava lentamente evaporaram de seus pensamentos quando avistou o alto muro de concreto de 1,50 metros que cercava seu espaço de estacionamento onde o carro havia sido deixado na noite anterior.

Foi nesse momento que ela percebeu que precisava se mudar ou encontrar um bom advogado de defesa. Infelizmente, com o estado atual de sua vida financeira, um bom advogado de defesa estava fora de questão e por isso estava se mudando. Não podia se dar ao luxo de quebrar o seu contrato de aluguel antes do previsto e não tinha dinheiro suficiente para cobrir o aluguel do primeiro e do último mês para um novo apartamento.

Desde que não tinha muitas opções disponíveis no momento, ela decidiu tentar e fazer um acordo para o fim de sua locação. Na verdade, estava esperando para ter essa conversa com Zoe, porque ela era muito fácil para lidar e, provavelmente, a deixaria fora de seu contrato de locação sem uma luta. Se Trevor não tivesse ouvido sua conversa por telefone uma hora atrás, ela tinha certeza de que já estaria procurando por outros apartamentos.

Infelizmente para ela, ele ouviu isso.

Ele esfregou as mãos pelo seu rosto quando murmurou:

— Eu vou matar esse filho da puta.

— Se você fizer isso, eu estaria disposta a ficar. — Ela apontou solícita.

Ele riu quando se inclinou para trás na cadeira e ela fez o seu melhor para não encolher quando a cadeira rangeu em protesto, novamente.

— Eu gosto de você, Jodi. Você nunca está atrasada com o aluguel. Você mantém o seu apartamento limpo e você não

causa problemas, mas eu não posso deixá-la fora do seu contrato.

— Por quê? — Ela perguntou, seus ombros caindo na derrota.

— Porque se você sair, minha esposa só vai colocar mais um dos meus primos imbecis aqui. — Disse ele com um suspiro pesado.

— Bem, eles não podem ser piores do que Danny.

— Acredite em mim, eles são. — Disse ele, cortando-a, se mexendo e fazendo com que a cadeira rangesse ameaçadoramente com o movimento. — E se eu reduzisse seu aluguel?

— Para ficar? — Perguntou ela, tentada a dizer que sim e ceder.

Ela não tinha muito dinheiro no banco e mesmo se tivesse um salário decente, não sobrava muito dinheiro no final do mês uma vez que as contas fossem pagas. Quinze mil dólares em dívidas tinha sido o presente de despedida de seu ex-noivo para ela, que ela não conseguiu devolver e queria, desesperadamente, retornar esse lindo presente. Ela tinha sido tola quando concordou em abrir uma conta de cartão de crédito em seu nome para ele e ainda mais tola para dar-lhe o acesso à sua conta bancária, o que ele tinha drenado, legalmente, de acordo com o departamento de polícia, poucas horas antes de dar-lhe a notícia de que não podia forçar-se a casar com ela.

— Duzentos? — Ele ofereceu, soando um pouco desesperado.

— Não seria mais barato apenas me deixar sair do meu contrato? — Perguntou ela, esforçando-se com a vontade de dizer sim e tornar as coisas um pouco menos apertadas financeiramente por um tempo, mesmo que isso significasse lidar com Danny Bradford por mais dez meses.

— Trezentos dólares. — Disse ele como afirmação e não pergunta, ela notou.

— Trezentos dólares? — Ela repetiu, certa de que tinha ouvido mal.

— Negócio fechado! — Disse Trevor com um aceno de cabeça firme, ele se levantou e foi para a porta, deixando-a sentada ali lutando para descobrir o que aconteceu.

— Espere, negócio fechado? — Ela perguntou, lutando para sair da cadeira e correr até a porta e bloqueá-la antes que ele pudesse fazer a sua fuga, mas, infelizmente, suas pernas curtas não ajudaram.

Trevor tinha a porta aberta e estava no meio do corredor antes que ela conseguisse alcançá-lo, bem, ficar dentro de dez metros dele de qualquer maneira.

— Espere! — Ela gritou, esperando que ele parasse tempo suficiente para que ela pudesse descobrir o que aconteceu.

Com um sorriso tímido, ele fez, mas seu alívio foi de curta duração, enquanto caminhava em direção a ela, continuou andando. Antes que pudesse perguntar o que ele

estava fazendo, ele estava batendo na porta de Danny. Segundos depois e, infelizmente, antes que pudesse voltar para o apartamento dela, Danny, vestindo apenas calça jeans e parecendo recém saído do chuveiro com cabelo úmido, uma toalha em torno de seus ombros e seus grandes músculos brilhando sob a luz do corredor, abriu a porta.

Tinha um mau pressentimento sobre o que estava por vir, Jodi deu um passo para trás, na esperança de chegar ao seu apartamento antes.

— Ai! — Disse Danny, esfregando o topo de sua cabeça. — Que diabos foi isso? — Perguntou ele. Seu olhar se afastou de seu primo e caiu sobre ela, assim que tinha chegado a porta e estava prestes a esgueirar-se dentro de seu apartamento, onde ela planejava se esconder até a hora de ir para o trabalho em 16 horas.

— Pare de ser um idiota. — Disse Trevor com um grunhido satisfeito antes que ele virasse e dirigisse para a saída apenas para fazer uma pausa e jogou por cima do ombro. —Você ainda vem para o jantar?

Os olhos de Danny nunca a deixaram quando ele respondeu:

— Sim, que horas?

— Seis. — Disse Trevor, enquanto ia em direção a porta e a deixava para lidar com seu primo idiota. — Traga a sobremesa!

Danny não respondeu e Trevor não esperou por ele, abriu a porta e saiu, deixando Jodi em uma situação esquisita.

— Fofocando de mim de novo? — Danny perguntou com aquela voz profunda que fazia seus dedos formigarem.

Ele também a lembrou do quanto o odiava.

Por causa dele, ela não teve um pouco de sono durante toda a noite. Agora, ela estava cansada, irritada, reconhecidamente mal intencionada e teve que trabalhar na reelaboração de uma proposta para a renovação da biblioteca que tinha levado um mês, em 14 horas e sem remuneração. Tudo, porque a Câmara Municipal não achou que a primeira proposta transmitisse corretamente a importância da biblioteca e seu pessoal, o que significa que ela tinha que descobrir uma maneira de trazer o orçamento para reformas de bibliotecas para menos de dez mil ou começar a procurar um novo trabalho quando eles fossem forçados a fechar a biblioteca.

— Para sua informação. — Ela grunhiu, dando um passo em direção a ele e fingindo que ele não era muito mais alto que ela. — Eu estava pedindo para sair do meu contrato. Não que isso seja da sua conta.

Por alguma razão isso pareceu diverti-lo, porque sua carranca foi substituída imediatamente por esse sorriso maroto, que fazia a palma da sua mão coçar para bater naquele rosto.

— Tentando fugir de seus sentimentos por mim, Sininho? — Ele perguntou, trazendo sua raiva para um nível totalmente novo.

— Será que... — Ela começou a dizer, se forçando a respirar fundo antes que fizesse algo que necessitasse do advogado de defesa, cujo honorário ela não podia pagar. — Você acabou de me chamar de Sininho? — Perguntou com raiva mal contida.

Alheio do quão próximo estava de uma morte certa, Danny apenas deu de ombros quando ele pegou a toalha ao redor de seus ombros e secou o rosto e o peito.

—Mmmhmm.

— Esse não é meu nome. — Ela disse, seus olhos se estreitando na toalha enquanto pensava em uma maneira totalmente nova de se livrar do bastardo.

— Bem. — Disse ele, fazendo uma pausa para esfregar a toalha contra a parte de trás de sua cabeça. — Ele realmente deveria ser.

— Não é. — Ela retrucou, sabendo que se ele a chamasse de Sininho mais uma vez, não responderia pelos seus atos.

— Por mais que eu adoraria ficar aqui e conversar com você, Sininho, eu tenho um lugar para estar. — Disse ele com uma piscadela quando fechou a porta, deixando-a ali, fervendo de raiva e pensando em como ia passar os próximos 10 meses sem matá-lo.

Capítulo 2

— Eu estou aumentando o seu aluguel. — Anunciou Trevor enquanto passava uma das grandes tigelas de purê de batatas para ele.

— E por que isso? — Perguntou Danny, pegando a colher de pau e enfiando no centro da gosma branca espessa e pegando uma grande quantidade.

— É, ou aumentar o seu aluguel, ou deixar sua futura esposa sair. — Trevor explicou enquanto esguichou ketchup em seu bolo. Pelo menos Danny achava que era bolo de carne, mas desde que Zoe tinha cozinhado esta refeição, ele realmente não poderia ter certeza de nada.

— Ela não é minha futura esposa! — Disse Danny, suspirando pesadamente quando colocou a tigela de purê de batatas na mesa. — Você realmente precisa parar com essa merda.

— Então, o que ela é? — Jason, outro de seus primos perguntou, fazendo um gesto em direção à tigela de purê de batatas. — Passe as batatas.

Franzindo a testa, Danny olhou ao redor da mesa, mas não viu nada que parecesse sequer batatas.

— Isso é o arroz. — Disse Trevor com força, atirando-lhes um olhar com a mensagem silenciosa para calar a boca e não

questionar a comida, algo que ele queria muito fazer. Mas desde que iria acabar em uma briga e com respostas que ele realmente não queria, ele deixou pra lá e respondeu ao seu primo.

— Ela é só a mulher que aluga o apartamento de frente para mim e que eu atormento para minha própria diversão quando estou entediado ou estou apenas no humor para irritá-la. — O que era todos os dias, mas ele não se preocupou em apontar, uma vez que só iria incentivar a besteira de seu primo.

— Eu vejo. — Disse Jason, parecendo se divertir.

— Estou feliz que você faz. — Disse ele, feliz por essa merda estar esclarecida.

— Ela é definitivamente a sua futura esposa. — Disse Jason, rindo e irritando-o.

— Nós poderíamos ter o casamento em nosso quintal. — Haley, mulher de Jason e uma coisa bonitinha que ele não se importaria de ter passado um pouco de tempo com ela antes que seu primo a corrompesse, disse, parecendo esperançosa enquanto empurrava os óculos de volta ao nariz.

Zoe suspirou, balançando a cabeça enquanto pegava a taça do que parecia ser molho e disse:

— Bradfords não têm casamentos. Casamentos implicam algum planejamento por parte do noivo, a noiva fazendo questionamentos e o que realmente acontece é um sequestro, um Juiz de Paz aterrorizado, uma cerimônia rápida e uma

corrida por toda a cidade para ter o casamento consumado antes da noiva recuperar os sentidos e anular o casamento.

Trevor engasgou de indignação.

— Você disse que foi a noite mais romântica de sua vida!

— Oh!! — Disse Zoe, piscando antes de acrescentar: — Foi. — Em um tom apaziguador quando ela estendeu a mão e deu um aperto reconfortante na mão do marido.

— Mantenha suas mentiras, mulher! — Trevor estalou, parecendo irritado, mas quando Zoe suspirou e tentou mover a mão dela, ele rapidamente pegou de volta e entrelaçou seus dedos juntos, mesmo quando continuou a olhar acusador para ela.

— Só porque nós não tivemos um casamento não significa que outros Bradford não tiveram um casamento. — Haley apontou, pegando uma taça de... bem, Danny estava em dúvida do que a robusta e clara gosma rosa fosse.

— Sim, é verdade, meu pequeno gafanhoto. — Disse Jason quando ele tomou a taça de Haley e com um aceno discreto de sua cabeça, advertiu-a para longe das coisas que nem mesmo um Bradford iria ter uma chance.

— Houve apenas três casamentos na família Bradford nos últimos 200 anos. — Disse Trevor, pegando a tigela de gosma rosa e colocando um pouco em seu prato.

— Veja! — Disse Haley, soando triunfante enquanto pegava o que Danny pensou que fosse molho, mas outra

sacudida discreta da cabeça de Jason tinha Haley rapidamente passando para tomar um gole de água.

— E todos os três casamentos terminaram com o divórcio em menos de um mês. — Jason acrescentou, recebendo um aceno de concordância de ambos Trevor e Danny, porque cada Bradford sabia a história da família, tradições e municípios que ainda estavam proibidos de entrar.

Homens Bradford não propõem, porque uma proposta significava que ele não estava enlouquecido de amor. Era a mesma razão que eles não compram anéis ou planejam casamentos, porque, se um homem Bradford estivesse pensando racionalmente o suficiente para fazer qualquer merda, então ele não estava realmente apaixonado. Um homem Bradford pode perceber, desde cedo, que tinha encontrado a mulher dos seus sonhos, mas até que ele chegasse no ponto em que estivesse disposto a arriscar cometer um sequestro, ele não estava pronto para o casamento.

— Não se preocupe. — Disse Trevor, pegando algum ‘arroz’ em seu prato. — Após o casamento tia Mary vai fazer uma grande festa.

— Minha mãe não está dando uma festa, porque não vai haver um casamento. — Danny apontou, fazendo o seu melhor para não deixar que seus primos soubessem o quanto estavam irritando-o, uma vez que só iria encorajá-los a manter essa merda.

— Bem, se ele arrastá-la para Vegas e pegarmos o rastro dele a tempo, nós podemos... — Zoe disse, parecendo esperançosa enquanto o resto deles estava tentando não encolher.

— Nós ainda estamos proibidos em Vegas, querida. — Disse Trevor, cortando a esposa, que parecia mais confusa do que nunca.

— Espere. — Disse ela, franzindo a testa. — Eu pensei que a proibição tivesse sido suspensa. — Disse ela, olhando ao redor da mesa e, sem dúvida, notando o fato de que nenhum dos homens na mesa conseguiam encontrar o seu olhar.

— Não, hum... — Danny disse, limpando a garganta. — Foi um pequeno incidente há um ou dois anos atrás, que pode ter resultado na proibição de ser reintegrado por mais dez ou 50 anos.

— Espere um minuto! — Disse Haley, estreitando os olhos em tom de acusação sobre o marido. — Será que você não fez uma escala no ano passado em Nevada em seu caminho para essa convenção no Texas por causa da empresa de construção do seu pai?

— E-eu posso ter. — Jason disse, engolindo nervosamente enquanto ele lançou um olhar em pânico para Danny, mas ele era um Bradford e sabia uma coisa ou duas sobre como salvar o próprio rabo, mesmo que isso significasse ter uma colher da comida questionável em sua boca para dar a desculpa que precisava para manter a boca

fechada. Trevor, aparentemente, teve a mesma ideia, porque, de repente, ele não conseguia comer o suficiente da comida de sua esposa.

— E quando eu perguntei-lhe sobre os alertas de notícias de última hora que continuavam piscando na parte inferior da tela de televisão sobre o desligamento de emergência em Vegas, você jurou para mim que não tinha nada a ver com isso! — Disse Haley, seu olhar assassino bonitinho, mas um aviso claro de que Jason e qualquer burro o suficiente para abrir a boca, estava ferrado.

— Espere um minuto! — Disse Zoe e só assim Danny sabia que Trevor estava verdadeiramente fodido. — Você foi nessa viagem, também!

Todo homem Bradford, que trabalha para o tio Jared foi, mas Danny não se preocupou em mostrar isso desde que ele tinha liberdade em casa. Era em momentos como este que ele estava realmente feliz que não era casado, uma das poucas vezes, ele teve que admitir. Ao contrário de seus primos, que tinham lutado contra o altar com tudo o que tinham, Danny estava mais do que pronto para se estabelecer e começar uma família.

Em poucos meses, ele estaria com 32 anos de idade e ainda estava sozinho. Ele sempre pensou que estaria resolvido até este momento de sua vida com, pelo menos, uma criança a caminho, mas, aparentemente, a vida nem sempre corre da maneira que você esperava. Ele certamente

não esperava fazer metade das merdas que tinha feito até agora.

Quando ele era um garoto, sempre tinha pensado que iria seguir os passos de seu pai e ir para a faculdade de medicina, juntar-se a prática de seu pai e se casar, mas aos dezessete anos, todos os seus planos mudaram quando ele tinha fodido tudo. Tinha sido um garoto arrogante, extremamente arrogante. Não só ele não tinha estudado para o vestibular, porque tinha certeza de que seria aprovado no teste logo de cara, mas ele também tinha decidido que iria comemorar uma pré-vitória na noite anterior, roubando a cerveja do pai da geladeira e começando a se embebedar na garagem.

Realmente bêbado, a ponto de que se seu pai não tivesse o encontrado desmaiado no chão do banheiro, ele provavelmente teria morrido em coma alcoólico. Depois que ele foi levado às pressas para o hospital e recebeu uma lavagem estomacal, seu pai, com mais raiva do que ele já tinha visto antes, arrastou-o para a escola e obrigou-o a fazer o exame SAT, quando tudo o que ele queria fazer era se enroscar ao lado de um vaso sanitário e morrer.

Um mês depois, ele recebeu seus resultados dos testes e descobriu que marcou um patético 490 no total. Ele poderia ter feito o teste de novo, mas isso teria significado uma aceitação atrasada para a faculdade e escola a partir da primavera, em vez de iniciar o curso com todos os seus amigos. Seu orgulho caiu com essa pontuação. Incapaz de lidar com o constrangimento, Danny implorou ao seu pai

para assinar uma liberação para que pudesse se juntar à Marinha, mas ele havia recusado. Seu pai não acreditava na correção de um erro com outro.

Revoltado que os planos que ele tinha tido para sua vida foram arruinados e tolamente culpando seu pai, Danny tinha parado de tentar na escola. Ele já não se preocupava com suas notas, sua família, amigos ou qualquer coisa ou assunto e começou a se concentrar em estar muito longe de seu pai. Na manhã que ele deveria se formar, pegou uma mochila, encheu-a com roupas, esvaziou sua conta com parcas economias e pegou uma carona para fora da cidade.

Uma semana mais tarde, com uma identidade falsa em sua mão, ele entrou em um centro de recrutamento da Marinha e se alistou. Levou menos de um mês na Marinha para derrubar sua arrogância e despir cada suposição que ele já tinha sobre si mesmo. Lançaram-no até o fundo do poço e deixaram-no lá até que ele estivesse pronto para crescer e ser um homem.

Juntar-se à Marinha tinha sido a decisão mais tola de sua vida, mas também, acabou por ser a melhor coisa para ele. Uma vez que conseguiu tirar os olhos do próprio umbigo, ele trabalhou arduamente para se tornar o soldado que a Marinha queria que ele fosse. Eles também o transformaram no homem que ele nunca teria sido se tivesse continuado agindo como uma criança mimada. Ele trabalhou duro, subindo posto após posto até que ele se viu liderando uma equipe das Forças Especiais. Ele ainda estaria lá se não

tivesse recebido uma bala um pouco perto demais de sua espinha para o gosto da Marinha e a outra na palma de sua mão direita, destruindo sua capacidade de puxar o gatilho rápido o suficiente para torná-lo algo mais do que uma obrigação.

Então, depois de dez anos de servir o seu país, doze cirurgias para salvar sua vida e para se certificar de que ele não iria acabar em uma cadeira de rodas para o resto dela, ele chegou na casa de um pai que não queria nada com ele, sem educação para abrir as portas para ele e nenhuma habilidade contratável. Se não fosse por sua família, ele estaria verdadeiramente fodido.

Sua mãe, irmãos, tios, tias e primos tinham se unido e se certificado de que ele tivesse tudo o que precisasse para passar a última das cirurgias. Eles o levavam para a fisioterapia quando ele precisava de uma carona e sempre houve alguém para segurar sua mão quando a dor se tornava demais. Eles estavam lá para ele a cada passo do caminho, fazendo a transição de soldado danificado para civil mais fácil para ele, só por isso ele seria eternamente grato.

Ele sempre teve um convite para jantar, alguém disposto a largar tudo para ajudá-lo e a lembrança de que não estava sozinho. Eles tornaram as coisas muito mais tolerável para ele, mas alguns dias...

Não era o suficiente.

Alguns dias, ele ansiava por uma casa própria e não apenas um apartamento que seu primo alugava para ele por

praticamente nada. Ele queria uma mulher que olhasse para ele da maneira que Haley e Zoe olhavam para seus primos. Ele queria as crianças que ele levava para comer fora e que em casa o faziam sorrir, mesmo quando eles estavam irritando-o.

Ele deveria ser feliz por estar vivo e ter um bom emprego, e ele era. Ele só queria que houvesse, em sua vida, algo mais do que o trabalho, seus livros, comer o jantar todas as noites em uma das casas dos tios ou primos e ansioso para irritar sua vizinha bonita, um pouco. Ele precisava começar a namorar novamente, mas simplesmente não conseguia se forçar a se interessar por qualquer mulher o suficiente para convidá-la.

Como a maioria dos Bradfords, ele nunca teve problemas para encontrar uma mulher para aquecer sua cama. O sexo era fácil, simples e poderia ser usado para aliviar a tensão. Encontrar uma mulher que ele realmente gostasse e quisesse passar mais tempo fora do quarto já era um pouco difícil para ele. Ele só desejou...

— Eu acho que devemos nos concentrar no assunto anterior, em Danny e sua esposa. — Trevor anunciou, enroscando-o completamente.

Desgraçado!

— Ela não é minha esposa. — Ele disse calmamente, obrigando-se a comer mais do arroz mole.

— Ainda não. — Jason apontou.

— Pelo amor de Deus, ela não é mesmo o meu tipo! — Ele retrucou, sem se preocupar em apontar que ele gostava de uma mulher mais alta e com muito mais curvas do que Sininho tinha.

Sininho era bonita, ele tinha que admitir, mas ela também era muito baixa, provavelmente 1,52 cm ou 1,53 cm se isso. Ela era pequena, ainda menor do que Haley. Ela tinha cabelo loiro quando ele preferia preto. Seus seios eram pequenos, provavelmente tamanho P quando ele preferia seios grandes que ele poderia passar horas a dedicar a sua atenção e, para ser honesto, ela tinha essa aura de irmã caçula sobre ela que apenas o fez querer atormentá-la.

— Não importa se ela é o seu tipo ou não. Você sabe como isso funciona. — Disse Trevor, levando uma mordida de seu bolo de carne e visivelmente tentando não encolher.

— Porque ela é a minha vizinha? — Ele perguntou, sem se preocupar em esconder seu bufo de desgosto. Quando seus primos enviaram-lhe um olhar “duh” ele explicou: — Eu tive muitas vizinhas que gostei de irritar e eu não quis casar com qualquer uma delas, a teoria do tataravô sobre os homens Bradford é besteira.

— Você teve vizinhas antes. — Jason concordou, antes de acrescentar: — Mas você nunca se incomodou em fazer de suas vidas um inferno.

— Isso faz dela especial. — Trevor acrescentou com uma piscadela, antes de Zoe dizer algo que lhes enviou todos correndo da mesa em busca de uma lata de lixo.

— Isso não é arroz. — Disse ela, mordendo o lábio inferior. — Isso é macarrão com queijo.

Capítulo 3

— Você não pode estar falando sério! — Greg, um homem que ela tinha saído no total de três encontros antes que ele finalmente falasse que não poderia sair com ela, porque ela lembrava de sua irmã mais nova, disse quando ele, cuidadosamente, colocou o café de volta na mesa como se estivesse andando numa montanha-russa, bem consciente de que ela chutaria a bunda dele se ele manchasse a mesa de sua bisavó.

— Oh, não, eu falo completamente sério. — Disse ela, olhando para as notas que o Sr. Tate tinha lhe enviado para que ela pudesse 'melhorar a proposta'. Ela balançou a cabeça, recusando-se a comparar a sua pequena biblioteca com o Museu do Louvre. Honestamente, o Sr. Tate era um homem tão doce, mas ele tinha uma veia romântica de um quilômetro de largura, sempre vendo as coisas como ele achava que deveriam ser.

— Você percebe que você está dizendo a um oficial de polícia, em plantão... — Esclareceu ele, antes de continuar. — ...sobre seus planos para assassinar o seu vizinho, certo?

Ela piscou para ele antes de perguntar:

— E seu ponto é?

Com um grunhido frustrado, ele estendeu a mão e agarrou outro sanduíche fora do pequeno prato que ela tinha

feito, quando ele tinha ligado para lhe dizer que estaria passando em sua pausa para o jantar. Ambos sabiam que ele, realmente, queria ter certeza de que ela não havia se suicidado, ou assassinado o filho da mãe que vive do outro lado do corredor e também, para fazer um lanche rápido.

Ela tinha aprendido há muito tempo atrás que era melhor manter a abundância de carne e cerveja na mão para quando seus amigos passassem por ali. Era isso ou ouvi-los reclamando sobre estar com fome, até que ela cedesse e assasse alguns cookies. Desde que assar significava biscoitos, brownies e bolos, suas fraquezas, ela fazia questão de ter certeza de que sua casa sempre estivesse bem abastecida para a companhia, cara companhia. A menos que ela estivesse estressada, então ela cozinhava, saindo do seu cardápio habitual.

— Ele não pode ser tão ruim assim. — Disse Greg, suspirando pesadamente enquanto pegava mais açúcar.

— Agora eu tenho trinta maneiras de matá-lo. — Jodi explicou enquanto enchia sua xícara de café.

— Você precisa dar o fora daqui antes de fazer algo estúpido. — Disse Greg como se ela não estivesse dolorosamente ciente desse fato.

— Eu não posso me dar ao luxo de me mudar. — Disse ela, concentrando sua atenção sobre as notas, mais uma vez, e depois que ela lia o próximo parágrafo, revirou os olhos em desgosto.

— Você tem um bom trabalho, Jodi. Ele ainda paga mais do que o museu. Você deve ser capaz de se dar ao luxo de comprar sua própria casa por agora. — Greg apontou, olhando ao redor da cozinha até que ele avistou o saco de batatas fritas que ela tinha tirado e se esqueceu de colocar sobre a mesa enquanto tentava não estremecer.

Ele não tinha ideia de que Jerry havia lhe ferrado financeiramente quando ele a abandonou. Se ela realmente não acreditasse que ele ia juntar o resto dos caras e ir bater a merda fora de Jerry, ela provavelmente teria dito a ele. Ela não queria que ninguém mais pagasse por sua estupidez, mesmo que isso significasse que Jerry nunca recebesse a surra que merecia.

— Por que você não liga pro seu pai para pedir ajuda? — Sugeriu.

— Eu não posso. — Ela murmurou pateticamente, embora, tecnicamente, pudesse.

Bem, não havia nada de técnico sobre o assunto. Se ela precisasse de dinheiro ou um lugar para viver, seu pai ficaria feliz em dar a ela. Se sua mãe ainda estivesse viva, ela já teria arrastado Jodi de volta para casa e mimando-a até que ela fosse capaz de se reerguer financeiramente. Houve alguns dias em que ficou tentada a ceder e admitir a derrota, mas, em seguida, o seu orgulho iria elevar sua cara feia e exigir que ela continuasse tentando.

— Bem. — Disse Greg, levantando-se para que ele pudesse pegar os chips de fora do balcão. — Você tem que fazer alguma coisa. Talvez voltar para a escola.

Ela teve que torcer o nariz para isso.

— Então, eu posso ser ainda mais qualificada? Não, obrigado. — Disse ela, acrescentando o pedido para a parede de placas que declaram os membros dos heróis do Conselho da Cidade e odiando-se por ele.

— Talvez você pudesse. — Ele começou a sugerir apenas para ser cortado por seu rádio.

— Eco noventa e quatro, por favor responder a uma de vinte e cinco a 178 Harrison Road.

Jodi levantou uma sobrancelha sem entender nada, mesmo quando se levantou e rapidamente embalou o resto dos sanduíches para ele.

— Ladrão. — Disse ele com um suspiro pesado quando ele tomou o grande saco de papel marrom dela e empurrou o grande saco fechado de chips dentro.

— Bem, você vai se divertir com isso. — Disse ela secamente, sentando-se na frente de seu laptop quando tudo que queria fazer era pegar um sorvete Ben e Jerry que ela havia escondido atrás de um pacote de brócolis e matar algumas horas e algumas centenas de células cerebrais com reality shows. Qualquer coisa era melhor do que escrever esta baboseira.

— E tente não matar o seu vizinho. — Disse Greg, dando-lhe o carinho habitual na cabeça antes de sair.

— Eu não estou prometendo nada! — Ela gritou para ele, esperando que não fosse considerado confissão em tribunal depois.

****

— Parabéns! Você está recebendo um aumento.

— Uh?! — Disse Danny, usando sua camiseta para limpar o suor de seu rosto enquanto ele esperava que seu tio deixasse a conversa fiada e chegasse ao motivo pelo qual ele estava prestes a se ferrar de novo.

— E uma promoção. — Tio Jared disse com aquele sorriso forçado que ele conhecia tão bem. Era o mesmo sorriso que o tio Jared tinha usado quando ele o tinha informado que o Ninho de Hunter, o clube de strip gay na cidade mais próxima, havia entrado em colapso e ele precisava de Danny para ir lá e reconstruí-lo.

O que seu tio deixou de mencionar foi que o clube estaria aberto para audições, enquanto ele deveria estar trabalhando. Se Danny soubesse, ele provavelmente teria recusado os bilhetes ianques que seu tio tinha oferecido para atraí-lo para assumir o cargo. Ele, definitivamente, teria recusado o trabalho se soubesse que metade dos candidatos de stripper iria tentar usá-lo e suas ferramentas, como

adereços enquanto eles faziam o seu melhor para superar a concorrência. Tinha sido um dos trabalhos mais perturbadores que ele já tinha feito e ele jurou, então, que nunca permitiria que seu tio o enganasse em qualquer outra coisa.

— Não estou interessado. — Disse, sem vontade de ter um cara chamado Blade o convidando para uma audição mais privada à noite ou qualquer outra hora na casa dele.

— Você nem mesmo deixou-me dizer.

— Isso é porque eu não estou interessado. — Repetiu, cortando o tio quando ele se levantou e se dirigiu para a porta do escritório fechado.

— Realmente não é tão ruim assim! — Seu tio o chamou.

— Então, você não deve ter problemas para encontrar alguém para fazê-lo. — Disse ele, distraído, observando a grande pilha de arquivos que cobria o que era para ser a mesa da secretária e perguntando-se quando seu tio ia deixar de ser burro e contratar alguém novo. Sua tia Megan, Haley e Zoe costumavam ajudar algumas horas por semana com a papelada, mas é evidente que não era suficiente.

— Este trabalho é perfeito para você! — Seu tio disse e correu para alcançá-lo.

— Não estou interessado. — Disse Danny, decidindo que, já que seu tio o havia impedido com essa besteira, de terminar o serviço que estava fazendo, ele pararia para outro lanche no meio da manhã.

— Se você não aceitar o trabalho, então eu temo que eu vou ter que demiti-lo. — Tio Jared disse, ficando reto ao lado dele.

— Uh huh, isso é bom. — Disse ele, distraído observando a expressão assustada no rosto da caixa quando ela percebeu que tinha dois Bradfords em seu balcão uma hora antes de preparar o almoço.

Quando ele pegou uma bandeja e começou a carregá-la de comida, observou o momento exato em que ela considerou dizer-lhes que estava fechada até o almoço. Não que pudesse culpá-la. Se eles fossem comer tão perto do almoço, ela teria que lidar com mais de uma centena de homens putos por isso, quarenta deles Bradfords. Não era um destino que ele desejava a ninguém. Bem, talvez para sua vizinha, ele meditou com uma pequena risada.

Ela era tão divertida de atormentar. Provavelmente fosse patético, mas ele esperava ansiosamente para deixá-la nervosa a cada dia. Ele gostava quando ela parecia perto de cortar sua garganta. Ele não sabia exatamente o porquê, mas atormentar Sininho era, provavelmente, a maior diversão que ele teve em anos.

— É só pelo verão. — Seu tio continuou, obviamente, sua determinação enroscando-o com este trabalho.

— Desculpe, eu tenho planos. — Ele mentiu, esperando que seu tio não iria se lembrar com qual sobrinho ele estava falando.

— Besteira! — Tio Jared disse, dando um passo à frente dele para pegar o muffin de manteiga de amendoim e chocolate que ele tinha olhado. — A única coisa que você tem planejado para este ano são as férias da família, o que não é até outubro. Você tem o verão bem aberto.

— Que tal isso? — Perguntou Danny, rapidamente pegando o muffin para fora da bandeja de seu tio. — Eu só não quero fazer o fodido trabalho que você tem que vai acabar comigo se eu for violado.

Seu tio engasgou de indignação quando ele roubou de volta o muffin.

— Pedi desculpas por isso!

Danny bufou em desgosto quando ele pegou um muffin de mirtilo, sabendo que já tinha empurrado a sua sorte uma vez tocando em algo na bandeja do seu tio e realmente com vontade de acabar no chão em uma cela.

— Sim, perseguido por um stripper de 90 Kg.

— Eu não sei por que você está reclamando. — Tio Jared resmungou. — Ele enviou-lhe uma agradável cesta de biscoitos para compensar o incidente no armário.

— Que você comeu. — Danny apontou, pegando dois sanduíches de almôndega embrulhado em papel alumínio e os adicionou à sua bandeja.

— Eu estava com fome! — Disse o tio Jared defensivamente enquanto roubava um dos sanduíches fora de sua bandeja.

Com uma maldição murmurada sobre bastardos ladrões, Danny agarrou outro sanduíche, que o tio Jared prontamente roubou. Sabendo o que aconteceria com a comida em sua bandeja se ele não se movesse logo, ele rapidamente pegou outro, cinco biscoitos, duas águas, três maçãs, uma barra de chocolate, uma rosquinha e um grande saco de batatas fritas e se dirigiu para o caixa que parecia muito assustada.

Quando ela rapidamente somou as suas compras, não podia entender e se perguntava por que o cara que era dono dos trailers de café que atendiam os locais de construção dos Bradford, continuava a enviar fêmeas ariscas recém-saídas da escola para o trabalho. Parecia crueldade, especialmente porque elas, geralmente, acabavam por desistir depois de duas semanas, uma vez que elas percebessem que tinham desenvolvido um transtorno de ansiedade ... ou dois.

— Eu tenho isso. — Tio Jared disse enquanto Danny puxou a carteira.

— Não, obrigado. — Disse Danny, rapidamente puxando o dinheiro e pagando por sua própria comida.

— Por que não? — Tio Jared exigiu quando o seu olhar se desviou para baixo e travou na pilha de biscoitos e Danny percebeu que teria que comer primeiro.

— Por causa dessa regra besta de vocês. — Disse Danny, agarrando sua bandeja e se dirigindo ao seu caminhão, esperando, imensamente, que seu tio estivesse muito distraído com sua bandeja transbordando para segui-lo.

— Não é besteira. — Tio Jared resmungou, seguindo depois dele.

— Sim, realmente é. — Disse Danny, resignando-se ao fato de que seu tio iria se juntar a ele para o seu segundo lanche no meio da manhã.

— Se eu pagar a comida, então eu deveria ser autorizado a ter uma mordida ou duas. — Tio Jared explicou quando ele ajudou a baixar a porta traseira e colocar sua bandeja na carroceria.

— Nunca é apenas uma mordida ou duas com você. — Danny argumentou, não realmente com vontade de discutir as fodidas regras de seu tio sobre comida, mas se isso significava que seu tio não estava assediando-o sobre esse novo trabalho, então, era bem melhor.

— Você começa o novo trabalho na segunda-feira. — Tio Jared disse, habilmente arrebatando um cookie fora de sua bandeja.

— Se é um emprego de verão... — Danny começou, mudando sua bandeja a uma distância segura de seu tio. Ele poderia ter arrancado o cookie de volta, mas provavelmente, iria levar um cascudo, então deixou a contragosto o cookie para seu tio. — ...em seguida, deixe Jason lidar com isso. Ele precisa do dinheiro extra.

— Ele não pode pegar este trabalho. — Tio Jared disse distraidamente, enquanto tentava roubar outro cookie.

Sabendo que seu tio era igual a ele, colocou a bandeja ainda mais fora de seu alcance.

— Por que não?

— Seu filho da puta ingrato! — Tio Jared engasgou com um pedaço que tinha ele revirando os olhos e jogou para o bastardo ganancioso outro biscoito. Era isso ou lidar com o seu beicinho o resto do dia.

— Bem? — Danny perguntou enquanto seu tio levou seu tempo saboreando o cookie.

— Ele tem que trabalhar a maior parte do verão na escola. — Tio Jared explicou rapidamente, antes de comer o cookie com uma das garrafas de leite com chocolate que ele tinha comprado. — Ele vai pegar horas extras trabalhando com a gente quando puder, mas tem muito a fazer antes que a escola recomece em setembro.

— Ele não é o chefe do departamento de história agora? — Perguntou, quase certo de que Haley lhe tinha dito sobre a promoção de Jason ontem à noite, enquanto eles estavam esperando para ter uma lavagem estomacal na sala de emergência.

Jared pareceu orgulhoso quando assentiu.

— O mais jovem chefe de departamento de história da escola.

— Isso é ótimo! — Disse Danny, distraído, imaginando se seu pai sorria assim quando falava sobre ele, mas depois de uns bons minutos se chutou mentalmente. Ele duvidava que

seu pai lembrasse mesmo o seu nome, mas não importava. Não que houvesse muito para se gabar, ele pensou enquanto desembrulhava um dos sanduíches que havia comprado.

— Por que você não pede um dos outros caras para trabalhar no projeto? — Sugeriu ele, na esperança de que pudesse continuar com o *status quo* por perfuração em todos os dias, concluir os projetos que lhe são atribuídos e ir para casa. Ele não quer ter que executar um projeto, supervisionar uma equipe ou qualquer uma das besteiras que viriam com uma posição de liderança. Ele liderou homens suficientes na Marinha e estava de saco cheio com a besteira de ser responsável por outro ser humano.

— Todos meus outros capatazes têm projetos para lidar neste verão. Carl está fora para o verão para cuidar de sua esposa enquanto ela está em repouso na cama e Jimmy se aposentou na semana passada. — Explicou Jared.

— Então promova alguém novo. Você tem uma abundância de bons homens para escolher. — Ressaltou, quando foi, novamente, forçado a afastar sua bandeja de seu tio.

Tio Jared balançou a cabeça enquanto considerava sua próxima seleção de alimentos.

— Nenhum deles é tão bom quanto você. Você sabe como lidar com uma equipe, como delegar trabalho, você trabalha duro e é justo. Daria um ótimo encarregado.

— E quanto a Trevor? — Perguntou, tocou-lhe que seu tio gostava tanto dele, mas não tinha certeza de que queria fazer algo mais do que seguir as ordens.

— Ele não pode. — Jared disse com um suspiro enquanto comia um sanduíche. —Não com a sua dislexia.

Danny só poderia franzir a testa em confusão quando ele perguntou:

— Por que não, porra?

— Porque o trabalho é reformar a antiga biblioteca. — Disse seu tio e com isso, Danny sabia que ele estava fodido.

Capítulo 4

— Foda-se!

— Ah, o pequeno Danny, vai chorar? — Ouviu Trevor provocar a partir da segurança da lavanderia, onde a porta estava bem fechada. Ela rezou para que tivesse uma noite, apenas uma noite, onde ela não tivesse que aturar...

— Eu disse foda-se! — Danny estalou quando a porta da lavanderia abriu e o único homem no mundo que poderia fazer o seu dia pior veio entrando, carregando uma cesta transbordando de roupas e parecendo furioso.

Rindo, Trevor continuou a caminhada pela porta da lavanderia, aparentemente alheio ao olhar de pânico que ela estava enviando a ele.

— Parece ótimo, amanhã de manhã, Sr. encarregado!

— Eu odeio aquele filho da puta. — Danny resmungou, focando toda sua atenção em empurrar o cesto de roupas para a única outra máquina de lavar no cômodo.

Decidida a tirar proveito do fato de que ele pareceu não notá-la, no entanto, ela colocou a cesta vazia na secadora que estava pensando em usar quando acabasse com a máquina de lavar e saiu da sala casualmente, na esperança de não chamar a sua atenção. Quando Danny não disse nada para fazê-la querer bater seu cesto de roupa na cabeça dele, ela

caminhou pelo corredor e entrou em seu apartamento. Ajustou o timer em seu telefone por 30 minutos e estava prestes a comer um pouco de sorvete Ben e Jerry que comprou a caminho de casa, quando os sacos de lixo, que ela também tinha comprado no posto de gasolina, chamou sua atenção.

Era noite de tirar o lixo, o que significava que seu encontro com Ben e Jerry ia ter que esperar um pouco, infelizmente. Mas ela pode sempre fazê-lo mais tarde...

Não, não, ela não podia, pensou, sabendo que quanto mais tempo levasse para colocar para fora o lixo, mais provável é que acabasse esquecendo. Desde que suas duas lixeiras estavam surpreendentemente cheias esta semana, ela não tinha muita escolha. Se ela botar o lixo para fora hoje à noite, teria que esperar até a próxima semana para se livrar dele. Ela também teria que colocar seu lixo a partir desta semana na frente de seus barris. Isso lhe daria uma advertência por quebrar uma de suas cláusulas de contrato de locação e arriscar que suas sacolas de lixo fossem rasgadas por animais e ela seria responsável pela limpeza ou risco de outra advertência.

Uma vez que ela tinha dúvidas de que seria capaz de encontrar um apartamento tão agradável por valor tão barato, trezentos dólares mais barato agora, ela decidiu apenas encarar e terminar logo o serviço. Agarrando o rolo de sacos de lixo, ela deixou o apartamento e se dirigiu para a porta de trás. Cinco minutos depois, ela estava de pé na

frente de suas lixeiras, franzindo o cenho para os sacos estofadas enchendo as latas.

Ela realmente não se lembrava de encher os sacos, não tanto assim. Por um segundo, se perguntou se alguém tinha enfiado um saco em sua lixeira, mas com a mesma rapidez que se perguntou, negou o questionamento. Por um lado, ainda que a maioria dos caras que viviam aqui eram bastardos arrogantes, isso era demais. Eles não iriam fazer isso com ela. Bem, Danny provavelmente, pensou ela, apertando os lábios, mas ela sabia que ele não tinha enchido suas latas por completo, porque usava sacos de lixo preto, enquanto ela usava os pequenos sacos brancos de cozinha.

Percebendo que ela deveria ter mais lixo do que pensava, puxou uma lata de lixo e abriu-a, mantendo-a aberta para que pudesse preenchê-lo com suas sacolas. Quando ela pegou o primeiro saco e quase caiu com o peso dele, não podia acreditar, mas era bastante confuso que a cidade cobrasse dois dólares por um saco para a remoção de lixo quando eles pagavam impostos, que foram especificamente alocados para o departamento de saneamento. Pareceu um pouco ridículo para ela. A cidade não deveria ser capaz de dobrar o valor exigível.

— Oh meu Deus! — Ela gritou quando a bolsa que ela tinha estado no processo de puxar para fora da lixeira de repente rasgou. A diferença súbita em peso a jogou fora de equilíbrio. A fez tropeçar vários metros de onde o conteúdo pegajoso do saco derramou e espalhou o odor mais repulsivo

que ela já tinha cheirado, fazendo-a engasgar um pouco antes de cambalear para trás, escorregar em algo viscoso e sair voando, caindo de bunda em uma grande poça de mau cheiro e gosma pegajosa.

Também atordoada e reconhecidamente ocupada tentando não vomitar, ela ficou lá, olhando para si mesma com horror, perguntando como uma coisa dessas pode acontecer quando sua noite, de repente, poderia ser muito pior.

— O que diabos você está fazendo?

****

— Eu vou dizer isso tão bem quanto eu puder. — Disse Sininho quando ele sentiu o cheiro de um odor vil que era vagamente familiar. — Se você sequer pensar em me chamar de Sininho ou dizer qualquer coisa, mesmo remotamente chato agora, eu vou te matar!

— Eu vejo. — Ele murmurou distraidamente enquanto observava a cena e em menos de trinta segundos, percebeu que seu primo estava seriamente fodido.

Bradfords normalmente não jogam fora alimentos. Só não estava em seu DNA desperdiçar comida, mesmo que fosse passada a data de validade e com fungos. Eles simplesmente raspavam o fungo, cobria-o em ketchup e saboreava. Eles não acreditavam em desperdiçar comida, nenhum deles o fazia,

mas desde que Trevor tinha se apaixonado por Zoe e se casou com ela...

Bem, eles fizeram uma exceção a essa regra, já que nenhum deles teve a coragem de dizer que Zoe cozinhavam horrivelmente, especialmente o bastardo que se casou com ela. Na maioria das noites, Trevor era capaz de se forçar a comer o que sua esposa preparava, mas algumas noites, como a outra noite, o homem não podia forçar-se a fazer o impossível. Quando as noites caíam, Trevor tomava o caminho covarde e encontrava uma maneira de jogar as sobras sem Zoe descobrir.

Como ele não podia jogar a comida fora em sua casa e ter a chance de sua esposa descobrir, Trevor normalmente trazia os resíduos a um de seus prédios e despejava-o em uma das latas de lixo de seus primos, que era, sem dúvida, por isso que Trevor tinha vindo aqui hoje. O único problema que parecia é que Trevor tinha regiamente errado esta noite e colocou os sacos de lixo cheios de resíduos tóxicos nas lixeiras de Sininho.

O lodo estranhamente descolorido a cobrindo da cabeça aos pés, a poça que ela estava lutando para sair e o lixo foi derramado para fora do saco. Ele tinha visto um monte de coisas na Marinha, mas esta foi facilmente a mais bizarra que ele já se deparou. Ele também percebeu que provavelmente, era um dos momentos mais embaraçosos para Sininho, com um suspiro relutante ele enfiou a mão no bolso de trás e pegou seu telefone.

— O que você está fazendo? — Sininho nervosamente exigiu quando, de repente, ela parou de tentar encontrar uma maneira de sair da bagunça viscosa para que ela pudesse assistir a todos os seus movimentos.

— O meu dever. — Explicou ele com um suspiro quando abriu o aplicativo da câmera e fez o que se esperava dele.

— Seu filho da puta! — Sininho gritou quando ela se lançou para ele, escorregou e caiu na grande poça de gosma.

— Diga-o com um sorriso. — Disse ele, rindo quando ela olhou para cima. Bem, tentou, pelo menos, mas com toda a gosma viscosa em seu cabelo na frente de seu rosto era difícil.

— Coloque a câmera longe, Danny! — Ela pediu, lutando para ficar de pé apenas para mais uma vez escorregar na gosma, caindo bem no meio dela e forçando-o a saltar para trás, para evitar a gosma que foi lançada pelo ar com sua queda.

— Não é uma câmera. — Ele se sentiu obrigado a apontar enquanto ele angulava o telefone para o lado para que pudesse pegar o viscoso manchado olhar que ela estava enviando.

— Filha da puta! — Ele gritou quando um grande punhado de lodo branco navegou através do ar e bateu no seu ombro.

— Afaste o telefone. — Disse Sininho, pegando mais um punhado de lodo. Ele ia matar seu primo.

Qualquer outro homem teria aceito a derrota, colocado a câmera longe e feito uma rápida retirada, mas ele era um Bradford, bem como um fuzileiro naval, o que significava que ele iria irritá-la ainda mais por puro prazer. Rindo, ele saiu do caminho da gosma voadora, tirou mais uma dúzia de fotos, realmente não se importando se eram boas ou não. A única coisa que ele se preocupava agora era irritar Sininho.

— Droga! — Ela estalou quando mais uma vez escorregou na poça, desta vez caindo em sua linda bunda, fazendo com que a bola de gosma em sua mão deslizasse em seu braço, adicionando uma camada extra de lodo para sua pele e roupas que ia ser uma merda para limpar. Quando ela soltou um gemido derrotado, ele não pôde deixar de se sentir mal por ela.

Com um suspiro, porque sabia que ia perder algumas oportunidades para fotos realmente boas, ele colocou o telefone no bolso de trás.

— Você quer alguma ajuda?

— Não de você! — Ela grunhiu e tentou limpar as mãos na sua calça, mas por este ponto não havia esperança. Ela estava coberta da cabeça aos pés no lodo desagradável.

— Oh, e por que isso? — Ele perguntou, olhando para a mangueira do jardim e se perguntando se deveria usar a mangueira nessa bagunça antes que o cheiro penetrasse no interior do apartamento.

— Porque eu realmente não gosto de você. — Ela admitiu enquanto, lentamente, ficava de joelhos em outra tentativa para ficar de pé.

— Agora, você sabe que realmente não quer dizer isso. — Disse ele, sabendo muito bem que ela queria.

— Sim, eu realmente quero. — Disse ela, finalmente conseguindo ficar de pé.

— Você está pensando entrar no prédio assim? — Ele perguntou, apontando para o lodo branco que ia lentamente viajando para baixo de seu corpo, distribuindo, mais ainda, o revestimento de gosma.

— Eu vou lavá-lo. — Disse ela na defensiva.

— Como?

Sua carranca disse tudo. Ela não tinha ideia de como iria tirar essa merda e para ser honesto, ele realmente não tinha certeza de que a água iria funcionar. Pelo menos, a água fria não seria capaz de tirá-lo, pensou com uma careta quando sentiu uma leve sensação de queimação no ombro direito, onde o lodo foi jogado.

Capítulo 5

— Pare de se mexer!

— Está queimando! — Retrucou, batendo suas mãos quando ele tentou empurrar as mãos dela, tentando freneticamente limpar a gororoba branca que parecia que estava queimando-a.

— Você precisa tirar isso. — Disse ele, parecendo calmo e no controle quando tudo o que ela queria fazer era gritar de novo e de novo, mas ele não quis deixar.

Assim que ela começou a gritar, com sua pele em fogo, Danny tinha entrado em ação. Ele pegou a mangueira e ligou com força total, lançando um jato de água gelada, o que pode ter começado uma nova rodada de gritos. O que fez a sensação de queimação muito pior. Antes que pudesse dizer-lhe, provavelmente, ele percebeu por seus gritos e soltou a mangueira, a pegou e correu para a casa, direto ao seu apartamento e a tinha em sua banheira antes que ela pudesse lutar.

— Não, não ligue a água! — Ela gritou de terror segundos antes de uma corrente de água quente bater nela.

— Você precisa tirar isso. — Disse ele, ainda parecendo irritantemente calmo, enquanto ela lutava contra a vontade de gritar quando a água fez com que o lodo branco em seu corpo esquentasse novamente.

Quando ele pegou a bainha de sua camisa e puxou-a, ela nem sequer pensou em lutar com ele, já que estava muito ocupada tentando não pirar sobre a probabilidade de que o lamaçal da lata de lixo fosse nuclear. Ela mal percebeu quando ele arrancou seus sapatos, meias e as calças, mas definitivamente notou quando ele foi tirar o sutiã.

— Hey! — Ela suspirou, batendo na mão boba.

— Essa merda foi absorvida no material. — Ele apontou quando sua mente registrou a sensação de queimação escorrer por baixo do sutiã. — Isso precisa sair.

Ela abriu a boca para...

Para...

Para...

— O-o que você está fazendo? — Conseguiu falar enquanto observava Danny tirar a camisa e jogá-la fora do box e tirar as botas. Em seguida, se inclinou e tirou as meias, desfez as calças, revelando uma boxer preta que deixou pouco para a imaginação.

Quando ele se levantou e passou a mão pelo cabelo molhado, o olhar dela seguiu o movimento, parando na cicatriz rosa enrugada e a reta que percorria o tanquinho digno de babar, até a tatuagem da Marinha em seu peito, que ela pode ter se demorado um pouco mais e, finalmente, até encontrar o seu olhar e imediatamente se arrepender. Ele parecia sério, muito sério e determinado, enviando-lhe um olhar duro.

— Sua pele está vermelha. — Ele começou, pegando-a de surpresa.

Jodi olhou e com certeza, seu corpo estava coberto de estrias e manchas vermelhas, onde sua pele queimava e coçava pra cacete. Engolindo nervosamente, ela olhou de volta para ele e encontrou uma mancha vermelha em seu ombro, exatamente onde o atingiu com um punhado de gosma.

— Sua lingerie está revestida dessa merda e quanto mais tempo você usá-la, mais dano fará para sua pele. — Disse ele, parecendo completamente racional, o que na verdade a assustava. — Precisamos tirar o resto de suas roupas e tentar lavar o resíduo de sua pele. Agora.

Por mais que quisesse discutir com ele e ela realmente queria, não podia. A cada segundo a queimação só piorava.

— Tudo bem! — Disse ela, pegando a alça de seu sutiã. — Mas você não precisa estar aqui. Eu posso fazer isso sozinha.

— Eu não vou sair. — O bastardo teimoso disse e se abaixou pegando uma grande barra de sabão branco.

— Sim, você vai. — Disse ela, fazendo uma careta quando uma picada acompanhou sua tentativa de remover a alça do sutiã.

— Não vai acontecer, Sininho. — Disse ele, empurrando levemente sua mão de lado e...

— Ei! — Jodi gritou quando ele puxou a alça do sutiã por seu braço. Ela teve uma reação semelhante quando ele fez o mesmo com a outra alça do sutiã.

— Suas costas e pernas pegaram o pior, Sininho. — Disse ele, assustando-a para olhar o estrago enquanto, eficientemente, desabotoou o sutiã, o que viu a fez engolir em seco e tentar não entrar em pânico.

— Você é alérgica a alguma coisa, Sininho? — Ele perguntou, parecendo calmo quando, cuidadosamente, enfiou os polegares no cós da calcinha e abaixava.

— Não. — Ela disse, um pequeno grito escapando quando seus dedos roçaram, acidentalmente, contra sua pele.

— Você está tendo problemas para respirar? — Perguntou ele, jogando a calcinha fora do box.

— Não. — Ela murmurou, tentando não se descontrolar.

— Bom. — Danny murmurou atrás dela enquanto ela lutava apenas para olhar para baixo.

Cada centímetro de seu corpo estava coberto do que parecia ser urticária, grandes e irritadas manchas eram visíveis. Não havia um ponto em seu corpo que não coçava ou ardia. Só o medo de que ela iria piorar as coisas a impedia de coçar cada centímetro de seu corpo. A coceira, ela podia entender, mas nunca tinha ouvido falar que urticária queimava.

— Me desculpe. — Disse Danny, cortando seus pensamentos em pânico.

— Por quê? — Ela perguntou antes de um pensamento lhe ocorrer e quando o fez, estava vendo vermelho. — Meu Deus! Essas bolsas de lixo eram suas? — Perguntou, movendo-se para virar e chutar o saco dele quando ele respondeu.

— Não.

— Então pelo que você está pedindo desculpas? — Perguntou ela, mordendo o lábio inferior enquanto sorrateiramente dava outra olhada para si mesma e se encolhia.

— Por isto.

— O que... Aaai! — Ela gritou quando ele, cuidadosamente, colocou as mãos com sabão em suas costas. A dor se multiplicou, obrigando-a a se apoiar contra a parede do chuveiro e ranger os dentes enquanto pensava em outra maneira de matar o desgraçado.

****

— Pare de ser um bebê e apenas aguente. — O bastardo que tinha prendido ela em seu banheiro ordenou, tentando, mais uma vez, forçá-la a tomar o pequeno copo de Benadryl dele.

— Eu não preciso disso. — Ela disse, mesmo enquanto tentava resistir à vontade de coçar cada centímetro de seu corpo.

Graças ao chuveiro que Danny a tinha obrigado a suportar, sua pele já não parecia como se estivesse pegando fogo, mas a coceira maldita não ia embora. Se ela estivesse sozinha, teria tirado a toalha e coçado todo seu corpo agora, mas não estava sozinha porque o idiota se recusou a deixá-la sair até que ela tomasse algum medicamento. Ela não estava aceitando isso, de jeito nenhum tomaria esse remédio.

— Eu não vejo o problema, Sininho. — Disse ele, colocando a pequena xícara de medicamento no balcão da pia, para que ele pudesse cruzar os braços sobre o peito, parecendo cada pedaço do Marinheiro intimidante que ele provavelmente foi uma vez. O fato de que ele estava nu, exceto pela a toalha enrolada ao redor de seus quadris, não tirava o efeito. Ela poderia apreciar a preocupação sobre seu bem-estar, realmente poderia, mas isso não muda o fato de que ela não precisava tomar o medicamento.

— Olha... — Disse ela suspirando pesadamente, estendeu a mão e empurrou o cabelo para trás, de alguma forma resistindo à vontade de arranhar seu rosto e pescoço enquanto fazia isso. — Eu realmente aprecio o que você fez por mim hoje à noite. Realmente, mas não preciso de qualquer medicamento. Eu estou bem.

Ele não disse nada enquanto continuava a olhá-la.

Nenhum cara a intimidava, ela sustentou o olhar esperando-o recuar. Assim, quando um ou dois minutos se passaram e ele ainda não tinha desistido, Jodi se mexeu nervosamente, lutando para vencer esta batalha de vontades. Ela não iria perder, dane-se!

— E-eu não preciso disso. — Ouviu-se a gagueira nervosa antes que pudesse se conter.

Em vez de discutir com ela, ele simplesmente continuou a olhar.

— Eu nem tenho realmente coceira. — Ela divagava, distraidamente coçando o braço direito, enquanto tentava não se contorcer sob aquele olhar que estava começando a assustá-la um pouco.

— Eu duvido que iria ajudar. — Ela continuou.

— Eu vou estar bem pela manhã. — Acrescentou, sentindo a necessidade de quebrar o silêncio, esperando que ele fosse parar de encará-la.

Quando ele ainda não falou ou se moveu, ela acrescentou:

— Eu reajo mal a medicação.

Um eufemismo, definitivamente um eufemismo.

Em vez de pedir a ela para explicar, ele apenas continuou encarando até que ela não pode aguentar por mais tempo e, finalmente, deixou escapar:

— Tudo bem! — Ela pegou o copo pequeno de medicamento, bebeu de um gole e bateu o pequeno copo plástico descartável no balcão.

Furiosa que ela deixou o bastardo intimidá-la, ela se levantou e foi embora. Decidiu que era melhor não olhar para trás, porque se visse a menor sugestão de um sorriso de satisfação em seu rosto, iria buscar um punhado de lodo branco na calçada e empurraria para baixo da garganta dele.

****

— Nem sonhe com isso amigo, porque não vai acontecer. — Ele, distraidamente, disse a ereção fazendo sua bermuda pouco confortável, enquanto procurava no armário algo para comer e distrair a memória de colocar as mãos sobre o corpo incrivelmente exuberante da Sininho.

Com um suspiro de desgosto, ele bateu a porta do armário e tentou a geladeira enquanto se amaldiçoava por reagir dessa forma, especialmente por uma mulher que o odiava. Ele não precisava dessa complicação em sua vida, mas ele estaria na merda se não pensasse em outra coisa. As duas últimas horas tinham sido...

Puro inferno para ele.

Nunca tinha estado mais aterrorizado em sua vida. Várias vezes, ele se debateu sobre ligar para o 911, mas o medo de que ela piorasse enquanto fazia a ligação o tinha

mantido no chuveiro com ela. Não sabendo mais o que fazer, deixou sua formação assumir e lidou com ela do jeito que faria com um de seus homens. Tinha sido um bom plano, um plano sólido, mas tinha um pequeno problema.

Ela não era um de seus homens.

Sininho era suave, cheia de curvas e, sem dúvida, uma mulher. Então, ele tentou uma abordagem diferente, que deveria ter funcionado, especialmente com ela. Pensou nela como uma irmã mais nova, já que ela tinha esse jeitinho de irmãzinha, mas no momento em que enfiou os dedos em sua calcinha e começou a tirá-la, todos os pensamentos fraternos desapareceram e foram substituídos por pensamentos que o deixaram cerrando os dentes e chamando a si mesmo de bastardo.

Obrigado Deus pela a dor em seus ombros e mãos. O manteve focado e ajudou seu mal comportado pau, desde que a última coisa que qualquer um deles precisava era seu pênis maldito ficando no caminho. Ele só queria que sua visão tivesse sido atingida também. As coisas seriam muito mais fáceis para ele e o pouparia de fantasiar sobre a pequena Sininho e aquele corpo perfeito pra caralho, pelos próximos anos.

Com a imagem de sua pequena bunda arredondada, seios perfeitos com mamilos cor de rosa e os cachos loiros suaves entre as pernas, ele mal se conteve de correr os dedos por ali. Isso iria assombrá-lo para o resto de sua vida. Foi apenas a lembrança de que ela o odiava que o impediu de

tentar algo mais. Ele não era tolo o suficiente para pensar que, depois desta noite, Sininho ia de repente perdoá-lo e vê-lo como algo mais do que o vizinho infernal.

Ele era um Bradford, afinal.

Para ser honesto, ele não queria que ela o visse como algo mais do que o vizinho infernal. Ele não precisa de quaisquer complicações em sua vida e com certeza não precisava de...

Alguém batendo em sua porta hoje à noite.

Ele não estava de bom humor para lidar com a sua família, não esta noite. Por mais que amasse e apreciasse tudo o que tinham feito por ele desde que voltou ferido, desejou ser esquecido por hoje. Ele não precisava ou queria a sua pena. Ele estava bem, mais do que bem, não importa o que qualquer um deles pensava.

Ele com certeza não precisa de ninguém para consertá-lo.

Capítulo 6

20:30

— E agora? — Se perguntou, suspirando pesadamente quando percebeu que não era um dos membros de sua família, parando com alguma desculpa para que pudessem se certificar de que ele estava cuidando de si mesmo. Era a sua vizinha, sem dúvida.

— Eu queria te agradecer por tudo que você fez por mim na noite passada. — Sininho começou, o fazendo instantaneamente franzir a testa.

— Ontem à noite? — Repetiu ele, com a certeza de que tinha ouvido mal a mulher pequena, de pé no corredor ainda usando a toalha que ele lhe deu há um pouco mais de uma hora, envolvida em torno de todas essas curvas surpreendentes que ela, de alguma forma, escondeu dele.

— Sim. — Disse ela, empurrando para trás uma mecha de cabelo ondulado, obviamente ainda em processo de secagem. — Eu estive pensando sobre isso a noite toda e...

— Durante toda a noite? — Ele encontrou-se resmungando, não inteiramente certo de onde ela estava indo com isso.

— Eu só queria parar no meu caminho para o trabalho e agradecer por tudo. — Disse ela, terminando com um aceno

de cabeça firme e saindo pelo corredor em direção à porta da frente, quando de repente parou e se virou para ele. — Eu quase me esqueci. — Disse ela, caminhando até ele e…

Se segurou na porta antes que seus joelhos cedessem e caísse de bunda no chão, com o peso da toalha de algodão que ela jogou por cima do ombro.

— Obrigada novamente. — Sininho, agora pelada, disse com um sorriso educado e se virou para a porta da frente, deixando-o segurando a toalha enquanto sua mente corria para descobrir o que aconteceu, mesmo quando seu olhar caiu para aquela deliciosa bunda, suavemente arredondada que ele daria tudo para tocar.

— Eu esqueci minhas chaves. — Disse Sininho com uma risada autodepreciativa, se virou e voltou para a porta onde ela levemente bateu.

— Há alguém aí dentro? — Perguntou ele, rezando para que houvesse alguém atrás daquela porta, para vir e tirar esta mulher frustrante de suas mãos.

— Não. — Sininho disse com um encolher de ombros, enquanto continuava a ficar pacientemente na frente de sua porta, esperando para que ele magicamente abrisse.

Ele esfregou as mãos pelo seu rosto, dizendo a si mesmo que isso não estava acontecendo com ele, não esta noite. Sininho foi em frente e levemente bateu em sua porta. Rezando para que a porcaria do efeito colateral do medicamento tivesse curto prazo, ele deixou cair as mãos de

seu rosto, pegou a toalha de seu ombro e se preparou para uma luta livre no inferno.

****

20:45

— Eu não quero isso!

— Que pena, porra! — Ele retrucou, fazendo o trabalho rápido de enrolar a toalha em torno da mulher teimosa, que estava deixando-o louco.

— Você vai fazer eu me atrasar para o trabalho! — Sininho estalou mais uma vez, tentando empurrá-lo e caminhar em direção a porta da frente, mas antes que ela pudesse sair, ele tinha o braço em torno dela e estava levando-a de volta. Infelizmente, para o apartamento dele, onde poderia ficar de olho nela.

— Uh huh, tudo bem, Sininho. — Disse ele, distraído, imaginando se amarrá-la no pé da cama constituiria sequestro.

— Esse não é meu nome! — Ela rebateu, balançando em seus braços, desesperada pela liberdade, para que pudesse fazer outra corrida para a porta da frente, onde ela iria, sem dúvida, dar ao bairro um show que nunca iriam esquecer.

— Pare de se contorcer. — Disse ele com os dentes cerrados, rezando para que ela parasse de esfregar essas curvas malditas contra ele, até que pudesse descobrir o que fazer com ela. Ele queria sua solidão, precisava desesperadamente disso, assim que ele descobrisse o que havia de errado com ela, ele faria.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Um homem de repente perguntou, chamando atenção para dois policiais de grande porte e familiares, que não pareciam muito satisfeitos de encontrar uma, meio nua Jodi, em seus braços.

Ah, merda...

— Greg! — Sua pequena vizinha indesejada chorou, parecendo aliviada, realmente aliviada, o que provavelmente não iria ajudá-lo a longo prazo.

Por um momento, ele considerou colocar Sininho de volta em seus pés para apaziguar o policial muito puto, parecendo prestes a derrubá-lo no chão e ler seus direitos, mas depois, percebeu que sua carga indesejada iria tirar proveito da situação e fazer sua fuga. Então, até que ordenasse que ele a colocasse no chão e levantasse as mãos acima da cabeça, ele não estava soltando-a.

— Você pode, por favor, dizer-lhe para me soltar para que eu possa ir para o trabalho? — Ela perguntou, parecendo completamente racional para uma mulher sendo levantada por um homem que ela desprezava, enquanto vestia nada além de uma toalha.

— Trabalhar? — O oficial, que estava assumindo ser Greg, repetiu lentamente a pergunta à medida que ele compartilhava um olhar com o seu parceiro que Danny não soube ler, mas estava disposto a interpretar.

Estava prestes a tornar-se a cadela de alguns prisioneiros. Ele estava segurando uma mulher que o odiava, quase nua e, provavelmente, namorada de um policial, sua única defesa era a esposa de seu primo que cozinhou uma gororoba tóxica e o medicamento Benadryl. Ah, sim, ele veria o sol nascer quadrado. Talvez não fosse tão ruim, esperava.

Isso significava que iria ficar de dois a cinco anos sem interferência de sua família bancando a babá sobre ele. Só tinha que ter cuidado com o sabonete no chuveiro. Não era um mau negócio quando pensava sobre isso.

— Aspirina ou medicamentos para a tosse? — Greg, de repente perguntou, dando um passo à frente e apontando para a mulher nos braços de Danny.

— Benadryl. — Ele respondeu com uma careta, se perguntando por que eles...

— Oh porra nenhuma! — Disse Greg, empurrando seu parceiro fora do caminho enquanto tentava chegar a porta da frente, o outro policial rapidamente fez o mesmo.

— Onde diabos você está indo? — Danny perguntou, mudando sua carga indesejável em seus braços.

— O mais longe possível daqui. — Greg gritou por cima do ombro enquanto tentava ganhar o seu caminho para a liberdade.

Danny não poderia deixar de balançar a cabeça em desgosto, enquanto observava os covardes empurrando um ao outro, os dois mais do que dispostos a deixar esta mulher com um homem que ela desprezava.

— Um de vocês precisa ficar aqui e cuidar dela. — Disse ele, revirando os olhos em desgosto quando o parceiro de Greg conseguiu tirá-lo do caminho e correu. — Ela deve ser acompanhada por alguém que a conhece. — Disse, ressaltando o ponto de que ele era a porra de um estranho para esta mulher.

— Parece que você está fazendo um bom trabalho. — Disse Greg, lutando para voltar para a porta da frente.

— Você realmente vai deixar sua namorada com um estranho? — Ele cuspiu em desgosto, perguntando-se por que mulheres como Sininho gostam de perdedores como esse.

— Fizemos as verificações antes dela assinar o contrato, Sargento. Sabemos que ela está em boas mãos. — Disse Greg, pegando-o de surpresa até mesmo como o covarde que era, lambendo os lábios nervosamente. — Eu-eu não posso passar por isso novamente. Não depois da última vez. — Disse ele, sacudindo a cabeça e parecendo aterrorizado antes de se virar e correr, deixando Danny em pé no meio do corredor com sua carga indesejada.

— Covardes Malditos! — Ele cuspiu em desgosto.

— Covardes Malditos! — Sua carga indesejada repetiu de volta com um suspiro que o fez revirar os olhos e se perguntar quanto tempo levaria para o efeito do Benadryl passar e Sininho voltar ao normal.

****

22:34

— Pare de se contorcer. — Disse ele, sem se preocupar em abrir os olhos quando mudou a cabeça para que estivesse descansando confortavelmente em seu estômago.

— Eu preciso ir ao banheiro. — Disse ela com o que parecia ser um olhar inocente, algo que normalmente deixaria seus lábios se contraindo em diversão, mas não esta noite. Não depois das duas últimas horas do inferno que ela o fez passar.

— Você está mentindo. — Ressaltou ele, 95% de certeza que ela estava mentindo e não realmente se importando caso estivesse errado.

Nas últimas duas horas, esta pequena mulher estava destruindo sua sanidade. Ela tinha feito um total de vinte e duas tentativas de fuga, três delas com sucesso desde que ela conseguiu sair pela porta antes que ele pudesse agarrá-la e

arrastá-la para dentro. Ela provocou um incêndio, sem querer, alagou seu banheiro, começou uma briga entre ele e dois de seus primos, a polícia chamou-lhes um total de nove vezes, acidentalmente lhe deu uma joelhada no saco três vezes e agora, ele estava morrendo de fome, irritadiço, esgotado e tudo o que queria fazer era dormir um pouco antes de ter que se levantar ao romper da aurora e iniciar um trabalho que ele não queria.

— Eu estou com fome. — Disse ela, decidindo tentar uma tática diferente.

— É uma pena. — Disse ele, obrigando-se a não se importar que ela poderia muito bem estar morrendo de fome. Era isso ou correr o risco dela enviar suas bolas até a garganta novamente durante a tentativa de fuga, mas não para o trabalho neste momento. Oh não, Sininho não estava mais preocupada em estar atrasada para o trabalho. Sua nova missão na vida era ir para o Dunkin Donuts e comprar um donut de chocolate duplo. A mulher, aparentemente, tinha um desejo e estava disposta a fazer qualquer coisa para obtê-lo, até mesmo transformá-lo em um eunuco.

— Tudo bem. — Disse ela, suspirando pesadamente enquanto voltou a correr os dedos pelo seu cabelo, algo que ele não estava gostando. Ele não estava, de modo nenhum. Isso com certeza não acalmou algo dentro dele que não podia nomear e não estava fazendo-o adormecer.

— Estamos fazendo sexo? — Perguntou ela de repente, o assustando pra caralho, o suficiente para fazê-lo abrir os

olhos e levantar a cabeça para que pudesse olhar para a mulher que, com certeza, o faria esvaziar uma garrafa de whisky.

— Será que parece que estamos fazendo sexo? — Perguntou ele, mesmo que tivesse aprendido algumas horas atrás que Sininho no efeito Benadryl era incapaz de ter uma discussão racional.

Ela apertou o rosto no pensamento antes de dar de ombros e admitir:

— Eu nunca seria capaz de dizer.

Ele deve apenas fechar os olhos, abaixar a cabeça em seu estômago e usar seu peso para mantê-la presa no sofá e longe de problemas, mas em vez disso encontrou-se perguntando:

— Como você pode não saber se você está fazendo sexo?

— Jerry era realmente pequeno. — Disse ela com um encolher de ombros como se não fosse grande coisa. — Eu não conseguia sentir nada.

Por um momento, ele estava atordoado demais para dizer qualquer coisa, mas ela não parecia ter esse problema. Não, não Sininho.

— Eu não acho que ele sabia o que estava fazendo também. — Disse ela, franzindo o rosto com o pensamento, antes de admitir: — Tudo bem que ele foi o único que eu já estive, mas não acho que sexo é para ser chato. Eu também tenho certeza de que eu deveria ter sentido alguma coisa. — Disse ela com tanta naturalidade que ele sabia que não

estava sendo uma ex-namorada vingativa, ansiosa para difamar o seu ex.

— Eu... — Ele começou a dizer, mas suas palavras sumiram quando sua mente focou em todas as coisas que ele gostaria de fazer para Sininho e ela iria gostar com certeza.

— Eu não acho que ele sabia como usar os dedos ou a língua também, porque...

— Boa noite, Sininho. — Disse ele, deixando cair a cabeça e apertando os olhos fechados, enquanto rezava para que ela fizesse exatamente isso, porque ele, honestamente, não achava que sua mente poderia aguentar mais tortura, não com ela embaixo dele, vestindo uma de suas camisetas e seu corpo mais do que disposto a mostrar-lhe o quão bom o sexo poderia ser.

****

02:30

— Não, eu não quero mais. — A sua pequena hóspede indesejada murmurou com um gemido bonito, tentando rolar no sofá e...

— Aii! — Ela murmurou com um pequeno gemido quando bateu no chão, mas não fez nenhum movimento para

se levantar e subir de volta no sofá, observou ele com um suspiro.

— Vamos. — Disse ele à mulher drogada tentando se enrolar em uma bola e voltar a dormir no chão de seu apartamento.

— Confortável. — Ela murmurou fazendo beicinho quando ele se inclinou e pegou-a.

— O sofá é mais confortável. — Ele, gentilmente explicou, quando a colocou de volta no sofá.

Uma vez que ela estava deitada, ele pegou o copo pequeno de medicamento que tinha colocado na mesa de café e levou aos seus lábios.

— Eu preciso que você beba isso. — Disse em voz baixa, dando-lhe uma pequena sacudida, quando ela começou a dormir novamente.

— Você bebe. — Ela resmungou, irritada, cegamente empurrando o copo à distância. — Eu não quero isso.

— Eu não preciso disso. — Ele explicou, empurrando gentilmente alguns fios de seu lindo cabelo loiro fora do caminho, só para ela bater sua mão longe no processo.

— Nem eu. — Argumentou.

Ele suspirou profundamente e se agachou ao lado dela no sofá.

— As manchas estão começando a voltar.

— Não, elas não estão. — Argumentou, mesmo enquanto estendia a mão e coçava as manchas se espalhando por todo o pescoço.

Exausto demais para argumentar, ele beliscou seu nariz. Quando ela abriu a boca para respirar, derramou o medicamento. Ele largou seu nariz e cobriu a boca com a mão até que tivesse certeza de que ela tinha engolido até a última gota.

— Eu te odeio. — Ela murmurou no segundo em que ele tirou a mão, tentando encará-lo, mas a medicação já estava derrubando-a, dando a sonolência da última dose.

Sabendo que seu nível de ódio por ele provavelmente tinha sido elevado a uma fúria assassina, ele riu quando colocou-a deitada.

— Boa noite, Sininho. — Disse ele, correndo suavemente os dedos ao longo de seu queixo enquanto se levantou.

— Vá para o inferno, seu bastardo doente. — Ela murmurou em torno de um grande bocejo enquanto se virou e se enrolou em seu lado.

Ele não podia deixar de rir quando disse:

— Eu já estou nele, Sininho.

****

05:55

— Como você está se sentindo? — Foi a abrupta pergunta, uma fração de segundos depois que ela conseguiu abrir os olhos.

— Hum, bem? — Respondeu, franzindo a testa em confusão quando olhou ao redor do apartamento mal iluminado que definitivamente não era dela.

— Bom. — Danny disse, pegando-a em seus braços e se dirigindo para a porta antes que ela pudesse manifestar um pingo de indignação por ter sido maltratada pelo empurrão.

Até o momento que conseguiu abrir a boca para perguntar a ele o que diabos ele achava que estava fazendo, Danny tinha a porta do seu apartamento aberta. Ele entrou e jogou-a no sofá antes de se virar e sair. Bateu a porta atrás dele, deixando-a sentada em seu sofá, sacudindo a cabeça e resmungando:

— Alguém não é uma pessoa da manhã.

Capítulo 7

— Foda-se! — Disse Danny, deixando cair sua bolsa no chão e puxando o celular do bolso de trás. Por um minuto ele estava ali, debatendo sobre fazer a ligação que tinha o poder de tornar sua vida um inferno.

No final, a exaustão e a dor esfaqueando através de seu ombro e sua mão, parte da mão que ele ainda podia sentir de qualquer maneira, tomou a decisão por ele. Na esperança de que seu tio estivesse muito distraído com o trailer de café para atender o telefone, ligou para ele e esperou, rezando para que fosse para o correio de voz.

Assim como ontem à noite, quando ele orou para que Sininho fosse parar de se balançar sedutoramente embaixo dele e tirá-lo do sofrimento, suas orações não foram respondidas.

— Você está parando para pegar rosquinhas? — Seu tio perguntou depois do terceiro toque, parecendo esperançoso.

— Não, eu...

— Por que não, seu bastardo ingrato? — Tio Jared perguntou, interrompendo-o e fazendo-o balançar a cabeça em desgosto.

— Porque eu não vou trabalhar hoje. — Ele retrucou antes que seu tio saísse com um discurso retórico de trinta

minutos sobre como todos os seus sobrinhos eram nada mais do que bastardos ingratos e insensíveis.

Houve uma pausa pesada antes que seu tio perguntasse.

— Você está doente?

— Não. — Ele disse, engolindo de volta uma maldição quando fechou a mão inútil em um punho, determinado a passar por esta conversa sem perder o seu temperamento.

Outra pausa.

— Se você não está doente, então porque você não está indo para o trabalho? — Seu tio perguntou, claramente suspeito e, provavelmente, puxando o seu telefone celular pessoal naquele momento para enviar um texto de grupo para todos na família, colocando-os em estado de alerta.

— Porque eu passei a noite com uma mulher e eu estou exausto. — Disse Danny, brincando com a verdade, a fim de salvar-se de um exército de Bradfords indo sobre ele para se certificar de que ele não estava às portas da morte.

Houve outra pausa pesada antes de seu tio pigarrear, claramente surpreso.

— Você passou a noite com uma mulher? — Ele perguntou, tentando esconder seu alívio, mas fez um mau trabalho, que teve Danny se sentindo culpado por mentir para seu tio.

— Sim. — Disse ele, deixando cair a cabeça para trás e suspirou, desejando que ele não tivesse que recorrer a isso,

mas estava exausto e precisava dormir e não conseguiria, se seu tio pensasse, por um segundo, que ele estava doente ou ferido.

— Oh, bem, ummmm, tudo bem então. Assim, umm, não faça disso um hábito. — Disse seu tio, tropeçando em suas palavras e parecendo aliviado em vez de chateado, o que só confirmou sua suspeita de que sua família ainda estava com medo de que algo ruim ia acontecer com ele.

— Eu não vou. — Prometeu, porque se há uma coisa que ele sabia com certeza, era que ele nunca teria a chance de segurar uma mulher como Sininho em seus braços novamente.

****

— Isso não está acontecendo, porra! — Disse Danny, agarrando o travesseiro de sua cabeça e o jogando contra a parede quando as batidas em sua porta continuaram. Ele olhou para o despertador e murmurou um palavrão.

Apenas uma hora tinha passado desde que ele ligou pro seu tio. Ele pensou que teria mais tempo antes que fosse forçado a lidar com um de seus parentes bem-intencionados. Aparentemente, ele tinha subestimado o seu nível de preocupação, bem como o detector de mentiras de Jared. Essa crença foi confirmada menos de trinta segundos depois,

quando o bater de repente parou. Ele não se incomodou em rolar para fora da cama. Não havia nenhum ponto.

— Você está na cama, bastardo! — Tio Jared murmurou, suspirando pesadamente enquanto entrava no quarto e encostou-se à parede, com o olhar preocupado movendo-se sobre ele, fazendo uma pausa em seu ombro e mão antes de lançar a ele um olhar interrogativo.

Danny suspirou e jogou o braço sobre os olhos.

— O que aconteceu?

— O fato de que você é um recluso. — A voz irritantemente familiar anunciou, forçando Danny a mover seu braço e abrir os olhos a tempo de ver seu irmão entrar na sala.

Seu olhar se desviou do rosto de Aidan, notando a preocupação mal escondida em seus olhos e a maleta preta nas mãos.

— Eu não preciso de sua ajuda, Aidan. — Retrucou, desejando que ele tivesse resistido à dor e trabalhado para evitar besteiras como essa.

— Você quer me contar o que aconteceu com seu ombro e sua mão? — Disse Aidan, sentando na cama ao lado dele e colocando a maleta cuidadosamente no chão a seus pés.

— Na verdade não, não. — Disse Danny, rangendo os dentes contra a dor aguda quando seu irmão se aproximou e gentilmente traçou seus dedos ao redor da mancha grotesca estragando seu ombro e parte de seu braço.

Depois de um minuto de sondagem, Aidan suspirou e pegou sua maleta.

— A culinária de Zoe?

Ele olhou para cima a tempo de pegar o estremecimento de seu tio. Um pouco horrorizado que seu irmão foi capaz de identificar a fonte do ferimento ou o que fosse, com apenas um olhar, ele acenou em silêncio.

Com um palavrão resmungado e um suspiro, Aidan abriu a maleta e tirou um pequeno frasco com um líquido dourado cintilante e uma agulha descartável.

— Sua comida geralmente não é tóxica, a menos que seja exposta ao ar por mais de duas horas. Em seguida... — Aidan deu de ombros, apontando para o ombro de Danny com uma inclinação de seu queixo. — Isso acontece.

— O que exatamente é isto? — Ele perguntou, olhando para a coisa cobrindo seu ombro.

— É um cruzamento entre uma infecção bacteriana e uma reação alérgica. — Aidan distraidamente explicou, enquanto cuidadosamente dosava o medicamento. — Nós tentamos acertar isto de ambos os lados, mas nós achamos que é preciso uma combinação de anti-histamínicos, penicilina e uma vacina ou duas para matá-lo.

Ele arqueou as sobrancelhas quando perguntou.

— Vacinas?

Aidan acenou tristemente enquanto limpava o local com álcool logo acima da veia.

— Confie em mim, você não quer saber.

Não, ele supôs que realmente não queria.

— A boa notícia é... — Disse Aidan, parando quando injetou o medicamento no ombro de Danny. — Que deve ficar imune a culinária de Zoe agora.

— Eu não iria arriscar embora. — Disse seu tio, parecendo pensativo.

— Nem eu. — Seu irmão murmurou quando retirou a agulha. — Mas se ela acidentalmente entrar em contato com sua pele novamente, seu corpo deve ser capaz de lutar contra a infecção por conta própria da próxima vez.

Decidindo que informá-los que isto não foi acidente não iria fazer nenhum bem, ele abriu a boca para... para... ele não conseguia lembrar o que queria dizer quando soltou um grande bocejo e as pálpebras, de repente, pareciam que pesavam cem quilos.

— Alguém mais entrou em contato com a substância? — Perguntou Aidan, enquanto Danny lutava contra as ondas de exaustão puxando-o.

— Sininho... Sininho... — Ele conseguiu dizer antes de tudo escurecer, enviando-o num sonho com lindos olhos verdes que, sem dúvida, o assombrariam pelo resto de sua vida.

****

— Quem diabos é Sininho? — Aidan perguntou com uma careta enquanto verificava o pulso de Danny.

— Meu palpite seria a vizinha pequena e bonita do outro lado do corredor, que ele está atormentando durante os últimos dois meses. — Disse Jared com um suspiro de satisfação e um sorriso quando ele se desencostou da parede.

Aidan balançou a cabeça com uma boa risada, se levantou e puxou as cobertas, deixando seu irmão mais velho confortável e lembrando Jared de todas as vezes que ele tinha visto Danny cuidar de seus irmãos mais novos e irmã. Antes de fugir para se juntar à Marinha, ele tinha sido um ótimo irmão mais velho, amável e leal, mas ele também tinha sido...

Pretensioso e arrogante.

Ele amava Danny, sempre teve um fraquinho para o garoto, mas nunca tinha sido cego às falhas do sobrinho. As coisas sempre tinham vindo fáceis para Danny, as meninas, as notas, os amigos... a vida. O que o levara a acreditar que seria sempre assim. Danny nunca teve de trabalhar para conseguir qualquer coisa em sua vida, nunca teve que se esforçar. Tudo sempre muito fácil para ele, até aquela noite fatídica, quando ele invadiu o frigobar de seu pai e embebedou-se até o coma.

Assistir a queda de Danny tinha sido difícil, mas mesmo assim, ele sabia que era o melhor. O garoto sempre teve um plano traçado para a sua vida, faculdade, escola de medicina, uma sociedade com seu pai e, eventualmente, a família perfeita. Toda vez que Danny falava sobre o futuro, seus pais tinham assentido com aprovação. Embora o resto da família tinha simplesmente concordado com os planos de Danny, ele não.

Jared nunca disse nada, mas não tinha sido capaz de imaginar o sobrinho como um médico. Seu irmão mais novo Aidan? Absolutamente, mas não Danny. O garoto precisava de algo mais na vida, algo desafiador, algo que lhe permitisse crescer e descobrir seu propósito na vida. Os fuzileiros tinham dado isso a ele e muito mais.

Quando descobriu que Danny tinha fugido e se juntado à Marinha, ele estava assustado é claro, se cagando de medo como o resto de sua família. Eles não tinham sido capazes de ir ao Alabama rápido o suficiente, com medo de que algo acontecesse com o garoto antes que conseguissem chutá-lo por assustá-los até a morte.

Eles foram até a base preparados para arrastá-lo a casa e bater nele até entrar algum juízo naquela cabeça, mas tudo mudou quando o viram, coberto de lama, seu cabelo raspado e a expressão arrogante em sua cara finalmente desaparecida como aspirante da Marinha.

Eles estavam perto da fileira de Humvees, à espera de Danny para pedi-lo para voltar, ir embora e desistir quando o

oficial gritou em seu rosto, mas para sua surpresa, Danny obedeceu. Quando o oficial ordenou que ele fosse pro chão e fizesse cem flexões, ele tinha feito isso sem hesitação. No momento em que Danny ficou de pé, parecendo sozinho e de repente apavorado, eles foram embora. Ethan tinha permanecido por mais um minuto, observando como seu filho mais velho foi empurrado de volta para o chão e forçado a fazer mais cem flexões. Deixá-lo ali, provavelmente, foi uma das coisas mais difíceis que já tinha feito, mas foi o melhor. Os fuzileiros navais tinham feito Danny um homem. Tinham-lhe mostrado o mundo real e lhe ensinado o valor do trabalho, dedicação e o que significava ser um bom homem.

— É esta a mulher que Trevor e Jason acham que ele vai se casar? — Seu sobrinho perguntou, com aquela expressão de sofrimento que todos os homens mais jovens em sua família faziam, até a maldição Bradford atingi-los na cara.

— Só há uma maneira de descobrir. — Disse Jared, já indo para a porta, mais do que curioso sobre a sua futura sobrinha.

Capítulo 8

— Não, eu definitivamente irei amanhã. — Disse Jodi, lutando para ignorar a coceira constante que só parecia estar ficando pior a cada minuto.

— Você quer que eu verifique os suprimentos para o grupo de artesanato? — Jenna, uma voluntária que estava cobrindo-a na biblioteca, perguntou. Jodi trocou o telefone para a outra orelha para que pudesse se curvar e dar uma olhada no forno para garantir que os biscoitos estavam assando uniformemente.

— Nós devemos ter tudo, menos o glitter. Dan deve levar tudo, juntamente com a cola amanhã, por isso vamos estar prontos até quinta-feira de manhã. Além disso... — Ela disse, fazendo uma pausa para desligar o cronômetro e vestir um par de luvas de forno resistentes, puxando rapidamente as formas de bolinho quente do forno e substituindo-as com as outras que tinha deixado na mesa. — Nós fecharemos a biblioteca para o verão. Eu prefiro usar tudo o que já temos, de modo que não tenhamos que nos preocupar em encontrar um lugar para armazená-lo.

— Isso é o que eu imaginei. — Disse Jenna. Jodi colocou cuidadosamente as formas quentes em cima do balcão para esfriar.

— Você poderia, por favor, dizer ao Sr. Jennings que eu estou trabalhando de casa hoje? — Ela perguntou, mais uma vez grata que tivesse um emprego que lhe permitisse trabalhar em casa, quando necessário e hoje ela, definitivamente, precisava trabalhar em casa.

Na verdade, o que ela realmente precisava fazer era ir para o hospital e examinar estas manchas assustadoras ou bolhas ou o que fosse, mas no momento, ela não tinha seguro de saúde. Então, novamente, se piorasse, ela não ia ter muita escolha no assunto. Teria que conformar-se em caminhar até a clínica e concordar com um plano de pagamento que ela não podia assumir. O que, obviamente, era a razão pela qual ela estava cozinhando desde que o vizinho a deixou, pensou, enquanto olhava ao redor da cozinha com todos os bolos, brownies, biscoitos, pães e caçarolas.

Sua geladeira já estava transbordando de comida e ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que ia fazer com tudo isso. Ela tentou ligar para os amigos, na esperança de que eles viriam aliviá-la de algum desses alimentos, mas por alguma estranha razão, nenhum deles estava atendendo suas ligações. Ela considerou brevemente embalar toda a comida no carro e levá-la até a delegacia de polícia, mas rapidamente descartou essa ideia. Ela, realmente, não estava de bom humor para explicar por que ela parecia que tinha pegado uma praga.

— Ele já sabe e disse que estava tudo bem. Eu espero que você se sinta melhor, Jodi.

— Obrigado, Jenna. Vejo você amanhã. — Ela esperava que fosse, pelo menos. Mas, quando desligou o telefone e contemplou tomar uma ducha quente mais uma vez, ela não tinha tanta certeza. Tentando ignorar a necessidade irracional de coçar cada centímetro quadrado de seu corpo, ela pegou a espátula e começou a tarefa de remover os cookies quando houve uma batida na porta da frente.

Suspirando de alívio e com esperança de que ela pudesse pedir a quem quer que estivesse na porta para ir à farmácia e comprar-lhe um pouco de loção de calamina, ela rapidamente se dirigiu até a porta e abriu-a, apenas para franzir a testa em confusão quando se encontrou com os olhares curiosos de dois homens incrivelmente bonitos. O mais jovem olhou para ela, parecendo um pouco perdido, enquanto o homem mais velho, um homem mais velho incrivelmente bonito e que parecia vagamente familiar, sorriu enorme para ela.

— Sininho? — Disse o jovem, parecendo inseguro quando ela se virou para olhar para ele.

Ela abriu a boca para repreendê-lo quando os dois homens inclinaram a cabeça, cheirando o ar e, ela tinha certeza, gemeram em êxtase.

— Deus, algo cheira bem! — Disse o jovem com um sorriso melancólico que pode ter distraindo-a de seu comentário Sininho.

— Estamos interrompendo alguma coisa? — Perguntou o homem mais velho, compartilhando um olhar com o homem mais jovem que ela não conseguia interpretar.

— Não. — Ela disse, balançando a cabeça enquanto cruzou os braços em uma tentativa desesperada para não se coçar. — Eu estava cozinhando.

— Eu vejo. — Disse o homem mais velho, sua expressão de repente presunçosa. —Você gosta de cozinhar?

— Sim. — Disse ela, examinando os dois homens. — Umm, eu posso ajudá-los?

— Na verdade... — Disse o jovem, apontando para as coisas cobrindo seus braços, pescoço e rosto. — ... nós viemos aqui para ajudá-la. Meu nome é Dr. Aidan Bradford. Meu irmão me disse que você teve uma reação a uma substância que entrou em contato à noite passada.

— Seu irmão? — Ela perguntou, estreitando os olhos enquanto olhava melhor o mais jovem e notou as semelhanças entre ele e seu algoz vivendo em frente a ela.

— Sim, ele é meu irmão. — Disse Aidan com um suspiro longo de sofrimento que teve o homem mais velho reprimindo uma risada, o que a fez gostar instantaneamente dele. — Ele também é o único que me disse que você pode precisar de um pouco de atenção médica. — Explicou, com um sorriso encantador que a fez voltar atrás e gesticular para entrarem.

Com um aceno e um sorriso, os homens entraram em seu apartamento e seguiram-na até a cozinha bem na hora, parecia. O cronômetro apitou e ela se apressou em toda a cozinha e pegou suas luvas de forno. Ela conseguiu fechar o temporizador e retirar os biscoitos do forno antes que

queimassem. Quando ela colocou no balcão, pegou as expressões inesperadas dos hóspedes.

Parecendo como se estivessem perdidos em um sonho, eles lentamente olharam ao redor da cozinha, admirando todos os cookies, brownies e deleites deliciosos que ela passou as últimas sete horas cozinhando e...

Isso foi um choramingo?

Sim, definitivamente um choramingo, ela decidiu, reprimindo outro sorriso enquanto fez um gesto para a comida em torno deles.

— Estão com fome?

— Sempre. — Os homens disseram em uníssono, parecendo muito sérios e continuaram a olhar ao seu redor.

— Sirvam-se. — Disse ela, apontando para a comida.

— Deus te abençoe. — Disse Aidan, alcançando um brownie apenas para ficar de mãos vazias quando o grande doce desapareceu de repente.

— Você realmente deve estar examinando-a. — Disse o homem mais velho em torno de um grande prato de brownies, embalado com amor em seus braços.

— Bastardo ganancioso! — Aidan murmurou enquanto ele, com relutância, voltou sua atenção para longe dos brownies e olhou para ela. — Posso ver o seu braço? — Ele perguntou, fazendo beicinho e olhando os brownies, ela

assumiu, já que ele não conseguia parar de enviar ao prato nos braços do outro homem, um olhar melancólico.

— Oh, Deus, esses são tão bons! — O homem mais velho gemeu, dando mais uma grande mordida.

Satisfeito que ele estava curtindo o brownie, uma receita que ela tinha criado há alguns anos atrás, puxou a manga da blusa e tentou não se encolher quando mostrou ao médico incrivelmente bonito as coisinhas cobrindo seus braços. Com o cenho franzido, ele voltou sua atenção a partir dos brownies para o braço dela. Ele gentilmente traçou a extremidade de uma mancha com as pontas de seus dedos.

— Você tem exposição prolongada. — Disse ele, suspirando pesadamente quando puxou a maleta de seu ombro e começou a vasculhar nela.

— É contagiosa? — Ela sussurrou, jogando a comida à sua volta um olhar nervoso e xingando-se de todos os nomes por não considerar isso antes de oferecer-lhes comida.

— Não. — Disse Aidan com uma expressão despreocupada enquanto procurou através de sua bolsa. — Diga-me, você tomou alguma coisa depois que foi exposta?

— Benadryl. — Ela respondeu, olhando para as coisas em seu braço com uma careta, se perguntando se elas teriam que ser removidas cirurgicamente.

— Você é alérgica a alguma coisa? — Ele perguntou, puxando uma pequena ampola de medicamento.

— Não. — Ela disse, balançando a cabeça. — Eu só... aai! — Ela gritou quando ele a pegou de surpresa e colocou uma agulha em seu bíceps.

— Desculpe por isso, mas eu precisava de seus músculos completamente soltos. O medicamento parece funcionar mais rapidamente se seus músculos não estão se contraindo como eles estariam se... você está bem? — Perguntou ele, suas palavras finais distantes enquanto a observava, preocupado e, provavelmente, por uma boa razão, ela pensou, quando sentiu a força do remédio trabalhar o seu caminho através de seu sistema.

— Sim, eu estou bem. — Disse ela, apontando para si mesma enquanto olhava ao redor da cozinha e se perguntou por que não tinha nada cozido com geleia. Deus, ela adorava geleia...

****

— Socorro! — O grito arrancou-lhe de um sono pesado. O segundo grito por ajuda tinha ele saltando da cama. O terceiro tinha ele murmurando um palavrão e correndo para a porta, quando registrou o som de seu irmão mais novo gritando por socorro.

— Danny! — Aidan gritou assim que ele tropeçou numa parada em sua sala de estar. — Ajude-nos, seu bastardo! —

Aidan exigiu enquanto Danny estava ali congelado, tentando dar sentido a cena diante dele.

Seu tio Jared estava no chão, seus braços em volta de Sininho que estava se contorcendo descontroladamente em uma tentativa de chegar até a porta da frente, enquanto seu irmão lutava com as pernas para fazê-la parar de chutar seu tio. Sininho não parecia perceber que tinha dois grandes homens tentando contê-la. Na verdade, ela realmente não parecia notá-los em tudo.

Mas, ela o notou.

Assim que o viu, parou de se debater, apoiou a cabeça nas mãos, suspirou dramaticamente e disse:

— Eu preciso correr para a loja e comprar alguma geleia.

Foi nesse momento que ele percebeu que passaria uma merda de noite mais uma vez.

****

— Mas...

— Não. — Ele disse com firmeza, esfregando a parte de trás do pescoço enquanto a pequena mulher sentada em frente a ele continuou a olhar em sua direção.

—Mas...

— Não. — Ele disse, apontando para o sanduíche que ele tinha feito para ela. — Coma seu sanduíche.

— Mas...

— Basta aceitar o fato de que eles a limparam e coma o seu sanduíche. — Disse ele, mais uma vez, amaldiçoando seu tio, não só por amarrarem sua bunda com sua drogada vizinha, mas por comer o que ele supôs ser um incrivelmente delicioso buffet feito por ninguém menos do que a mulher que estava atualmente preso.

— Se você me deixar ir para o meu apartamento eu vou pegar um pouco de farinha e açúcar e...

— Tentar correr para a loja de novo. — Ele terminou por ela, com absolutamente nenhum humor para lidar com isso, não esta noite.

Tudo o que ele queria fazer era pegar um de seus livros, sentar em um canto e ler. Era isso. Era como ele passava a maior parte de suas noites, quando não se forçava a ir até uma das casas de seus familiares para o jantar, um sorriso no rosto e fingir por causa deles que tudo estava bem. Não estava, mas eles não precisavam saber disso.

— Mas, eu preciso de geleia para...

— Eu não vou deixar você perto do fogão. — Ele explicou, provavelmente pela centésima vez naquela noite, rezando para que ela só esquecesse e dormisse para que ele pudesse recuperar um pouco do sono perdido.

Quando ela não discutiu, ele olhou para cima e xingou quando viu sua cadeira vazia. Ele correu para a porta da frente só para fazer uma pausa, inclinou a cabeça para o lado e ouviu. Com um aceno de cabeça e uma promessa de esmurrar seu irmão, ele se virou, ficou de cócoras e olhou debaixo da mesa para encontrar Sininho em suas mãos e joelhos, com aquela bunda deliciosa que ele tentou ignorar apontada em sua direção. Por um minuto, ele observou enquanto ela olhava debaixo de uma das cadeiras, sem dúvida, tentando se certificar de que o caminho estava livre antes de tentar fazer uma corrida para a rua, mas só havia um problema com isso.

Ela estava de frente para a parede.

Foi realmente triste, ele decidiu quando alcançou debaixo da mesa, agarrou seus quadris e puxou-a para fora. Ela não lutou ou tentou. Em vez disso, ela suspirou quando se virou em seus braços, jogou os braços ao redor de seu pescoço e deitou a cabeça contra o peito como se fosse a coisa mais natural do mundo para fazer.

Por um momento ele ficou ali, segurando-a em seus braços e saboreando seu toque contra o bom senso. Ele devia colocá-la para baixo e pôr alguma distância entre eles. Não precisava segurá-la para mantê-la a salvo, mas nesse momento parecia... necessário.

Desde que ele voltou da guerra se sentia perdido, como se algo estivesse faltando, mas agora, pela primeira vez em sua vida, ele sentiu-se completo. Quando ela se aconchegou

mais perto, ele distraidamente deu um beijo em sua testa e foi para seu quarto. Não se incomodou em acender a luz quando entrou. Ele manteve o local limpo e organizado, um hábito dos Marinheiros, que tinha feito questão de manter para o resto de sua vida, portanto, não estava preocupado em tropeçar em nada.

Cuidadosamente, ele a deitou em sua cama e puxou as cobertas sobre ela, esperando que fosse o suficiente para ajudá-lo a resistir à necessidade de puxá-la de volta em seus braços. Não era, mas ele ainda conseguiu se afastar antes que fizesse algo estúpido. Isto é, até ela estender a mão e agarrar a sua.

— Fica comigo? — Ela perguntou suavemente, seus belos olhos verdes prendendo-o no local. Ele abriu a boca para recusar, só para fechar seus olhos em derrota quando ela acrescentou: — Por favor.

Capítulo 9

Oh, Deus...

O que aconteceu ontem à noite? Ela se perguntou quando chegou à conclusão de que tinha o rosto grudado num peito muito firme, muito masculino. Decidiu que ela iria morrer de mortificação mais tarde, na privacidade do seu apartamento, ela mordeu o lábio, fechou os olhos e, lentamente, deslocou-se até que conseguiu se virar de frente para o que ela já percebeu ser um adormecido Danny Bradford.

Engolindo em seco, ela estendeu a mão e colocou as mãos sobre o braço prendendo-a e tentou afastá-lo, quando de repente se viu puxada para trás contra ele. Ele mudou de posição durante o sono, de alguma forma conseguindo puxá-la para mais perto e colocar a mão contra seu estômago, segurando-a contra ele.

Esta era, definitivamente, uma situação embaraçosa, ela teve que admitir e não tinha absolutamente nenhuma experiência de como enfrentá-la. Quando Jerry ficava para passar a noite, ele monopolizava a cama e até tentava dormir abraçados, mas era sempre tão desconfortável para ambos que ele geralmente após um minuto se virava, empurrando-a de lado no processo. Não que ela reclamasse. Bem, exceto pela forma como ele monopolizava a cama e a ignorava. Ela,

na verdade, se sentia aliviada que não tivesse que passar a noite em seus braços.

Momentos como este, quando olhava para trás na forma como as coisas tinham sido com Jerry, sentia-se tola. Houve tantos sinais de que ele não sentia nada por ela, que ele nunca tinha lhe amado e para ser honesta, ela não o amava ou gostava dele tanto assim. Ele poderia ser rude, condescendente e desdenhoso, se ela tivesse pensado melhor, teria percebido porque tinha estado com ele.

Porque ninguém mais a queria.

Todos eles a viam como uma irmã mais nova, alguém bonita e doce para passar o tempo com eles quando estavam sentindo saudades de casa ou suas namoradas estavam ocupadas. Eles não a viam como uma mulher, como alguém digno de passar o tempo, alguém que valesse a pena o risco de perder seu coração. Jerry certamente não a queria. A única coisa que ele queria dela era o seu dinheiro e como ela poderia ajudar sua carreira. Ele a tinha usado, a fez se sentir sem valor e quando conseguiu o que queria, fez questão de ter certeza de que ela soubesse que ele nunca realmente a desejou.

Ninguém a desejava.

Não era realmente de grande ajuda a auto piedade para começar o dia, ela pensou com desgosto quando fez outra tentativa de empurrar o braço segurando-a. Uau, essa coisa era enorme, pensou, mordendo o lábio inferior enquanto tentava tirá-lo novamente, apenas para desistir com um

grunhido quando a algema que ele teve a coragem de chamar de braço apertava ao redor dela.

O homem que tinha jurado amá-la mais do que qualquer coisa não tinha sido capaz de ficar tocando-a e aquele que ela tinha contemplando o assassinato, não que ela fosse admitir isso em um tribunal de justiça, não conseguia soltá-la. Danny provavelmente não sabia quem estava em seus braços, o que explicaria por que ele estava segurando-a como se nunca quisesse deixá-la ir e porque o assustadoramente grande apêndice entre suas pernas estava pressionando bastante insistentemente contra o seu traseiro... e parte de suas costas.

Isso realmente não poderia ser normal, ela pensou, lutando contra a vontade de se mexer contra ele para ter uma melhor ideia do quão grande ele era, mas esse tipo de comportamento pareceu rude. Se ela tivesse que arriscar um palpite, ela diria que ele era um inferno de muito maior do que Jerry. Ela franziu a testa com esse pensamento e suspirou. Um pino de boia seria maior do que Jerry, de modo que realmente não significava muita coisa.

Ela realmente devia se levantar, mas não conseguia descobrir como fazê-lo sem que isso ficasse estranho. Realmente não achava que havia uma maneira de sair dessa cama ou apartamento sem as coisas ficarem um pouco estranhas. Com isso em mente, ela agarrou seu braço, abriu a boca para acordá-lo e engasgou quando registrou a

sensação firme de lábios quentes pressionando contra a parte de trás do seu pescoço.

— Volte a dormir, Sininho. — Danny disse sonolento, fazendo-a perceber algo muito importante.

Danny Bradford, que ainda estava pressionando beijos doces contra sua nuca, sabia que era ela a compartilhar a cama com ele. O que significava que...

Ok, ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que isso significava, porque não podia pensar direito com essa barra de ferro cavando em suas costas e aqueles lábios quentes pressionando contra seu pescoço, enviando deliciosos tremores de cima a baixo por sua coluna vertebral. Ela nunca esteve em uma situação como esta, em que um homem parecia mais do que feliz de tê-la em seus braços. Normalmente, quando um homem puxava-a nos braços e beijava-a, sua expressão ficava horrorizada quando percebia que beijá-la era como beijar sua irmã mais nova.

Não é realmente uma comparação lisonjeira, mas ela estava acostumada, no entanto.

— Ummm, o que exatamente aconteceu ontem à noite? — Ela encontrou-se perguntando, orgulhosa de que não parecia afetada por seu toque, pelo menos em sua mente, ela fez.

— Meu irmão idiota deu-lhe remédio. — Disse ele, acompanhando as palavras com outra pressão de seus lábios.

— Oh. — Ela murmurou, lembrando-se de pequenos detalhes da noite anterior. Com uma careta, ela olhou para

seu braço e suspirou com alívio. As manchas ou o que fossem, tinham desaparecido. Deixando em seu lugar marcas rosa que cobriam quase cada centímetro de pele exposta, mas ela estava surpreendentemente bem com isso. Um pensamento repentino a fez tentar sentar-se, mas o braço travado em torno de sua cintura a manteve no lugar. — Eu tenho que ir para o meu apartamento e jogar a comida estragada fora! — Explicou ela, estendendo a mão para pegar o braço e afastá-lo, mesmo com o senso comum prejudicado, ela percebeu que tudo o que tinha sido deixado fora da geladeira, provavelmente, estava estragado por agora.

Outro beijo.

— E, tudo se foi, Sininho.

— Esse não é meu nome. — Disse ela distraidamente com uma careta, imaginando como todos os alimentos poderiam ter desaparecido em uma noite. — Alguém jogou fora? — Perguntou ela, odiando a ideia de perder toda aquela comida.

— Não. — Disse Danny com outro beijo, fazendo-a se perguntar se ele estava ciente do que estava fazendo. — Meu irmão e meu tio se consolaram com toda aquela comida depois que você chutou suas bolas. — Disse ele, rindo e ela poderia jurar que realmente podia senti-lo sorrindo contra sua pele.

— Eu chutei seus parentes? — Perguntou ela, certa de que tinha ouvido mal sobre ambos os casos, porque não havia nenhuma maneira que fosse humanamente possível

para dois homens comer toda a comida que ela tinha cozinhado em uma noite.

— Sim, você fez. — Ele murmurou, ajustando seu abraço quando se mexeu atrás dela para trazê-la nivelada com o corpo contra o dele.

Ela abriu a boca, não sabendo exatamente o que dizer para tirá-la dessa situação, quando Danny a cortou com mais um daqueles beijos que ela estava secretamente começando a gostar e murmurou:

— Volte a dormir, Sininho. Você ficou acordada a maior parte da noite.

Não foi até que ele disse isso que ela percebeu o quanto estava cansada. Não tinha conseguido uma boa noite de sono em meses, não desde que Jerry havia tirado seu mundo do eixo. Mudando-se em frente ao apartamento de Danny, certamente, não tinha ajudado, pensou com um suspiro enquanto suas pálpebras caíram fortemente.

Ela deve sair da cama e colocar um pouco de espaço entre ela e Danny com seus confusos beijos, mas simplesmente não conseguia encontrar a energia ou a força de vontade para pedir-lhe para deixá-la ir, não quando era tão bom estar em seus braços. Ela culpou o medicamento, decidiu, quando parou de lutar e cedeu.

****

— Você parece uma merda.

— Obrigado. — Disse Danny, estatelando-se na cama ao lado de seu irmão e preguiçosamente esfregou o cabelo com uma toalha.

Aidan se aproximou e passou os dedos sobre a marca rosa deixada sobre o ombro de Danny.

— Isto deve sair dentro de alguns dias. Você conseguiu dormir depois que saímos?

— Você quer dizer, depois que você e aquele bastardo fugiram como os covardes que vocês são ou depois que comeram tudo à vista? — Perguntou ele, jogando a toalha no rosto do irmão.

— Sim. — Disse Aidan com um encolher de ombros despreocupado enquanto ele se levantou e caminhou até o armário. — Você foi capaz de dormir? — Ele perguntou, lançando a ele um olhar avaliador antes de voltar sua atenção ao guarda-roupa limitado de Danny.

— Sim. — Disse ele, sem mencionar que não se lembrava de ter dormindo tão bem antes.

Antes de sua carreira ter sido fodida por um franco-atirador, ele conseguia passar a noite segurando uma mulher algumas vezes. Embora ele tenha desfrutado da sensação de cair no sono com um corpo feminino macio e quente pressionado contra ele, nunca se sentiu tão bem quanto na noite passada com Sininho deitada em seus braços.

Segurando-a...

Inacreditável!

Acordar para perceber que ela tinha ido embora, o tinha deixado cambaleando. Ele nunca esperou sentir-se dessa maneira, especialmente sobre uma mulher que mal conhecia, mas no momento em que tinha acordado para encontrar-se sozinho ele se sentiu...

Perdido.

Sentiu-se como se uma parte dele estivesse faltando, estava se achando ridículo. Ele não conhecia essa mulher, nunca tinha passado algum tempo real com ela, para não mencionar o fato de que ele passou os últimos dois meses a atormentá-la do modo Bradford habitual. Então, porque ele estava se sentindo como se uma parte dele estivesse faltando estava além de sua compreensão. Talvez ele devesse apenas concordar em sair com uma das mulheres que Aidan mantinha contato e tentavam saltar sobre ele, para limpar a cabeça.

Talvez uma noite longe de seu apartamento com uma bela mulher que não estivesse esperando algo mais do que uma boa refeição e diversão era exatamente o que ele precisava. Ele olhou para o travesseiro que tinha compartilhado com Sininho e acenou com a cabeça. Talvez fosse hora de seguir em frente e superar o passado e não podia fazer isso escondendo-se em seu apartamento, sonhando acordado por uma mulher que o odiava.

****

— Quem disse que deve agradecer-lhe com bolo? — Ela murmurou com nojo quando olhou para o prato transbordante de bolo de carne, purê de batatas, molho de cranberry, milho, manteiga de mel caseiro e uma grossa fatia de bolo de chocolate com cobertura fudge em um prato menor em outra mão.

— Alguém pobre demais para comprar um presente decente de agradecimento, nesse caso, eu. — Ela respondeu à sua própria pergunta com um aceno de cabeça.

Decidida a acabar com isso, ela abriu a porta e saiu para o corredor, desejando que pudesse estar em outro lugar, fazendo qualquer outra coisa, mas não tinha muita escolha no assunto. Danny tinha tomado conta dela não uma, mas duas vezes e ela ainda tinha que agradecê-lo corretamente. Mesmo envergonhada com toda a situação e Deus, ela estava envergonhada, não podia fingir que isso nunca aconteceu. Seus pais não a tinham criado dessa forma.

Ela trocou o prato menor para o outro braço, levantou a mão para bater e quase deixou cair ambos, quando a porta se abriu de repente e um homem vagamente familiar, bonito, com uma bela morena ao seu lado saiu para o corredor.

— Como você está se sentindo? — Perguntou ele com um sorriso caloroso e preocupação real em sua expressão quando

rapidamente a olhou, seu olhar parando nas marcas rosa que marcavam seus braços e face.

— Eu estou bem. — Ela respondeu, forçando um sorriso enquanto vasculhava seu cérebro tentando descobrir quem era aquele homem.

— Bom. — Disse ele, balançando a cabeça em aprovação quando saiu para o corredor com a mulher bonita e abriu espaço para...

— Sininho? — Disse Danny, entrando no corredor com uma bela loira ao seu lado, de alguma forma, tornando este momento mais doloroso do que o momento em que ela teve que intervir na frente da igreja e anunciar a um grupo de estranhos que seu casamento estava cancelado.

— Umm, eu sinto muito. Eu não queria interromper. Eu só queria te agradecer por tudo e, por isso, umm, eu te fiz o jantar, mas eu posso ver que você está saindo, então eu vou colocar isso de volta na geladeira. — Ela divagava, de alguma forma conseguindo calar-se no final antes que se fizesse de idiota. Com um sorriso apertado, ela virou-se para...

— Você me fez o jantar? — Perguntou Danny, parecendo surpreso.

Balançando a cabeça, ela se virou para lhe responder, quando de repente se encontrou de braços vazios.

— O que ela fez? — Perguntou o homem vagamente familiar, dando um passo mais perto de Danny, parecendo

esquecer a bela morena ao seu lado para olhar os pratos nas mãos dele.

— Não é nada especial. — Disse ela, observando quando Danny retirou o papel alumínio. — É apenas um bolo de carne.

— Oh!

— Deus! — O homem vagamente familiar disse, terminando por Danny enquanto os homens olhavam para o prato de comida, lambendo os lábios e parecendo como se estivessem no céu.

Ela olhou para o prato e suspirou. Ela esqueceu os biscoitos.

— Olha, eu não queria interromper a sua noite. Eu só queria dizer obrigada por tudo que você fez por mim. Deixe-me apenas correr de volta para o meu apartamento e pegar os biscoitos e eu vou deixá-lo para aproveitar a noite.

Quando ninguém falou, ela tomou como sugestão para escapar de volta ao seu apartamento. Ela correu até a cozinha, pegou a cesta de biscoitos, se virou e quase tropeçou em seus próprios pés quando viu Danny sentado à mesa da cozinha, cavando em sua comida e gemendo em êxtase.

— Isso é tão bom! — Disse ele, em torno de um grande pedaço de bolo.

Um pouco mais que atordoada, ela abriu a boca para perguntar-lhe se ele queria um biscoito quando as batidas começaram.

— Você, bastardo egoísta! — O homem vagamente familiar gritou enquanto as batidas na porta continuavam.

— Apenas o ignore. — Disse Danny, pegando um biscoito. — Ele vai, eventualmente, ir embora.

— Tudo bem então. — Disse ela, porque, na verdade, o que mais havia para dizer?

Capítulo 10

— Você está rosa. — Disse Matthew, estudando-a com uma inclinação de sua cabeça enquanto colocou o pirulito de volta na boca.

— E você achou meu estoque. — Disse ela com um olhar assassino e um grunhido quando estendeu a mão e agarrou o grande saco de pirulitos, fazendo uma pausa com o saco tempo suficiente para o menino pegar mais alguns pirulitos antes dela o guardar de volta em sua mesa.

— O seu imposto está irregular. — Matthew anunciou com um suspiro entediado quando levantou as pernas e girou a cadeira, de modo que estava olhando para ela com os pés sobre a mesa. — Eu o regularizei para você. — Disse ele com um encolher de ombros enquanto se concentrava em seu pirulito.

— Você mexeu na minha bolsa? — Perguntou ela, embora, na verdade, por este ponto, nada que esse garoto dissesse ou fizesse ou alguma das crianças Bradford a propósito, devia realmente surpreendê-la. Ela estreitou os olhos no filho mais novo de Trevor quando ela perguntou: — Você tentou acessar meu computador de novo?

— Sim. — Disse ele, falando ao redor do pirulito. — E você ainda não me disse por que está rosa.

— Isso é porque você nunca perguntou. — Ela murmurou distraidamente enquanto deixou cair o saco de almoço na mesa e o saco de pirulitos de volta no fundo da gaveta. Ela pegou o recibo apenas para reprimir um gemido.

— Você está fora por sessenta e dois dólares. Você pode querer transferir algum dinheiro para essa conta antes de mexer nela. — Disse Matthew conversando quando ele se inclinou para a frente e apontou para a coluna que ele tinha fixado.

— Você percebe que você tem apenas seis anos, certo? — Apontou, em vez de admitir que não havia dinheiro para transferir. Foi isso, o que era muito triste, porque nem era uma quantia tão alta.

Ela ia ter que ir ao outro lado da rua durante a sua pausa para o almoço e ver se Mary poderia adiantar seu pagamento. Ela tinha planejado trabalhar através de seu horário de almoço para fazer as coisas se estabelecerem para a reforma, mas agora, parecia que ela ia ter que gastá-lo em pé na fila da prefeitura e, em seguida, no banco. Também significava que ela ia ter que ficar uma hora esta noite fazendo trabalho extra para compensar.

— Você vai me dizer por que você está coberta com marcas cor de rosa? — Perguntou Matthew, estudando-a com curiosidade.

— Eu sou parte alienígena. — Disse ela com um suspiro, tentando não pensar sobre a taxa de cheque especial de vinte e cinco dólares que ela ia ter que pagar agora.

— Eu vejo. — Matthew murmurou, pensativo, estudando-a por mais um momento, antes de abruptamente balançar a cabeça e sair do balcão.

— Onde você está indo? — Ela perguntou, olhando para cima a tempo de ver o menino precoce, que era secretamente um de seus favoritos, indo para a seção infantil, o que imediatamente a colocou em alerta.

— Brincar com as outras crianças. — Disse Matthew com mais um daqueles dar de ombros descuidados que a deixava nervosa e por boas razões. — E, para dizer a eles que você é um alienígena que vai roubar seus cérebros.

— Espera? O quê? — Perguntou ela, o triste estado de suas finanças imediatamente esquecido enquanto corria para ir atrás do menino antes que fosse tarde demais.

****

— Que merda aconteceu com suas mãos?

— Não se preocupe com isso. — Pegou sua bolsa do banco do passageiro no carro.

— Não se preocupe com isso? — Trevor repetiu com um bufo de descrença enquanto gesticulava para suas mãos. — Parece que você mergulhou suas mãos em ácido!

Danny não pode deixar de rir com a comparação.

— Perto o suficiente.

— Que porra que isso quer dizer? — Perguntou Trevor, mantendo o ritmo com ele quando fez o seu caminho para a antiga biblioteca, que Danny pessoalmente acreditava, deveria ter sido demolida há anos.

— Isso significa que você pode querer encontrar um outro lugar para despejar os experimentos científicos de sua esposa. — Disse ele, contente que Zoe não estivesse por perto para ouvir isso.

Ela era uma mulher muito doce e iria matá-la saber que sua comida tinha realmente prejudicado alguém. Ele preferia morrer do que magoá-la. Ela tinha estado ao seu lado durante sua recuperação, sentado com ele e segurado sua mão quando os analgésicos não funcionavam, lia para ele, e impediu sua família de piorar as coisas com o excesso de preocupação constante.

— A lasanha de Zoe fez isso? — Perguntou Trevor, agarrando-o pelo braço e fazendo-o parar, para que ele pudesse olhar suas mãos feridas.

Por um momento, Danny só podia olhar para seu primo com horror.

— Isso era lasanha?

— Sim. — Disse Trevor, suspirando pesadamente enquanto continuava a olhar para a mão. — Talvez devêssemos levá-lo a um médico. — Disse ele com uma expressão preocupada, a mesma que todos em sua família fazia sempre que ele dava um simples espirro.

— Aidan já cuidou disso. — Disse ele, soltando o braço. — As manchas vão sair em poucos dias.

— Alguém mais se machucou? — Perguntou Trevor, mais uma vez, mantendo o ritmo com ele.

— Jodi. — Respondeu, decidindo que o uso de seu apelido para sua pequena vizinha só encorajaria mais provocações, provocações que ele não estava com disposição para aguentar, não depois de ontem à noite.

— Merda. — Trevor murmurou, parecendo realmente chateado. — Ela está bem?

— Ela está bem, mas se eu fosse você, provavelmente iria dar-lhe um ou dois meses de aluguel gratuito. — Disse ele, perguntando-se o que fazer em relação a Sininho.

A única coisa que ele sabia, com certeza, era que a desejava.

Ele queria estar com ela, abraçá-la, se enterrar até o cabo dentro dela e ficar lá enquanto o resto do mundo desaparecesse, mas não tinha certeza de que pudesse ser o que ela desejava. Os únicos relacionamentos que ele teve foram na escola e aqueles eram coisas de adolescentes, que pensavam que uma noite romântica se resumia em filme, pizza e se esgueirar em seu quarto mais tarde, enquanto seus pais dormiam. Embora tivesse uma boa cota de mulheres ao longo dos anos, nunca foi namorado de nenhuma delas.

Pelo menos não a sério.

Ele teve muitas mulheres em seu tempo livre na Marinha, mas nunca precisou se esforçar para levá-las à cama. Na verdade, nunca quis se esforçar para isso. Se ele encontrasse uma mulher que não estivesse interessada nele, seguiria em frente sem pensar duas vezes. Ele não tinha tempo para mais nada além de ser um fuzileiro naval naquela época. Agora...

Agora ele realmente gostaria de explorar essa atração avassaladora e obsessiva que estava sentindo por sua pequena vizinha. Desejou que sua atração por ela fosse mais simples, algo como apenas levá-la para a cama, mas ele instintivamente sabia que as coisas com Sininho nunca seriam tão simples. Para ser honesto, não queria que fossem.

Ele queria algo mais, algo melhor, desejava Sininho e a teria se não fosse por aquele filho da puta do Aidan. Enquanto repetia o delicioso jantar que ela tinha lhe preparado, criava coragem de chamá-la para sair. Foi então que os lamentos e choramingos de Aidan, através da porta, começaram a ficar mais altos. Ele iria lhe dizer para ignorar o infeliz, mas, aparentemente, Sininho tinha uma quedinha por bebês chorões.

Pelo resto do jantar ele se sentou ali, olhando para o idiota presunçoso. Deu várias sugestões para o filho da puta sair, mas Aidan apenas ficou lá, comendo tudo o que podia, enquanto Danny tentava uma abertura para convidar sua pequena vizinha para um encontro. Mesmo quando Aidan percebeu envergonhado, que havia deixado seu encontro no corredor, não tinha sido o suficiente para fazê-lo sair. Ele

simplesmente deu de ombros, pegou a tigela de purê de batatas e comeu tudo, enquanto Danny ficava sentado ali, planejando socar sua cara até virar pasta.

Quando Danny se ofereceu para lavar os pratos, como agradecimento a Sininho pelo incrível jantar e também, para ganhar um pouco mais de tempo, tinha certeza de que seu irmão iria se mancar. Só não esperava que Aidan se juntasse a ele na pia com um sorriso de merda. Pelos próximos 30 minutos ele lavou a louça ao lado de seu irmão, com a mandíbula cerrada, até que o último talher foi colocado em cima do balcão para secar. Sininho agradeceu-lhes por lavarem os pratos e desejou-lhes uma boa noite com um bocejo.

Forçado a adiar seus planos para outra noite, se dirigiu para a porta com Aidan arrastando os pés atrás de si e assobiando uma música alegre. Uma vez que a porta de Sininho se fechou atrás deles, ele desejou ao irmão uma boa noite dando-lhe um mata leão, jogando o filho da mãe no chão, arrastando o bebê chorão pelo corredor e trancando-o dentro do armário de manutenção. Enquanto se afastava, pensava numa maneira de fazer Sininho lhe dar uma chance.

— Nós vamos ter que substituir estas portas. — Disse Trevor, tirando-o de seus pensamentos, quando chegaram as grandes portas grossas que compunham a entrada da antiga biblioteca.

Danny tinha a sensação de que a Câmara Municipal não iria concordar com isso, especialmente desde que as portas

eram, provavelmente, as portas originais, mas ele não disse nada. Em vez disso, agarrou um dos puxadores sem graça e tentou não se encolher quando a porta se abriu lentamente com um barulho enferrujado alto, mas que foi quase imperceptível sobre os sons de crianças gritando.

— Mas que porra é essa? — Trevor murmurou ao seu lado enquanto eles tentavam dar sentido ao que viam.

A grande sala de frente onde ele se lembrava que a Sra. Pattinson, a velha bibliotecária que costumava cheirar a caramelo e livros empoeirados, ficava, estava cheia de crianças gritando cobertas com o que parecia ser cola e glitter. Franzindo a testa, viu como a horda de crianças subiu para chegar ao balcão.

— Oh, merda! — Trevor murmurou, apenas alto o suficiente para ele ouvir, quando ambos viram Matthew, filho mais novo de Trevor, sentado na mesa de recepção com várias pastas de um lado e uma pilha de sacos de papel pardo e sacolas cheias de cookies, brownies e cupcakes, do outro.

Enquanto o resto das crianças piravam, brigando por pequenas latas de glitter, Matthew estava sentado ali calmamente, comendo o que parecia ser um delicioso sanduíche. A atenção de Danny deslocou-se para a porta fechada, onde podia ouvir as batidas e gritos das mulheres desesperadas para que alguém abrisse a porta. Quando Matthew os viu ali de pé, provavelmente parecendo confusos

e horrorizados, ele deu outra mordida em seu sanduíche e fez um gesto distraído por cima do ombro.

Quase com medo de olhar, mas incapaz de se impedir, ele olhou além do filho assustador de seu primo e quase mordeu a língua quando viu aquela bunda deliciosa, que ele esteve fantasiando pelas duas últimas noites, balançar sedutoramente. Era definitivamente uma agradável surpresa encontrá-la aqui. Ele gemeu, lambendo os lábios enquanto observava Sininho tentar escapar das garras de dois meninos de sete anos e agarrar as meninas que subiam num armário. Infelizmente para ela, era muito baixinha para pegá-las e felizmente para ele, agora tinha o seu plano de ataque perfeitamente traçado.

Sorrindo bastante e ignorando o iminente colapso nervoso de seu primo, ele passeou pela recepção para colocar seu plano em ação.

Capítulo 11

— Oh, droga! — Jodi murmurou, tentando encontrar algo no velho armário de metal que a ajudasse, mas não havia nada.

— Alien! — Uma das meninas, tentando derrubá-la e exterminá-la com mais cola e glitter, gritou um pouco histericamente.

— Meninas. — Disse Jodi, lambendo os lábios nervosamente enquanto tentava se levantar, mas as pequenas mãos entrelaçadas em seus tornozelos e o fato de que não tinha qualquer força real em seu corpo, a impedia de fazer isso. — Matthew estava só brincando. — Explicou, forçando um sorriso e tentando soar a menos ameaçadora possível.

— Precisamos de mais glitter! — Ela ouviu uma delas gritar quando as pequenas unhas cravaram em sua pele, tentando arrastá-la de volta para o chão para que pudessem lhe jogar mais cola e glitter, numa tentativa de destruir seus poderes, os poderes que Matthew alegou que ela tinha.

Aquele rapazinho, quando ela saísse dessa, ela iria...

Mais gritos, quando duas grandes mãos seguraram-na pela cintura levantando-a do chão, não lhe dando outra escolha senão se embaralhar sentada em cima do armário de metal. Assim que seu bumbum atingiu o topo do armário, ela

puxou as pernas para cima, um pouquinho preocupada que os pequenos monstros que queriam lhe destruir conseguissem agarrar suas pernas e puxá-la de volta para baixo. Ela puxou os joelhos até o peito, se afastando até que suas costas bateram na parede.

Franziu a testa quando olhou para o rosto do homem obscenamente bonito, que até dois dias atrás tinha considerado arriscar tornar-se a 'cadela da Big Bertha'[1] a fim de tirar o sorriso presunçoso que estava atualmente mostrando para ela e perguntou-se o que ele estava fazendo aqui.

— Então, aqui está o que eu estou pensando... — Danny começou preguiçosamente, o sorriso de autossatisfação cada vez mais sexy com cada sílaba que saía de sua boca, distraindo-a um pouco do que ele estava dizendo. — Eu vou buscá-la às sete, nós vamos fazer um lanche e, em seguida, ver um filme.

Ela piscou, certa de que tinha ouvido mal. Ele não poderia ter, possivelmente, a convidado para sair em um encontro.

— Umm, me desculpe, o quê? — Ela perguntou, se mexendo para que pudesse olhar para baixo e imediatamente lamentando quando viu o quão alto estava. Ela moveu-se para trás até que estava mais uma vez tocando a parede.

Esse sorriso assassino característico dele surgiu quando disse:

---

[1] Expressão que significa tornar-se brinquedinho das prisioneiras machonas na prisão.

— Eu gostaria de levá-la para sair hoje à noite.

— Eu vejo. — Disse ela, simplesmente para dizer alguma coisa, enquanto sua mente processava o que ele disse e quando o fez, respondeu: — Oh, hum, não, obrigada. — E tentou descer do armário só para lembrar que ela tinha medo de altura e que ainda havia atualmente um exército de seis e sete anos de idade esperando para atacá-la.

— Por que não? — Perguntou ele, recostando-se contra a mesa, procurando não se incomodar com sua rejeição.

Em vez de lhe responder, ela perguntou:

— Você acha que poderia me ajudar a descer?

— Não. — Ele disse, seus lábios se contraindo com diversão enquanto a estudava.

— Não? — Repetiu ela, engolindo um palavrão quando arriscou outro olhar sobre a borda para encontrar um pequeno grupo de crianças olhando para ela, armadas com cola e vasilhas de glitter. — Umm, por que não? — Ela perguntou, voltando a uma distância segura da borda e as crianças verdadeiramente assustadoras.

— Por que você não vai sair comigo? — Danny perguntou calmamente.

Porque ela não estava à procura de outro amigo, outro cara para olhá-la como uma irmã mais nova e ela, com certeza, não queria ir deixando rolar para depois ser rejeitada no final com mal um beijo no rosto e algumas palavras

elogiosas sobre o quão doce ela era. Ela, especialmente, não queria passar por isso com ele.

Ela sabia que era bobagem, mas depois de adormecer nos seus braços na outra noite, não podia tolerar a ideia dele olhando-a como uma irmã caçula doce que ele adoraria, mas nunca tocaria intimamente.

Havia algo sobre ela, não sabia se era o seu tamanho, a sua aparência, o jeito que sorria ou falava, mas tinha algo nela que fazia com que os homens a vissem como nada mais do que uma irmã mais nova. Ela não queria que Danny a visse assim, não quando isso significava que ele iria começar a ver a outra noite com horror.

Ele segurou-a durante toda a noite, acariciou seu estômago, constantemente a beijou e recusou-se a deixá-la. Se ela saísse com ele, a ilusão de que um homem bonito a desejava estaria arruinada. Em poucos minutos após o encontro ter começado, ele ia olhá-la esquisito e se sentir desconfortável, mas iria até o final e a acompanharia até a porta de sua casa, olharia em seus olhos e assim, a verdade iria acertá-lo, acabando com sua fantasia de que um homem incrivelmente bonito a desejava.

— Eu posso ver que eu vou ter que fazer isso de outra forma. — Danny murmurou e antes que ela pudesse perguntar do que estava falando, ele estava de volta na frente do gabinete e puxando-a para fora.

— O que você está fazendo? Me solte! — Disse ela histericamente, quando ele a puxou para baixo em seus

braços, forçando-a a envolver os braços em seu pescoço em uma tentativa desesperada para ficar lá quando pequenas mãos tentaram agarrá-la.

— Qualquer coisa que você quiser, Sininho. — Disse ele enquanto caminhava até a mesa da recepção e depositava-a sobre o balcão alto à direita, próximo de onde Matthew estava.

— Esse é o meu almoço? — Ela perguntou, franzindo a testa enquanto Matthew jogava o que parecia ser o resto de sua dupla fudge, creme glacé brownie em sua boca com um encolher de ombros.

Danny suspirou, enquanto gentilmente segurou seu queixo e a forçou a olhar para ele.

— Eu vou precisar de sua concentração aqui, Sininho.

— Esse não é meu nome. — Ela murmurou distraidamente enquanto olhava para ele e o que viu a fez engolir nervosamente e se mexer desconfortável, mas Danny não estava aceitando isso.

— Jante comigo esta noite. — Disse ele, envolvendo levemente os braços ao redor de seus quadris enquanto se aproximava, forçando-a a abrir as pernas para acomodá-lo.

— Eu não posso. — Disse ela, ofegando em horror quando pequenas mãos, de repente, se fecharam em torno de seus tornozelos e tentaram arrastá-la para longe. O corpo grande de Danny era a única coisa que a impedia de ser

arrastada para o chão e atacada com cola e glitter. Aquele olhar triunfante em seus olhos lhe disse que ele sabia disso.

— Não? — Disse ele, levantando uma sobrancelha e saindo um pouco do caminho. — Vamos pegá-la! — Uma das crianças normalmente dóceis gritou animadamente enquanto ela se viu sendo puxada para a beira do balcão.

Recusando-se a ser coberta de gosma branca pela segunda vez essa semana, ela colocou os braços e as pernas em torno de Danny e o segurou como se sua vida dependesse disso. Ele simplesmente ficou ali, com os braços para baixo em seus lados, quando ele se afastou do balcão, permitindo que os pequenos demônios agarrassem-na. Apertando seu corpo em torno dele, ela retrucou:

— Danny!

— Tem certeza que você não pode sair comigo hoje à noite? — Ele perguntou, parecendo se divertir, o filho da puta!

— Sim!

— Bem, então... — Disse ele, suspirando pesadamente quando agarrou seus quadris e...

— Espere! — Gritou um pouco desesperada, quando percebeu que ele iria entregá-la aos demônios ainda aguardando uma brecha.

— Sim? — Ele perguntou educadamente quando ela apertou seu abraço em torno dele, com o rosto enterrado em seu pescoço, enquanto lutava para chegar a uma maneira de

sair dessa sem a necessidade de tirar glitter de seu corpo pelos próximos dois meses. Quando ele se mexeu, ela rapidamente olhou por cima do ombro de Danny só para encontrar Trevor em pé ao lado de Matthew, também saqueando as merendas e abertamente os assistindo.

— Posso pedir um pouco de ajuda aqui? — Ela perguntou ao seu senhorio, que parecia estar gostando do show.

Dando uma mordida grande num bolinho de chocolate, ele balançou a cabeça negativamente.

Desgraçado!

Fez uma nota mental para fofocar sobre o filho da mãe para sua esposa mais tarde, ela desviou o olhar para portas duplas travadas da sala de jogos, onde as batidas e as ameaças de espancamentos eram mais altos do que nunca e suspirou. Parecia que estava sozinha.

Descansou a cabeça contra seu peito, ela apertou sua mão ao redor dele e disse:

—Eu não posso.

— Eu entendo. — Disse Danny, pegando-a de surpresa enquanto caminhava de volta para a mesa de recepção e cuidadosamente a colocava na ponta do balcão. Quando ele se afastou, deu-lhe um sorriso de menino que a teve mordendo o lábio inferior, pensando se talvez...

— Aliens só podem ser derrotados com super cola, crianças, não cola branca. — Explicou ele com uma piscadela enquanto andava para longe.

— Vamos atacá-la!

— Espere! Não, espere! — Ela gritou, correndo para puxar as pernas para cima e saltar sobre a mesa. Ela mal conseguiu puxar a perna direita para cima quando uma das crianças a agarrou e com força surpreendente, puxou-a para fora do balcão. Ela fechou os olhos, segurando um grito enquanto esperava suas costas fazerem contato com o antigo piso de mármore rachado debaixo dela, só para liberar um suspiro assustado quando um par de braços fortes a pegou, salvando-a de uma bunda machucada.

Ofegante, abriu os olhos para encontrar-se olhando para um conjunto de intensos olhos verde-esmeralda. Ela abriu a boca para lhe agradecer, mas nunca teve a chance. Antes que soubesse o que estava acontecendo, ele estava inclinando-se e beijando-a. Lábios firmes e quentes movendo-se sobre os dela, sedutoramente doce e incrivelmente sexy, fazendo-a perder a cabeça e esquecer onde estava, e que ela estava cercada por um bando de crianças demoníacas determinadas a destruí-la. Perdida na sensação, um gemido suave escapou enquanto abriu os lábios e...

Piscou, com um grunhido suave quando de repente se viu sentada no chão de mármore, olhando como Danny se levantava. Tentava entender o que tinha acontecido quando ele disse:

— Ela é toda de vocês. — E deu um passo atrás.

Demorou alguns segundos para que essas três palavras se registrassem em sua mente e quando fizeram, já era tarde demais.

As crianças tinham encontrado a super cola.

****

— Por que você sentiu que era necessário unir as crianças contra ela? — Trevor perguntou quando pararam em frente a um conjunto de estantes construídas na parede.

— Eu estava entediado. — Disse Matthew com um encolher de ombros quando ele deu um passo atrás para que Trevor pudesse medir as prateleiras, enquanto Danny as inspecionava.

Mais podridão seca, observou ele com um suspiro de desgosto. A biblioteca inteira ia ter de ser derrubada, a este ritmo.

Trevor suspirou profundamente quando moveu os dedos de lado para que seu filho pudesse ler as medições e anotá-las.

— O que sempre te falamos? — Ele perguntou para Matthew, parecendo paciente para um homem que há 20 minutos atrás foi forçado a uma conversa doce com duas dezenas de mães com raiva, além de Zoe... e da Guarda Nacional.

— Que há maneiras mais construtivas de lidar com o tédio do que aterrorizando os outros para o meu próprio prazer. — Matthew disse mecanicamente, parecendo entediado e fazendo Danny saber exatamente quantas vezes Trevor tinha sido forçado a repetir as palavras para o garoto. Na verdade, era meio assustador e se ele não estivesse ainda pensando sobre aqueles lábios macios sobre os dele, provavelmente ficaria um pouco preocupado com seu primo.

— Então por que você fez isso? — Ele encontrou-se perguntando ao garoto, decidindo que agora, provavelmente, não era o melhor momento para estar fantasiando sobre Sininho.

Matthew deu de ombros enquanto anotava as medições.

— Ela não quis me dizer por que estava rosa.

— E? — Ele perguntou com uma careta, certo de que tinha perdido alguma coisa.

— E me aproveitei disso. — Disse Matthew com outro encolher de ombros que teve Danny olhando para cima a tempo de pegar Trevor lançando um olhar desesperado para o céu. — Além disso, eu estava com fome.

— O que tem a ver uma coisa com a outra? — Ele perguntou, olhando para o menino, que iria, provavelmente um dia, governar o mundo, juntamente com seus irmãos.

— Porque ele fez o resto das crianças dar-lhe seus lanches em troca da cola e glitter. — Disse Trevor, soando

aborrecido enquanto gesticulava para Danny verificar a moldagem que percorria ao longo do chão.

— Podre. — Danny disse com um suspiro.

— Você acha que o quadro pode ser recuperado? — Trevor perguntou com uma expressão que provavelmente pode ser comparada a sua própria no momento.

Esta não era uma renovação simples, como a Câmara Municipal tinha levado seu tio a crer. Tudo, desde as paredes exteriores e trabalhos de alvenaria para as paredes e prateleiras dentro estavam podres do envelhecimento, muita umidade e cupins. Seria um milagre se não precisassem demolir o prédio inteiro e construir do zero.

— Vamos ver. — Disse ele, colocando a mão contra a parede e empurrando.

O gesso desmoronou sob seu toque, revelando um espaço vazio de molde seco, um ninho de vespas abandonado e um quadro surpreendentemente resistente coberto de manchas de água e buracos.

— Nós podemos salvá-lo. — Disse Trevor, expressando seus pensamentos. — Mas isso não vai ser barato.

— Não. — Danny disse, puxando a mão dele e limpando-a em sua perna da calça. — Não vai.

— Sua futura esposa não vai ficar feliz com isso. — Trevor apontou com um sorriso sarcástico.

— Eu não vou me casar com ela. — Disse Danny em um tom entediado, surpreso que seu primo tinha esperado tanto tempo para iniciar a provocação.

Em vez de discutir com ele, Trevor simplesmente riu, o que não era exatamente reconfortante, especialmente quando Matthew escolheu esse momento para olhar para ele com um sorriso e lhe lançou uma piscadela.

Querido Deus, ele era o único que achava os filhos de Trevor aterrorizantes?

Capítulo 12

— A vida emocionante de uma bibliotecária da cidade. — Ela murmurou distraidamente para si mesma, puxando o cabelo úmido para trás em um rabo de cavalo e fazendo um inventário das pastas que cobriam a mesa de café e seu sofá, com um suspiro que beirava um gemido.

Ia ser uma longa noite.

Não que ela tivesse muita escolha, não desde que Bradford Construção fez uma ligação para o Conselho da Cidade e compartilhou a boa notícia de que a biblioteca não era só podridão de dentro para fora, mas que também tinha um problema de mofo. Isso, claro, tinha provocado uma série de eventos que acabaram com o Conselho de Saúde condenando a biblioteca durante a sua pausa para o almoço. Trinta minutos mais tarde ela se viu coberta de uma mistura crocante de massinha, cola e glitter, sentando-se em frente à sede do Conselho da Cidade, aceitando o fato de que ia ter de atualizar seu currículo.

Ouviu todas as acusações, demandas e limitações que tinham colocado sobre ela para as reformas da biblioteca que esperava que condenasse o edifício e acabasse com suas perdas. O que ela não esperava era um grupo de vereadores vertiginosos exigindo que ela ajudasse a planejar um novo projeto da biblioteca de arte. Bem, talvez exigir fosse uma

palavra muito dura, já que eles realmente perguntaram se ela estaria interessada em criar uma outra proposta. Ela não era qualificada para isso e não teria tido qualquer problema em dizer-lhes, se não estivesse tão distraída ao descobrir que ainda tinha um emprego e outras coisas...

Outras coisas era Danny Bradford e o incrivelmente doce beijo, sexy que a tinha deixado atordoada, confusa e imaginando mais uma dúzia de maneiras de se livrar do bastardo pelo tempo que a segunda garrafa de cola foi derramado sobre sua cabeça. Com medo de que iria realmente colocar uma daquelas ideias em ação, ela parou no caminho, comprou uma meia dúzia de litros de Ben e Jerry para armazenar e depois de devorar um no estacionamento, decidiu que era seguro ir para casa.

Quando não viu a sua caminhonete estacionada no seu local habitual, ela pegou seus pacotes, atravessou a entrada, enviou um olhar assassino para a porta dele e foi para seu apartamento, onde passou as próximas duas horas esfregando cada centímetro de seu corpo até que tivesse certeza de que cada última partícula de glitter se foi. Quando terminou, vestiu sua camiseta favorita velha, um par de calças de moletom confortável e decidiu começar a proposta, para se distrair. Agora, prestes a atravessar uma longa noite de papelada, tudo o que queria fazer era pegar outro litro de sorvete, assistir um filme no DVD e enrolar-se no sofá, fingindo que este dia nunca aconteceu.

Exceto, talvez, por aquele beijo...

— Eu sou uma idiota. — Declarou ela para absolutamente ninguém quando se jogou no sofá e pegou a pasta mais próxima a ela com um gemido super dramático, decidindo que, após o dia que teve, estava completamente cansada.

Pelo menos estava quase no fim, ela lembrou a si mesma quando olhou para as notas que o Conselho lhe entregara e fechou os olhos em derrota quando alguém bateu na porta, destruindo suas esperanças de uma noite tranquila em questão de segundos. Começou a levantar-se quando um pensamento lhe ocorreu, que a fez sentar-se de novo, pegar suas notas e tomar a decisão de ignorar quem estivesse na porta. Quem quer que fosse bateu novamente, desta vez mais insistente, mas ela não iria abrir.

Ela estava de saco cheio.

Mais do que isso, na verdade. No que lhe interessava o resto do mundo já não existia. A única coisa que existia esta noite era seu sofá, sua televisão, esta proposta e o sorvete na geladeira. Tudo e todos poderiam esquecê-la.

— Abra, Jodi. Eu sei que você está ai. — Greg anunciou, mas ela apenas balançou a cabeça e disse:

— Vá embora!

— Jodi, vamos lá, não seja assim. — Disse ele com um toque de exasperação que a fez balançar a cabeça mais teimosamente.

— Estou ocupada. — Disse, espalhando as notas na mesa de café.

— Você ainda está furiosa sobre a outra noite? — Ele perguntou, usando o charme de menino que tinha usado para fazê-la sair com ele em primeiro lugar e, em seguida, para uma semana mais tarde, lhe dizer que ela era muito doce para ele.

— Uh huh. — Disse ela, firmando a decisão em ignorá-lo enquanto organizava as notas em alguma aparência de ordem.

— Foi uma noite movimentada no trabalho. Eu não tinha tempo para retornar a sua mensagem.

— Uh huh. — Ela murmurou, sem disposição de salientar que tinha sido sua noite de folga ou que ela sabia que o resto dos caras tinham evitado suas mensagens e ligações, com medo de que ela estivesse sob a influência de anti-histamínico.

Eram todos uns covardes e ela, eventualmente, iria perdoá-los, mas não esta noite. Hoje à noite, ela só queria enterrar-se em seu trabalho.

Um longo suspiro fez com que soubesse que ele tinha desistido.

— Eu vou te ligar amanhã.

— Boa noite, Greg. — Disse ela, balançando a cabeça em diversão com o quão rápido ele desistiu.

— Boa noite, Jodi. — Disse ele, não parecendo chateado que ela não iria abrir.

— Eu acho que nós dois nunca fomos destinados a dar certo. — Disse ela com um suspiro longo antes de rir baixinho e balançar a cabeça em diversão.

Isto é, até que ele começou a bater novamente.

Suspirando em desgosto e sabendo que ele iria desistir tão rapidamente como da última vez, se concentrou nos arquivos e o ignorou. Quando um minuto se passou e ele ainda estava batendo, ela olhou para cima e fez uma careta. Ele estava sendo bastante persistente, de repente.

— Vá embora, Greg! — Ela gemeu, se perguntando por que, esta noite de todas as noites, ele estava sendo teimoso.

Outra batida veio, uma batida mais teimosa fazendo-a estreitar os olhos. A próxima batida a fez deixar seu arquivo de lado e ficar de pé e pelo tempo que levou até a porta, estava pronta para matar seu melhor amigo com as próprias mãos. Decidindo fazer exatamente isso, destravou a porta e abriu.

Olhando fixamente para o corredor vazio.

O quê...

Ela saiu para o corredor e olhou para a porta da frente, esperando ver Greg. Quando não pode vê-lo ou qualquer outra pessoa, mordeu o lábio inferior e olhou por cima do ombro para encontrar a outra extremidade do corredor vazio também. Balançando a cabeça, se virou e voltou para seu

apartamento. Fechou a porta e voltou para o sofá se perguntando se tinha imaginado o som.

Outra batida.

Desta vez, ela não disse nada enquanto se virou, caminhou até a porta, abriu-a e...

— Isso vai ser $ 75,80. — Um homem vestindo a famosa camisa de entregador de pizza do Black Jack disse com um sorriso de expectativa com os braços repletos de pizza e as pequenas caixas que eram normalmente utilizadas para aperitivos.

— Eu sinto muito, mas acho que você está no lugar errado.

— Eu pago a ele. — A voz profunda familiar que normalmente conjurava fantasias de tacos de beisebol e um bom chute no saco, disse, causando uma reação completamente diferente e inesperada quando veio por trás dela.

Um arrepio a atravessou mesmo enquanto pulava, assustada ao perceber que Danny estava em seu apartamento! Ela provavelmente teria tropeçado e caído de bunda se Danny não tivesse colocado as mãos em seus quadris e gentilmente tirando-a do caminho para que pudesse pagar o entregador. Atordoada, ela só pode ficar ali olhando-o e imaginando como ele tinha entrado sem que ela percebesse. Isso, claro, a trouxe até uma pergunta muito importante.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou, esfregando as têmporas, na tentativa de afastar a enxaqueca que ela sabia que estava por vir.

— Mudando os planos. — Disse Danny, fechando a porta com o pé quando se virou e se dirigiu para seu sofá, parando apenas tempo suficiente para inclinar-se e pressionar um beijo rápido contra seus lábios, pegando-a de surpresa quando disse: — Estou aqui para o nosso encontro.

No momento em que suas palavras se registraram, ele já tinha colocado a comida em uma das mesas e desaparecido na cozinha. Dando um nó em sua cabeça, tinha quase certeza que um deles tinha enlouquecido, ela seguiu atrás dele só para acabar pulando fora do caminho, quando de repente, ele voltou com um pacote de seis Pepsi que ela não se lembrava de comprar, parando novamente e inclinando-se para escovar seus lábios contra os dela, como se tivesse todo o direito.

— Pare de fazer isso! — Ela retrucou, ignorando o modo como seu coração pulava cada vez que ele a beijava e se concentrando no fato de que tinha invadido seu apartamento, o que era claramente insano.

Sua despreocupação não era realmente reconfortante, então voltou para a questão principal.

— Por que você está no meu apartamento?

— Para o nosso encontro. — Ele simplesmente disse e pegou uma fatia bem grossa de pizza coberta de queijo,

almôndegas e cogumelos, sua favorita, e colocou em um prato.

— Isto não é um encontro. — Explicou ela com força antes de acrescentar: — Saia daqui.

— Sim, é. — Disse ele com um encolher de ombros quando entregou-lhe o prato de pizza, lembrando-lhe que ela não tinha comido desde a noite passada, graças a uma decisão insensata para saltar o café da manhã e Matthew ter comido seu almoço. Esse pote de sorvete que ela devorou, realmente não tinha enchido também.

— Realmente não é. — Disse ela andando até o sofá e obrigando-se a colocar o prato em uma pilha de pastas para que ela pudesse gesticular para ele cair fora de seu apartamento.

— Realmente é. — Disse ele em torno de um pedaço de pizza, ignorando seu gesto bastante óbvio quando se sentou no sofá e ficou confortável.

Lutando com um impulso irresistível de chorar ou jogar alguma coisa nele, ela esfregou as mãos pelo seu rosto.

— Olha, eu não estou com vontade de jogar qualquer jogo que você está jogando. Eu tenho um monte de trabalho para fazer esta noite, graças ao seu chefe e o Conselho, de modo que nós...

— Teremos nosso encontro aqui. — Ele terminou para ela com um suspiro e um aceno de cabeça.

Jodi esfregou as mãos pelo rosto, sem absolutamente nenhuma ideia de como lidar com um homem teimoso. Normalmente, quando dizia não a um homem, ele podia até tentar de novo fazê-la mudar de ideia, antes de dar de ombros e seguir em frente. Então, novamente, ela já tinha chegado à conclusão de que Danny não era normal.

— Isto não é um encontro. — Disse ela um pouco mais devagar e mais uma vez, fez um gesto em direção à porta, esperando pacientemente, em vez de gritar para que ele levantasse a bunda do sofá e caísse fora, antes que fosse forçada a fazer algo que exigiria um advogado de defesa, que ela não podia pagar.

— Sim, é. — O bastardo teimoso disse, colocando outro pedaço de pizza na boca.

— Não, não é!

— É.

— Não é!

Ele fez uma pausa para tomar um gole de refrigerante, antes de dizer:

— É, realmente é.

— Oh meu Deus! — Ela gritou. — Que merda está errada com você?

Ele piscou para ela, parecendo adoravelmente inocente e ainda a irritando, mesmo tendo que resistir à vontade de revirar os olhos para ele.

— Nada. Por quê?

— Porque você acha que estamos em um encontro!

— Estamos. — Disse ele, gesticulando para ela se sentar ao lado dele.

— Não, nós não estamos! Pelo amor de Deus, você não gosta de mim! — Ela apontou, sua paciência esgotando rapidamente.

O ardente olhar que ele atirou nela enviou um arrepio quente rasgando seu corpo. Enviou também o desejo de pegar a lata de refrigerante de sua mão e jogá-lo em sua cabeça.

— Eu gosto de você, Sininho, muito. — Ele murmurou, correndo um olhar apreciativo sobre ela.

— Bem, eu não gosto de você! — Ela retrucou, porque, honestamente, ela realmente não poderia lidar com sua merda esta noite.

Ele franziu a testa, parecendo adoravelmente confuso, o que naturalmente a fez se perguntar como um homem que tinha mais de 1,80m de altura e uns 90kg poderia parecer adorável. Ele rapidamente a arrastou para fora de suas reflexões quando perguntou:

—Então por que você concordou em sair comigo?

Ah, era isso!

— Eu nunca concordei em sair com você! — Ela retrucou, fechando a tampa da caixa de pizza, pegando a pilha de caixas e os deixando em seu colo.

Ele suspirou profundamente quando se levantou, colocou as caixas de volta na mesa de café e estendeu a mão para ela. Antes que soubesse o que estava acontecendo, ele a tinha em seus braços e seus lábios estavam pairando a poucos centímetros acima dos dela. Sua expressão era suave.

— Não. — Ele disse com um leve aceno de cabeça quando abaixou, inclinando a cabeça para o lado e dando um beijo na bochecha dela. — Mas você vai.

Capítulo 13

— Ouvi dizer que pula uma geração.

— Isso explicaria. — Disse Trevor quando os três caminharam em torno da biblioteca, tentando ver se alguma estrutura poderia ser salva e reutilizada no novo edifício.

— Explicaria algumas coisas. — Disse Jason quando ele colocou um adesivo laranja em uma ornamentada estante perto da parede, marcando-a como reutilizável.

Danny os ignorou, como vinha fazendo desde que eles chegaram há uma hora, focado no trabalho que ele tinha sido contratado para fazer e na pequena bibliotecária que parecia estar evitando-o. Isso foi bom para ele, já que os fuzileiros navais estavam mais do que prontos para um desafio e ela definitivamente era um desafio, ele decidiu, casualmente rastreando cada movimento dela.

— Você quer um conselho? — Jason perguntou enquanto se ajoelhou para verificar a moldagem que corria ao longo da borda da parede.

— Não. — Ele disse, fazendo algumas anotações em seu iPad enquanto ignorava seus primos.

Trevor suspirou pesadamente.

— Eu temo que você vai precisar de nossa experiência sobre o assunto, se você quiser conquistar sua futura esposa.

Sem olhar para cima de suas notas, Danny apontou.

— Jason teve de sequestrar Haley para fazê-la se casar com ele e mesmo assim ela só fez isso por pena e Zoe casou com você porque perdeu uma aposta?

Ele ignorou seus suspiros indignados e observou o objeto de seu desejo, enquanto ela se inclinou para montar outra caixa e teve de reprimir um gemido. Deus, ela tinha uma bunda maravilhosa. Uma semana atrás, ele teria sido capaz de ignorá-la e concentrar-se no trabalho, mas depois daquele dia no chuveiro... porra.

Ao longo dos anos, ele tinha visto o seu quinhão de mulheres nuas e enquanto algumas o tinham deixado duro e ofegante, ele nunca tinha reagido desta maneira para qualquer uma delas. Ele não conseguia parar de pensar nela ou o quão bom foi passar as mãos sobre ela, antes que a dor disparasse através dele e, eventualmente, suas mãos ficassem dormentes. Mesmo depois de ter perdido toda a sensibilidade das mãos, ele ainda apreciou a experiência. Apenas observar suas mãos correndo sobre a pele lisa e macia o tinha deixado hipnotizado. Mesmo a dor que ia e vinha não tinha sido capaz de tirar-lhe o prazer em tocá-la. A dor o impediu de mostrar a ela o quanto gostava de ver suas mãos sobre ela, mas não tinha sido suficiente para contê-lo de imaginar mais.

— Precisamos ter este edifício inventariado antes de amanhã. — Disse ele, forçando seus pensamentos longe de

Sininho e todas as coisas que gostaria de fazer para tornar sua pequena vizinha mais dócil.

Jason balançou a cabeça enquanto olhava suas anotações.

— Eu vou verificar o porão e ver se eles estão prontos para começar a mover tudo.

— Eu vou começar a verificar as portas e tudo o mais que o Conselho pretende reutilizar. — Trevor disse, dando-lhe um olhar aguçado, antes de desviar o olhar para onde Sininho se levantou, olhando para baixo, para a área de transferência em suas mãos enquanto tentava fingir que ele não estava lá.

Bem, ele não poderia permitir isso agora, poderia?

****

O idiota arrogante, com aquele brilho no olhar, ladrão de pizzas, provocador, beijoqueiro, estava caminhando em direção a ela, mais uma vez. Durante toda a tarde e a maior parte da manhã, ele estava fazendo tudo em seu poder para deixá-la louca! Em todos os lugares que ela ia, ele seguia. Toda vez que olhou por cima do ombro, ele estava lá, observando-a com um sorriso maroto que normalmente fazia suas mãos tremerem com a necessidade de esganá-lo, mas agora...

Agora, ela não tinha nenhuma ideia do que ele pretendia.

Ele estava enlouquecendo-a e não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Parecia que Danny Bradford era o encarregado de reconstruir a biblioteca, algo que ela realmente gostaria de ter sabido antes de concordar em trabalhar neste verão. Ok, então ela não teve muita escolha, já que precisava do dinheiro para pagar a dívida ao seu ex namorado caloteiro, mas ainda...

Um aviso de que ficaria o verão inteiro presa com a amargura de sua existência, teria sido bom, especialmente porque ele parecia decidido a deixá-la louca. Ela não sabia que tipo de brincadeira era essa, mas ele definitivamente estava brincando com ela. Era a única explicação que tinha para o fato de Danny ter começado a atormentá-la e a agir como se não desejasse nada mais do que arrancar suas roupas e devorá-la.

O que ela tinha de errado, porra?

Jodi não tinha tempo para ele ou seus joguinhos. Tinha um trabalho a fazer, uma dívida insana, que não era dela na verdade, e absolutamente nenhuma ideia de como lidar com um homem como Danny Bradford. Isto estava além do seu entendimento, sabia muito bem disso, pelo menos.

— O que você está fazendo, Sininho? — Ele perguntou quando parou ao lado dela, parecendo relaxado, arrogante e incrivelmente bonito.

Sim, definitivamente além do seu entendimento.

— Procurando minhas chaves. — Disse ela, dobrando seus esforços para encontrá-las.

— Você quer alguma ajuda? — Ele se encostou preguiçosamente na parede.

— Não, obrigada. — Respondeu, querendo saber quando teria uma trégua.

Cinco minutos mais tarde, depois de procurar em sua mesa e bolsa pela terceira vez, decidiu que hoje não era seu dia, definitivamente. Essa conclusão foi confirmada um minuto depois, quando pegou sua bolsa, resmungou um boa noite para Danny e dirigiu-se para as portas da frente, só para descobrir que, em algum momento durante sua busca louca pelas chaves, tinha começado a chover. Bem, tempestade era realmente uma descrição mais adequada, voltou para a sala e pegou o telefone.

Dez telefonemas e vinte mensagens mais tarde, estava xingando todos os seus amigos. Eles estavam todos no trabalho ou tentando chegar ao trabalho e não poderiam buscá-la. Por um momento olhou para o telefone, perguntando-se se deveria ligar para seu pai e, em seguida, decidiu que não. Do jeito que as coisas estavam, só um dos sorrisos de seu pai iria levá-la ao colapso e finalmente admitir que não estava tão bem. Ela não queria que seu pai tivesse que arcar com suas responsabilidades. Ele teve o bastante ao longo dos últimos anos sem ter que adicionar seus problemas à lista.

— Precisa de uma carona? — O homem que ela desejava desesperadamente parar de pensar, perguntou.

Jodi olhou para fora, à procura de qualquer sinal que a chuva iria passar e ela pudesse fazer a caminhada de cinco quilômetros para casa sem o risco de afogamento, mas não parecia que iria acontecer. Quando viu uma lata de lixo sendo arrastada pela rua com a chuva, percebeu que tinha que tomar uma decisão. Ela poderia ficar aqui à procura de suas chaves esperando a chuva passar, chamar um táxi e torcer para ele aceitar um sorriso e um agradecimento como pagamento, já que ela estava sem dinheiro, ligar para o seu pai, ou poderia aceitar a carona do homem que a estava deixando louca.

Fechando os olhos e suspirando em derrota, decidiu que o melhor seria aceitar a oferta.

— Eu definitivamente poderia aceitar uma carona. — E selou seu destino.

****

— Alguma sorte? — Ele perguntou, segurando o riso, enquanto observava Sininho tentar arrombar a fechadura.

Por um minuto ele considerou mencionar o conjunto de chaves reserva, empoeirando em sua sala, que Trevor tinha deixado com ele no caso de alguém ficar preso fora de seu apartamento, mas desistiu quando Sininho começou a

murmurar carinhosas ameaças de violência para a porta do apartamento. A forma como sua bunda balançava sedutoramente enquanto tentava arrombar a fechadura pode ter influenciado sua decisão de ficar lá e de boca fechada.

— Tem certeza que você não sabe como fazer um arrombamento? — Perguntou ela, fazendo careta de concentração e mexendo no clipe de papel que usava para abrir a fechadura.

— Sim. — Ele mentiu, observando como seu bumbum redondo balançava para frente e para trás e para a frente...

— Isso não está funcionando. — Ela resmungou amargamente, se levantando e apoiando as mãos nos quadris, parecendo um pouco sexy.

— Você quer tentar o telefone de novo? — Perguntou ele, sabendo que não faria a menor diferença.

Até o fim da noite, Sininho era toda dele e usaria cada minuto para convencê-la a dar-lhe uma chance, apesar do fato dele ser um idiota. Primeiro, porém, ele teria que esperar Sininho chegar à conclusão de que não havia nada, nem ninguém vindo para salvá-la de seu destino.

Ela era sua.

— Não, eu já deixei a todos um milhão de mensagens. Eles vão ligar em breve. — Disse ela, cruzando os braços sobre o peito, enviando a porta da frente um olhar de ódio.

— Tenho certeza de que você está certa. — Ele disse, fazendo o seu melhor para manter uma cara séria.

Sua expressão tornou-se determinada quando se virou para encará-lo. — Eu vou tentar entrar por uma das janelas. — Disse ela, como se fosse uma ótima ideia e saindo para pô-la em prática.

— Isso parece um bom plano. — Disse ele, sem se preocupar em contar que seu primo não havia poupado gastos para se certificar de que todas as portas e janelas neste edifício fossem feitas de construção sólida, com fechaduras antirroubo, que seriam capazes de aguentar uma determinada e sexy bibliotecária.

Virar as costas para Jodi e entrar em seu apartamento parecia errado, mas forçou-se a fazê-lo, sabendo que era a única maneira de ganhar sua atenção esta noite. Se ela achasse, por um segundo, que havia uma possibilidade de escapar de sua presença, continuaria procurando maneiras durante o resto da noite, o que não funcionaria para ele. Queria sua atenção exclusiva, pois iria fazer algo que nenhum outro Bradford tinha feito antes dele, pelo menos não de propósito.

Ele iria seduzir uma mulher.

Capítulo 14

— Filho da puta!

Talvez esta não tenha sido uma ideia tão boa, pensou. Então, deixou cair o punho erguido, prestes a bater na porta de Danny e deu um passo atrás. Talvez haja outra solução? Se perguntou, olhando para a porta da frente enquanto contemplava os prós e os contras de tentar arrombar a janela de novo.

Depois de um minuto, chegou à conclusão de que ficar na tempestade tentando arrombar uma janela não seria melhor. Isso a deixou com duas opções, sentar-se no corredor e pegar um resfriado ou pedir a ajuda de Danny, uma toalha seca e correr o risco de perder o que restava de sua sanidade.

— Oh, seu filho da puta! — Veio o grito de Danny, tomando a decisão por ela.

Demorou um pouco, mas conseguiu encontrar um local bastante confortável no chão perto de sua porta. Levantou os joelhos até o peito, colocou os braços trêmulos em torno deles e ignorou o lamaçal se formando contra o tapete áspero, tentando ficar confortável fechou os olhos. Tinha sido um dia muito longo e tudo o que queria fazer era entrar em seu apartamento quente e seco, mergulhar em um banho quente, vestir sua camiseta favorita, assistir um filme e conseguir

uma boa e gorda dose de sorvete de Ben e Jerry, mas não parecia que isso fosse acontecer tão cedo.

Então, em vez disso, ela se resignou a sentar ali no hall, perguntando-se se este dia poderia ficar pior. Sua resposta veio de uma fonte inesperada, deixando-a saber que sim, seu dia poderia ficar muito pior.

Muito pior...

****

Danny olhou para a bagunça queimada fervendo na pia da cozinha, querendo saber onde tinha errado.

— Tanto trabalho por um jantar romântico. — Disse ele, arquejando de nojo quando voltou para a geladeira e pegou um quilo de queijo, jogou sobre o balcão, juntamente com um pedaço de pão. — Queijo grelhado então.

Isso ficaria bom. Ele ainda tinha algumas outras cartas na manga. Ele entrou em sua sala de estar.

— Oh, merda! — Ele agarrou um travesseiro do sofá e começou a bater as chamas lambendo as cortinas. Sua cortina, travesseiro, parede e até a janela ficaram em ruínas, ia levar um fim de semana e um monte de dinheiro para consertar isso tudo.

— Caralho! — Disse ele, jogando o travesseiro em ruínas no chão ao lado da poça de cera que marcou o lugar de descanso final de seus sonhos para uma noite romântica.

Isto era muito mais difícil do que ele pensava. Talvez devesse apenas aceitar e pegar o caminho mais fácil com um bom restaurante.

— Por favor, pare! — Veio o estridente grito de uma mulher.

O som de terror de Jodi o fez pular sobre o sofá e atravessar a sala em segundos. Escancarou a porta, pronto para rasgar quem estava atacando a única mulher para ele, mas parou abruptamente quando avistou Sininho sentada na frente dele, ilesa e parecendo indecisa entre diversão e horror, enquanto observava dois de seus primos garantindo mais um banimento aos Bradfords em outro restaurante.

— Ajude-me! — O homem vestindo um uniforme do Restaurante Jack Black gritou histericamente enquanto seus primos se amontoavam em cima dele tentando chegar primeiro às pizzas.

Sacudindo a cabeça em desgosto, ele caminhou pelo corredor, agarrou o homem da entrega soluçando no chão pela parte de trás de sua camisa e empurrou-o em direção à porta, enquanto seus primos continuaram a lutar pela pilha de caixas de pizza The Monster. Sua obsessão por comida era patética, pensou com um suspiro de desgosto quando se abaixou e pegou a pilha. Voltou para o seu apartamento, parando apenas o tempo suficiente para estender a mão e

ajudar a mulher horrorizada aos seus pés e lhe dar um empurrãozinho em direção ao seu apartamento. Quando estavam lá dentro, fechou a porta atrás de si, deixou cair as caixas de pizza na mesa de café e anunciou:

— O jantar está servido. — Com um suspiro de satisfação.

****

— Você não pode proibir todos nós!

— Isso é besteira!

— Eu não estava nem em casa!

— Vocês fizeram um homem adulto chorar! — Alguém, provavelmente o policial, gritou.

— Quando isso vai acabar? — Jodi perguntou a ninguém em particular enquanto esfregava as têmporas.

— Provavelmente não por um tempo. — Danny admitiu, soando estranhamente derrotado, sentado ali, olhando para a destruição que uma vez tinha sido sua sala de estar.

— Provavelmente não. — Ela murmurou de acordo, enquanto olhava ao redor da sala e observava o dano.

Ela passou o dedo pelos restos da mesa de café, ainda espantada com o tamanho do estrago que três homens lutando por uma pizza poderiam fazer. Danny e ela mal

tinham entrado no apartamento quando a porta explodiu aberta e seus primos e ele começaram a lutar.

A porta estava caída no chão, a mesa do café em pedaços, a televisão destruída, a grande cadeira de couro, que parecia muito confortável, estava em três pedaços, uma janela quebrada e cinco buracos muito grandes e muito visíveis estragavam as paredes da sala de Danny e apenas um minuto tinha passado.

— Eu vou precisar consultar a previsão do tempo. — Disse Danny, chamando sua atenção.

— A previsão do tempo, por quê?

Ele suspirou profundamente quando se levantou e estendeu a mão para ela.

— Para o nosso encontro.

— Nosso... encontro? — Ela perguntou lentamente, imaginando se ele teria batido a cabeça quando seus primos o atacaram.

Ele acenou com a cabeça quando estendeu a mão e segurou a dela.

— Temo que terei que me mudar por uns dias. — Disse ele, levantando-a.

— Mudar...

— Mmmhmmm. — Ele murmurou, entrelaçando os dedos nos dela, erguendo as mãos e dando um beijo na parte de

trás de sua mão. — Apenas um ou dois dias para resolver isso.

— Um ou dois dias. — Ela repetiu entorpecida, olhando a destruição ao redor.

— Você vai repetir tudo o que eu digo? — Ele perguntou provocando com um pequeno sorriso sexy, que a fez pensar novamente em lesão cerebral.

— Sim. — Ela disse, balançando a cabeça enquanto permitia que ela a levasse para a porta do apartamento. Danny foi forçado a soltar sua mão para que pudesse pegar a porta e movê-la de lado para que fossem ao corredor, onde seus primos ainda estavam discutindo com os policiais e o gerente do Black Jack. — E isso não era um encontro.

— Era sim. — Disse ele, enfiando a mão no bolso e puxando um chaveiro.

— Você roubou as minhas chaves? — Ela perguntou quando ele destrancou sua porta.

— Claro. — Disse ele, sorrindo.

— Uau... — Disse ela, balançando a cabeça em descrença. — E por que exatamente você fez isso?

— Parecia necessário no momento. — Disse ele timidamente.

— Uh huh — Disse ela, olhando para ele enquanto tentava dar sentido a este homem. Depois de um minuto, decidiu que era simplesmente impossível e desistiu.

— Eu estou indo para a cama. Tenha uma boa noite. — Falou, de repente sentindo-se exausta.

— Boa noite, Sininho. — Foi a resposta que teve. Balançou a cabeça resistindo à vontade de lembrá-lo que o seu nome não era Sininho, estava muito cansada para discutir com ele agora.

Ela entrou em seu quarto, pegou seu par de calças de moletom favorito, uma camiseta e foi para o banheiro. Tirando a roupa ao longo do caminho, jogando-as de lado enquanto se dirigia para o seu santuário. Cinco minutos mais tarde, estava imersa num banho quente, saboreando o calor úmido penetrando em seus ossos e o aroma de lavanda em torno dela. Fechou os olhos e fantasiou que vivia num mundo onde os homens não abandonavam suas noivas no dia antes de seu casamento, destruindo o seu crédito, roubando suas economias de vida, humilhando-as, deixando-as desamparadas e sem emprego, com nenhuma outra escolha a não ser se mudar para o prédio de um sexy ex-marinheiro, que um dia a irritava e no próximo a olhava como se quisesse devorá-la.

Nesta fantasia, ela ainda tinha seu trabalho no museu e a promoção que Jerry havia lhe roubado pelas costas. Seu crédito ainda era perfeito, sua conta bancária saudável e seu maior problema, era decidir entre dormir no fim de semana ou passar o dia lendo, encolhida no sofá. Ela jamais aceitaria o convite de Jerry para o café, teria visto o mau caráter que

ele realmente era. As coisas estariam da maneira que deveriam ser.

Mas muito rápido, foi forçada a voltar à realidade. Sua água do banho esfriando, estava exausta e tudo o que queria fazer era engatinhar na cama e fingir que levantar às seis da manhã tinha sido sua escolha. Bocejando, estendeu a mão e puxou a tampa da banheira, estremecendo com o vento frio que bateu em seu corpo. Tremendo se levantou e pegou uma toalha, se secou rápido, ansiosa para rastejar em sua cama quente.

Contendo outro bocejo, vestiu-se e abriu a porta do banheiro. Ela não podia esperar...

— Comédia romântica ou um filme de terror? — O filho da mãe descansando em sua cama ao lado de uma bacia de pipoca gigante, perguntou enquanto ela ficava ali, olhando em silêncio para ele, tentando entender o que estava vendo.

Isso não poderia estar acontecendo.

Só não podia...

Fechou os olhos, contou até dez e abriu, apenas para fechá-los novamente, contando até cem, rezando para que ele ficasse com pena dela e saísse do seu apartamento antes que abrisse os olhos de novo. Não, ainda não, ela percebeu quando abriu os olhos para encontrá-lo segurando dois DVDs e enviando-lhe um sorriso incrivelmente sexy.

— Você precisa ir embora. — Disse ela, ignorando seu sorriso quando fez um gesto para ele dar o fora do apartamento.

Ele suspirou profundamente e jogou os DVDs de lado.

— Você está cancelando outro encontro.

— Outro encontro... — Repetiu, percebendo que estava começando a soar como um papagaio graças a ele.

Ele balançou a cabeça, parecendo um menino quando explicou:

— Nosso terceiro encontro.

— Nosso terceiro encontro... — Repetiu mais uma vez, perguntando-se como perdeu o primeiro e segundo encontro, mas não precisou esperar por muito tempo.

— Nosso primeiro encontro ontem à noite quando você me expulsou para o trabalho e mais cedo esta noite, quando tivemos que pausar o nosso jantar por causa do... incidente. — Disse ele encolhendo os ombros, como se essa experiência horrível que ela sobreviveu não fosse grande coisa.

— Aqueles não eram encontros. — Ela esclareceu entredentes. — E nem este.

— Uau. — Disse ele, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. — Eu não posso acreditar que você continua me enrolando.

— Eu nunca te enrolei!

— Nem todos os homens aceitam isso, Sininho. — Disse ele num tom de repreensão quando desceu da cama.

— Meu Deus! Você está louco?

— Provavelmente. — Veio a resposta indiferente enquanto caminhava até ela e segurava seu rosto em sua mão grande e quente, acariciou sua bochecha com a ponta do polegar. — Agora, por que você não me diz por que está com medo de mim?

Capítulo 15

— Eu-eu não estou com medo de você. — Jodi argumentou, afastando-se dele.

Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto a considerou.

— Não, você não está. — Murmurou baixinho. — Mas você tem medo do que está acontecendo entre nós.

Ela bufou.

— Não há nada acontecendo entre nós.

— Sério? — Ele perguntou, aproximando-se.

— Realmente. — Disse ela com firmeza e ele teria acreditado nela, exceto que não queria. Ele se recusou a acreditar que esta atração insana que estava sentindo fosse unilateral.

— Então prove. — Disse ele, aproximando-se até que restasse apenas alguns centímetros separando-os.

— Eu não preciso provar nada. — Disse ela com um suspiro cansado, passando por ele e indo para a cama.

— Então por que você está fugindo? — Ele perguntou, observando-a pegar a grande tigela de pipoca e a colocar sobre o criado-mudo.

— Eu não estou fugindo. — Disse ela, suspirando pesadamente quando puxou as cobertas e deitou.

— Então o que você está fazendo?

— Indo para a cama. — Disse ela e com isso se virou e se enrolou.

— Você está com medo de homens. — Disse ele, sentando na cama do seu lado.

— Não. — Ela disse, se afastando dele. — Eu não estou.

— Uh huh — Ele não acreditou nela, estendeu a mão e suavemente varreu seus longos cabelos de volta para seu travesseiro.

— Sim, isso explicaria porque a maioria dos meus amigos são caras. — Ela falou lentamente, dando um tapa na mão dele.

— Eu entendo. — Disse ele, porque entendia mesmo. Tudo fazia sentido agora, os comentários que ela fez enquanto estava sob efeito do Benadryl, sua reação a ele e sua escolha de amigos. — Você tem medo de sexo. — Ele deixou escapar antes que o senso comum assumisse e o fizesse manter a boca fechada.

— Eu não tenho medo de sexo! — Ela retrucou, sentando-se para encará-lo. — Olha, estou cansada. Eu não sou o tipo de pessoa que gosta do sexo, ok? Você está feliz agora? — Perguntou ela com raiva e foi nesse momento que ele decidiu que já tinha ferrado tudo, então por que não continuar falando?

— Você não tem absolutamente nenhuma ideia disso, porque estava com um homem que não sabia como agradar uma mulher na cama. — Ele disse.

Sua boca se mexeu, mas nenhum som saiu quando ela registrou suas palavras e ele percebeu algo muito importante. Ela não se lembrava do que havia dito a ele na outra noite. Bem, se Jodi não estava chateada com ele antes, ela definitivamente estava agora. Então, realmente não havia sentido em pedir desculpas, neste ponto, não quando já tinha estragado todas as chances com ela. Não que ele realmente teve alguma, percebeu.

— Olha, os homens simplesmente não são atraídos por mim. Eles saem em um encontro comigo e antes mesmo que os petiscos cheguem eles começam a olhar para mim como se eu fosse a doce irmã que nunca tiveram, mas de repente, percebem que gostariam de ter. Nunca vai haver qualquer coisa entre nós, porque mais cedo ou mais tarde você vai perceber, como qualquer outro cara antes, que eu não sou o tipo de garota que deixa um homem louco de paixão.

Ele piscou para ela, apenas piscou, porque realmente o que havia para dizer?

Exceto, talvez...

— Você é uma idiota.

****

— Que porra é essa? — Danny perguntou quando Jodi acertou seu rosto com um travesseiro.

— Eu sou uma idiota? — Ela perguntou, puxando o travesseiro de volta e com outro balanço, acertando a cara dele de novo, antes que ele conseguisse agarrar o travesseiro dela.

— Eu sou o idiota? — Ele perguntou, jogando o travesseiro de lado.

— Sim! — Ela sussurrou, pegando outro travesseiro.

— Sério? — Ele calmamente perguntou quando a pegou e colocou no colo, ajustando-a até que estava sentada de lado, com as pernas penduradas sobre as dele. Ele passou os braços frouxamente ao redor dela, mas ficou claro que não ia permitir que se movesse.

— Realmente! — Ela disse, tentando afastar seus braços, mas ele simplesmente ignorou e os deixou onde estavam.

— Você tem me rejeitado o tempo todo, porque acha que eu não estou realmente atraído por você. — Ele meditou com um aceno triste de sua cabeça e uma risada sem humor.

— Todo esse tempo... — Ela repetiu lentamente, balançando a cabeça em descrença. — Você só começou com essa ideia estúpida de encontro há poucos dias!

— Verdade. — Ele murmurou, inclinando-se para que pudesse escovar os lábios ao longo de sua mandíbula, assustando-a. — Mas, eu definitivamente não vejo você como uma irmã mais nova. — Disse ele com uma risada quando

apertou os braços em volta dela e puxou-a para mais perto, para que ela pudesse sentir...

— Oh meu Deus! — Ela sussurrou com um suspiro sufocado.

— Definitivamente. Não. Como. Irmã. — Disse, destacando cada palavra, ele virou a cabeça e deu um beijo em seu pescoço, roubando sua capacidade de falar ou pensar.

— Então. — Continuou pressionando beijos ao longo de seu pescoço e mandíbula. — Por que não terminamos nosso encontro e, no final da noite, você me deixa mostrar-lhe o quão agradável um beijo de boa noite pode ser?

****

— Que merda aconteceu? — Ele perguntou enquanto ficava ali, olhando para a porta e se questionando onde tinha errado.

Ele teve Sininho em seus braços, segurando-a, roçando seus lábios contra sua pele macia e dizendo as coisas certas num minuto e no próximo...

Tinha sido expulso sem a menor cerimônia, a bacia de pipoca empurrada em suas mãos e a porta fechada em seu rosto. Ela até o ignorou quando ele pediu um beijo de boa noite. Ficou lá por mais um minuto até que aceitou o fato de

que ela não ia voltar e percebeu que estava começando a parecer um idiota em pé ali na porta.

— Merda. — Ele murmurou, esfregando a parte de trás do pescoço enquanto, relutantemente, se virou e voltou para seu apartamento.

Ele parou na frente de sua porta quebrada tempo suficiente para pegá-la e encostá-la no batente, fazendo uma nota mental para consertar amanhã, juntamente com sua parede e móveis. Filhos da puta gananciosos, pensou ele, balançando a cabeça em desgosto quando chutou um pedaço do que restava da sua sala em seu caminho para o banheiro.

O que diabos estava errado com ele? Não podia parar de pensar, enquanto se forçou a ficar debaixo da água gelada dez minutos depois. A primeira mulher por quem tinha sido atraído, desde que acordou do coma, não estava interessada nele. Ela não o desejava, não gostava dele e ele foi idiota demais para não perceber mais cedo. Provavelmente deveria seguir em frente, mas...

Ele não ia desistir, mas iria se afastar por alguns dias e começar tudo de novo, decidiu. Fechou a água e saiu do chuveiro, pegando uma toalha. Se obrigou a manter suas mãos para si mesmo, ele levaria seu tempo para conhecê-la, mas mais importante que isso, daria a ela a chance de conhecê-lo. Ele tinha fodido tudo, feito uma primeira impressão horrível e tinha assustado Sininho.

Iria matá-lo tentar ir devagar, mas tentaria mesmo assim, decidiu, resignando-se a mais chuveiros frios no futuro. Ele

se arrastou na cama e puxou o lençol sobre seu colo, ignorando a maneira que o lençol de algodão escovava sobre sua ereção. Ele cruzou os braços atrás da cabeça e ficou olhando para o teto. Iria matá-lo manter suas mãos para si mesmo, mas não havia outro jeito, porque ele tinha um novo plano de ataque.

Ainda estava pensando em cortejá-la, mas agora teria que ser sutil sobre isso. Ele daria a ela alguns dias para se acalmar e quando ela estivesse mais receptiva, ele iria se aproximar, começando com conversa fiada, café, bebidas depois do trabalho e quando ela finalmente baixasse a guarda, ele atacaria.

Por enquanto iria esperar o momento certo.

Ele poderia...

— Sininho? — Perguntou, sentando-se ao vê-la de pé em frente ao seu quarto. — Está tudo bem?

— Eu preciso saber uma coisa. — Disse ela, enquanto brincava com as pontas do cinto de seu robe de algodão, deslocando-se nervosamente enquanto olhava em qualquer lugar, menos para ele.

— O quê, querida? — Perguntou, recostando-se contra a cabeceira, mesmo que tudo nele exigisse para sair da cama, puxá-la em seus braços e se certificar de que estava bem.

— Eu preciso saber se você está brincando comigo?

Em seu olhar vazio, ela suspirou.

— Eu só quero saber se isto é um jogo para você. — Ela esclareceu.

— Não. — Ele disse, balançando a cabeça: — Eu não estou brincando com você.

— Então, de repente você está interessado em mim? — Ela perguntou, olhando para cima e encontrando seu olhar de frente.

— Muito.

— Por quê?

— Por quê? — Ele perguntou, sem saber onde ela estava tentando chegar.

Ela revirou os olhos com um suspiro exasperado como se fosse óbvio.

— Por que você, de repente, está interessado em mim?

— Gostaria da resposta educada ou a verdade?

Franzindo a testa, ela lentamente disse:

— A verdade?

A resposta educada, provavelmente, teria sido uma melhor escolha, mas...

Mas que se foda.

— Você tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça uma vez, com firmeza.

Dando de ombros, ele admitiu:

— Porque eu não posso parar de fantasiar sobre você. Eu não posso entrar em uma sala sem pensar em, pelo menos, uma centena de maneiras de foder você nela. Não posso parar de fantasiar sobre como seu corpo iria se sentir contra o meu, o quão duro seus mamilos ficariam na minha boca, como seria bom o gosto da sua pele na minha língua, como seria a sensação de passar as mãos em cima de você, como seria me sentir deslizar dentro de você, o quão molhado você estaria quando eu...

— Ok, entendi! — Disse ela, interrompendo-o ruborizada e... era um sorrisinho satisfeito que ela estava tentando esconder? — Por que não tenta a resposta educada agora?

— Tudo bem. — Disse ele com um encolher de ombros. — Eu gosto de você, Sininho. Eu me sinto atraído por você e quero te conhecer melhor.

Ela assentiu com a cabeça distraidamente.

— Isso é só sobre sexo?

— Não. — Ele disse suavemente, observando a reação dela.

— Então... o que você quer? — Ela perguntou, erguendo uma sobrancelha.

Danny pensou nisso por um momento. Ele queria abraçá-la, beijá-la, fazer amor com ela, irritá-la para que ele pudesse ver esse pequeno olhar assassino bonito dela, ele só queria...

— Uma chance. — Ele respondeu. — Apenas uma chance.

Capítulo 16

— Eu não posso fazer isso. Sinto muito. — Disse Jodi, engolindo nervosamente enquanto se afastou dele.

— Não vai doer. — Disse Danny, estendendo a mão para impedi-la de fugir e ela queria desesperadamente fugir, segurando-lhe a mão e dando-lhe um aperto reconfortante.

— Você é um filho da mãe! — Ela cuspiu, puxando o braço para trás e apontando para o homem Hulk que estava atualmente encolhido no chão, choramingando pateticamente por sua mamãe. — Ele, com certeza, parece ferido para mim!

Dando-lhe um sorriso incrivelmente sexy que a fez estreitar os olhos, ele disse:

— Ele está bem, Sininho.

Ela voltou seu olhar para o homem que agora estava chorando abertamente e depois para Danny, que estava lá, usando equipamento militar manchado com tinta velha, uma pistola de paintball jogada por cima do ombro, vários cartuchos de tinta amarrados dos lados, por cima dos ombros e aquele sorriso sexy que ele usou em seu apartamento esta manhã, quando apareceu em sua porta vestido como Rambo.

— Diga-me que não vai doer. — Disse ela, desafiando o safado a mentir para ela.

— Apenas uma pequena picada. — Disse Danny, pegando a segunda arma de paintball e entregando a ela.

— Nós não podemos fazer outra coisa? — Perguntou, soando como uma covarde e não realmente se importando.

— Não. — Ele simplesmente disse, pegando-a pelos ombros. Virou-se e deu-lhe um empurrão suave em direção à pista de obstáculos, onde homens adultos corriam atirando um no outro com balas de tinta. — Você disse que eu poderia escolher o nosso primeiro encontro.

— Mas...

— Mas vai ser divertido, eu prometo. — Disse ele, dando-lhe um outro pequeno empurrão quando ela travou.

— Mas...

— Eu vou deixar você escolher o restaurante se isso vai fazer você se sentir melhor. — Disse ele, continuando a empurrá-la em direção a sua desgraça.

— Não, realmente não. O que me faria sentir melhor é se talvez, nós pudéssemos ir e fazer outra coisa? Um filme? Zoo? Museu? Voltar para a minha casa para uma tarde de sexo sem parar? — Sugeriu ela, só meio brincando sobre o último, quando estendeu a mão e empurrou o capacete de segurança de volta no lugar.

Ok, então talvez ela estivesse sendo completamente honesta sobre o último, mas o bastardo gigante empurrando-a em direção a sua condenação estava determinado a irem lentamente. Ontem à noite, quando ele saiu de sua cama,

completamente nu e excitado, muito excitado, ela esperava que ele a levasse para a cama e lhe mostrasse como o sexo era para ser. Em vez disso, ele a beijou suavemente, colocou um par de calças de moletom, segurou-lhe a mão e levou-a de volta ao seu apartamento, onde ele deu a ela outro beijo de boa noite e prometeu que iria ligar para ela de manhã.

Ele tinha mentido.

Não tinha ligado, mas aparecido no início da madrugada com café e donuts e um sorriso sexy. Surpresa e secretamente satisfeita, ela rapidamente colocou um par de jeans e uma camiseta. O caminho inteiro até aqui, ele segurou sua mão, acariciando as costas de sua mão com o polegar enquanto conversavam, provavelmente tentando deixá-la confortável. Havia funcionado, isto é, até que ele parou no estacionamento improvisado na arena de paintball ao ar livre. Foi quando ela começou a sugerir outras alternativas de encontro, ao invés de ser perseguida por um bando de homens psicóticos atirando uns nos outros com pequenas bolas redondas.

Ele riu.

Filho da puta!

Danny suspirou, desistindo da suavidade e pegando a mão dela puxou-a para um grande portão marcado.

— Entre. — Seus olhos se deslocaram para longe do sinal de entrada e pararam no sinal muito grande, muito detalhado, que era mais alto do que ela e anexado à cerca de

arame. Jodi começou a ler os avisos e imediatamente desejou que não tivesse.

— Se isso não é perigoso, então por que existem mais de cinquenta advertências sobre a morte e mutilação acidental? — Ela perguntou, abraçando a arma com força contra o peito, ele ignorou suas preocupações e continuou a puxá-la para uma barreira improvisada.

— Fique de joelhos, Sininho. — Danny disse quando eles tinham chegado à barreira.

Tremendo, ela fez o que ele pediu, apenas a tempo de uma saraivada de balas de paintball, de repente, voarem para eles, batendo na barreira com vários golpes altos. Resistindo ao impulso natural para correr de volta para a entrada e para a segurança da sala das mulheres, onde ela planejava, secretamente, ficar durante as próximas duas horas, ela ficou lá enquanto Danny, metodicamente, explicava como disparar a arma, como usar seus arredores para vantagem e o que fazer se fosse atingida.

Infelizmente para ela, estava muito ocupada ouvindo os sons de bolas que atingiam em torno dela e os sons de homens adultos correndo e gritando ordens, mas não foi o suficiente para esconder os sons de pessoas sendo atropeladas e chorando. Sim, isso realmente não era para ela.

— Danny... — disse ela, lambendo os lábios nervosamente. — Eu...

— Fique aqui e conte até dez, então siga-me. — Disse ele, cortando-a antes que ela pudesse dar a ele uma desculpa para sair. — Fique aí e atire em qualquer um usando um capacete azul ou faixa de braço.

— Mas...

— Você vai ficar bem. — Disse ele, cortando-a mais uma vez, mas desta vez, adicionando um beijo rápido que a deixou atordoada. — Lembre-se de ficar abaixada.

E com isso, ele tinha ido embora e ela ficou ajoelhada no chão, atrás de uma barreira de madeira no meio da mata, sendo procurada por um bando de homens psicóticos que usavam braçadeiras azuis.

Mordiscando o lábio inferior, ela olhou melancolicamente sobre o ombro para a entrada. Ela podia esperar por ele pelas portas, decidiu, já ficando de pé quando alguém gritou:

— Entrada. — E seu mundo foi transformado em vermelho e azul.

****

— Vocês estão banidos! — Gritou o gerente, pegando-o de surpresa, não porque ele nunca tivesse ouvido essas palavras antes, era um Bradford afinal de contas, mas pelo motivo do banimento.

— Você está brincando comigo? — Sua pequena Sininho exigiu, mexendo loucamente por cima do ombro para se libertar. — Você vai me banir porque alguns fracos reclamaram?

— Você fez mais de vinte homens chorarem! — O gerente gritou, gesticulando em direção ao grupo de homens de pé pelo posto de primeiros socorros, reclamando e lamentando-se sobre as suas lesões e o fato de que sua pequena Sininho tinha ignorado sua rendição e continuou atirando.

Droga, ele estava orgulhoso!

— Se eles não podiam aguentar isso, então não deviam ter entrado por aquelas portas! — Sua pequena guerreira gritou, fazendo-o sorrir e deixando o gerente de queixo caído.

— Saia! — Gritou o gerente, quando conseguiu superar seu choque.

Danny considerou discutir com o gerente, mas ele sabia, apenas de olhar, que o homem estava a menos de trinta segundos de correr e chamar a polícia. E já que ele não queria desperdiçar seu encontro respondendo às autoridades, apertou os braços ao redor das pernas de Sininho e afastou-se, sorrindo imensamente quando sua pequena guerreira começou a insultar todos os homens que saltam para fora de seu caminho.

****

— Você está realmente fazendo beicinho?

— Não! — Ela murmurou, cruzando os braços sobre o peito enquanto olhava para frente. Ela não estava fazendo beicinho. Estava justificadamente chateada.

— A proibição não vai sujar seu registro, então eu não me preocuparia com isso. — Danny explicou enquanto ia em rumo à Parker Street.

— Eu não estou preocupada com isso. — Ela murmurou, olhando para a frente.

— Então por que você está chateada? — Perguntou Danny, parecendo se divertir.

— Porque eu deveria ter vencido. — Ela resmungou, pensando em voltar lá para provar isso.

— Você venceu. — Disse ele sem problemas, obviamente, tentando apaziguar suas necessidades sanguinárias.

— Então, por que eles terminaram o jogo? — Ela perguntou, olhando para cima para encontrá-lo sorrindo enormemente. — Isso não é engraçado!

— Não, não, claro que não é. — Disse ele, segurando seu sorriso, mas ela não perdeu como seus lábios se contraíram com diversão.

— Para onde estamos indo? — Ela perguntou, mudando de assunto antes que fizesse algo bobo, como fazer beicinho.

— Eu pensei em almoçar antes do filme. — Disse ele, entrando no estacionamento de uma lanchonete.

— Nós vamos ver um filme? — Perguntou ela, de repente animando-se, não só porque fazia um tempo que tinha ido ao cinema, ou poderia dar-se ao luxo, mas porque tinha pensado que depois de seu... ummm, pequeno colapso, ele gostaria de terminar as coisas mais cedo. A maioria dos caras que ela tinha saído a teriam abandonado até agora. Mesmo Greg a deixaria na casa dela, abalado e desorientado.

— Sua escolha. — Disse Danny, atirando-lhe aquele sorriso que fazia coisas engraçadas para ela e uma piscadela.

— Isso soa bem. — Disse ela, tentando prender o riso. Ela estava em um encontro, um encontro de verdade. Não que nunca tivesse saído com um homem antes, obviamente ela tinha, mas nunca tinha parecido um encontro de verdade antes. Danny não estava tratando-a com indiferença, constantemente verificando a hora, ou até mesmo verificando a mulher realmente bonita andando na frente do carro. Em vez disso, toda a sua atenção estava sobre ela e isso era bom.

Antes que ela pudesse abrir a porta, ele estava lá, abrindo-a para ela e ajudando-a a descer da caminhonete. Ele segurou sua mão e juntos caminharam em direção à lanchonete que estava exalando um delicioso aroma. Ela não tinha percebido o quão faminta estava, até aquele momento, o que naturalmente faz sentido desde que ela passou as últimas três horas construindo um apetite por caçar um bando de bebês chorões na floresta.

— Bem-vindo ao Henry. Como posso... — A dona de casa começou a dizer com um grande sorriso, enquanto caminhavam pela porta só para deixar suas palavras morrerem com uma careta quando seu olhar pousou em Danny.

— Nós gostaríamos de uma mesa para dois. — Disse ele, aparentemente alheio a saudação estranha da garçonete.

— Umm. — A garçonete murmurou, lambendo os lábios nervosamente enquanto se afastou. — Eu-eu vou ver se temos mesas disponíveis.

— Cheira bem aqui. — Disse Danny, chamando sua atenção para ele.

— Realmente. — Ela murmurou com um olhar severo, enquanto observava a anfitriã olhar por toda a lanchonete, em torno de mesas e, finalmente, passar através das portas duplas de vaivém da cozinha.

— Há algo acontecendo? — Ela perguntou, voltando sua atenção para Danny para encontrá-lo olhando ao redor da lanchonete, parecendo inocente... um pouco inocente demais.

— Ele é um deles! — Alguém gritou de repente.

— Eu não vou lá fora!

— Nem eu!

— Oh meu Deus! — Outro grito veio da cozinha. — Você prometeu que nunca ia voltar!

— Ele é um Bradford!

— Oh... merda. — O resmungo suavemente murmurado chamou sua atenção de volta para Danny para encontrá-lo balançando a cabeça em desgosto quando pegou seu telefone.

— O que está acontecendo? — Perguntou ela, se calando quando Danny, de repente, a puxou para trás e para fora do caminho, quando várias mulheres vestindo uniformes correspondentes de repente começaram a reclamar. A equipe entrou em pânico, se mantendo o mais longe possível deles, empurrando uns aos outros na tentativa de fugir pela porta.

— Eu não vou servi-lo! — Uma mulher idosa baixinha com cabelos grisalhos encaracolados gritou, agarrando uma ruiva por seu rabo de cavalo e puxando-a para fora do caminho.

— Por que não podemos ir para outro lugar? Este lugar parece ocupado. — Danny disse, enquanto observava várias outras mulheres e dois homens se juntarem ao grupo fugindo.

— Que tal a lanchonete do outro lado da rua? — Sugeriu ela, distraída, incapaz de desviar o olhar da velhinha agarrando outra mulher pela camisa e jogando-a fora do caminho.

Danny pigarreou.

— Isso pode ser uma má ideia.

— O que pode ser uma má ideia? — Perguntou ela, estremecendo de simpatia quando a velha senhora deu uma rasteira numa garçonete.

— Ir para a lanchonete do outro lado da rua.

— Por que isso? — Perguntou ela, observando como a velhinha conseguiu bater uma cotovelada no estômago do cozinheiro e empurrou seu caminho para a liberdade.

Suspirando pesadamente, ele disse:

— Porque eu sou proibido lá.

Capítulo 17

— Você não precisa fazer isso. — Disse Danny, entregando-lhe o pote que ela pediu.

— Está tudo bem. — Disse ela enquanto pegava o pote com um sorriso.

Não, não estava. Não estava nem perto de ser bom, graças aos seus primos e tios imbecis, ele descobriu a extensão dos danos que esses bastardos tinham feito ao longo dos anos. Cada restaurante que tinham tentado ir ou tinham os vistos de longe e corrido para as saídas de emergência ou tiveram um colapso mental quando ele veio andando pela porta. Quando ele tentou evitar uma situação potencialmente embaraçosa, ligando primeiro, tinha terminado com algum gerente histérico soluçando — Por favor, Deus, não! — e ameaçando chamar a polícia.

Depois de chegar à conclusão de que seus parentes imbecis tinham feito a família ser proibida em cada restaurante dentro de um raio de dez quilômetros do cinema, ele havia desistido e ido direto ao cinema. Tinha planejado encomendar uns dez dólares de alguns cachorros-quentes, e quinze dólares de sacos de pipoca da bomboniere para mantê-los até mais tarde, mas sua pequena Sininho tinha dado uma olhada nos preços e dito que ela não estava com fome.

Quando disse a ela para não se preocupar com isso, ela se ofereceu para fazer o jantar em seu apartamento. Ele tentou negar, mas a mulher teimosa tinha simplesmente balançado a cabeça, agarrado sua mão e puxando-o para a saída, deixando-o sem escolha a não ser aceitar o fato de que ele falhou em sua primeira tentativa de cortejá-la.

Agora, enquanto estava em sua cozinha observando-a preparar um jantar rápido, ele decidiu que ia ter de reavaliar seu plano de ataque. Originalmente, tinha planejado cortejá-la com encontros casuais, um jantar romântico aqui e ali, e seu charme natural, mas até agora, nada disso estava funcionando para ele.

Bem, pelo menos a parte do jantar romântico de seu plano não estava funcionando. A próxima vez que ele a levasse para sair e haveria uma próxima vez, ia ter que fazer um pouco de pesquisa com antecedência. Ele iria aparecer em sua porta com rosas, chocolates e levá-la para o restaurante mais romântico que pudesse encontrar. Por enquanto, ele teria que trabalhar com o que tinha, que é certo que não era muito, mas ele tinha que fazer isso funcionar.

— Você precisa de alguma ajuda? — Perguntou ele, executando várias possibilidades através de sua cabeça.

— Não. — Sininho disse com um sorrisinho tímido, que lhe fez repensar seus planos de ir devagar.

Mas, ele tinha um plano e iria segui-lo mesmo que o matasse.

— Quanto tempo antes que fique pronto? — Ele perguntou bruscamente.

— Cerca de uma hora. — Disse ela, atirando-lhe um pequeno sorriso por cima do ombro enquanto enchia uma panela grande com água.

Perfeito.

— Eu vou estar de volta a tempo. — Ele prometeu, com um suspiro de satisfação enquanto saía de seu apartamento, fazendo rapidamente planos de salvar este encontro.

****

— Eu sou uma idiota. — Ela murmurou, assistindo o vapor do macarrão e queijo cozido caseiro que ela preparou para Danny, que aparentemente, a tinha abandonado na primeira oportunidade.

Ela tinha sido magoada antes, mas uau, essa doeu.

Era uma tolice, mas ela realmente tinha se divertido. Este foi o primeiro encontro que ela já teve, onde poderia, honestamente, ter dito que se divertiu. Seus habituais primeiros encontros consistiam de bebidas, café, comida e talvez um filme. Mesmo namorando Jerry tinha sido incrivelmente aborrecido e enfadonho. Tinham namorado por quase dois anos, dois anos muito chatos com encontros sem

imaginação, que terminaram muito chatos, incômodos e com sexo insatisfatório.

Bem, às vezes. Na maioria das vezes Jerry não estava no clima, o que tinha sido bom pra ela, principalmente. Ela era virgem antes de conhecê-lo, uma virgem muito frustrada e uma vez que tinha se entregado a ele...

Ela tinha se tornado ainda mais frustrada.

A primeira vez que ele a levou para a cama, ela estava excitada e ansiosa para dar esse passo, mas apenas um minuto depois que ele começou, saiu de cima dela, coberto de suor, ofegante e ela tinha ficado lá, decepcionada e tentando não chorar. Ela quase não tinha sentido nada além de uma pequena pitada de dor, alguns empurrões e sua grande barriga esmagando-a. Tinha sido um dos momentos mais deprimentes de sua vida e, infelizmente, só piorou depois disso.

Quando ele tinha terminado as coisas, ela deveria ter ficado aliviada, mas em vez disso, a deprimia que alguém como Jerry não a queria. E também a assustava. Ela não podia esperar que um cara legal gostasse dela, quando não podia manter o interesse nem de um homem como Jerry. Isso tinha confirmado sua crença anterior de que os homens eram incapazes de vê-la como algo mais do que uma irmã mais nova. Aparentemente, Danny tinha recuperado seus sentidos uma hora e meia atrás e havia finalizado o encontro.

Ela deveria ter esperado por isso, já esperava, mas torcia para que as coisas fossem ser diferentes. Tinha sido

tola em manter a esperança de qualquer coisa a mais com Danny, mas não foi capaz de se impedir. Ela gostava do jeito que ele a olhava, do jeito que a tocava e, embora ele ainda a irritasse até a beira da insanidade, tinha a capacidade de fazê-la sorrir.

Infelizmente para ela, este encontro, como muitos outros, tinha terminado mal. Este também tinha o agravante de tornar as coisas ainda mais estranhas, porque ela estupidamente concordou em sair com seu vizinho. Fechou os olhos e baixou a cabeça em derrota. Isto tinha sido um erro, um que ela deveria ter pensado melhor antes de repetir depois de Jerry, mas aqui estava ela, em sua cozinha, sozinha com uma panela extra grande cheia até a borda com macarrão e queijo.

— Bem, isso vai facilitar as coisas. — Disse Danny suavemente, parecendo se divertir, assim que ela registrou a sensação de seda tocar seu rosto. — Não, apenas deixe, Sininho. — Disse ele, quando ela estendeu a mão para empurrar a venda fora.

— O que você está fazendo? — Perguntou quando sentiu a grande mão de Danny em torno dela.

— Passando para a segunda parte do encontro. — Explicou ele enquanto, gentilmente, a levantava.

— Onde você foi?

Ele suspirou profundamente segundos antes dela sentir seus lábios tocarem os dela, o que agradou seu ego ferido.

— Eu sinto muito que estou atrasado. Levou mais tempo para conseguir tudo isto do que eu pensava.

— Conseguir o quê?

— Você vai ver. — Disse ele, soando um pouco animado, o que realmente a deixou nervosa, considerando com quem ela estava tratando aqui.

— Será que vai deixar uma cicatriz permanente? — Ela brincou, mais ou menos.

Ele suspirou profundamente.

— É possível.

— Devo enviar uma prece silenciosa por ajuda? — Ela perguntou, sorrindo quando permitiu que ele a levasse através de sua sala de estar.

— Eu enviaria até duas.

— Talvez eu deva lutar?

— Não iria ajudar.

— Devo deixar um rastro de migalhas de pão para trás para que eu possa encontrar o meu caminho de volta mais tarde, depois que eu escapar? — Ela perguntou quando o ouviu abrir a porta da frente.

— Esse pão teria sumido em menos de dez minutos.

— Pássaros?

— Meus primos. — Ele respondeu com uma risada que lhe causou um arrepio suave.

— Eu imagino. — Ela murmurou, amando suas brincadeiras. — Então, talvez eu deva oferecer algum tipo de resistência?

— Você poderia, mas então não iria receber a sua surpresa. — Brincou ele e a guiou para se sentar.

— Será que a surpresa vale a pena um sequestro?

Ele riu enquanto verificou duas vezes sua venda.

— Absolutamente.

— Então eu acho que poderia esperar alguns minutos antes de começar a gritar por ajuda.

— Eu gostaria disso. — Ele disse, pressionando os lábios contra sua testa. — Fique quieta e tente se comportar enquanto eu estiver fora.

Com isso, ele saiu e ela ficou sentada, no que assumiu, era sua sala de estar. Aguçou os ouvidos, mas não podia ouvir qualquer coisa que delatasse seus planos. No entanto, cheirou flores e um leve aroma floral misturado com fumaça. Velas? Ela estava tentada a espiar, mas não queria estragar a surpresa. Ela não se importava com o que era. A única coisa que se importava era que Danny tinha feito algo especial para ela. Queria saborear o momento, mas muito em breve, Danny voltou e com ele a comida que ela tinha preparado.

— Eu queria levá-la a um bom restaurante, mas... — Ele deixou suas palavras com um suspiro que a fez prender o riso.

— Você nunca vai me dizer do que se tratava? — Ela perguntou, sem se preocupar em esconder sua diversão.

— É apenas um pequeno mal-entendido. — Ele murmurou enquanto ela o ouvia se mover ao redor da sala.

— Ah sim. — Disse ela, ainda se perguntando como uma família inteira poderia ser banida de vinte e nove restaurantes. Então, na verdade, ela tinha um palpite de que o número era realmente maior.

— Não se preocupe. Eu vou planejar melhor da próxima vez. — Disse ele, fazendo-a sorrir.

— Quem disse que haveria uma próxima vez?

— Você.

— Eu?

— Mmmmhmm. — Disse ele, movendo-se em torno dela.

— E quando, exatamente, eu concordei em uma próxima vez?

— Esta manhã.

— Eu não me lembro disso. — Disse ela, quase certa de que teria se lembrado de concordar em sair com ele novamente. Mas então, ela tinha estado um pouco distraída esta manhã.

— Lembra quando você tinha aquele grande cara com óculos encolhido em posição fetal chorando? — Ele perguntou em tom de conversa, quando ela estremeceu com a lembrança de fazer o homem implorar por misericórdia.

— Sim? — Ela respondeu devagar, forçando seu cérebro e tentando lembrar exatamente o que ela tinha dito, além de chamar o homem de bebezão e algumas outras coisas que eram, provavelmente, melhor deixar esquecido.

— Foi quando você concordou em sair comigo de novo.

— Não foi nesse momento que você me jogou por cima do seu ombro? — Apontou.

— Sim.

— Eu não me lembro de ter uma conversa com você.

— Você teve e ela mudou a sua vida.

— Entendo.

— Estou feliz que você entende, Sininho. — Disse ele, de repente, na frente dela.

— Bem-vinda ao Cinema Bradford, Sininho.

Capítulo 18

Ele definitivamente superou-se hoje à noite, pensou com satisfação quando pressionou um beijo contra o topo da cabeça de Jodi, onde ela encostou em seu ombro. Ele preferia ter levando-a num restaurante agradável, seguido de um filme e, depois, num passeio romântico, mas seus planos tinham desmoronado. Felizmente, ele tinha sido capaz de chegar a um plano de emergência.

Tinha demorado um pouco mais do que havia planejado, mas ele conseguiu substituir a mobília que seus primos tinham destruído um dia antes, comprado flores, petiscos, alugado alguns filmes, comprado pipoca e doces a tempo de salvar a sua noite. A julgar pela expressão em seu rosto quando ele removeu a venda, ela estava satisfeita com seus esforços.

Eles assistiram os filmes, comeram um incrivelmente delicioso macarrão com queijo e, de sobremesa, doces e pipoca até cerca de meia hora atrás, quando ela se aconchegou contra ele e caiu em sono profundo. Ele pensou em acordá-la para que pudesse acompanhá-la até a porta e dar-lhe um beijo de boa noite, que ele tinha sonhado pelos últimos dois dias, mas não estava pronto para deixá-la ir ainda.

Ele fechou os olhos e recostou-se, saboreando a sensação dela em seus braços. Ele sentiu seu corpo começar a relaxar e tentou lutar contra isso, mas estava muito bom para lutar. Fazia anos desde que tinha sido capaz de baixar a guarda. Apenas alguns minutos e ele acordaria Sininho e a levaria para casa.

Em poucos minutos...

****

— Ai! — Jodi murmurou, assim que Danny gemeu: — Merda!

Por um minuto, só ficou ali enquanto lutava para recuperar o fôlego, mas era meio difícil com um homem que tinha de pesar pelo menos 113kg em cima dela. Ela não tinha certeza de como isso aconteceu. Um minuto estava sonhando com Danny fazendo... umm, o que ele estava fazendo em seu sonho não era importante e no minuto seguinte, ela estava caindo do sofá e batendo no chão com Danny pousado em cima dela.

— Você está bem? — Perguntou ele, tirando um pouco de seu peso de cima dela e se apoiando nos cotovelos.

— Eu acho que sim. — Disse ela em transe.

— Devo ter cochilado. Sinto muito, Sininho. — Disse Danny, suspirando baixinho quando estendeu a mão e tirou o cabelo do rosto.

— Uh huh. — Ela murmurou distraidamente, realmente não escutando, já que toda sua atenção se concentrou no fato de que o corpo de Danny estava entre suas pernas.

Quando Jerry tinha estado nesta mesma posição, ela mal sentia qualquer coisa, exceto o desconforto e bem, era isso apenas. Com Danny, se sentiu confortada por seu peso, mas isso não era tudo. Agora havia uma parte muito grande e muito dura de seu corpo que estava pressionando insistentemente contra ela. Ela teve que resistir à tentação de mexer debaixo dele, curiosa para ver o quão grande ele era, mas parecia uma coisa rude de se fazer, então se obrigou a ficar parada.

— Deus, você é linda! — Danny sussurrou com voz rouca.

Ela olhou para cima, encontrou seu olhar intenso e sentiu-se derreter. Ele era tão bonito, doce, engraçado e gentil. Ela poderia se apaixonar por ele rapidamente e isso a assustou, mas não o suficiente para lutar contra. Parecia que, cada vez que ela o via ou pensava nele, esta atração ficava mais forte. Ela nunca desejou um homem da maneira que desejava Danny e pela primeira vez em sua vida, ia pegar o que queria.

Ela estendeu a mão trêmula e segurou a parte de trás do seu pescoço. Lambendo os lábios, inclinou-se e apertou seus

lábios contra os dele. Com um gemido suave, ele moveu os lábios contra os dela, devagar, com ternura, como se estivesse saboreando seus lábios. Ela nunca tinha beijado desta forma, nunca pensou que um beijo poderia ser tão bom e Deus, era muito bom.

Ela deitou até que sentiu a cabeça tocar o tapete de pelúcia, satisfeita quando Danny a seguiu. Rezando para que isso acabasse como um dos beijos de Jerry, ela abriu os lábios. Danny instantaneamente aprofundou o beijo. Sua língua invadiu e ela sentiu-se endurecer, preparada para a repulsa que costumava bater nela quando Jerry fazia isso, mas não sentiu.

Em vez disso, se encontrou gemendo em sua boca enquanto sua língua deslizou sensualmente contra a dela, brincando e tentando-a a dar-lhe mais. Com um suspiro, se entregou. Moveu a língua contra a dele, amando o pequeno gemido que ele soltou, então ela fez isso de novo. Jerry não tinha sido uma pessoa de dar muitos beijos, algo pelo qual sempre tinha sido grata, porque mesmo com sua pouca experiência, tinha sido capaz de dizer que ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que estava fazendo. Ele nunca a beijou como se gostasse de estar com ela, tocá-la ou desejá-la. Jerry nunca realmente a desejou, mas naquela época, ela não se importava.

Mas agora ela se importava.

Ela não queria que Danny a beijasse da maneira que Jerry estava acostumado. Ela não queria que ele a beijasse

como se não suportasse fazer isso, como se não gostasse de tocá-la. Ela queria que ele a beijasse como se não conseguisse o suficiente dela, do jeito que estava beijando-a agora.

Envolvendo seus braços ao redor de seus ombros, ela se perdeu no beijo. Moveu a língua ao redor da dele, amando o jeito que beijá-lo a fazia sentir, do jeito que fez seu corpo sentir-se vivo. Quando ele gentilmente sugou sua língua, ela gemeu, com as costas arqueando, pressionando os seios contra o peito dele quando o movimento fez com que se afundasse mais ainda entre suas pernas. Era tão bom, tão bom e ela queria mais.

A matou quando, de repente, ele se afastou.

— Eu sinto muito. — Disse ele, um pouco ofegante quando se sentou na beirada do sofá e estendeu a mão para ela.

Segurando um gemido que a faria parecer patética ou uma vagabunda, ela tomou sua mão e permitiu-lhe ajudá-la. Sentou-se no sofá ao lado dele, tentando recuperar o fôlego, mesmo enquanto pensava em jogá-lo no chão e continuar de onde tinham parado.

— Eu prometi que iríamos levar as coisas devagar. Eu quero fazer isso direito. — Disse ele, atirando-lhe um sorriso tenso quando pegou a mão dela. Ele levantou as mãos e deu um beijo contra a traseira de sua mão. — Deixe-me levá-la para casa.

Por um beijo de boa noite? Ela pensou esperançosamente, animando-se com a ideia, mesmo enquanto continuava lutando para recuperar o fôlego. Ela levantou-se, esperando que não parecesse muito ansiosa. Ele a acompanhou até a porta e, em seguida, ao outro lado do corredor, ela não podia deixar de se perguntar quanto tempo poderia prolongar esse beijo.

Não muito tempo, parece.

Ele a acompanhou até a porta, se inclinou e roçou os lábios nos dela. Antes que pudesse responder ou atirar-se para ele, Danny estava desejando-lhe uma boa noite e indo embora, deixando-a ali, frustrada além da crença e planejando matar o desgraçado por deixá-la dessa forma.

****

— Merda! — Ele reclamou quando abaixou-se para a banheira gelada.

Ele era um idiota de merda. Essa era a única coisa que explicaria por que ele estava congelando suas bolas agora, em vez de estar no apartamento do outro lado enterrando-se entre as belas pernas da sua vizinha.

Ela estava tão gostosa debaixo dele e pressionando-se contra ele enquanto explorava sua boca surpreendentemente talentosa. Ele quase se perdeu no beijo e se entregou a todas as fantasias que tinha sobre ela, mas de alguma forma, tinha

encontrado a força de vontade para desacelerar e recuar. Ele tinha um plano e iria segui-lo. Ele queria fazer isso direito. Queria ter certeza de que ela tinha esquecido o idiota que ele era. Ele queria...

Ele queria o que seus primos tinham, percebeu com um gemido. Ele queria que Jodi o olhasse da maneira que as mulheres de seus primos olhavam para eles. Queria alguém esperando por ele quando chegasse a casa no final do dia, alguém para segurar em seus braços à noite para combater memórias que eram melhor esquecer e ele queria que esse alguém fosse sua Sininho.

Mesmo tentado a ir para o outro lado do corredor e terminar o que tinha começado, ele pensou melhor. Isso não era só sexo para ele. Ele estava doente e cansado de ver seus primos e seus velhos amigos do colégio se casando, formando famílias e tendo alguma aparência de paz em suas vidas. Ele queria isso mais do que qualquer coisa, precisava disso mais do que sua próxima respiração e faria qualquer coisa para conseguir.

— Foda-se! — Ele estalou quando a água fria só aumentou sua necessidade dela.

Levantou-se da banheira. Assim que seu pé tocou o piso sua mão estava envolvida em torno de seu pênis dolorido. Ele fechou os olhos, imaginando suas mãos passando pelas curvas de Jodi. Deus, ela era tão bonita. Ele imaginou como seria bom tê-la sentada em cima dele, cavalgando em seu

pênis. Lambeu os lábios pensando em como sua boceta molhada seria quando ele finalmente deslizasse dentro dela.

Ele ia passar as mãos das coxas até seus seios, segurando-os e apertando-os em suas mãos. Seus mamilos iriam se arrepiar, tornando-se pontos duros que ele poderia provocar entre os dedos. Ele iria traçar seus mamilos duros com as pontas dos dedos, enquanto a observava lentamente montá-lo.

Enquanto sua mão se movia sobre seu pênis, parando na ponta para apertá-lo, ele se perguntava se ela iria corar de prazer por ter seu pênis enterrado profundamente nela, se iria lamber os lábios, gemer ou deslizar os próprios dedos entre as pernas e provocar seu clitóris enquanto ele assistia. Só de pensar sobre ela montando seu pênis enquanto tocava a si mesma, o deixou louco e seu punho moveu-se mais rápido.

Ele estava com tanto tesão por ela que suas bolas realmente doíam. Imaginou-a saindo de seu colo e subindo pelo seu corpo até que sua boceta molhada estivesse no nível do seu rosto.

— Jodi. — Ele gemeu muito e alto quando suas bolas apertaram e seu pênis endureceu ainda mais, quase ao ponto da dor. Seu pau continuava inchando até que finalmente gozou. Ele lambeu os lábios desejando que fosse sua fenda molhada enquanto gozava. O prazer foi imenso, melhor do que poderia se lembrar de já ter sentido, mas quando soltou o

ar e sua mão desacelerou em seu pênis, percebeu que não era o suficiente.

Sua mão era uma substituição pobre para a coisa real, mas por agora, ele teria que se contentar. Não ia deixar seu pau controlá-lo. Ele iria devagar com Jodi, certificando-se de seduzi-la até que ela não conseguisse imaginar sua vida sem ele. Só então, ele cederia ao desejo e faria amor com ela, mas por agora ia seguir seu plano.

Capítulo 19

— Acorde. — Uma voz profunda e sexy que ela reconheceu vagamente disse, puxando-a para longe de seu sonho assim que as coisas estavam ficando boas, aumentando a sua frustração.

Ela abriu um olho para ver quem era apenas para fechá-lo imediatamente e dizer:

— Saia daqui.

— Desculpe querida, mas nós não estamos saindo até que tenhamos uma conversa. — O primo de Trevor, Jason, disse.

— Fora! — Ela resmungou, abraçou o travesseiro, se virou e se aconchegou sob seu cobertor, determinada a voltar para o sonho, onde Danny estava transformando todas as suas fantasias em realidade.

— Vamos, Jodi. Acorde e brilhe. — Disse Trevor quando seu cobertor confortável foi repentinamente puxado para longe dela.

Ela cegamente tentou pegá-lo, conseguindo agarrá-lo apenas para ser arrastada para fora do sofá. Ela caiu no chão com um ooof. Abriu os olhos para encontrar Trevor e Jason de pé sobre ela, casualmente tomando seu café, observando-a com expressões divertidas.

— Agora que você está acordada podemos ter um pequeno bate-papo. — Disse Trevor, sentando no sofá em que ela estava dormindo feliz há menos de um minuto atrás.

Suspirando, se levantou, limpou a roupa e disse:

— Saia daqui.

Com isso, ela se dirigiu ao banheiro. Dez minutos depois, seus dentes e cabelos foram escovados, seu rosto foi lavado, tinha se aliviado e tinha certeza de que seus hóspedes indesejados já haviam ido embora.

— Pronto para falar agora, princesa? — Trevor perguntou quando ela abriu a porta do banheiro.

— Não, então saia. — Disse ela em torno de um bocejo enquanto se dirigia para a cozinha. Ela não teve que olhar para trás para saber que estava sendo seguida por dois homens muito grandes e irritantes.

Enquanto os ignorava, começou a fazer o café para ela, a única coisa que poderia salvá-los de uma morte brutal, sentou-se à mesa e tomou um gole de seu café. Aceitando o fato de que eles não sairiam tão cedo e acostumada a lidar com homens circulando em seu apartamento, ela retirou todos os ingredientes para fazer panquecas e começou a trabalhar.

— Queremos saber quais são suas intenções para com nosso primo. — Jason anunciou, tomando um gole de café, enquanto observava seu trabalho.

Ela parou no meio da mistura e olhou para cima para encontrar os dois homens observando-a com atenção.

— Vocês não podem estar falando sério.

— Estamos. — Disse Trevor uniformemente.

Jason assentiu de acordo.

— Vocês sabem que eu só estive em um encontro com ele, não é? — Perguntou ela, jogando uma colher de manteiga sobre a superfície da chapa para as panquecas.

— Quatro encontros. — Disse Trevor distraidamente, enquanto observava seu trabalho.

— O que você está fazendo? — Perguntou Jason, lambendo os lábios avidamente quando a manteiga começou a derreter.

— Fazendo panquecas. — Ela respondeu, perguntando-se por que eles sentiram a necessidade de ter “a conversar” com ela.

— Para nós? — Perguntou Trevor, sentando-se ereto na cadeira, enquanto observava a massa cair sobre a superfície quente.

— Bem, isso depende. — Disse ela, observando-os de perto quando encostou-se ao balcão e cruzou os braços sobre o peito.

— De quê? — Perguntou Jason, mal capaz de tirar os olhos da chapa enquanto a massa de panqueca crescia.

— Se Zoe sabe ou não que vocês estão aqui. — Disse ela, observando de perto a reação deles. Quando Trevor fez uma careta, ela teve sua resposta.

— Já entendi. — Ela murmurou pensativa, enquanto foi até a ilha de cozinha e pegou o telefone celular.

— O que você está fazendo? — Perguntou Trevor nervosamente.

— Nada de mais. — Ela murmurou, procurando através de seus contatos até que encontrou o número de Zoe. Depois que ela enviou a Zoe uma mensagem rápida, percebeu que não tinha o número de Danny, mas não era um problema.

Ela virou as panquecas, esperou até que estivessem prontas e depois as dividiu entre dois pratos. Depois que acrescentou mais manteiga e massa para a grelha, ela caminhou para fora da cozinha. Não se surpreendeu quando os homens não a seguiram desta vez, desde que Jason estava ocupado devorando ambos os pratos de panquecas, enquanto Trevor fazia um trabalho meia-boca de explicar a sua esposa por que ele tirou outra mulher da cama. Ela saiu pela porta da frente até o outro lado do corredor e bateu na porta de Danny.

Um minuto depois, ele estava parado em sua porta vestindo um par de jeans desabotoados, um sorriso sonolento e parecendo incrivelmente sexy logo no início da manhã.

— Eu apenas pensei que você devia saber que dois de seus primos estão em meu apartamento comendo as

panquecas que eu tinha planejado para surpreende-lo. — Disse ela encolhendo os ombros, antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa.

Seu sorriso sonolento desvaneceu-se rapidamente para ser substituído com uma carranca sombria, um segundo depois, ele passou por ela e foi direto para seu apartamento. Ela o seguiu devagar, decidindo que era provavelmente melhor ficar bem longe do alcance deles, já que tinha visto em primeira mão o quão mal as coisas poderiam acabar quando os homens dessa família brigavam sobre alimentos.

— Essas são as minhas panquecas, seus filhos da puta!

— Ai!

— Pare!

— Não, não faça isso.

Segundos depois, tudo ficou quieto. Com medo de que as coisas tinham ido longe demais, ela foi até a cozinha a tempo de ver Danny arrancar seus primos do chão e em um movimento espantoso, torcer seus braços atrás das costas e usar sua influência sobre eles para forçá-los a andar.

— Você vai se arrepender disso, seu filho da puta! — Trevor estalou enquanto Danny calmamente escoltava seus primos e Jason fazia beicinho para ela. Danny fez uma breve pausa ao seu lado para que pudesse se inclinar e plantar um beijo rápido nos seus lábios atordoados. — Eu vou estar de volta em um minuto.

— Tudo bem. — Ela murmurou, não sabendo exatamente que outra resposta dar, encolheu os ombros, decidiu que realmente não se importava, já que ele se livrou de seus interrogadores.

Ela caminhou de volta para a cozinha a tempo de virar as panquecas e adicionar um pouco mais de massa para a grelha. Enquanto esperava a massa cozinhar, limpou a pequena bagunça que os homens haviam deixado para trás, pegou outro prato limpo, mais uma garrafa de xarope de bordo e mais manteiga. Ela tinha acabado de desligar a chapa e começado a tirar as panquecas quando dois grandes braços lhe envolveram e puxaram para trás contra um grande corpo quente.

— Eu sinto muito. — Disse Danny, pressionando um beijo muito perturbador contra seu pescoço.

— Está tudo bem. — Disse ela, perguntando-se se ele havia notado a maneira que ela não conseguia parar de tremer cada vez que ele a tocava.

— Eles não vão incomodar você de novo. — Disse ele, pressionando um beijo em seu pescoço. Tinha a sensação de que seus primos não desistiriam de interrogá-la, mas não disse nada.

— Quais são os seus planos para o almoço? — Ele perguntou, pressionando um beijo em seu pescoço.

— Vou passar esta linda tarde de domingo encaixotando tudo o que está à esquerda na biblioteca. — Disse ela,

acrescentando a última panqueca para a pilha e saindo de seus braços, apontando para o prato. — E você? — Ela perguntou, franzindo o cenho para prato com panquecas empilhadas.

— Apenas café. — Disse ele, pegando sua caneca em resposta. — Janta comigo esta noite? — Perguntou ele, pegando a garrafa de xarope de bordo.

— Não vai dar. — Disse ela, indo em direção à porta. — Vou me encontrar com os caras na Joe Tavern depois do trabalho para uma bebida.

— Os caras, hein? — Ele murmurou, pensativo, distraidamente adicionando mais manteiga para suas panquecas.

— Mmmhmmm, e se você se comportar pode ir junto. — Disse ela, observando como o canto dos lábios de Danny se moveram em um sorriso satisfeito.

— Eu tenho certeza que posso me comportar.

— Pegue-me às sete! — Ela gritou por cima do ombro enquanto ela saiu da sala para se preparar para um dia cheio de diversão de peneirar caixas podres, poeira e porão mofado que ela normalmente tinha evitado a todo custo. Ela queria tentar salvar o que pudesse antes de amanhã, quando a antiga biblioteca fosse demolida, juntamente com todos os seus antigos tesouros há muito tempo esquecidos.

****

— Onde você está?

— Ummm, em nenhum lugar especial. — Ela murmurou, mordendo o lábio inferior, enquanto observava o homem deitado na maca ao lado dela vomitar em si mesmo, de novo.

— Enfermeira! — Sua esposa nervosa gritou, fazendo Jodi se encolher, porque ela sabia, sem dúvida, que Greg também tinha ouvido falar dele.

Houve um longo suspiro sofrido do outro lado do telefone antes de Greg dizer:

—Você está no hospital, não é?

— Talvez. — Ela murmurou, olhando para o braço onde um grande saco de gelo estava, escondendo a razão pela qual o Sr. Tate a tinha convencido a ir ao hospital.

Não era para tanto, mas ele se recusou a ouvir. Em vez disso, murmurou algo sobre a responsabilidade, ações judiciais e burocracia desnecessária que iriam tirar sua paz, empurrou-a para o carro e levou-a para o hospital onde teve a certeza que o médico examinasse a extensão de seus ferimentos, antes de desejar-lhe sorte e deixá-la à mercê do pessoal da sala de emergência.

— Você precisa de uma carona? — Perguntou Greg, não parecendo feliz com isso. Não que ela pudesse culpá-lo.

— Não. — Ela mentiu, odiando a ideia de colocar qualquer um dos seus amigos na posição de ter que lidar com ela, quando tiver medicamentos em seu sistema.

— Tem certeza? — Ele perguntou, parecendo realmente aliviado por não ter que cuidar dela, mas ela sabia que se lhe dissesse que precisava de uma carona, ele estaria aqui num piscar de olhos. Ele não estaria feliz com isso, mas o faria.

— Sim, eu estou. — Ela começou a dizer só para ter seu telefone de repente tirado dela.

— Ela vai ficar bem. — Danny respondeu por ela, desligando a ligação e jogando o telefone na cama ao lado dela.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou ela, mexendo-se desconfortável enquanto observava seu cabelo recém-penteado, rosto bonito e camisa azul-escuro, que se moldava perfeitamente em seus músculos e em seguida se olhou, notando a poeira que cobria sua camisa e calças, os braços e as mãos sujas.

— Eles me disseram o que aconteceu na biblioteca. — Disse ele, cautelosamente levantando o saco de gelo de seu braço para que pudesse dar uma olhada no seu ferimento.

— Por que você estava na biblioteca? — Ela perguntou, decidindo que era melhor fingir que seu cabelo não era uma bagunça suja de emaranhados.

Ele gentilmente agarrou seu braço e virou-a.

— Eu fui levar-lhe café e ver se você precisava de ajuda. — Ele murmurou, pensativo, enquanto estudava as suas feridas.

— Não está quebrado. — Disse ela, forçando um pequeno sorriso enquanto pegava o saco de gelo e colocou-o de volta em seu braço.

— Não, não está. — Disse ele, suspirando enquanto esfregava a parte de trás do seu pescoço.

— Eu vou ficar bem. — Assegurou ela, querendo saber onde o médico estava. — São apenas alguns arranhões desagradáveis e uma luxação.

Ele acenou com a cabeça, mas não disse nada.

— Não é grande coisa.

Silêncio.

— Sr. Tate ficou nervoso e me fez vir aqui. Eu só preciso limpar os arranhões e manter o gelo no meu braço, eu vou ficar bem. — Ela garantiu a ele quando o silêncio tornou-se estranho.

Esfregando as mãos pelo seu rosto, ele suspirou:

— Vai ser uma noite longa.

Capítulo 20

— Seu banco é tão confortável. — Disse sua drogada passageira sonhadora, se aconchegando mais perto.

— Então, você fica dizendo isso. — Disse ele distraidamente, enquanto estacionava a caminhonete.

Esta ia ser uma noite muito longa, ele pensou novamente. Quando abriu a porta e virou-se para ajudar Sininho, que não tinha se calado a viagem inteira, parou abruptamente quando percebeu que ela estava dormindo. Alguém lá em cima deve amá-lo. Pegou Jodi, protegendo a cabeça e levou-a para casa, parando apenas o tempo suficiente para fechar a porta do veículo.

— Você virá assistir ao jogo? — Seu primo Devin perguntou, mudando as caixas de cerveja em seus braços para que pudesse segurar a porta aberta para Danny.

— Hoje não. — Disse ele, passando por seu primo e se dirigindo para a porta.

— O que aconteceu com ela? — Perguntou Devin, colocando a cerveja no chão. Ele pegou as chaves da mão de Danny e abriu a porta para ele.

— Um velho caixote caiu sobre seu braço. — Disse ele, levando Jodi para dentro.

— Está quebrado?

Ele balançou a cabeça negativamente e colocou Jodi na cama com cuidado. Tirou seus sapatos e verificou novamente seu curativo antes de cobri-la com a colcha que sua bisavó tinha feito para ele.

— Então, esta é a sua hein? — Perguntou Devin, estendendo a mão para empurrar uma mecha de cabelo cheio de pó do rosto de Jodi, só para puxar sua mão para trás com um xingamento murmurado quando Danny deu um tapa na mão dele.

— Não toque nela. — Ele disse e estendeu a mão e pôs a mecha de seu cabelo bonito de lado.

— Eu pensei que ela o odiava. — Disse Devin com uma carranca, inclinando a cabeça para o lado enquanto estudava Jodi.

— Essa é a única maneira que ela conhece para expressar seu desejo irresistível por mim. — Disse ele se levantando, mas pensou melhor quando pegou o olhar apreciativo nos olhos de seu primo olhando Jodi dormindo. Ele se inclinou e beijou os lábios macios de Jodi, que não respondeu, só para que seu primo entendesse a mensagem.

Ela era sua.

— É bom ver você tomar um interesse na vida novamente. — Disse Devin com um sorriso de aprovação. — Você estava começando a nos preocupar.

— Nada para se preocupar. — Disse ele, agarrando um par de boxers limpas de seu armário, na esperança de que

seu primo pegasse a dica e saísse fora de seu apartamento, assim como todos os outros parentes pegavam.

— Você tem certeza?

— Não há nada com que se preocupar. — Ele disse calmamente, apontando para a porta.

— Não. — Devin murmurou, franzindo o cenho para Jodi. — Suponho que não há.

— Tente controlar o barulho. — Danny avisou por cima do ombro enquanto se dirigia para o banheiro.

— Eu vou fazer o meu melhor. — Disse Devin e saiu do apartamento.

Danny lançou um último olhar por cima do ombro, certificando-se de que sua hóspede ainda estava dormindo em sua cama. Quando ela não se mexeu, ele decidiu que era seguro sair do quarto, mas só depois de trancar a porta para impedi-la de fazer uma fuga. Quando teve certeza que ela não seria capaz de destravar a porta em seu estado drogado, ele entrou no banheiro, tirou as roupas e entrou no box, ligando o chuveiro no máximo.

Apertou as mãos contra a parede de azulejos e baixou a cabeça para frente, deixando o fluxo de água cair em suas costas, perguntando-se em qual nível do inferno sua pequena Sininho iria colocá-lo hoje à noite.

Um suspiro irritado veio atrás dele, fazendo-o rir, assim que um par de mãos pequenas agarrou-o pelo braço e puxou-o para trás. Bem, ela tentou puxá-lo, mas era muito pequena.

Ainda rindo, ele saiu do caminho para que ela pudesse ficar na frente da água quente.

— O que é que você vai me fazer passar esta noite, Sininho, hmmm? — Ele murmurou enquanto observava Sininho inclinar a cabeça para trás e aproveitar a água quente enquanto ele lavava a fuligem e poeira cobrindo-a da cabeça aos pés.

Ele pegou a barra de sabão e ensaboou as mãos enquanto se preparava mentalmente para a noite no inferno por vir.

****

Dez minutos depois...

— Não acho que eu seria capaz de encaixar aquela coisa na minha boca. — Disse ela em tom de conversa, apertando os lábios pensativamente enquanto o olhava entre as pernas.

— Sininho. — Disse ele, suspirando enquanto esfregava as mãos pelo seu rosto, perguntando-se por que ele não pedira ao médico para sedá-la.

— Uau, está ficando maior!

— Claro que está. — Ele murmurou, deixou cair as mãos ao lado do corpo e olhou para a mulher que estava deixando-o louco, e o engraçado foi...

Ele estava surpreendentemente bem com isso.

Não que se ofereceria de bom grado a passar por isso sempre. Suspirando, ele estendeu a mão, segurou seu rosto bonito, se inclinou e roçou os lábios nos dela.

— Nós vamos nos vestir agora, rastejar na cama e assistir a um filme. — Ele sussurrou contra seus lábios.

— Mas, eu não estou cansada. — Ela murmurou pateticamente, fazendo-o sorrir.

— Eu sei, mas eu estou. — Ele mentiu, esperando que ela ficasse com pena dele.

Ela suspirou profundamente enquanto se afastou dele.

— Tudo bem. — Ela resmungou quando se virou e saiu, deixando-o para seguir atrás dela. Sabendo o quão rapidamente a Sininho medicada poderia encontrar problemas, ele se apressou atrás dela.

****

Duas horas mais tarde...

— Só mais uma cerveja!

— Não! — Devin estalou tropeçando para o lado, com as mãos protegendo sua masculinidade, enquanto Danny segurava Sininho. Ele se esforçou a não rir enquanto seus

primos e amigos tentavam recolher todo o álcool e escondê-lo o mais longe possível de Jodi.

— Mas eu não posso ver o jogo sem cerveja! — Jodi apontou, desesperadamente tentando sair de seus braços e voltar para o sofá e a garrafa de cerveja que estava bebendo quando ele finalmente conseguiu localizá-la.

— Por que não descemos e vemos o jogo? — Sugeriu ele, beijando a ponta do seu nariz.

— Posso tomar uma cerveja? — Ela perguntou timidamente.

— Não. — Disse ele, inclinando-se para beijá-la antes que ela pudesse começar a discutir de novo. — Mas você pode ter todo o refrigerante que quiser.

— Tudo bem. — Ela resmungou, acenando distraidamente para ele levá-la embora. — Mas é melhor não ser diet.

Ele riu e pressionou um beijo contra a ponta do seu nariz.

— Definitivamente não é diet.

****

Uma hora mais tarde...

Por que ele não podia beber refrigerante diet? Se perguntou quando se inclinou para frente, com cuidado, para não esmagar Sininho e pegou sua bebida. Medicação, cerveja e açúcar não era uma boa combinação para sua pequena Sininho.

— Vamos nadar! — Disse Sininho animadamente enquanto tentava rastejar fora de seu colo.

Ele tomou um gole de seu refrigerante.

— Não. — Respondeu ele, usando seu poder sobre ela para mantê-la deitada em seu colo.

— Mas eu estou com calor! — Ela gemeu, redobrando seus esforços para escapar.

— Isso explicaria por que você está nua. — Disse ele, tomando um gole de seu refrigerante antes de colocá-lo de volta na mesa de café e recostar-se, mantendo o braço travado em torno de sua cintura.

— Está quente aqui!

— Uh huh, isso é bom. — Disse ele, reposicionando-se até que ficou deitado em sua bela bunda.

— Por Favor!

— Não vai acontecer.

— Eu te odeio! — Ela retrucou com um beicinho, cruzando os braços sobre o descanso do sofá e cobrindo a cabeça com os braços cruzados em um ataque de aborrecimento.

— Não, você não odeia. — Disse ele, esfregando suavemente suas costas.

— Mas eu realmente odeio.

— Então por que você está nua no meu colo? — Ele perguntou, continuando a esfregar as costas e se movendo para sua parte inferior.

Deus, ela tinha uma bunda ótima. Era tão firme, mas suave, ele pensou enquanto passou a mão em direção as costas, decidindo que seria melhor não se torturar.

— Porque você não me deixa sair! — Ela retrucou, mas ele percebeu o jeito que ela parecia relaxar sob seu toque.

— E a parte nua? — Ele murmurou, observando sua mão deslizar sobre a parte traseira e inferior.

— Está quente aqui. — Ela murmurou.

— O ar condicionado está ligado. — Ressaltou ele, sorrindo quando ela soltou um suspiro longo de sofrimento.

— Não parece que esteja ligado.

— Você está cansada? — Ele perguntou casualmente, esperando que ela finalmente concordasse em ir para a cama para que ele pudesse ir para o banheiro e masturbar-se antes que explodisse.

— Não, eu quero ir nadar. — Disse ela com um biquinho.

— Nós não vamos nadar.

— Te odeio.

— Estamos de volta a isso?

— Nós nunca saímos disto!

****

07:00

— Ummm, por que você está deitado em cima de mim?

Ele não se incomodou em abrir os olhos ou até mesmo levantar a cabeça de onde tinha descansado pelas últimas quatro horas. Então perguntou:

— Você ainda está com os efeitos do remédio?

— Acho que não. — Disse ela hesitante, enquanto se sentava, fazendo com que seus músculos do estômago se apertassem.

— Graças a Deus! — Ele murmurou, virando a cabeça e dando um beijo contra seu estômago, forçando-se a ignorar o único lugar que sua boca tinha estado ansiosa para ir a noite toda.

Apertou a mandíbula com força, desviou os olhos quando saiu de cima dela e foi para o banheiro. Ele estava tremendo, percebeu, se apressou em toda a sala e fechou a porta atrás de si. Ele a desejava tanto.

Queria rastejar de volta para a cama, puxá-la em seus braços, beijá-la, passar as mãos em cima dela, beijar cada centímetro de seu corpo, deslizar os dedos profundamente dentro dela, chupar e lamber seus belos e coloridos mamilos antes de mudar a boca para baixo entre as pernas e lambê-la até que ela estivesse implorando por seu pau, até que ambos pensassem que iriam morrer se ele não a fodesse.

Deus, ele não sabia por quanto tempo mais poderia fazer isso. Por quanto tempo ele conseguiria ficar sem tocá-la, colocá-la debaixo dele, deslizar profundamente em seu interior e perder-se nela.

Mas, ele não ia deixar seu pênis estragar seu plano. Não, se isso significasse perdê-la.

Capítulo 21

Dois meses mais tarde...

— Nós temos que parar. — Gemeu baixinho, Jodi, contra seus lábios, mas ela não afrouxou seu aperto de morte em seus ombros ou parou de moer sobre ele. Não, em vez disso, ela chegou mais perto.

— Nós estamos indo devagar. — Danny lembrou, uma mão debaixo de sua camisa acariciando seu seio nu enquanto a outra mão deslizou até a parte de trás de sua calça, roçando por baixo da calcinha e segurando sua bunda.

— Estamos indo devagar. — Lembrou ela, moendo o mais forte que podia contra a grande protuberância em suas calças, que estava deixando-a louca de tesão desde o mês passado.

Eles estavam levando as coisas de forma muito lenta, na verdade. No primeiro mês, eles trocaram beijos curtos roubados durante seus encontros e ainda mais beijos de boa noite. Em algum momento, nas últimas quatro semanas, ela se viu subindo em seu colo, moendo-se sobre ele e... adorando.

Tinha lhe surpreendido o quanto ela gostou. Ela gostava de tudo sobre ele, a maneira como seus lábios estavam

contra a sua pele, a forma como suas mãos se moviam sobre ela, o jeito que ele a abraçava, o jeito que ele fazia seu coração acelerar e a fazia suspirar. Nos últimos dois meses, ele a tinha surpreendido e maravilhado. Ele a tratava como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo para ele.

Saíam para encontros românticos que, geralmente, terminavam em desastre, mas faziam-na se divertir. Ele a levou em um cruzeiro com jantar romântico, ensinou-lhe como jogar laser tag, levou-a para jogar paintball na mata, a ensinou a jogar basquete, levou-a para um concerto, piqueniques, tinha até lhe preparado o jantar, surpreendia-a em seu escritório temporário, na prefeitura, na maioria dos dias, com almoço e a fazia sorrir constantemente. Não importava se ele queimou o jantar ou quase incendiou seu apartamento quando tentou surpreendê-la com um jantar à luz de velas, havia algo sobre ele que a fazia sorrir.

Danny ainda a irritava de vez em quando, mas agora, ele pedia desculpas antes que ela tivesse a chance de planejar seu assassinato. Quando a irritava e ele ainda fazia isso com frequência, trazia-lhe flores, chocolate e um litro de Ben e Jerry para compensar, juntamente com um sincero pedido de desculpas e uma promessa de tentar parar de ser um imbecil.

— Jodi. — Ele gemeu alto, fazendo-a sorrir, porque ele só a chamava pelo seu primeiro nome, quando estava chegando ao ponto da loucura. O ponto em que ficava prestes a esquecer a promessa de ir devagar e reivindicá-la.

— Devemos parar. — Disse ela ofegante e se afastou, gemendo quando ele desceu beijos pelo seu pescoço. Ela começou a se esfregar mais forte contra a protuberância dura nas calças de Danny. Ela colocou os braços ao redor de seus ombros e gemeu enquanto ele movia as mãos para seus quadris.

— Você me deixa tão louco! — Ele gemeu contra seu pescoço e apertou seu quadril, deslocando-a para frente e para trás em seu colo.

Ela gemeu alto, fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás contra o para-brisa enquanto se perdia em seu toque.

— Você está molhada para mim? — Ele perguntou, movendo-a com mais força contra ele.

A única resposta que conseguiu foi um gemido, mas parecia ser a resposta que ele estava procurando, porque ele a recompensou com uma massagem dura.

— Aposto que você está toda molhada, Jodi. Eu também estaria disposto a apostar que você vai estar apertadinha para mim. — Ele rosnou contra sua pele, as mãos se movendo a um ritmo frenético. — Eu aposto que gozar dentro de você seria muito melhor que isto.

Um duro golpe na janela do lado do motorista interrompeu o que ele ia dizer e o teve gemendo pateticamente e choramingando um pouco, quando ela escondeu o rosto contra o peito dele, lutando para recuperar

o fôlego e, pela segunda vez em sua vida, contemplando estrangular alguém com as mãos nuas.

Antes que ela pudesse se mover do colo de Danny, não que ela fosse realmente capaz de fazer isso no momento, a porta do lado do motorista se abriu e Greg, parecendo seriamente chateado, estava ali de pé, olhando para eles.

— Você disse que estava voltando para dentro. — Greg grunhiu.

— Oh, umm, desculpe, eu apenas me distraí por um minuto. — Disse ela, piscando.

— Um minuto? — Greg repetiu em descrença. — Você esteve aqui por mais de uma hora!

— Oh, ummm, bem... — Ela murmurou, olhando para o relógio no painel do carro tentando não estremecer. — Eu estava quase voltando. — Ela mentiu, atirando-lhe um sorriso e não conseguindo olhar em seus olhos enquanto saía do colo de Danny.

Foi puxada de volta para o colo dele e beijada apaixonadamente.

— Volta depois que seus amigos terminarem a noite? — Perguntou ele, provocativamente escovando seus lábios nos dela. — Vamos assistir alguns filmes de terror realmente ruins, devorar um pote de sorvete Ben e Jerry e terminar o que começamos?

Ela revirou os olhos enquanto saía de seu colo, já sabendo que não iriam terminar o que tinham começado e ela

não ia conseguir mais do que uma colher de sorvete antes que ele devorasse todo o pote.

— Eu só voltarei se eu conseguir meu próprio pote de sorvete. — Disse ela, fingindo que só tinha vontade de tomar sorvete e não estava descontando sua frustação sexual na comida.

****

— Eu te vejo mais tarde, Sininho. — Danny sussurrou baixinho contra seus lábios.

— Divirta-se no jantar. — Ela sussurrou de volta, afastando-se dele e dando um daqueles sorrisos tímidos e doces que ele amava, antes de se virar e ir em direção à porta da frente, deixando-o com Greg.

O desgraçado estava olhando para a bunda de Sininho como se fosse um delicioso pedaço de carne que ele não podia esperar para provar. Era da mesma forma que todos os amigos do cara olhavam para ela agora.

— Isso não vai acontecer. — Disse ele, recostando-se contra o seu assento enquanto considerava o homem, que até poucos meses atrás, nunca tinha olhado para Sininho como algo mais do que uma irmã caçula bonitinha.

— Você nunca sabe. — Greg murmurou, com os olhos ainda fixos na bunda de Sininho enquanto ela rebolava um pouco durante a caminhada.

— Eu sei. — Disse ele rindo sombriamente, quando se sentou para trás e prendeu o cinto de segurança. Fechou a porta, ligou o motor e não se surpreendeu quando bateram à sua janela, um minuto depois.

— Eu a conheço há mais tempo. — Disse Greg, antes dele abrir a janela completamente.

Danny olhou para frente, balançando a cabeça, pensativo.

— Isso é verdade, mas isso também significa que sua chance veio e passou.

— Talvez sim. — Greg murmurou. — Talvez não.

— Você está pensando em descobrir? — Ele perguntou, seu humor desaparecendo rapidamente, mesmo que o seu respeito pelo homem aumentasse.

— Talvez sim. — Disse Greg, virando-se para atirar-lhe um sorriso. — Talvez não.

Danny balançou a cabeça lentamente, abrindo a porta do carro.

— Você está de plantão?

O sorriso de Greg cresceu mais. — Não.

— Bom saber.

****

— Mas...

— Nem uma palavra! — Ela gritou, batendo um saco de gelo contra o rosto de Greg.

— Ai!

— E deixe de ser um bebê! — Ela retrucou, pegando a toalha de papel e band-aid sangrentos quando entrou no outro lado da cozinha e jogou o lixo fora. Sacudindo a cabeça em desgosto, ela caminhou até a pia e lavou as mãos.

— Não foi minha culpa. — Disse Greg, levantando-se de onde ela disse-lhe para se sentar e calar a boca há meia hora atrás, quando ela o encontrou no chão tentando se defender de golpes do outro homem que ela não estava falando.

— Jodi. — Disse Greg, suspirando enquanto caminhava e colocava as mãos ensanguentadas de cada lado dela na pia da cozinha, a encurralando. — Podemos apenas falar sobre isso?

— Não há nada para falar. — Disse ela, suspirando pesadamente enquanto esfregava as mãos limpas.

— Não poderia ser. — Disse ele, assim que ela sentiu seus lábios escovarem a parte superior de sua orelha.

— Oh meu Deus! — Ela soltou o ar, girando rapidamente em seus braços. Olhou para ele, registrando todos os cortes,

ataduras e contusões escurecendo rapidamente, preocupação torceu seu estômago enquanto ele olhava profundamente em seus olhos.

Ele abaixou-se, inclinando a cabeça para o lado enquanto se aproximava.

— Jodi. — Ele sussurrou, abaixando a cabeça.

— Ai! Que porra é essa? — Ele perguntou, mas ela o ignorou quando torceu e virou a cabeça dele, olhando para um ferimento que poderia explicar por que, de repente, ele ficou louco.

— Devemos levá-lo para o hospital. — Disse ela, tentando não entrar em pânico e se perguntando onde ela colocou as chaves do carro. Talvez ela devesse chamar uma ambulância? Lesões na cabeça não eram brincadeira.

— Espere! — Disse ele, balançando a cabeça enquanto dava um passo para trás, fora de seu alcance. — Que merda você está falando?

— Vamos levá-lo para o hospital! — Ela rebateu, perguntando-se que porra estava errada com ele.

O tempo era crucial aqui!

— Por que eu estou tentando beijá-la? — Ele perguntou, franzindo a testa.

— Sim! — Ela retrucou, empurrando-o para encontrar as chaves, mas ele agarrou a mão dela, parando-a abruptamente.

— Eu estou bem, Jodi. — Disse ele, suspirando pesadamente quando usou seu poder sobre ela para movê-la ao redor.

Mordendo o lábio inferior, ela o deixou girar em torno dela.

— Então o que está acontecendo?

Ele entrelaçou suas mãos juntas, acariciando o dorso da sua mão com o polegar.

— Eu estou tentando beijá-la, Jodi. — Disse ele em voz baixa e a puxou para mais perto.

— Tentando... me... beijar... me... — Ela gaguejou, tentando entender o que ele tinha acabado de dizer quando ele se inclinou.

— Eiii! — Ela gritou, batendo a mão sobre os lábios.

— Aai! — Ele fez uma careta, dando um passo para trás e pressionando as pontas dos dedos contra seu lábio cortado.

— Por que você está tentando me beijar? — Ela perguntou, não dando a mínima para o fato de parecer um pouco histérica, porque este era o seu melhor amigo e melhores amigos não se beijam!

— Porque eu quero. — Disse ele, estendendo a mão para ela novamente, mas desta vez ela o viu chegando e saltou para trás.

— Agora? Sério? — Ela não podia deixar de balançar a cabeça em desgosto. — Cinco anos atrás você disse que a

ideia de me beijar embrulhava seu estômago e agora, de repente, você não consegue se conter?

— Não embrulhava meu estômago!

— Sério? Porque você poderia ter me enganado. — Disse ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Você não quer que eu te beije! — Ele retrucou.

— Não, você não quer me beijar! — Ela retrucou.

— Não quero o caralho! — Gritou ele em sua cara.

— EU...

Mas ele não lhe permitiu continuar.

— Eu te chamei para sair, porque estava atraído por você, mas até o final do encontro... — Ele deixou suas palavras sumirem com um aceno de cabeça. — Você começou a agir como se eu fosse seu irmão e não um encontro.

— Você começou a me tratar como uma irmã mais nova! — Ela retrucou, irritada que ele estava jogando este jogo com ela.

— Porque é assim que você agiu! Como a minha irmã mais nova! Nós mal tomamos a primeira bebida quando você começou a me tratar como um irmão e pelo tempo que eu andei até a porta, você tinha me colocado firmemente na friendzone[2].

— Não, eu não fiz isso!

[2] Zona amiga.

Ele suspirou profundamente enquanto se dirigia para a porta da frente.

— Sim, você fez. Você faz isso com todos os caras. — Disse ele, só para fazer uma pausa com um gesto lento em direção a porta da frente antes de acrescentar. — Exceto com o babaca que vive do outro lado do corredor. Você trata todo cara com quem sai como se fosse um irmão perdido, mesmo aquele idiota que você estava noiva.

Capítulo 22

— Eu não vou ficar pedindo desculpas. — Disse Danny, fazendo uma parada na frente de uma grande casa colonial.

— Eu não quero que você fique pedindo. — Disse ela distraidamente, enquanto continuava a olhar para fora da janela, na verdade não vendo nada, enquanto repassava a conversa que tivera com Greg em sua cabeça.

Ele estava errado. Pelo menos, ela queria acreditar que ele estava errado, mas talvez...

— Se você não quer que eu continue pedindo desculpas, então o que há de errado? — Perguntou Danny, pegando a mão dela na sua. — O que há de errado, Sininho?

— Além do fato de que você encheu meu melhor amigo de porrada? — Ela perguntou com um pequeno suspiro e mudou sua atenção para suas mãos.

— Além disso. — Disse ele, como se não fosse grande coisa, fazendo seus lábios se contorcerem.

— Você acha que.... — Ela começou a perguntar, apenas para sacudir a cabeça e olhar para trás, fora da janela. — Esqueça.

— Não. — Ele disse baixinho, enquanto gentilmente segurou seu queixo e virou a cabeça para que ela olhasse

para ele: — Eu não vou esquecê-lo quando há algo incomodando você, querida.

Ela olhou em seus belos olhos verdes e suspirou.

— Você acha que eu tenho um hábito de tratar os homens como se eles fossem meus irmãos?

— Sim. — Disse ele com absolutamente nenhuma hesitação quando deu-lhe um sorriso tranquilizador e a sua mão um pequeno aperto reconfortante.

— Eu não faço isso de propósito. — Ela murmurou, perguntando-se por que ela nunca tinha percebido isso antes.

— Eu sei que não, querida. — Disse ele suavemente.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não posso acreditar que eu nunca vi isso antes. Eu sempre pensei...

— Que era o contrário. — Disse Danny compreendendo-a, lhe deu um aperto de mão leve e gentilmente a puxou para cima dos joelhos, para que pudesse colocá-la no colo.

— Sim. — Ela murmurou enquanto deitou a cabeça contra seu peito e suspirou pateticamente.

— Você passa uma vibração fraternal. — Disse ele, balançando a cabeça ligeiramente. — Isso é verdade, é como um mecanismo de defesa. Você a usa para afastar os homens, mas eu não acho que esteja fazendo isso de propósito.

— Então, por que estou fazendo isso? — Ela encontrou-se perguntando, enquanto segurava a mão dele e traçava círculos na palma.

— Porque você não tem absolutamente nenhuma ideia de como dizer a um cara que não está interessada nele. Então, ao invés disso, o coloca na friendzone, agindo como se fosse sua irmã mais nova. — Disse ele, dando um beijo na testa.

Ela balançou a cabeça.

— Havia um monte de caras que eu realmente gostei, um monte deles que eu poderia ter me apaixonado.

— E eles são seus melhores amigos agora, não são? — Perguntou ele, adivinhando corretamente.

— Sim.

— Eles não eram para você, Sininho e em algum nível, você sabia disso.

— E quanto a Jerry? — Ela perguntou em voz baixa.

— Aquele idiota? — Ele perguntou com frieza.

— Greg disse que eu o tratava como um irmão, um irmão não desejado, mas eu ainda o encorajei. Ele era um idiota, egoísta e eu... eu não o amava, mas ainda estava preparada para passar o resto da minha vida com ele. — Disse ela, sentindo o rosto queimar com mortificação ao perceber que ela estava disposta a se casar com alguém que ela não gostava, não importando o amor.

Ela foi patética.

— Você estava estabelecendo-se, querida. Isso é tudo. Não tente enxergar demais nisso. Você conheceu alguns caras legais, mas não pôde forçar-se a querer mais com eles e, em seguida, encontrou um imbecil que não se importava como você o via. Você espantou os homens por tanto tempo que estava disposta a sacrificar-se até mesmo para um idiota.

— E você? Eu já te tratei desse jeito? — Ela tinha que perguntar.

Ele riu quando pressionou um beijo em sua testa.

— Eu te chateava demais para você desperdiçar energia tentando me afastar. Além disso... — Ele disse, pressionando um beijo em sua testa. — Não teria funcionado em mim.

— Não? — Ela perguntou, sorrindo, apesar do fato de que sentia vontade de chorar.

— Não. — Ele disse, traçando seu queixo com as pontas dos dedos. — Porque não há nada que você possa fazer para me impedir de desejá-la.

— Você me deseja? — Ela perguntou com um sorriso aguado.

— Mais do que a minha próxima respiração. — Ele afirmou, abaixando a cabeça para beijá-la.

— Hey! Você está atrasando o jantar, idiota! — Alguém gritou com um estrondo na janela do lado do motorista.

Suspirando, Danny deu um beijo em sua testa e disse:

— Vamos acabar com isso.

****

— Já ouviu falar de um telefone, idiota? — Perguntou Darrin o puxando para um abraço. — Minha mãe estava prestes a me enviar para encontrá-lo. — Ele sussurrou baixo o suficiente para que Jodi, que estava de pé nervosamente nas proximidades, não pudesse ouvir.

— Eu estou bem. — Disse ele, apertando os braços ao redor de seu irmão mais novo, uma última vez, antes de se afastar e pegar a mão de Jodi. — Só estou um pouco atrasado.

— Eu posso ver isso. — Darrin murmurou, olhando Jodi. Com um sorriso, ele acenou em direção à casa. — Por que não vamos para dentro?

— Eu deveria ter ligado. — Disse ele, atirando a Jodi um olhar, observando o jeito que ela estava mordendo seu lábio inferior.

— E avisar a mamãe que você estava trazendo uma mulher para conhecer a família pela primeira vez? — Perguntou Darrin brilhantemente, rindo quando Danny lhe lançou um olhar homicida. — Agora, por que você iria querer fazer isso?

— Umm, talvez eu devesse esperar no carro? Ou voltar para casa? — Perguntou Jodi. — Eu posso ir andando para casa. Realmente não é tão longe.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo. — Disse ele, levantando as mãos para que pudesse beijar o dorso delas.

— Sim, mas eu não era esperada hoje. Não quero atrapalhar. — Disse ela, parecendo querer estar em qualquer lugar, menos aqui.

— Vai ficar tudo bem. — Prometeu de novo, resistindo à vontade de rir ao ver a expressão em seu rosto. — Além disso, eu quero você aqui.

— Tudo bem. — Disse ela com um suspiro prolongado e um pouco miserável, que o fez inclinar-se e beijá-la. — Não se preocupe, Sininho. Tudo vai ficar bem.

****

Oh, ele era um mentiroso, ela decidiu cinco minutos mais tarde quando foi empurrada para a parede pelos homens agarrando Danny em abraços de urso. Até Jason e Trevor arrastaram Danny para um abraço, parecendo muito contentes de vê-lo e agindo como se não tivessem acabado de passar o dia todo com ele no trabalho. Isso era realmente doce, pensou com um sorriso, que desapareceu quando todos os grandes homens na sala, de repente, pararam de falar e viraram-se para olhá-la.

— Ummm. — Ela murmurou desajeitadamente, limpando a garganta. — Oi. — Cumprimentou um pouco nervosa,

acenando com a mão para tentar tornar o momento um pouco menos estranho.

— Quem é essa? — Perguntou Darrin, fazendo-a franzir a testa, porque ela tinha acabado de ser apresentada a ele há dez minutos.

— Esta é a minha namorada. — Respondeu Danny, empurrando os homens para fora do caminho e se posicionando ao lado dela e, pela primeira vez desde que chegou, percebeu que ele não estava feliz por estar aqui.

Ele veio para o lado dela e estendeu a mão para ela, mas antes que pudesse salvá-la, alguém pegou a outra mão e puxou-a para longe da segurança de seus braços.

— Esta é Jodi. — Disse Aidan, um enorme sorriso quando ele soltou sua mão e jogou o braço em volta dos ombros, puxando-a para mais perto. — Também conhecida como Sininho do nosso pequeno Danny.

Em vez de parecerem felizes em conhecê-la, cada um, com exceção de Trevor e Jason, parou de sorrir para olhá-la. Aidan fez um gesto em direção a Darrin. — Este é Reese, irmão gêmeo de Darrin. — Disse ele, resolvendo esse mistério para ela antes de fazer um gesto para o próximo homem olhando-a. — Este é o nosso irmão Duncan. — Disse ele, apontando para um homem bastante grande e um pouco irritado, antes de mudar-se para os próximos três homens furiosos. — Este é Garrett, Arik, e Lúcifer. — Disse ele, terminando com o homem mais irritado que ela já tinha visto.

— E eu acredito que você já conhece nossos primos, Jason e Trevor.

— É bom conhecer todos vocês. — Disse ela, tentando forçar um sorriso, mas não teve muito sucesso, não com todos eles a olhando dessa maneira.

— Onde está a mamãe e Kenzie? — Perguntou Danny, parecendo cansado quando ele estendeu a mão e deu-lhe um aperto reconfortante, que realmente não ajudou muito.

— Na cozinha. — Disse Darrin, caminhando de volta para a sala. O sorriso cordial que ele tinha usado quando a conheceu, apenas alguns minutos atrás, estava completamente desaparecido e substituído por uma carranca que combinava com seus irmãos.

— Marybeth está aqui? — Perguntou Danny, liberando a mão dela.

— Aquela safada está morta para mim! — Disse Darrin, seu olhar perfurando-a com cada palavra.

— Uh huh, isso é bom. — Danny murmurou distraidamente enquanto ele soltou sua mão. — Eu estarei de volta. — Disse ele, pressionando um beijo no topo de sua cabeça e indo em direção ao pequeno corredor à esquerda da escada, antes que pudesse pensar numa desculpa para ir com ele e ela queria desesperadamente ir com ele.

— Oohh está bem. — Disse ela, engolindo nervosamente enquanto os olhos dos homens se estreitaram perigosamente sobre ela.

Ela olhou para Jason e Trevor pedindo ajuda silenciosamente, mas seus sorrisos também se foram e seus olhos estreitaram exatamente com os de seus primos. Aidan se afastou dela para se juntar aos primos e irmãos, a fazendo recuar até que suas costas bateram na parede e ela percebeu que não tinha mais para onde ir.

— Então, uma família grande, hein? — Ela murmurou, lançando um olhar para a porta, em direção à liberdade. Talvez se ela corresse muito rápido conseguisse escapar.

— Quais são suas intenções com o nosso irmão?

Capítulo 23

— Você está atrasado! — Disse Kenzie com um enorme sorriso, se jogando ao redor de seu pescoço, puxando-o para um abraço de urso que colocaria seus irmãos no chinelo. — Senti sua falta.

Fechando os olhos, ele voltou o abraço de sua irmã e riu.

— Você me viu na semana passada.

— Foi uma visita curta.

— Eu tinha um lugar para ir. — Ele mentiu, esfregando a parte de trás do seu pescoço enquanto seguia sua irmã.

— Claro que você tinha. — Disse ela, enviando-lhe um sorriso maroto por cima do ombro, enquanto abria a porta para ele.

Ele entrou com a expectativa de encontrar sua mãe organizando grandes tigelas e pratos de comida, só para encontrar seu pai de pé, no meio da cozinha, com uma grande tigela de purê de batatas em seus braços. Quando o olhar de seu pai alcançou Kenzie, ele atirou a ela aquele sorriso quente, cheio de orgulho que pertencia a sua única menina. Aquele sorriso desapareceu rapidamente quando ele olhou para cima e viu Danny de pé na cozinha. Sua mandíbula se apertou com firmeza e ele passou por Danny, incisivamente olhando para a frente.

— Eu amo tanto esses jantares de família. — Ele murmurou, esfregando as mãos pelo rosto.

— Por que você não conta para o papai que você...

— Não. — Ele disse, soltando as mãos ao lado do corpo. — Apenas não.

— Desculpe. — Kenzie disse, dando-lhe um pequeno sorriso quando ela pegou um grande prato de frango frito.

— Não se preocupe com isso. — Disse ele, suspirando pesadamente enquanto olhava ao redor da grande cozinha. — Onde está a mamãe?

— Ela derramou molho em si mesma e teve que ir trocar de roupa. — Disse ela com um encolher de ombros.

Ele fez um gesto distraído atrás dele.

— Eu queria que ela conhecesse Jodi.

O sorriso no rosto de Kenzie lentamente se transformou em horror quando suas palavras se registraram.

— Você trouxe sua namorada aqui?

— Sim.

— Onde ela está? — Ela perguntou, empurrando o prato de frango em suas mãos.

— No salão da frente com todo mundo. — Disse ele, querendo saber qual o problema.

— Você deixou-a com os nossos irmãos? Você está louco, porra? — Ela perguntou, empurrando-o e fazendo-o perceber o que tinha acabado de fazer.

Ele tinha deixado Sininho sozinha...

Com seus primos...

E seus irmãos...

Tanto trabalho para cuidar dela...

Merda!

Ele largou o prato no balcão da cozinha e ultrapassou sua irmã numa corrida mortal. Estava no meio do corredor quando percebeu que o grande foyer, onde tinha deixado Jodi com seus irmãos e primos imbecis, estava vazio. No momento em que ele alcançou as escadas os gritos começaram.

— Por favor, parem! — Sininho gritou, soando fora do ar.

Ele iria matar esses filhos da puta, jurou enquanto seguia os sons de seus gritos. Ele não podia acreditar no quão estúpido fora por deixá-la assim. Ele conhecia muito bem sua família, mas não estava pensando direito. Odiava vir aqui, odiava ver seu pai, odiava o lembrete de que eles não tinham trocado uma palavra desde a noite anterior à sua fuga para se alistar, mas acima de tudo, ele odiava o fato de que seu pai olhava para ele como se ele fosse um estranho.

— Não, eu não aguento mais! Por favor, pare! — Sininho gritou, chorando histericamente quando ele virou o corredor e correu para onde ele costumava brincar de carrinhos com

seus irmãos, tarde da noite, quando os seus pais estavam dormindo.

Ele correu pelo corredor, abriu as portas e decidiu, então, que definitivamente iria matar seus irmãos.

****

— Por favor, pare! — Ela gritou com falta de ar, enquanto tentava parar de rir, mas simplesmente não podia, não com todos os sete irmãos de Danny mostrando-lhe as fotos mais embaraçosas que pudessem encontrar dele.

— Espere! Achei os vídeos caseiros! — Arik anunciou triunfalmente e ergueu uma grande pilha de DVDs.

— Vocês... Filhos da puta! — Danny rosnou e o álbum de fotos foi arrancado de seu colo de repente.

— Oh, vamos lá! — Seus irmãos choramingaram quando Danny arrebatou o resto dos álbuns de fotos deles.

— Traidores safados! — Ele resmungou com um olhar assassino destinado aos irmãos e jogou os álbuns de fotos na mesa de café.

— Pare de ser um idiota. — Disse Duncan, rolando os olhos quando se sentou.

— Aii! — Ele gritou, quando Danny agarrou sua mão e com um simples giro de pulso, seu irmão caiu de joelhos.

— A próxima pessoa que mostrar à minha namorada uma foto minha vestindo um dos sutiãs da mamãe é um homem morto! — Ele rosnou, usando seu poder sobre a mão de seu irmão para reforçar a ameaça.

— Vamos lá, filho da puta! — Duncan gritou, ofegando de dor quando Danny acrescentou um pouco mais de pressão.

Ela devia estar preocupada com o irmão dele, mas...

— Há uma foto sua vestindo um sutiã? — Ela perguntou, lançando um olhar esperançoso para a pilha de álbuns de fotos e se perguntando se seria possível fazer uma cópia para pendurá-la na sua parede.

— Nem sequer pense sobre isso. — Disse ele, lançando a ela um olhar ameaçador que outrora teria intimidado, mas agora só a fez murmurar baixinho e agitar sua cabeça, enquanto se levantava e caminhava em torno dele para descobrir que foto queria.

Ela ouviu um palavrão murmurado e, em seguida, encontrou-se puxada para os braços de Danny e seus lábios pressionados contra os dela.

— Se comporte, Sininho, ou eu não te mostrarei a minha casa na árvore de quando era criança.

— Você tinha uma casa na árvore? — Ela perguntou, sorrindo contra seus lábios quando imaginou um mini-Danny em sua casa na árvore, protegendo seu território e partindo para cima de seus irmãos mais novos.

— Sim, ele mesmo a fez e eu só poderia fazê-lo sair na hora do jantar. — Uma pequena mulher, com cabelos manchados de grisalho e preto e um sorriso enorme disse, enquanto Danny a soltava.

— Querida, esta é a minha mãe. — Disse Danny, inclinando-se para beijar sua mãe na bochecha.

— Mãe, essa é a minha namorada.

— Senhora Bradford? — Jodi perguntou, o pânico a consumindo quando estendeu a mão para a mulher mais velha, assim que os olhos dela rolaram na parte de trás de sua cabeça e ela...

****

— Eu estou bem. — Mary, a mãe de Danny disse, acenando para acabar com a preocupação de todos e gesticulando para que comessem.

— Querida, talvez devêssemos ir para o hos... — Dr. Bradford começou a dizer, se calando quando Mary lançou um olhar furioso.

— Meu filho mais velho trouxe para casa a sua namorada para jantar comigo e nós vamos jantar! — Mary desafiou o marido, surpreendendo a todos na mesa.

— Ummm. — Dr. Bradford começou a dizer, engolindo enquanto ele lentamente, muito lentamente, entregou à

esposa o saco de gelo que estava segurando contra a parte de trás de sua cabeça, onde ela bateu no sofá quando desmaiou e sentou-se em sua cadeira. —Apenas deixe-me saber se começar a doer.

— Uh huh. — Disse Mary, deslocando sua atenção de volta para ela. — Você gostaria de mais frango, Jodi? – Perguntou, simpática, assustando-a ainda mais.

— N-não, obrigada, eu estou bem. — Disse ela, olhando para o prato transbordando de comida e se perguntando como comeria tudo isso sem passar mal.

— Você está com sede? — Perguntou Mary, parecendo ansiosa quando fez um gesto em direção a um dos muitos jarros sobre a mesa de jantar.

— Eu estou bem, obrigada. — Respondeu ela com um sorriso.

— Tem certeza? — Perguntou Mary, gesticulando para que um de seus filhos reabastecesse seu copo com limonada.

— Ela está bem, mamãe. — Disse Danny, impedindo seu irmão de encher o copo.

— Sim, sim, claro. — Mary murmurou, parecendo pensativa enquanto distraidamente empurrava seu purê de batatas ao redor do prato.

— Isso é muito bom, Sra. Bra... umm, Mary. — Disse Jodi com um sorriso, enquanto comia um pouco do purê.

— Então, me fale sobre você. — Disse Mary com um enorme sorriso assim que Jodi engoliu a comida em sua boca.

— Você já sabe tudo sobre ela. — Disse Danny, surpreendendo-a.

Os olhos de Mary se estreitaram para Danny.

— Esperei anos para que um dos meus filhos teimosos trouxesse uma boa moça para me conhecer! Você não vai me negar esse momento!

Jodi assistiu com espanto como cada um dos irmãos de Danny, de repente, abaixaram suas cabeças e focaram na comida, enquanto Jason, Trevor e Kenzie estavam claramente se divertindo. Danny apenas ficou lá, empurrando sua comida ao redor do prato e olhando para a mesa. Franzindo a testa, ela olhou de Danny para o final da mesa, onde seu pai também estava olhando para seu prato, empurrando sua comida ao redor.

— Jodi?

— Hmm? — Ela murmurou, tirando seu olhar do Sr. Bradford para se concentrar em sua esposa, sua esposa muito feliz.

— Diga-me sobre você, Jodi.

— Realmente não há muito o que dizer. — Disse ela, sentindo-se autoconsciente quando cada par de olhos verdes na mesa olhou para cima para vê-la responder.

— Tenho certeza de que isso não é verdade. — Disse Mary, sorrindo. — Danny disse que você foi para a faculdade?

— Sim, senhora. — Disse ela, limpando a garganta enquanto se ajeitava na cadeira, sutilmente olhando ao redor, esperando que alguém, qualquer um, viesse em seu socorro, mas ninguém disse nada. — Eu tenho um mestrado em História, com especialização em Antiguidades.

— Muito bom, muito bom. — Mary disse, balançando a cabeça em aprovação. — E a sua família? Danny disse que é próxima de seu pai?

— Sim. — Concordou, sorrindo fracamente, porque eles eram próximos, mas ao longo dos últimos dois meses ela estava evitando seu pai. Ela não queria que ele visse como tinha caído, porque com um abraço seu pai seria capaz de quebrar suas barreiras e fazê-la dizer-lhe tudo.

Ela realmente sentia falta dele.

— Por que você está aqui? — Danny perguntou de repente, distraindo-a. Ela olhou para encontrá-lo ainda sentado lá, empurrando sua comida ao redor do prato.

— Houve uma festa. — Jason disse, tomando um grande gole de chá gelado.

— E nós não fomos convidados. — Trevor terminou por ele com um encolher de ombros despreocupado.

Ok, então...

— E Haley e Zoe? — Danny perguntou.

— Elas foram. — Respondeu Jason, comendo seu purê de batata.

— E as crianças? — Ela perguntou, curiosa demais para manter a boca fechada.

— Também foram convidados. — Disse Trevor, comendo o frango.

— Então por que vocês não foram? — Ela começou a perguntar, apenas para ser cortada quando uma mulher pequena e bonita, com o cabelo preto puxado para cima em um rabo de cavalo, vestindo um apertado uniforme preto da Bradford Construções, veio andando na sala, um enorme sorriso quando ela disse: — Me desculpe, eu estou atrasada. Tio Jared precisava de uma mão com alguns modelos.

— Que porra você está fazendo aqui? — Darrin exigiu, chateado.

— Darrin Bradford! — Mary engasgou. — O que está errado com você?

— Muitas coisas. — Reese murmurou baixinho, pegando mais comida quando ele balançou a cabeça em desgosto pelo seu irmão gêmeo.

— Estou feliz que você está aqui, Marybeth. — Disse Mary, sorrindo calorosamente para a pequena mulher que parecia em nada com o resto dos Bradfords. Na verdade, agora que pensava sobre isso, ela achou que Marybeth tinha um pouco de sangue nativo americano nela. Ela tinha um bronzeado impecável, quentes olhos escuros e um sorriso

malicioso que ultrapassou em muito Danny. — Eu queria ver se você ainda está pensando em viajar com a gente.

— Ela não vai! — Disse Darrin, pegando dois biscoitos do grande prato na frente dele.

— Sim, eu vou! — Retrucou Marybeth, sentando-se na cadeira vazia ao lado de Darrin.

— Não, você não vai. — Disse Darrin, enchendo seu prato mais uma vez.

— Sim, eu realmente vou. — Disse ela, tomando um gole de limonada.

— Não, você realmente não irá. — Continuou ele, pegando o copo de limonada dela e bebendo.

— Você realmente precisa superar isso. — Disse Marybeth e mesmo que Jodi soubesse que deveria desviar o olhar, ela não podia. Havia algo sobre o casal que tornava difícil desviar o olhar.

— Você realmente acha que eu vou ser capaz de superar esse tipo de traição? — Perguntou ele, pegando uma mecha do cabelo dela para acariciá-lo.

— Eu fui almoçar em um buffet com Zoe sem contá-lo. Não foi a primeira vez e não será a última, então supere isso. — Disse ela, roubando um dos bolinhos do prato dele, assim que um suspiro alto chamou a atenção de todos para a outra extremidade da mesa, onde Trevor ficou de pé, parecendo absolutamente furioso.

— Ela me disse que estava fazendo alguns serviços de rua!

Capítulo 24

— Você já pensou se vai se juntar a nós na Flórida? — Perguntou sua mãe.

— Eu não posso ir, mãe. — Disse ele, continuando a empurrar sua comida ao redor do prato.

— Nós já compramos o seu bilhete, Danny. Eu estava conversando com Jodi... — Disse sua mãe, fazendo-o soltar o garfo no prato com um som estridente, quando ele sentou-se rígido em sua cadeira.

— Eu? — Perguntou Jodi, atirando-lhe um olhar interrogativo.

— É claro. — Disse sua mãe, sorrindo calorosamente. — Faremos nossa viagem de família em outubro e nós adoraríamos que você se juntasse a nós.

— Nós não podemos ir, mãe. Sinto muito. — Disse ele, querendo saber quando a mãe ia começar a ouvi-lo.

Ele não queria ir em uma viagem e ser forçado a fingir que seu pai não falava com ele, não o irritava. Ele já tinha cometido esse erro uma vez e foi o suficiente. Apenas duas semanas após a última cirurgia na perna, ele deixou sua mãe convencê-lo de que uma viagem para Cape Cod era uma boa ideia.

Por alguma razão, ela pensou que ficar enfiado o dia todo em uma casa de campo era uma boa maneira para ele superar suas diferenças com o pai. Só que ela não contava com o fato de seu pai alugar-lhe a sua própria casa de campo para evitá-lo como uma praga. Ele passou a viagem inteira sentado no pequeno pátio de pedra da casa com a perna apoiada, olhando para o mar. Desde então, ele se recusou a se juntar à sua família em suas viagens anuais e sua mãe se recusava a ouvi-lo.

Todos os anos ela comprava-lhe um bilhete, reservando um quarto para ele e fingia não ouvir quando ele dizia que não queria ir. Ele nunca foi, mas ela sempre parecia esquecer isso quando começava a planejar a próxima viagem.

— Seu tio Jared já disse que dará férias para que você possa ir. — Disse sua mãe com um sorriso satisfeito.

Ele acenou com a cabeça sem tirar os olhos dela, porque tinha aprendido há muito tempo a nunca mostrar fraqueza para esta mulher quando ela se intrometia na sua vida.

—Eu ficarei um tempo fora, mas eu não estou indo nessa viagem.

— É claro que você está. — Disse sua mãe, rapidamente ignorando-o quando ela reorientou toda a sua atenção para Jodi, que estava claramente tentando resistir ao impulso de se levantar e fugir da mesa. — Agora, quanto a você, querida? Você acha que vai ser capaz de tirar férias do trabalho?

— Ummm... — Ela lambeu os lábios nervosamente se mexendo na cadeira, lançando um olhar de súplica que ele era incapaz de ignorar, mas sabia que não havia nada que pudesse dizer para salvar Jodi deste interrogatório.

— Mãe, não podemos ir. — Disse ele, mas sem surpresa, ela o ignorou e continuou.

— Desde que a proibição foi retirada... — Disse ela, parando para lançar a Jason e Trevor um olhar aguçado. — ...Pelo menos para alguns, nós decidimos fazer uma viagem a Disneyworld.

— Proibição? — Perguntou Jodi, fazendo uma careta de confusão adorável, enquanto todos na mesa, de repente, ficaram ocupados com a comida.

Sua mãe assinalou.

— A questão é que estamos indo para lá em um mês e nós adoraríamos se você se juntasse a nós.

— Muito obrigada pelo convite, mas eu não tenho trabalhado na biblioteca tempo suficiente para tirar férias. — Sua pequena Sininho explicou com as faces coradas e um sorriso.

— Mas, se você fosse capaz de tirá-las? — Perguntou sua mãe com um brilho nos olhos que ele conhecia muito bem.

— Então, eu ainda não poderia, porque uma viagem para a Flórida está fora do meu orçamento no momento. — Disse ela com aquele mesmo sorriso, mas ainda corada...

O rubor se aprofundou.

— Oh, querida, nós não esperamos que você compre o seu próprio bilhete. — Disse sua mãe com um sorriso tranquilizador.

— Me desculpe, mas eu não me sentiria confortável com isso. — Disse Jodi baixinho, deslocando sua atenção para o prato, em uma tentativa de esconder a sua vergonha, mas ele viu.

Ele viu tudo.

Ele sabia que ela ganhava um bom dinheiro e nunca comprava nem uma barra de chocolate sem planejar em seu orçamento, mas também sabia que ela estava sem dinheiro. Ela estava apenas começando e estava vivendo de salário em salário. Fazia durar cada centavo, mas ainda estava lutando e ele não sabia o porquê.

— Nem eu. — Disse ele, pegando o garfo de volta e empurrando um grão de milho em torno do prato. — Eu sou mais do que capaz de cuidar de nossos bilhetes.

— Então, você vai? — Perguntou sua mãe, animando-se.

— Não, eu sinto muito.

— Então por que você está tirando férias? — Aidan, o filho da mãe, perguntou.

Porque ele estava ansioso por duas semanas sem a sua família, sem ninguém se agitando sobre ele, ligando mil vezes por dia para se certificar de que ele estava bem, que ele

estava comendo o suficiente, que ele estava tomando sua medicação e dormindo o suficiente. Assim que sua mãe havia anunciado a sua viagem anual de família, ele tinha pedido férias para o tio Jared, com planos de se hospedar em seu apartamento com seus livros e o belo silêncio. Mas agora...

Agora ele queria passar essas duas semanas na cama com Sininho, mas isso não ia acontecer. Eles estavam levando as coisas devagar... muito devagar... Não importa o quanto isso o matava ou o quanto ele precisava rasgar a roupa dela e deslizar dentro do seu calor, iria fazer isso direito. Só de pensar em todas as coisas que ele não estava permitindo-se fazer com ela o tinha mudando discretamente em sua cadeira.

— Eu fiz planos. — Disse ele, olhando para cima para dar a sua mãe um sorriso de desculpas e desejando não ter visto a expressão de dor no rosto dela.

— Oh! — Disse sua mãe, dando-lhe um sorriso trêmulo e desviou o olhar, mas não antes da expressão em seu rosto o fazer se sentir como o maior idiota que já andou na face da Terra.

Ele ignorou a maneira que seus irmãos, irmã e primos estavam olhando para ele e focou na mulher que tinha chorado em cima dele, segurado sua mão, cuidado de suas febres com um pano frio na testa e remédios quando isso não funcionava. Esta era a sua mãe e ele a estava magoando.

Suspirou profundamente, já lamentando o que estava prestes a dizer antes que as palavras saíram de sua boca.

— Nós estaríamos mais do que felizes de ir, mãe.

****

— Danny, eu...

— Eu tenho que ir, Sininho. — Ele suspirou, estacionando a caminhonete.

— Sim, mas eu não. — Disse ela, abrindo a porta e saindo.

Ela ainda não conseguia acreditar que ele tinha feito isso com ela, colocando-a no fogo cruzado na frente de sua família. O que ela deveria dizer quando sua mãe começou a chorar? Dizer não? Sério? A mulher tinha praticamente a agarrado e estrangulado quando ela concordou em ir.

Ela também não podia pagar esta viagem ou tirar férias.

Deus, o que deveria fazer? Ela disse à mãe de Danny que iria, mas ela não tinha dinheiro, não podia tirar férias e tinha uma grande fatura de cartão de crédito para pagar no final do mês. Não seria capaz de ir, o que significava que tinha mentido para a mãe de seu namorado na noite em que se conheceram. Isto não augura nada de bom para o seu relacionamento.

— Você prometeu à minha mãe que iria. — Disse ele, se juntando a ela na frente da caminhonete.

— Não, você prometeu à ela. — Jodi se sentiu obrigada a apontar quando eles caminharam até a porta da frente.

— Lembro-me de você dizendo que iria. — Disse ele, chegando a passar por ela para abrir a porta.

— Você quer dizer quando ela estava chorando histericamente enquanto ela se agarrava a mim, agradecendo a Deus por me enviar a ela? — Ela respondeu, revirando os olhos em desgosto.

— Isso conta do mesmo jeito. — Disse ele, atirando-lhe um sorriso e segurando a sua mão.

— Não. — Ela disse, suspirando pesadamente enquanto puxava a mão livre e pegava as chaves de sua bolsa. — Não conta.

— Isso realmente conta. — Disse ele, tirando as chaves da mão dela e abrindo a porta.

— Pense novamente. — Disse ela, tomando as chaves de volta e jogando-as na mesa ao lado da porta. — Eu não vou.

— Você realmente vai.

— Não. — Disse ela caminhando em direção ao hall. Ela fez um gesto em direção à cozinha, enquanto passou pela porta aberta. — Há sobras de espaguete se você estiver com fome. — Disse, supondo que ele estava morrendo de fome, pois não tinha comido nada da deliciosa refeição que sua mãe tinha feito.

Então, nem o pai dele...

— Eu vou esquentar um pouco. — Disse ele, seguindo-a para o seu quarto. — Em primeiro lugar, vamos discutir nossos planos para a viagem.

Ela suspirou quando tirou os sapatos e as calças. — Nós não vamos viajar.

— Ela lembrou-lhe quando tirou sua camisa.

— Sim. — Disse ele, pegando sua camisa. — Nós iremos.

Ela balançou a cabeça e desabotoou o sutiã.

— Danny. — Disse ela, suspirando seu nome quando soltou o sutiã no chão e entrou no banheiro. — Eu não posso ir, basta aceitar isso.

— Por que não? — Perguntou ele, seguindo-a até o banheiro e tirou as calças.

Ela enganchou seus polegares em sua calcinha e abriu a boca para dizer a ele exatamente por que ela não poderia ir quando algo lhe ocorreu.

— Umm, o que você está fazendo? — Ela perguntou, incisivamente olhando para as mãos, que estavam puxando suas boxers para baixo.

Ele piscou inocentemente, olhando seus seios e disse:

— Continuando a nossa conversa?

Balançando a cabeça, ela virou-se e abriu a cortina do box.

— Você não precisa estar nu para continuar essa conversa.

— Não... — Ele murmurou, pensativo. — ...Mas ajuda.

Cansada demais para discutir com ele, ela tirou a calcinha e subiu no chuveiro, sem se importar se ele seguiu para dentro. Eles não se viam nus desde a manhã, quando ela despertou para encontrá-lo deitado em cima dela, aparentemente segurando-a na cama, para que ela não pudesse fazer nada questionável durante seu estado drogado.

— Vai ser divertido. — Disse ele quando entrou no chuveiro atrás dela, parando ao seu lado tempo suficiente para dar um beijo em seu ombro.

— Eu tenho certeza que você vai ser uma viagem maravilhosa com sua família, Danny. — Disse ela, lambendo os lábios e tentando fingir que a sensação de sua boca em sua pele nua não parava sua respiração.

— Não, a menos que você esteja lá, Sininho. — Disse ele, movendo seus lábios ao longo do ombro. — Por favor, venha comigo, meu amor. — Ele pediu baixinho e passou os braços em volta dela, puxando-a contra ele.

Ela abriu a boca para discutir com ele, mas aquele “por favor” a desfez, assim, a única coisa que saiu de sua boca foi:

— Eu não posso. Eu simplesmente não posso.

— Por que não, Sininho? — Ele perguntou, virando a cabeça para que pudesse pressionar outro beijo contra seu

pescoço. — Eu não posso fazer isso sem você, Jodi. Por favor, não me faça fazer isso sem você.

Ela abriu a boca para dizer que não, mas de alguma forma, ela encontrou-se dizendo:

— Eu vou tentar, mas não posso prometer nada.

— Obrigado. — Danny sussurrou, pressionando mais um daqueles beijos para seu ombro que ela estava realmente começando a amar.

Ela fechou os olhos e recostou-se em seu toque e se sentiu relaxar pela primeira vez durante todo o dia. Ela ia pedir e seu chefe diria que não, mas pelo menos, ela poderia dizer que tentou. Então Danny iria em sua viagem, ela iria ficar aqui sentindo falta dele, essas duas semanas seriam difíceis, mas ela passaria por isso. Então, quando ele voltasse, poderiam...

— Passe o sabão?

Capítulo 25

— Que porra é essa? — Ele perguntou, quase escorregando no chão do banheiro após a pequena valentona empurrá-lo para fora do chuveiro.

O rosto lindamente presunçoso de Sininho espiou por trás da cortina.

— Eu acredito que você não queria apressar as coisas. — Disse ela, claramente reprimindo um sorriso quando estendeu a mão e pegou uma toalha de mão limpa fora do rack e jogou nele.

Ele não se incomodou em segurá-la. Em vez disso concentrou toda a sua atenção na mulher que estava deixando-o louco.

— Nós estávamos tendo uma conversa.

Ela deu de ombros e desapareceu por trás da cortina semitransparente, deixando-o com uma visão tentadora que o fez lutar contra a vontade de rasgar a cortina e voltar para ela. Deus, Jodi era sexy, ele pensou, lambendo os lábios com fome, enquanto seguia o contorno de seu pequeno corpo cheio de curvas com os olhos.

— Nós já acabamos a conversa. — Disse ela, alto o suficiente para ser ouvida sobre o chuveiro.

— Mas eu tinha muito mais a dizer. — Disse ele com um gemido quando a viu pegar uma esponja e esfregá-la sobre seus seios e sobre a barriga.

Ela riu enquanto passava a esponja pelo corpo.

— Eu já concordei em pedir um tempo de folga. O que mais precisamos discutir?

— Umm, muitas coisas... muitas, muitas coisas. — Ele murmurou, se mexendo ansiosamente enquanto a olhava curvar-se e esfregar a esponja para cima e para baixo das pernas curvilíneas.

— Bem? — Disse ela, mudando para a outra perna.

— Bem, o quê?

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— O que mais você quer falar?

— Falar? — Ele se esforçou a dizer enquanto a via largar a esponja e pegar uma garrafa de sabonete líquido, despejando um pouco na mão. Quando ela se esfregou lentamente entre as pernas, ele teve que se segurar no balcão da pia para não cair, suas pernas de repente muito fracas.

— Como?

Ele abriu a boca apenas para soltar um sonoro gemido doloroso, enquanto observava sua mão se mover para cima e para baixo enquanto se lavava entre as pernas.

— Então, você entende? — Ela disse, o distraindo de seus pensamentos inadequados e fazendo-o perceber que ela

esteve falando o tempo todo enquanto ele apenas assistia seu banho.

— Sim? — Ele perguntou, com absolutamente nenhuma ideia do que ela tinha acabado de dizer.

— Então você não vai ficar bravo?

— Ummm... — Seus pensamentos dispersaram quando ela se virou e começou a correr as mãos sobre suas costas e bunda.

— Ele provavelmente vai dizer não.

— Quem dirá?

— Meu chefe.

— Dizer não sobre o quê? — Perguntou ele, observando como as mãos se moviam de volta para seus seios enquanto ela lavava o sabão.

— As férias. — Respondeu ela, inclinando a cabeça para molhar o cabelo.

— O que têm as férias?

— Eles provavelmente vão negar. — Explicou ela, empurrando o cabelo para trás, arqueando os seios...

— Huh?

— Eu não estou lá por muito tempo, Danny. Eles provavelmente vão dizer não.

— Não custa nada tentar. — Ele murmurou, lambendo os lábios, estendeu a mão e agarrou um punhado da cortina.

— Não custa, mas eles provavelmente vão dizer não.

Ela iria, ele já tinha decidido isso.

Ela estava trabalhando como bibliotecária por menos de um ano, e embora houvesse grandes benefícios de trabalhar para a Prefeitura, eles geralmente não davam férias até depois de um ano. Ela ia pedir, eles diriam não e, em seguida, ele entraria em cena. Não queria decepcionar sua mãe, mas ele não achava que poderia lidar com uma viagem para o lugar mais feliz na Terra sem a sua Sininho.

Na verdade, não poderia lidar duas semanas com seu pai, com ou sem Sininho ao seu lado. Ele amava sua mãe, a adorava realmente, mas não iria passar por isto sozinho, mesmo por ela. Ele teria certeza que Jodi conseguiria as férias e, em seguida, usaria essa viagem como vantagem para o seu plano.

— Você pode se surpreender. — Disse ele, sem delatar seus planos, empurrando a cortina para fora do caminho e entrando no chuveiro, onde iria testar seu controle pelos próximos 20 minutos.

****

— Eu não acabei de expulsá-lo? — Ela perguntou, segurando um sorriso quando sentiu os braços de Danny envolverem-se em torno dela.

— Sim, mas eu voltei. — Ele disse em voz baixa, enquanto beijava seu pescoço.

— Sim, eu posso ver isso. — Disse ela sorrindo, enquanto estendeu a mão e fechou a torneira de água.

— Você não quer terminar o seu banho? — Ele murmurou, pressionando mais um beijo em seu pescoço.

— Já terminei. — Respondeu, puxou a cortina e saiu, nem um pouco surpresa quando ele a seguiu.

— Eu estou mais do que disposto a me certificar de que você não fique com nenhuma sujeirinha. — Danny ofereceu, traçando seus dedos por seu braço, fazendo-a tremer.

— Você é muito atencioso. — Ela murmurou, atirando-lhe um olhar por cima do ombro e tentando prender o riso.

Ela sabia duas coisas no momento: a toalha de mão que ela lhe lançou há alguns minutos atrás não tinha atingido o chão e Danny estava claramente gostando disso tanto quanto ela estava. Ela nunca brincou um homem como fazia com ele e estava gostando, quase tanto quanto gostava de sua reação a ela. Foi uma sensação incrível ter um homem como este babando por ela.

— Eu sou um cara atencioso. — Disse ele, esfregando uma toalha em suas costas.

— Sim. — Concordou fechando os olhos e apreciando seu toque. — Você é.

— Mmmhmmm. — Disse ele, pressionando-se contra suas costas e dificultando sua concentração.

— Eu pensei que você queria ir devagar. — Disse ela lambendo os lábios, não percebendo até este momento o quanto realmente estava nervosa.

— Nós ainda podemos ir devagar, querida. — Ele prometeu, passando a toalha pelo seu corpo.

Ela tremia enquanto a toalha corria entre seus seios.

— Devagar como? — Ela se perguntou em voz alta, lambendo os lábios ansiosamente enquanto ele esfregava a toalha sobre seu estômago e entre os seios.

— Devagar o suficiente para aliviar a tensão, mas não o suficiente para acabar com ela, da forma que aconteceria se fizéssemos amor pela primeira vez, Jodi. — Disse ele, enfatizando as palavras com um beijo e sussurrando seu nome, fazendo-a derreter. — Vamos esperar o momento certo para dar este passo, querida, mas se eu não ouvi-la gemer meu nome em breve vou perder a cabeça.

****

Merda! Ele foi longe demais, rápido demais, percebeu assim que as últimas palavras saíram de seus lábios e sua pequena Sininho se virou e puxou a toalha dele. Ele abriu a

boca para voltar atrás, pedir desculpas, rastejar, qualquer coisa que pudesse impedi-la de fugir dele.

— Eu... oh, Deus! — O rosnado vicioso saiu de sua garganta enquanto sua pequena Sininho o pegava de surpresa.

— E se eu quiser ouvir você gemer meu nome? — Ela perguntou numa voz surpreendentemente sensual que fez seu pênis endurecer rápido.

Ele abriu a boca, mas a única coisa que saiu foi um gemido sufocado quando ela apertou a toalha em torno de seu pênis. Lambendo os lábios, olhou para baixo e viu a pequena mão segurando a toalha branca em volta do seu pau. Fazia muito tempo que uma mulher o tocou dessa maneira e isso nunca tinha sido tão bom antes.

Danny deveria impedi-la, retomar o controle e mostrar-lhe o quão bom era ser tocada por ele. Ele queria apagar cada lembrança ruim que o pedaço de merda antes dele tinha feito. Ele queria mostrar-lhe como poderia ser bom o toque íntimo de um homem. Queria deitá-la na cama e beijar cada centímetro de seu corpo, mas no momento, ele mal podia se segurar, enquanto observava a pequena mão mover a toalha sobre ele.

Com o vai e vem de sua mão, a toalha fazia a cabeça de seu pênis aparecer e desaparecer. Essa visão o hipnotizava. Sem pensar, ele afastou as pernas e arqueou para lhe dar melhor acesso.

— Isso é bom? — Ela sussurrou quase timidamente, atirando-lhe um olhar interrogativo, enquanto continuava a acariciá-lo com a toalha.

— Mais do que bom. — Ele rosnou, inclinando-se para beijá-la. — Não pare, Jodi. Não pare.

****

— Por favor, não pare.

— Eu não vou. — Ela sussurrou contra sua boca, enquanto apertava a mão ao redor de sua ereção, experimentalmente, não tenho certeza se estava fazendo a coisa certa, mas o alto gemido que ele deu contra sua boca acabou com a dúvida.

Sempre que ela fazia isso com Jerry ele reclamava, fazia sons de aborrecimento e olhava para ela com raiva, porque não podia manter uma ereção ou mesmo parecer se divertir. No início, ela tinha gostado de experimentar coisas novas com ele, tentando descobrir o que ele gostava até que um dia o pensamento de tocá-lo a deixou se sentindo doente e nervosa. Não ajudava o fato dela não gostar da forma que ele a tocou.

Sempre a deixava com uma sensação de frieza e sem valor. Quando ela não gozava e nunca fez quando Jerry a tocou, ele a diminuía fazendo-lhe pensar que havia algo errado com ela. Ele nunca hesitou em dizer que ela não sabia o que estava fazendo, da maneira mais grosseira possível.

Ele a fez se sentir inútil.

Já Danny...

Ele a fez se sentir bonita, sexy e desejável. Ele nunca se queixou sobre a maneira que ela o tocou ou beijou. Ele se deliciava com o toque dela, parecia inclusive ansiá-lo. Ele a fez se sentir inteira. Nunca se queixou, nunca reclamou, nunca deu-lhe um olhar irritado ou a fez se sentir como lixo. Não, não Danny. Ele sussurrou palavras de encorajamento, a beijou, acariciou e não tinha absolutamente nenhum problema em deixá-la saber o quanto gostava de estar com ela.

— Espere! — Disse, assustando-a. Ele colocou a mão sobre a dela, parando o seu movimento.

— Desculpe. — Disse ela, balançando a cabeça. — Estou fazendo errado.

— Shhh, querida. — Disse ele calmamente, arrancando a toalha de mão do caminho. — Eu só quero sentir sua mão em volta de mim.

Segurando sua mão, ele a colocou diretamente em sua ereção e a beijou.

— Não pare, Jodi. Não pare.

Capítulo 26

Ele estava implorando por um movimento de sua mão.

Se não estivesse tão perto de gozar mais forte do que nunca em sua vida, ele provavelmente iria rir, mas porra, isso era maravilhoso. Ele queria afastar sua mão, virá-la contra a parede e enfiar seu pênis dentro de sua vagina pequena e doce, com a qual vinha fantasiando há meses.

Ele estendeu a mão, segurou seu rosto e beijou-a. Invadiu sua boca, brincou com a língua e gemeu quando ela chupou sua língua no ritmo dos movimentos que fazia em seu pau. Ele estava tão perto de gozar, de gritar seu nome, mas queria segurar e fazer isto durar mais tempo.

— Você me faz sentir tão bem. — Jodi gemeu em sua boca, destruindo seu controle.

Num segundo ele estava lutando para não mover o quadril e foder sua mão e no próximo, ele estava cegamente gozando, batendo a mão contra a parede e gritando o nome dela até que suas pernas fraquejaram, quase derrubando-o no chão do box. O requintado prazer começou em sua espinha e rasgou através de seu pênis, roubando-lhe a capacidade de respirar, de pensar, de fazer qualquer coisa exceto se segurar na parede.

Ele abriu os olhos ofegante e olhou para Sininho. Suas bochechas estavam vermelhas, sua respiração estava saindo

cada vez mais rápida e ela estava olhando para ele com uma expressão mista de fome e de espanto. Ela era absolutamente linda e ele precisava dela nesse instante.

— Na cama... agora. — Ele rosnou, precisando ouvi-la perder o controle, gritar seu nome, senti-la tremer debaixo dele, gemer e suspirar enquanto lhe dava prazer.

Quando ela não se moveu rápido o suficiente, pelo menos não para a sua sanidade, ele a agarrou. Passou os braços em volta dela e a pegou no colo. Ela colocou os braços e as pernas em torno dele e continuaram de onde haviam parado. Ele devorou sua boca, gemendo alto quando sentiu o quão molhada ela estava, apenas por tocá-lo.

Ele a levou para o quarto e deitou-a na borda da cama, deslizou a língua através de sua boca antes de se afastar, mas não foi longe. Ele roçou seus lábios nos dela e tirou os braços do seu alcance.

— Não se mova, Sininho. — Disse ele com a voz rouca, pressionando um beijo contra seu pequeno queixo teimoso.

— Por quê? — Ela soltou um pequeno gemido que lhe fez sorrir e dar um beijo em seu peito.

— Porque é a minha vez. — Respondeu, beijando seu caminho entre os seios.

— É a sua vez para quê? — Ela perguntou, soando um pouco zonza quando ele segurou seus seios e deu-lhes um aperto.

Ele beijou seu caminho para seu seio direito, sugando suavemente o lado de seu peito enquanto descia. Sua mão apertou em torno do outro e ele alcançou a ponta do mamilo implorando por sua atenção. Lambeu em torno dele, beijou a ponta, sacudiu-o com a sua língua, puxou-o na boca e sugou forte a ponta, passou a palma da mão sobre o outro mamilo, provocando-o até ficar enrugado.

— Danny. — Ela gemeu seu nome, mexendo-se inquieta embaixo dele.

— Será que isto está gostoso, querida? — Ele perguntou, permitindo que seu mamilo deslizasse de sua boca.

— Sim. — Ela gemeu, engolindo audivelmente antes de acrescentar: — Faça novamente.

Rindo, ele foi para o outro seio, beijando e lambendo enquanto subia, saboreando cada gemido que escapou de sua boca bonita. Ele gentilmente apertou seu peito, segurando-o, passou a língua ao redor do mamilo antes de puxá-lo na boca e gentilmente sugá-lo entre os dentes. Ele manipulou o outro mamilo entre os dedos de sua mão livre enquanto apertava o outro seio.

Deus, ela tinha um gosto muito bom!

Mas, ele sabia que seu gosto ficaria ainda melhor. Deu-lhe um último aperto no mamilo antes de arrastar a mão para baixo, pela curva suave de seu estômago, sobre seu quadril e para baixo da perna até que chegou ao seu joelho. Ele moveu a mão por trás do joelho e puxou a perna de lado. Ele

arrastou os dedos de sua coxa até o emaranhado suave de cabelo entre as pernas.

— Por favor, faça isso bem, por favor, faça isso bem, por favor, faça isso bem. — Ouviu-a sussurrar baixinho, pedindo e não podia dizer que a culpava, não depois do que ela tinha passado com o seu ex idiota.

— Eu vou fazer bem. — Ele prometeu. Moveu a mão e tocou-a. Deus, ela era tão suave, tão quente e úmida na mão dele.

Ele sugou o mamilo firme em sua boca enquanto movia a mão sobre ela, amando o jeito que ela parecia gostar do seu toque, a forma em que seus lábios se separavam cada vez que sua mão se movia sobre ela, expondo sua fenda e fazendo-o deslizar seu dedo médio dentro dela mais fácil.

— Oh, Deus!

Ele apertou com mais força, certificando-se de esfregar o clitóris ganancioso escovando-se contra a palma da mão quando ele empurrou o dedo dentro dela. Ela estava deliciosamente molhada e apertada. Gemendo, ele abandonou o seio e beijou até a barriga. Ele caiu de joelhos na frente da cama e tirou a mão de sua vagina.

— Danny, por favor, não pare! — Jodi soluçou, deslocando-se inquieta na beira da cama.

— Shhh, eu não vou parar. — Disse ele suavemente enquanto se inclinou e beijou uma coxa e depois a outra.

Um suspiro estrangulado escapou dela quando ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios contra sua fenda, usando a língua para separar suas dobras. Ele passou a língua sobre seu núcleo e o clitóris inchado implorando por sua atenção. Ele lambeu-o, amando o jeito que ela revirou os quadris contra sua boca.

— Danny, por favor... — Ela gemeu, enfiando os dedos pelos cabelos, segurando a boca contra ela.

Ele virou a cabeça e voltou sua atenção para seu núcleo. Lambeu em torno de sua abertura, fazendo-a gemer quando ele deslizou sua língua dentro dela, estava tão perto de gozar, sua vagina apertou em torno de sua língua. Ele só podia imaginar o quanto seria bom senti-la envolvida em torno de seu pênis quando ele transasse com ela.

Sua mão tremia quando espalmou sua ereção. Ele queria ela. Deus, ele queria ela, porra. Ele segurou seu pênis e se masturbou tentando se aliviar, mas não deu certo. Com cada gemido e movimento de seus quadris, ela o tinha lutando para se manter no controle. Ele queria transar com ela, necessitava estar dentro dela, mas lutou contra isso com tudo o que tinha.

O relacionamento deles era muito importante para estragar tudo. Ele a desejava e não apenas por esta noite, mas para o resto de sua vida. Esta era a mulher que ele queria passar o resto de sua vida e ele não estava disposto a arruinar isso só porque não conseguia resistir aos seus gemidos.

— Me come. — Jodi gemeu, fazendo com que a mão apertasse mais forte em torno de seu pênis. — Por favor, Danny!

— Não. — Ele praticamente rosnou contra sua fenda, enquanto avidamente chupava.

— Por Favor!

— Nós estamos indo devagar!

— Eu não quero ir devagar!

— Nós estamos indo devagar! — Ele retrucou contra sua vagina e foi forçado a apertar o punho em torno de seu pênis para se impedir de gozar muito rápido. Ele não iria penetrá-la, mas queria gozar junto com ela.

— Não!

— Sim!

— Não!

— Danny, por favor! — Ela choramingou e gemeu se mexendo descontrolada sob sua boca.

Ele gemeu contra ela quando voltou sua atenção para seu núcleo e lambeu, deslizando sua língua dentro dela, ignorando o aperto forte que ela tinha sobre seu cabelo e o próprio desejo de gozar.

Isto era para ela.

Não se importava com a dor que estava sentindo, ou o quanto precisava gozar. Ele precisava fazer isso por ela, precisava dar isso a ela.

— Isso é tão bom!

Ele dobrou seus esforços, sua mão apertou em torno de seu pênis enquanto ele lambia e chupava seu clitóris, amando cada gemido e suspiro que encheu o pequeno quarto. Jodi endureceu e ele sentiu sua vagina apertar em torno de sua língua, ouviu-a ofegar e gemer seu nome, então ele gemeu de alívio e se entregou ao próprio orgasmo.

À medida que os tremores de seu orgasmo rasgaram através dele, percebeu algo muito importante. Ir com calma iria matá-lo.

Capítulo 27

Quando Jodi fechou cuidadosamente a porta atrás dela, percebeu que sim, sim ela estava de fato esgueirando-se de seu próprio apartamento. Ela estremeceu quando a porta fez um leve estalo quando ela trancou atrás dela.

Por cerca de trinta segundos ela ficou congelada no local, enquanto esperava um sinal de que Danny tinha ouvido isso. Quando não ouviu nada, esperou um extra de 15 segundos apenas para se certificar de que ela estava livre. Antecipação surgiu através dela enquanto se afastava de sua porta, rápida mas discretamente, caminhou em direção à porta da frente, onde a liberdade a esperava.

Deus, ela não podia acreditar que ela estava fazendo isso.

Ok, então isso não era exatamente a verdade. Ela podia totalmente acreditar que estava escapando de seu próprio apartamento, na manhã após brincar com um dos homens mais gostosos que ela já tinha visto. Ontem à noite tinha sido...

Incrível.

Não havia outra maneira de descrevê-lo. Ela nunca tinha ficado mais nervosa ou mais animada em sua vida do que na noite passada. Ela estava com medo de fazer ou dizer algo errado e destruir o momento, a realidade desabando sobre

ela. Em vez disso, teve um homem incrivelmente sexy ofegante e pedindo-lhe para continuar a tocá-lo.

Ela não podia deixar de sorrir, alcançou a maçaneta e...

Franziu a testa quando a porta não abriu.

Ela tentou girar o botão de novo, mas ele não se mexia. Ela ainda verificou o bloqueio, mas não abria. Fez uma nota mental para chamar Zoe depois, ela virou-se e caminhou de volta pelo corredor, certificando-se de ser mais tranquila quando passou a porta do apartamento. Ela lançou um olhar cauteloso sobre seu ombro e...

Gemeu pateticamente quando percebeu que estava tentando fazer a sua fuga sem sua bolsa e o almoço. Ela parou de andar quando considerou suas opções. Poderia caminhar para o trabalho, pular o almoço e encher-se de água do bebedouro durante todo o dia e ligar para um dos rapazes pedindo uma carona para casa mais tarde ou...

Voltar para seu apartamento e arriscar encarar o homem que ela estava tentando evitar. Ela ficou lá por mais um minuto analisando suas escolhas até que, finalmente, com um encolher de ombros, se virou e começou a caminhar em direção à porta dos fundos novamente, decidindo que uma vigorosa caminhada de 8 km e de salto alto era a melhor opção.

Ela abriu a porta dos fundos e saiu, fechando cuidadosamente a porta atrás dela. Ignorando o calor opressivo, ela caminhou ao redor da casa e se dirigiu para a

calçada onde Danny Bradford, o maior bastardo que já andou pela face do planeta, estava recostado contra a sua caminhonete, segurando sua bolsa e o saco com o almoço.

— Esqueceu algo? — Ele perguntou com um sorriso torto, enquanto se afastava de sua caminhonete.

— Eu, umm... — Ela murmurou pateticamente, tentando chegar a uma desculpa do por que ela estava tentando escapar sem uma palavra, mas, infelizmente, não poderia encontrar nenhuma.

— Entre. Nós vamos pegar o café no caminho. — Disse ele, caminhando ao redor de seu caminhão e abrindo a porta do passageiro para ela.

Aceitando o fato de que não ia ser capaz de encontrar uma desculpa para não enfrentá-lo, ela forçou um pequeno sorriso e murmurou:

— Obrigada. — Aceitou sua ajuda e entrou.

Precisando de algo para fazer, ela observou como Danny se dirigiu rapidamente a caminhonete e entrou.

— Donuts ou um sanduíche de ovo?

— Donuts está ótimo. — Disse ela, tentando não se contorcer na cadeira enquanto pensava sobre tudo o que eles tinham feito na noite passada.

— Donuts então. — Ele disse com um aceno de cabeça, parecendo divertido quando ligou o caminhão e dirigiu para fora da garagem.

Enquanto Danny dirigia em direção ao centro da cidade, ela se sentou lá, rezando para que ele não falasse da noite passada ou sua tentativa de fuga, esta manhã. Dez minutos mais tarde, eles estavam no estacionamento da antiga biblioteca que se assemelhava a uma zona de guerra nos dias de hoje, ela decidiu que alguém lá em cima realmente gostava dela, porque ele não tinha dito uma única palavra para ela.

Ela estava tão aliviada que não percebeu que ele tinha escolhido um lugar de estacionamento na parte de trás do lote, por trás das lixeiras cheias de concreto e detritos, até que fosse tarde demais.

— Por que estamos estacionados aqui? — Perguntou com uma careta.

Danny suspirou quando pegou a caixa de donuts. Ele colocou a caixa no painel de instrumentos.

— Eu queria comer em paz. — Ele explicou, abriu a caixa e pegou um donut de geleia.

Ela não teve que olhar para saber que era um donut de geleia, já que ele pegou uma dúzia deles esta manhã. Ela não tinha dito nada no momento, porque estava muito ocupada tentando evitar falar e percebeu que ele só tinha um desejo, mas agora...

— Desculpe. — Disse ele, quando uma bola de geleia escapou e caiu sobre seu joelho nu.

— Está tudo bem. — Disse ela, agradecida de que não havia pousado em sua saia.

— Aqui, deixe-me limpar isso. — Disse ele, assim que ela estendeu a mão para pegar os guardanapos sentiu...

Sua boca em seu joelho.

Ele chupando a geleia da perna e seguindo com a língua. Lambendo seu joelho. Ela ficou parada um pouco atordoada e realmente não sabendo o que fazer.

— O que você está fazendo? — Ela finalmente conseguiu perguntar.

— Limpando minha bagunça. — Disse ele com uma última lambida antes de se inclinar para trás e...

Passar mais geleia em seu joelho.

— Você pode querer puxar a sua saia para cima. – Danny avisou quando se inclinou para trás para baixo e passou a língua através de sua mais nova confusão.

Levou um minuto para registrar suas palavras e quando finalmente fez, ela não poderia pegar a barra da sua saia rápido o suficiente. Ela puxou-a para cima, decidindo que preferia lidar com rugas do que manchas de geleia, mas, aparentemente, ela não levantou a saia alto o suficiente.

— Mais alto. — Danny disse suavemente e fez mais geleia atingir sua perna, desta vez em sua coxa.

Ele arrastou a língua por sua perna, chupando a geleia fora, estendeu a mão livre e empurrou a saia mais para cima, ela entendeu o recado e levantou a saia até que ficou ao redor da cintura. Jodi estava reclinada na porta do passageiro —

ela não tinha certeza de como terminou nesta posição — mas Danny parecia feliz com os resultados enquanto passava geleia em sua perna.

— O que exatamente você está fazendo? — Ela perguntou, engolindo nervosamente enquanto olhava ao redor do estacionamento, aliviada ao descobrir que eles ainda estavam sozinhos.

— Abra sua camisa. — Disse ele, em vez de responder a ela.

— O quê? — Ela perguntou, um pouco sem fôlego, enquanto observava ele continuar lambendo sua perna.

— Eu faria isso, mas não acho que você gostaria de ter que explicar porque sua camisa está coberta de geleia. — Explicou calmamente e depois traçou um círculo em sua coxa com a língua.

Suas mãos tremiam quando ela estendeu a mão e rapidamente abriu os botões da blusa, dizendo a si mesma que ela estava fazendo isso para proteger sua blusa branca.

— Abra suas pernas para mim, Sininho. — Disse ele, entre lambidas de sua língua através de sua coxa.

Lambendo os lábios e averiguando mais uma vez para se certificar de que o caminho estava livre, ela fez exatamente isso. Ele estendeu a mão limpa e abriu o fecho frontal do sutiã, afastou as taças de lado para expor seus seios. Ela gemeu em antecipação, nunca tinha feito nada parecido,

nunca sonhou que ela estaria fazendo isso um dia e não podia acreditar que estava fazendo isso agora.

— Você tem um gosto tão doce, Sininho. — Ele rosnou contra sua pele quando passou a mão sobre seu seio esquerdo e pressionou suavemente. — Mas, eu aposto que posso encontrar algo mais doce para lamber.

****

— Oh, Deus... — Ele ouviu seu gemido quando ele apertou a última gota de geleia fora do donut e lambeu a pele macia na beira da calcinha.

Uma vez que ele lambeu a última gota de sua pele, jogou o donut de lado e segurou o outro seio com a mão, espalhando a geleia sobre o mamilo duro e no seio. Ele deu-lhe uma última lambida na coxa antes de empurrar-se e levantar para que pudesse tomar o mamilo entre os lábios e lambê-lo até estar limpo.

— Danny! Oh, Deus, Danny! — Ela gritou quando colocou os braços ao seu redor e mexeu desesperadamente abaixo dele.

Enquanto movia a sua atenção para o seio lambendo a última gota de geleia dele, Danny se abaixou e enfiou os dedos em sua calcinha, tirou-a jogando-a de lado. Gemendo, ele tomou o mamilo em sua boca, enquanto estendeu a mão e desabotoou a braguilha.

— Venha aqui e me mostre o quanto você está molhada. — Disse ele quando soltou seu mamilo e recostou-se contra o banco, puxou o pênis para fora com uma mão e com a outra deu-lhe um puxão suave que a fez se mover.

Ela agarrou seus ombros e inclinou-se, dando-lhe um beijo faminto enquanto o seguia até que ela estava em seu colo e sua boceta estava pressionada sobre ele, completamente imersa nele.

— Nada de sexo? — Ela abaixou com mais força, até que a parte inferior do seu comprimento duramente apertado por seus lábios, estava pressionado contra seu núcleo.

— Nada de sexo. — Ele se obrigou a dizer quando tudo o que queria fazer era levantá-la, afundar seu pênis dentro dela e enchê-la até ficar seco.

— Ok. — Ela concordou com um gemido alto contra a sua boca, mexeu seus quadris experimentalmente, mas parou abruptamente antes que ele pudesse registrar o movimento.

— Jodi? — Perguntou ele, obrigando-se a ser paciente.

Ela se afastou, olhando com medo, muito medo quando ela admitiu:

— Eu nunca fiz isso antes.

Ele riu fracamente, estendeu a mão e segurou seu rosto.

— E você está com medo de fazer algo errado?

Ela mordeu o lábio inferior enquanto relutantemente concordava.

— Faça tudo o que quiser e eu garanto que vou gostar. — Disse ele, inclinando-se e beijando-a. Ele brincou com seus lábios, lentamente arrastando as pontas dos dedos em seu pescoço, sobre o peito até que ele veio para os seios e os segurou.

— Tem certeza? — Ela perguntou contra seus lábios, soltando um suspiro enquanto ele gentilmente apertava seus seios.

— Totalmente. — Ele gemeu contra seus lábios e aprofundou o beijo, brincando com seus seios, na esperança de que seria o suficiente para relaxá-la.

Poucos segundos depois, ela começou a se mover... e nada jamais foi tão bom.

Precisando senti-la enquanto se movia contra ele, deixou cair uma de suas mãos longe de seus seios e colocou-a sobre seu traseiro nu. Ele segurou seu rosto, amando o jeito que se sentia em sua mão enquanto ela roçava contra ele. Desesperado para vê-la perder o controle, escovou seus lábios nos dela uma última vez antes de sentar e observar como ela virava sua vida de cabeça para baixo.

Ele deu-lhe um último aperto nos seios antes de soltar, estendeu a mão e empurrou a saia mais para cima, até que foi envolvida em torno de sua cintura e ele teve uma visão desobstruída. Lambeu os lábios enquanto a olhava esfregar-

se sobre a parte inferior de seu pênis, cobrindo-o em sua excitação. Ela estava tão molhada. Hipnotizado, ele viu como ela moveu-se sobre ele e lambeu os lábios, desejando que fossem os lábios rosados suaves esfregando seu pênis.

— Será que isso está bom para você? — Perguntou ela, sem fôlego, enquanto esfregava com mais força contra ele.

— Mantenha-se para cima e você vai descobrir. — Ele prometeu a ela e se obrigou a desviar o olhar para que pudesse se inclinar e capturar seus lábios em um beijo faminto que a fez gemer e colocar os braços ao redor dele.

Ela se mexeu em seu colo e pressionou para baixo, arrancando um gemido alto de seus lábios enquanto ela começou a perder o controle. Seus movimentos se tornaram menos coordenados, mais fortes e selvagens até que ele foi forçado segurar a sua bunda e incentivá-la a continuar.

Era bom pra caralho...

Suas mãos agarraram sua bunda com força enquanto ele lutava contra a necessidade de se deslocar e penetrá-la. Deus, ele queria estar dentro dela, tinha que estar dentro dela, mas ele não podia.

Ela não era apenas um caso de uma noite que ele tinha pego para matar o tempo durante a licença. Esta era a mulher que ele queria na sua vida para sempre. Ele queria fazer isso direito, queria levar as coisas devagar e certificar-se de que, quando ele finalmente fizesse amor com ela, fosse

perfeito. Ele queria apagar todas as memórias do babaca de sua mente. Ele queria ser o homem que ela sempre sonhou.

— Oh, Deus! — Ela gemeu alto quando ele empurrou-se contra ela, certificando-se de esfregar contra seu clitóris enquanto ela o montava.

Quando ela empurrou para baixo sobre ele e se acalmou, ele engoliu seus gritos de prazer e esperou, esperou até que o último grito foi arrancado de seus lábios antes de se entregar ao orgasmo e quando o fez, ele caiu para trás contra o banco e gritou com prazer quando ela torceu-lhe seco.

Quando ela caiu contra o seu peito e lutou para recuperar o fôlego, ele não poderia deixar de se perguntar se havia uma maneira mais rápida para conquistar o coração de uma mulher, porque ele não tinha certeza se iria sobreviver a este plano.

Capítulo 28

Orlando, Florida

1 mês depois...

— Você ainda está me ignorando?

— Sim. — Ela disse, pegando a garrafa de água dele e acabando com a água, antes de entregar a garrafa vazia de volta para ele com um olhar rebelde.

— Não é minha culpa que o seu chefe disse que sim. — Danny apontou, enquanto olhava em volta do lobby do hotel, parecendo entediado.

— Não foi culpa sua? — Ela repetiu de volta em descrença, absolutamente atordoada. — Você "acidentalmente"... — Enfatizou ela, levantando as mãos para fazer aspas com os dedos. — Trancou-o no armário de armazenamento quando deu a ele a turnê da nova biblioteca, durante sete horas até que ele concordou em me dar uma folga, com salário pago!

Ele piscou para ela.

— A fechadura estava com defeito.

— A fechadura estava com defeito? — Repetiu ela de volta com um leve aceno de cabeça, tentando entender o que ele estava dizendo.

— Mmmhmm. — Ele murmurou enquanto moviam-se pelo local.

— Como é que a fechadura falhando explica a cadeira e o cooler de lanches que você deixou na frente da sala de armazenamento? — Ela perguntou, mudando sua bolsa por cima do ombro.

— Eu tive que manter a minha força, enquanto esperava por ajuda. — Disse ele com uma fungada, forçando-a a olhar para longe para que ele não visse seus lábios tremendo com o riso.

— E com a ajuda, eu suponho que você quer dizer que "puxou a chave do seu bolso e abriu a porta". — Disse ela, franzindo a testa quando um pensamento lhe ocorreu. — Ummm, onde está o resto de sua família?

— Provavelmente em seu hotel. — Disse ele com um encolher de ombros. — Por quê?

— Eles não estão se hospedando neste hotel? — Ela perguntou, movendo-se com ele.

Ele riu quando ele puxou a carteira.

— Não.

— Por que não?

Ele suspirou quando se abaixou, pegou a mão dela e levou até seus lábios para que pudesse pressionar um beijo contra a traseira de sua mão.

— Porque nós nunca teríamos um momento de paz, de outra forma.

— Mas é uma viagem em família. — Disse ela, quase suspirando de alívio, porque não importa o quão bonito achasse que era a superproteção de sua família e realmente achava, era um pouco demais lidar com eles.

Como no último domingo, quando seus irmãos e primos vieram para assistir ao jogo. Ela não tinha planejado se juntar a eles, mas Danny tinha lhe dado um olhar de filhote de cão e a promessa de uma massagem nas costas para convencê-la que passar algum tempo com seus irmãos, era uma boa ideia. Não tinha sido. Pelo menos não para ela.

Danny, por outro lado, parecia completamente alheio aos olhares que seus irmãos mandavam para ela. Sempre que Danny a beijou, segurou sua mão, tocou-lhe ou a puxou para o seu colo, eles olhavam. Eles paravam de comer, falar e colocar os outros em chave de braço apenas para olhar…

Foi um pouco enervante.

Se isso não fosse ruim o suficiente, toda vez que Danny saiu da sala, as perguntas começavam. Eles queriam saber sua história de namoro, sobre sua família, seus planos para o futuro e, claro, como se sentia sobre Danny. Ela tentou o seu melhor para responder suas perguntas. Ora, a maior parte

delas. Mas, aparentemente, suas respostas não tinham sido o que eles estavam procurando, porque cerca de duas horas de jogo tinham decidido entregar seu interrogatório para os gêmeos, que eram policiais.

A viagem até aqui tinha sido tão ruim. Durante todo o percurso até o aeroporto seus irmãos tinham observado cada movimento seu. Mantiveram-se no aeroporto até que ela finalmente teve o suficiente e fez a sua fuga para o banheiro, que, em retrospecto, tinha sido um erro. Sua mãe e irmã tinham entendido sua fuga como uma oportunidade de conhecê-la melhor...

Depois de tomar a decisão de bloquear os 52 minutos de sua memória, ela desistiu e voltou para o lado de Danny só para descobrir que havia um atraso de duas horas. Para a próxima hora e meia ela pensou em retornar para banheiro, mas o incidente que ela tinha bloqueado de sua memória a fez manter seu bumbum firmemente plantado na cadeira de plástico rígida, onde ela tentou ignorar os olhares.

O único que não parecia interessado nela foi o Dr. Bradford. Ele sentou-se ao lado, lendo ou assistindo os aviões decolando e pousando. Seus filhos e esposa deixaram-no sozinho em sua maior parte. A única vez que ele prestou atenção a eles foi quando sua esposa ou um de seus filhos falou diretamente com ele. Ele sorria para sua esposa ou ria de algo que um de seus filhos dissesse, exceto se Danny falasse. Dr. Bradford parecia completamente alheio ao seu filho mais velho.

— Nós vamos vê-los no jantar e nos parques. — Ele explicou, se inclinou e roçou os lábios suavemente contra os dela. — Além disso. — Ele sussurrou baixinho contra seus lábios. — Se a minha mãe estivesse aqui, não seríamos capazes de compartilhar um quarto.

— E sua mãe aceitou bem a gente ficar em um hotel diferente? — Ela perguntou, decidindo que fingir que sua mãe não estava ciente de todas as coisas más que fizeram, era o melhor.

— Não. — Disse ele, atirando-lhe uma piscadela quando andou até a recepção e entregou sua carteira de identidade e cartão de crédito.

— Isso explicaria por que ela não parou de ligar desde que entrei no táxi.

— Ou me enviar mensagens de texto. — Disse ele, olhando para o seu telefone com um aceno triste de sua cabeça.

— Ela vai fazer você pagar por isso mais tarde. Você percebe, não é? — Disse ela, conhecendo sua mãe bem o suficiente até agora para adivinhar que a mulher mais velha não ia aturar isso calada.

****

— Você está cansada? — Ele perguntou, correndo os dedos por sua espinha.

— Não. — Ela murmurou com um pequeno suspiro sonolento que o fez sorrir.

— Mentirosa. — Ele sussurrou, dando um beijo em seu ombro nu.

— Apenas me dê cinco minutos e podemos ir. — Ela murmurou em seu travesseiro.

— Que tal isso? — Sugeriu ele, pressionando outro beijo contra seu ombro nu, saboreando o aroma fresco de sua pele de seu chuveiro recente. — Por que não tirar um cochilo, em seguida, jantar e terminar a noite com um nado à meia-noite na piscina?

— Soa celestial. — Ela murmurou com um sorriso sonolento. — Mas e a sua família? Não vamos encontrá-los para o jantar?

— Já cuidei disso. — Disse ele, pressionando outro beijo contra seu ombro nu quando ele mudou-se para ficar em pé. — Enviei a Aidan uma mensagem e disse a ele que nós não iríamos esta noite.

— Você deveria ir. — Disse ela, curvando-se ao seu lado. — Eu vou ficar bem.

Ele deixou seu olhar correr sobre sua forma nua, parando em sua bunda, a curva do quadril, a parte inferior, as pernas bem torneadas e puxou sua camisa.

— Eu vou ficar. — Disse ele, tirando os sapatos e desbotoando a calça.

— Sua mãe vai ficar furiosa. — Ela murmurou, parecendo prestes a cair no sono.

— Provavelmente. — Disse ele com uma risada suave e tirou as calças e boxers. —Mas ela vai superar isso. Além disso... — Disse ele, rastejando na cama atrás dela. — Ela vai ter suas mãos cheias esta noite com os meus irmãos e pai.

— Provavelmente. — Ela concordou com uma risada suave, que terminou com um suspiro quando ele passou o braço em volta dela e puxou-a para mais perto. — Não me deixe dormir demais.

— Eu vou acordá-la em um par de horas.

— Você promete?

— Eu prometo. — Disse ele, dando um beijo em seu ombro nu quando ele fechou os olhos, imaginando todas as maneiras que ele poderia acordá-la e se decidindo sobre a sua favorita até que adormeceu.

****

— Oh, Deus!

— É hora de acordar, querida. — Danny murmurou enquanto corria lentamente a ponta de sua língua sobre sua fenda.

Não importa quantas vezes ele a acordou assim e ele fez isso muito, ela não achava que já tinha se acostumado com isso. No mês passado, ele tinha mostrado o quão bom o toque de um homem poderia ser. Ela não tinha pensado que fosse possível, mas ele conseguiu destruir toda insegurança que Jerry havia ajudado a criar. Ele a fez se sentir bonita, sexy e desejável. Ela adorava a maneira como ele olhava para ela, o jeito que ele a tocava e fazia seu corpo sentir.

— Você está pronta para voar, Sininho? — Ele perguntou em voz baixa e profunda que fez os dedos dos pés enrolarem quando ele separou seus lábios suavemente com as pontas dos dedos.

— Chegando perto. — Ela gemia baixinho enquanto corria os dedos por seu cabelo curto, incentivando-o a continuar.

Ela engasgou quando sentiu a língua provocar seu núcleo.

— Você é tão doce. — Ele rosnou e lentamente lambeu seu clitóris. — Eu poderia te lamber por horas.

Ele não estava mentindo. Ela aprendeu isto muito rapidamente semanas atrás. Ela nunca soube que um homem pudesse apreciar o ato tanto assim, mas Danny apreciava. Ele parecia se contentar em apenas puxar sua calcinha e enterrar seu rosto entre suas pernas. Não importava se eles estavam em seu novo escritório na biblioteca, na lavanderia, em seu caminhão, cozinha, sala de

estar, ou chuveiro, se não havia ninguém por perto, ele aproveitava.

Ela adorou, mais do que ela jamais imaginou ser possível, mas às vezes, como agora, ela queria mais, precisava de mais. Por mais que ela quisesse pedir-lhe para parar de provocá-la e, finalmente, fazer amor com ela, ela sabia melhor. Não importava o que ela implorasse, ele não iria fazer amor com ela. Ele estava determinado a levar isso devagar, mesmo que os matasse e em momentos como este, ela tinha certeza de que era capaz de matar o desgraçado.

— Danny. — Ela gemeu quando ele deslizou a língua dentro dela. — Por Favor!

— Por favor, o quê? — Perguntou ele, provocativamente quando ele puxou a língua de fora para que pudesse provocar o clitóris.

— Você sabe o que eu quero. — Ela gemeu, com necessidade de tocá-lo, para em troca, ouvi-lo gemer enquanto brincava com ele e o enlouquecia de tesão.

— Sim. — Ele disse, passando a língua de sua abertura até o clitóris e de volta antes de dar um beijo em seus lábios e se sentar.

Ele se inclinou e roçou os lábios nos dela quando deitou de volta na cama. Sorrindo, ela se abaixou e deu um beijo em seu peito, amando o jeito que ele gemeu. Ela continuou a pressionar beijos no peito dele, descendo por seu estômago, com especial atenção para a cicatriz abaixo de seu tórax.

Quando ela veio para a cabeça de sua ereção, ela rodou na ponta, provocando a fenda do jeito que ele gostava antes de levá-lo na boca. A primeira vez que ela tinha feito isso por ele, ela tinha ficado nervosa com medo de que odiasse, da maneira que costumava odiar fazer isso por Jerry, mas em poucos segundos, ela percebeu algo muito interessante.

Ela adorava fazer isso por ele. Ela adorava a maneira como ele se sentia em sua boca, a forma como ele gemia quando ela o levava mais profundo do que a última vez.

— Você vai continuar me provocando? — Ele perguntou com a voz tensa quando ele agarrou seus quadris e a virou na posição 69, esperando pacientemente por ela para mover a perna por cima dele.

— Mmmhmm. — Disse ela em torno de sua ereção.

Ele riu quando segurou sua bunda e...

— Oh Deus... — Ela gemeu, se mexendo para forçar essa língua a provocando a deslizar em seu interior.

— Me tire da minha miséria, Sininho. — Disse ele, revirando os quadris e fazendo com que a cabeça de seu pênis empurrasse contra seus lábios.

Ela abriu a boca e gemeu enquanto o empurrava dentro de sua boca. Ela fechou os lábios em torno dele e mudou-se para a frente, levando-o até onde ela poderia, se afastou até que a ponta estava deslizando sobre sua língua. Gemendo, ela abriu mais as pernas e mudou de volta, suavemente, para que pudesse montar sua língua. Ele gemeu sua aprovação

quando ela mudou seu peso para um lado e envolveu a outra mão ao redor da grande ereção deslizando para dentro e para fora de sua boca.

— É isso aí, baby. — Ele murmurou, contra sua fenda quando ele lentamente mexeu seus quadris, deslizando para dentro e para fora da boca e mão.

Ofegante, ela apertou sua mão ao redor dele e...

— Hey, colega de quarto, eu... Oh, merda! — O grito de espanto ecoou por toda a pequena sala, um grito assustado saiu de seus lábios e ela se viu rolando para fora da cama e batendo no chão atapetado com um grunhido e um gemido.

Tateando cegamente, ela agarrou o cobertor, puxou-o para baixo e enterrou-se embaixo dele, rezando para que os homens gritando um com o outro se esquecessem de que ela estava deitada lá, morrendo de mortificação.

Capítulo 29

— Você está louco, porra?

— Provavelmente. — Darrin admitiu facilmente, mantendo as costas para a sala enquanto Danny pegou o lençol para fora da cama e envolveu-o em torno de sua cintura.

— Que merda você está fazendo aqui? — Perguntou, embora suspeitasse que sua mãe estava de alguma forma envolvida.

— O hotel que nós deveríamos ficar está lotado, por isso viemos aqui. — Explicou seu irmão com um suspiro antes de acrescentar: — Eu não tive a intenção de, umm... — Ele limpou a garganta. — Interromper.

— "Nós" quem? — Ele perguntou, olhando ao redor da cama para encontrar a sua pequena Sininho enrolada em posição fetal, encolhida embaixo de um cobertor. Ele considerou dizer-lhe que não havia problema em se levantar, mas reconsiderou e decidiu deixá-la ali por enquanto.

— Marybeth e eu. — Disse Darrin, passando as mãos pelos cabelos.

— Então por que você está no meu quarto? — Ele retrucou, rezando, pelo bem do seu irmão, que ele tivesse um motivo muito bom para se intrometer.

Seu irmão sacudiu a cabeça.

— Eu fodi tudo e ela não está falando comigo agora.

— Eu vejo. — Ele murmurou, olhando para a cama onde Sininho estava a segundos de distância de gritar seu nome.

— De qualquer forma, eu estava esperando que você não se importasse de compartilhar o quarto comigo. Imaginei que as meninas poderiam dividir um quarto e eu dormiria num beliche aqui com você. — Disse Darrin, parecendo esperançoso.

— Ela está com raiva de você desde antes. — Danny apontou.

Darrin riu sem humor enquanto esfregava a parte de trás do seu pescoço.

— Nunca gostei disso.

— Eu vejo. — Ele murmurou, pensativo enquanto olhava do seu irmão à mulher encolhida no chão, tentando se esconder.

Compartilhar a cama com o irmão ou com a mulher que ele planejava fazer uma centena de diferentes coisas impertinentes durante esta viagem?

— Sim, isso simplesmente não vai acontecer. — Disse ele balançando a cabeça, estendeu a mão e agarrou seu irmão pela parte de trás do pescoço.

— Espere! — Disse Darrin, tentando chegar de volta e dar um tapa na mão dele, mas Danny simplesmente ignorou-o

enquanto dirigiu seu irmão em direção à porta. — Eu sou seu irmão, seu imbecil!

— Uh huh, eu sei. — Disse ele, abrindo a porta e empurrando seu irmão para fora da sala.

— Onde diabos eu deveria ir? — Darrin exigiu com um olhar assassino.

— Vá pedir perdão. — Danny sugeriu com um encolher de ombros, realmente não se importando o suficiente para se envolver na relação estranha de seu irmão.

— Eu já fiz! — Darrin estalou. — A mulher teimosa não vai ouvir a razão e...

— Sim, você se diverte com isso. — Disse ele, jogando seu irmão fora. — Eu vou passar a noite com a minha namorada incrivelmente gostosa.

— Mas...

Ele fechou a porta na cara de seu irmão e bloqueou a porta com um suspiro de satisfação, que terminou em um gemido quando ele se virou para encontrar Sininho tropeçando ao redor da sala, buscando suas roupas.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou depois de um minuto de vê-la lutar com suas calças.

— Vestindo-me. — Disse ela com um grunhido quando puxou meias.

— Eu posso ver isso. — Ele murmurou. — Por que exatamente você está se vestindo?

— Porque eu estou indo para casa. — Disse ela, puxando sua camisa.

— Eu vejo...

— Eu sinto muito ter que fazer isso, mas nós vamos ter que terminar. — Disse ela, suspirando pesadamente enquanto pegava sua bolsa e com um gemido, levantou-a e colocou na borda da cama.

— Por que exatamente que nós estamos terminando? — Ele perguntou com uma careta, cruzou os braços sobre o peito e se inclinou para trás para ver como Jodi continuou a tropeçar ao redor da sala, pegando as coisas dela e empurrando-o em sua bolsa.

O olhar que ela lhe enviou estava tão bonitinho, ele decidiu, reprimindo um sorriso que, provavelmente, a faria chutar suas bolas.

— Porque ele nos viu!

— Darrin?

— Sim! — Ela sussurrou, caindo de joelhos para rastejar no chão, procurando freneticamente sob o criado-mudo.

— Ele não viu muito. — Disse ele com um encolher de ombros.

Ela parou no meio da busca e lhe deu um olhar homicida.

— Ele viu muito!

— Ele não vai dizer nada. — Disse ele, conhecendo seu irmão bem o suficiente para saber que ele não teria absolutamente nenhum problema em manter a boca fechada. Os homens de sua família podiam ser idiotas, mas eles eram idiotas que não humilhavam as mulheres.

— Não importa! — Ela resmungou, voltando à sua busca.

— Por que isso? — Perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado para ter uma visão melhor da bunda linda que ele tanto amava, enquanto ela balançava para trás e para a frente com seus esforços, para alcançar alguma coisa debaixo da cama.

— Porque não!

— Eu vejo... — Ele murmurou distraidamente, se abaixou, colocou o lençol no chão e agarrou seus boxers. — Faria você se sentir melhor se eu quebrasse a cara dele?

Ela parou no meio da procura e os ombros caíram em alívio quando ela disse:

— Sim, sim, faria.

****

— Você percebe que há um buffet à direita ao lado do hotel, certo? — Ela perguntou quando ele abriu a porta do restaurante para ela.

— Nós iremos lá no dia antes de voltarmos para casa. — Disse ele, segurando a porta.

— Por que só no dia antes de voltarmos? — Ela perguntou, esperando por ele na porta.

— Porque eu tenho uma estratégia. — Ele anunciou e pegou a mão dela na sua, caminhando juntos pelo corredor.

— Você tem uma estratégia para buffets? — Perguntou ela, pensando que tinha entendido mal.

— Sim.

— Entendo. — Ela murmurou, de repente, com um mau pressentimento sobre isso. — Talvez nós devêssemos…

— Aquele desgraçado! — Danny rosnou quando eles atravessaram o pequeno corredor e viram Darrin em pé na fila.

— Eu acho que vi uma pizzaria no final da rua. — Disse ela, puxando sua mão quase desesperadamente para fazê-lo parar.

Ela realmente não estava com vontade de enfrentar o seu irmão depois que ele a pegou com a boca no…

— Eu cheguei aqui primeiro. — Disse Darrin com um olhar, que felizmente, foi destinado a seu irmão, porque no momento ela realmente não tinha certeza de que poderia fazer contato visual com ele ou lidar com ele reconhecendo-a de qualquer maneira.

— É uma pena. — Danny disse, ignorando suas tentativas de escapar e puxando-a na fila logo atrás de Darrin.

— Você conhece as regras.

— Sim, eu conheço, mas desde que você ainda nem pagou, este buffet ainda está em disputa. — Disse Danny, grunhindo no rosto do irmão.

— Há uma abundância de buffets nesta cidade. — Disse Darrin, permanecendo em sua posição. — Por que você não vai a um deles?

— Nós não vamos a lugar nenhum.

— Umm, eu não me importo de comer pizza. — Ela ofereceu, nem um pouco surpresa quando os homens a ignoraram.

— Antes que você foda isso, é melhor você não me levar para baixo com você. — Darrin rosnou, olhando furioso para seu irmão.

— Eu não sou o único que vai foder isso. — Disse Danny, quase nariz com nariz com ele agora.

Suspirando, ela olhou por cima do ombro, calculando o custo de uma viagem de táxi de volta para o hotel. — Quantos?

Ela olhou para trás para encontrar o caixa encarando os dois grandes irmãos nervosamente.

— Um. — Disse Darrin firmemente assim que Danny disse: — Dois.

Suspirando, ela esfregou as têmporas e aceitou o fato de esta seria uma noite muito longa.

****

— Sininho?

Nenhuma resposta.

— Querida?

Ela balançou a cabeça, mas pelo menos, era um sinal de vida.

— Querida, nós temos que sair. Eles estão se aproximando agora.

Apertando os olhos fechados, ela balançou a cabeça. Ele suspirou, se ajoelhou na frente da cabine e estendeu a mão para ela apenas para tê-la afastando-se para longe dele. Ele suspirou profundamente e tirou a mão.

— Olha, eu realmente sinto muito. — Disse ele, sem absolutamente nenhuma ideia do que dizer para consertar as coisas com ela.

— Só... só... me dê um minuto. — Disse ela, lambendo os lábios enquanto abraçava os joelhos com força contra o peito.

— Senhor? Estamos fechando. — A garçonete, uma das poucas que não tinham corrido gritando quando a merda bateu no ventilador, disse se mexendo nervosamente ao lado dele.

— Estamos indo embora. — Ele prometeu a ela, com um sorriso que esperava tranquilizá-la de que não estava prestes a fazer merda como seu irmão e...

— Por favor, saiam agora. — A garçonete sussurrou, indo para longe dele.

Suspirando, porque não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer para corrigir isso, ele acenou com a cabeça quando chegou para Jodi, que felizmente não lutou, quando ele pegou-a nos braços e levou-a para a porta. Ela agarrou sua camisa e segurou por sua preciosa vida, escondeu o rosto contra seu peito e soltou um suspiro trêmulo.

— Prometa-me uma coisa, Danny. — Ela sussurrou contra seu peito enquanto seu aperto em sua camisa aumentava.

— O quê, Sininho? — Perguntou ele, beijando o topo de sua cabeça enquanto caminhava pela calçada em direção a uma fila de táxis esperando.

— Prometa-me que tudo foi apenas um sonho ruim.

— É claro que foi, Sininho. — Disse ele contra o topo de sua cabeça, perguntando-se se algumas doses de tequila a ajudaria a suprimir a memória do que aconteceu aqui esta noite.

Capítulo 30

— Dia!

— Me mate. — Danny gemeu quando ele se virou de bruços e lançou um gemido abafado contra o tapete enquanto ele tentava empurrar-se para cima e prontamente falhou.

— Noite difícil? — Ela perguntou, segurando um sorriso quando Danny virou-se para encará-la com olhos injetados.

— Você fez isso comigo! — Ele rosnou acusador, quando cegamente estendeu a mão e agarrou um travesseiro da cama.

— Eu? — Ela perguntou, franzindo a testa em confusão quando ela olhou ao redor da sala, vendo nas garrafas de bebidas alcoólicas vazias, latas de cerveja e...

— Eu te odeio tanto. — Darrin gemeu de onde ele estava sob a mesa do café.

— Exatamente o quanto vocês dois beberam na noite passada? — Ela perguntou, um pouco assustada quando ambos os homens lhe atiraram olhares acusadores.

— Quanto nós dois bebemos à noite passada? — Darrin repetiu em desgosto.

— Nem metade do que você fez! — Danny retrucou, cegamente apalpando e pegando o cobertor da cama.

— Eu não bebi à noite passada. — Ela murmurou pensativa, embora agora que mencionou isso, ela realmente não podia lembrar muita coisa sobre a noite passada.

— Eu realmente odeio você. — Darrin murmurou com um gemido doloroso quando ele conseguiu sair debaixo da mesa de café e ficar de pé.

— Onde você está indo? — Danny perguntou e puxou o cobertor sobre a cabeça.

— Para o meu quarto, onde eu posso morrer em paz. — Disse ele, tropeçando seu caminho até a porta.

Ela voltou sua atenção para Danny para encontrá-lo encolhido em posição fetal.

—Me mate. — Ele murmurou pateticamente, mais uma vez, deixando-a ali de pé se perguntando se agora era um bom momento para mencionar que ela tinha um desejo de ovos mexidos.

****

— Então, explique uma coisa para mim. — Disse Jodi quando cruzou os braços na beira da piscina.

— O quê? — Perguntou ele, encolhendo-se com o som de sua própria voz e se perguntando quando a aspirina ia fazer efeito.

— Como esta é uma viagem em família quando você não passou nenhum tempo com eles?

— Eu estou com eles em espírito. — Ele disse a ela, tentado a puxá-la em seu colo, mas desistiu um minuto mais tarde, já que estavam na piscina do hotel e esse era um local de família, apesar de que sugar seus mamilos seria uma ótima forma de ajudar a curar sua ressaca.

— Uh huh, é por isso que sua mãe continua ligando?

— Ela realmente não espera que eu passe cada minuto da viagem com eles. Confie em mim. — Disse ele, fechando os olhos por trás de seus óculos escuros, decidindo que uma soneca pós-almoço estava em ordem.

— Então, você está pensando em ver a sua família?

— Claro.

— Quando exatamente? — Ela perguntou e ele registrou a sensação de seus pequenos dedos acariciando sua mandíbula.

— Em breve.

— Hoje à noite?

— Não.

— Amanhã?

— Eu ainda vou estar me recuperando desta ressaca. — Disse ele, abrindo um olho para olhar para ela.

— Suave. — Disse ela com um suspiro prolongado e um aceno de cabeça.

Ele estava prestes a lembrá-la que ele não tinha sido o único correndo para cima e para baixo no corredor ontem à noite, exigindo saber quem tinha roubado seu pó de fada, quando viu seus lábios se contorcerem e ouviu o som revelador de um ronco abafado de diversão. Abrindo o outro olho, ele olhou para ela e escanceou rapidamente seus arredores. Eles estavam sozinhos, provavelmente porque todo mundo ainda estava nos parques. Seja qual for o motivo, trabalhou em seu favor.

— Eu nunca disse obrigado pelos os ovos mexidos, esta manhã, não é? — Perguntou ele pensativo, quando deslizou para fora da piscina e estendeu a mão para ela.

Ela arregalou os olhos com murmurado.

— Uh oh.

****

— Abra a porta, seu filho da puta! — Ela sussurrou enquanto se encolhia na frente de sua porta do hotel, segurando as bordas da pequena toalha de piscina com tudo o que ela tinha.

Ela pode ser pequena, mas as toalhas eram ainda menores e mal cobriam-na. Ela descobriu o quão pequena

eram quando o bastardo arrebatou seu biquíni e a abandonou nua na piscina enquanto se afastava, sorrindo aquele sorriso que a fez contemplar seu assassinato. Tinha levado mais de trinta minutos para encontrar a coragem de saltar para fora da piscina, correr em todo o pátio e pegar um punhado das toalhas mais finas conhecidas pelo homem, lutando para cobrir-se e falhou.

Ela terminou mostrando seus peitos ou bunda, nenhum dos quais era apropriado para um passeio pelo lobby do hotel. Levara algum tempo e muita sorte, mas ela finalmente conseguiu cobrir suas costas e bunda com uma toalha e armar uma outra em frente a ela, usando os dentes e um monte de orações e a promessa de chutar Danny. Vinte minutos mais tarde e uma espera humilhante no saguão, ela finalmente conseguiu chegar ao sexto andar.

— Sininho. — Danny disse com aquele sorriso encantador e abriu a porta, fazendo um gesto para que ela entrasse.

Ela invadiu, parando apenas o tempo suficiente para dar um pisão em seu peito do pé.

— Ai! Que diabos foi isso? — Ele perguntou, de modo que ela fez isso de novo antes de entrar no banheiro e bater a porta em seu rosto.

Verdadeiramente com medo de que ela ia acabar matando-o com as mãos nuas, ela deixou cair as toalhas, entrou no chuveiro, puxou a cortina fechada e ligou o chuveiro em plena explosão. Quando ela estava lá, tremendo,

enquanto ela esperava a água aquecer, decidiu que poderia ser uma boa ideia se ela ficasse com Marybeth pelo resto da viagem para salvar-se da dor de cabeça de tentar vir para cima com o advogado de defesa.

— Você ainda está brava comigo? — O bastardo perguntou quando ele entrou no chuveiro e passou os braços em volta dela.

— Sim.

Ele riu enquanto beijava seu ombro.

— Faria você se sentir melhor se eu lhe dissesse que eu fiquei lá para ficar de olho em você?

— Não.

— E se eu lhe disser que eu mantive um casal de meia-idade com três filhos realmente irritantes de ir na piscina? — Perguntou ele com outro beijo.

— Isto pode ajudar. — Disse ela com um suspiro quando incisivamente desviou o olhar.

— Que tal se eu dissesse que eu estou arrependido? — Ele perguntou, pressionando um beijo no ombro dela, este demorado.

— Você estaria mentindo. — Disse ela, lambendo os lábios enquanto o sentia provocar a curva de seu pescoço com a ponta da língua.

Ele riu, mas o som estava tenso quando ele passou as mãos sobre a barriga.

— Você quer terminar o que começamos ontem à noite? — Perguntou ele, tocando os seios com um gemido suave quando ele chupou o local logo abaixo da orelha.

Mais do que qualquer coisa, mas ela não queria parar neste momento. Ela não queria se contentar com a boca ou com os dedos. Mesmo a ideia de sentar-se em cima dele e roçar a parte inferior de seu pênis a deixou insatisfeita. Ela queria ele. Todo ele desta vez. Ela estava cansada de levar as coisas devagar, de testar todos os tipos de preliminares conhecidas pelo homem só para acabar deitada em seus braços, ofegando e tremendo e sentindo-se estranhamente insatisfeita, não importa quantas vezes ele a fez gritar seu nome.

— Eu não quero parar neste momento. — Disse ela, lambendo os lábios enquanto esperava por ele para explicar por que era importante para eles esperarem.

Foi uma discussão que ela estava doente e cansada de ouvir. No início, ela tinha compreendido e apreciado mesmo seu desejo de levar as coisas devagar, mas agora ela iria gritar, se não sentisse ele dentro dela. Ela esperou para lhe dizer isso, mas ele não disse nada. Apenas ficou lá, seus lábios pressionados contra seu pescoço, suas mãos que seguravam seus seios e a parte dele que ela ansiava pressionado contra suas costas.

— Tem certeza? — Ele perguntou baixinho depois do que pareceu uma eternidade.

Ela respirou fundo e assentiu.

— Sim.

— Você está certa? — Ele perguntou, depois de uma pequena pausa.

— Sim! — Ela gemeu, não tendo certeza do quanto mais aguentaria esperar antes de enlouquecer.

— Eu vejo. — Ele murmurou, pensativo, pressionando um beijo contra a curva de seu pescoço enquanto suas mãos reflexivamente apertaram seus seios.

Um minuto ele estava apertando os seios, de pé bem atrás dela e no próximo...

— Onde você está indo? — Perguntou ela, forçando-se a bater a mão contra a parede para se impedir de cair de bunda quando de repente ele desapareceu, levando o seu apoio com ele.

— Merda!... Merda!... Merda! — A maldição frenética lhe chamou a atenção.

Curiosa, ela agarrou a cortina do chuveiro e abriu-a. Ela sentiu as sobrancelhas levantarem, incrédula, enquanto observava Danny tropeçar e circular ao redor do pequeno banheiro enquanto ele lutava para puxar a calça jeans acima em seus pés molhados.

— Merda! — Ele estalou quando tropeçou nos próprios pés e caiu de cara no pequeno corredor acarpetado onde continuou lutando para puxar as calças para cima.

— Umm — Disse ela, esfregando o nariz para esconder o sorriso, porque ela tinha certeza de que ele não iria apreciá-lo no momento. — O que você está fazendo?

— Os preservativos. — Disse ele em resposta, ofegante, enquanto continuava a lutar com suas calças.

— E o que tem eles?

— Precisamos!

— Você não trouxe qualquer um com você? — Ela perguntou, percebendo que ele não tinha planejado levar isso para o próximo nível com ela e não tendo certeza de como se sentia sobre isso.

— Não. — Disse ele, fazendo uma pausa em meados de lutar com sua camisa para atirar-lhe um olhar de esperança. — Você não?

Mordendo o lábio, ela balançou a cabeça, porque, como ele, ela não tinha planejado levar isso para o próximo nível, principalmente porque ela esperava se hospedar no quarto ao lado de seus pais.

— Não.

— Merda! — Ele rosnou, voltando sua atenção para o jogo de wrestling.

— Ummm, você quer alguma ajuda? — Ela ofereceu, saindo do chuveiro quando ela pegou uma toalha e enrolou-a em torno de si.

Chegando a seus pés, ele apontou o dedo para ela e disse:

— Fique aqui.

— Mas...

— Fique aqui e não se vista. — Disse ele com firmeza quando agarrou sua camiseta e foi em direção à porta. — Fique nua.

— Umm, ok? — Disse ela, observando como ele chegou de volta, abriu a porta e saiu para o corredor.

— Nua!

Suspirando, ela foi até a cama, pegou o controle remoto e caiu sobre o colchão macio com um gemido, imaginando quanto tempo levaria até que Danny percebesse que tinha deixado sua carteira e sapatos para trás.

Capítulo 31

— São doze dólares, senhor. — Disse o funcionário da recepção com um sorriso caloroso e amigável quando ela colocou duas embalagens de preservativos no balcão.

— Merda. — Ele rosnou, assustando a funcionária. Procurou freneticamente nos bolsos por sua carteira. — Eu esqueci a minha carteira no meu quarto.

— Se você tem o seu ID ou a chave do quarto, eu posso cobrar a compra para o seu quarto. — Ela ofereceu voltando a sorrir.

— Eu não tenho nada disso. — Admitiu ele, esfregando a parte de trás do seu pescoço.

— Se você quiser voltar lá para cima e pegar sua carteira posso guardar esses itens para você. — Sugeriu ela, já pegando as pequenas caixas e colocando no balcão atrás dela.

Ele ficou lá, olhando fixamente para os preservativos, já sabendo que se subisse a escada para pegar a carteira não voltaria. Jodi tinha dado o seu aval e ele estava muito cansado para lutar mais. Ele a desejava tão intensamente e não podia esperar mais, mas ele não podia ceder sem preservativo.

A menos que...

Talvez ela estivesse no controle da natalidade, ele se perguntou esperançosamente, mas descartou a possibilidade. Ela só tinha estado com um homem antes dele, a porra de um perdedor, mas tinha sido um tempo desde que ela tinha tido relações sexuais e não tinha razão para usar o controle de natalidade. Ele também não achou que tinha autocontrole o suficiente parar se ela não estivesse.

— Ei, idiota!

Ele suspirou de alívio quando se virou e encontrou Aidan vindo em sua direção.

—Graças a Deus, porra! — Disse ele, movendo-se ao encontro de seu irmão no meio do caminho.

— Todo mundo está ligando para você desde ontem. Você deveria nos encontrar no parque... Hey! Que porra é essa? — Aidan exigiu quando Danny agarrou-o pelo braço, virou-se e roubou sua carteira.

— Obrigado. — Ele disse, tirando duas cédulas de vinte, antes de jogar a carteira de volta ao seu irmão.

— Danny!

Ele ignorou o irmão e voltou para a pequena loja de hotel e pegou um par de garrafas de água, algumas barras de proteína e um par de barras de cereais para Jodi e voltou para o pequeno balcão. Colocou os itens no balcão e ficou lá, esperando impacientemente a funcionária terminar com o casal que estava atendendo, para que ele pudesse pagar e correr para Jodi.

— Que merda você está fazendo? — Perguntou Aidan, vindo para ficar ao lado dele enquanto ele olhava para o filho da puta perguntando à funcionária sobre o serviço de transporte para os parques.

— Conseguindo suprimentos. — Disse ele, olhando para a pequena loja, se perguntando se devia comprar para Jodi um urso de pelúcia Teddy e uma caixa de bombons. Depois de pensar, decidiu que não poderia machucar. Ele agarrou o urso e chocolate, ignorando o olhar interrogativo de seu irmão os colocou sobre o balcão e voltou a encarar o filho da mãe irritante ocupando a funcionária.

— Suprimentos? — Seu irmão murmurou com uma sobrancelha erguida e pegou o ursinho de pelúcia.

Com um suspiro irritado, ele agarrou o ursinho de pelúcia de seu irmão e colocou-o de volta no balcão.

— Suprimentos. — Disse com firmeza, olhando para o filho da puta, agora perguntando à funcionária do hotel sobre preservativos.

— Nós deveríamos estar em uma viagem com a família. — Murmurou Aidan e se apoiou no balcão.

— Não comece. — Disse ele, batendo os dedos contra a bancada de mármore, enquanto esperava o filho da puta se apressar.

— Mamãe está chateada.

— Não, ela não está. — Disse ele, conhecendo sua mãe o suficiente para saber que, se ela estivesse chateada, teria

vindo aqui para dizer-lhe em vez de enviar Aidan para fazer seu trabalho sujo. Sua mãe não funciona assim. Ela não usa mensageiros ou culpa. Se ela tivesse algo a dizer, ela diria.

— Bem. Estamos todos preocupados com você. — Disse Aidan, brincando com o pé do ursinho de pelúcia.

— Não há nada com que se preocupar. — Disse ele, imaginando quantas perguntas o homem poderia ter.

— Sério? Então explique por que você pula jantares de família ultimamente, por que não retornou as ligações e por que nenhum de nós conseguiu entrar em contato com você nos últimos dias.

— Porque eu tenho uma namorada agora, idiota. Não fomos para jantar todas as noites, porque eu gasto quase todas as noites com ela agora. Eu não retorno todos os telefonemas, porque eu não tenho esse tipo de tempo. Vocês, babacas, me ligam em todas as horas do dia com o que quer que seja de desculpa idiota só para me verificar. Eu estou bem, mais do que bem e assim que vocês perceberem isso, idiotas, ficarei ainda melhor.

Aidan suspirou.

— Nós estamos apenas preocupados com você.

— Não há nada para se preocupar. Eu estou bem.

— Sim, eu posso ver isso. — Disse Aidan com uma risada quando a funcionária do hotel pegou as caixas de preservativos com um sorriso e os colocou sobre o balcão.

— Gostaria de passar esses itens também? — Ela perguntou, apontando para as coisas no balcão.

Ele balançou a cabeça, lutando para não pensar sobre o que estava esperando por ele lá em cima. Com um sorriso e um leve aceno de cabeça, ela começou a registrar todos os itens enquanto ele esperava ansiosamente.

— São 52,37 dólares. — Disse ela, olhando para ele com expectativa.

Com um aceno de cabeça ele pegou as sacolas e fez um gesto para o seu irmão.

—Ele vai pagar.

Ele ignorou o resmungo “Bastardo Ganancioso” de seu irmão e se dirigiu para a porta do elevador. Cinco minutos depois, estava de pé fora do seu quarto de hotel, em busca de um cartão que ele não tinha e constantemente, ajustando as calças tentando disfarçar sua ereção. Finalmente, depois de um minuto, desistiu e bateu na porta, urgentemente.

Ele suspirou de alívio quando a porta finalmente se abriu e sua pequena Sininho ficou ali, vestindo apenas uma toalha de banho.

****

Jodi engasgou quando Danny praticamente a agarrou e levou-a para o chão, deixando cair as sacolas que estava

segurando no processo. Ele tomou sua boca, enquanto cegamente chutou a porta que se fechou atrás deles.

— Tem certeza? — Perguntou ele, arrancando a toalha do seu corpo.

Ela abriu a boca para dizer que sim, mas a palavra foi abafada por um gemido alto, quando Danny, de repente, passou os lábios em torno de seu mamilo e gentilmente chupou. Ele forçou outro gemido de seus lábios quando deslizou um dedo dentro dela.

— Oh, Deus! — Ela engasgou quando ele enfiou outro dedo dentro dela.

— Eu não posso esperar para estar dentro de você. — Ele rosnou ao redor do mamilo e se ajoelhou entre as pernas dela.

Com a mão livre tirou a calça, enquanto ela corria os dedos pelo cabelo e sobre suas costas, encorajando-o. Ela não podia acreditar que aquilo estava acontecendo finalmente. Ela finalmente faria amor com o homem que ela...

Ok, agora não era o momento para pensar sobre isso. Ela não ia pensar sobre como se sentia em relação a ele, como amava estar com ele, vê-lo ou como só de ouvir sua voz tornava o dia mais fácil, quando tudo o que ela queria fazer era rastejar de volta na cama e ficar lá. Ele se transformou, da pior parte do seu dia para a melhor, num período muito curto de tempo.

Durante meses ela estava fantasiando sobre o quão bom seria a sensação de tê-lo dentro dela, como seria a sensação de ter um homem que realmente se preocupava com ela lhe fazendo amor. Com Jerry tinha sido frio, estranho, desconfortável e, na maior parte, ela não tinha realmente sentido muito mais do que ele empurrando em cima dela. Quando terminava, ele a deixava se sentindo usada, suja e só...

Sozinha e miserável.

Danny nunca a tinha feito sentir-se dessa maneira. Ele estava sempre segurando-a depois de fazê-la gritar de prazer até ficar rouca, ele nunca a fez sentir-se como uma inútil. Com ele, se sentia segura, feliz e querida. Com Danny, ela sabia que ele a desejava mais do que qualquer coisa.

— Nós não deveríamos estar fazendo isso. — Disse ele, enquanto mudava para o outro mamilo e puxava-o entre os lábios antes de abruptamente soltá-lo, para que pudesse olhar para ela quando deslizou um segundo dedo dentro ela.

— Por que não? — Ela conseguiu perguntar, abrindo as pernas mais afastadas e lambendo os lábios enquanto ele movia lentamente os dedos dentro dela.

— Porque eu tenho um plano de ataque. — Disse ele entredentes, os músculos de seu pescoço se esforçando quando ele tirou a mão e se posicionou em cima dela, ganhando um gemido assustado quando o movimento aninhou sua ereção dura contra sua fenda.

— Plano de ataque? — Perguntou, tentando se concentrar, mas era uma missão impossível com a maneira que ele estava pressionando sobre ela. Ela lambeu os lábios, percebendo que podia sentir o quão duro ele realmente estava. Foi tão bom quando ele sutilmente se balançou contra ela.

— Mmmhmm. — Danny murmurou sedutoramente e se inclinou para traçar sua mandíbula com beijinhos provocantes. — Eu tinha planejado esperar mais um mês ou dois para que pudéssemos ter a noite perfeita.

— E o que exatamente seria uma noite perfeita? — Ela perguntou, revirando os quadris contra ele, incapaz de se impedir.

— Eu tenho pensado muito nisso, teria uma cama e café da manhã na floresta, um manto de neve no chão, um passeio de trenó romântico sob as estrelas. — Ele sussurrou, roçando seus lábios brevemente contra os dela antes de continuar beijando até voltar para sua mandíbula. — Vinho em frente à lareira, um banho de espuma antes de eu colocá-la na cama e fazer amor com você a noite toda.

— Parece que você já planejou tudo. — Disse ela, lambendo os lábios e passando as mãos sobre suas costas, amando o jeito que seus músculos flexionavam sob seu toque.

Ele riu enquanto beijava até voltar para seus lábios.

— Eu não pensava em mais nada, querida, além de como seria a sensação de deslizar dentro de você, como você estaria molhada, como iria envolver meu pau e quão alto você gemeria enquanto eu te amava.

— E agora? — Perguntou ela, com medo de que ele parasse.

— E agora eu vou finalmente descobrir.

Capítulo 32

Oh, ele iria foder seu plano de ataque, mas quando se moveu para baixo de seu pequeno corpo delicioso, lambendo e beijando cada centímetro de pele que encontrava, ele não poderia esperar mais. A desejava e cansou de esperar o momento perfeito.

Isso não ia estragar seus planos. Ele não permitiria. Ele, finalmente, descobriria como seria fazer amor com Jodi. Além disso, iria lhe ensinar como era boa a sensação de ser comida por um homem que a desejava de verdade.

Ele usaria o sexo para conseguir o que queria e até o ano que vem, ela seria sua para sempre. Finalmente, uma coisa em sua vida iria seguir o caminho que deveria. Ele teria o que seus primos têm, uma mulher que faria a sua vida valer alguma coisa e ele não podia esperar. Levou algum tempo, mas agora, tinha certeza de que Sininho era a mulher que ele queria passar o resto de sua vida. Ela era linda, mal-humorada, inacreditavelmente sexy e ela o deixava louco.

— Abra as pernas, Sininho. — Disse ele, beijando seu umbigo.

Com um pequeno gemido, que lhe fez lamber os lábios em antecipação, ele pressionou um último beijo, logo abaixo do umbigo antes de se mover entre suas pernas. Ele deveria pegá-la e levá-la para a cama para fazer isso corretamente,

mas não queria arriscar destruir este momento. Pressionou um beijo contra sua fenda, saboreando seu perfume doce e dizendo a si mesmo que poderia, pelo menos, fazer isso devagar e torná-lo bom para ela, mas o primeiro golpe de sua língua destruiu seu controle.

— Oh Deus, oh Deus, oh Deus, oh... Danny! — Ela gritou, enredando os dedos em seu cabelo, enquanto mexia descontroladamente sobre sua boca, montando sua língua e tremendo debaixo dele.

Ele lutou para se segurar, para fazer isso durar mais tempo, pelo menos até que pudesse limpar a cabeça e pensar direito, mas no segundo que ela começou a puxar seu cabelo, ele tinha perdido o pouco de controle que lhe restava. Moveu-se para cima de seu corpo, tomando sua boca num beijo exigente e tirou as calças o mais rápido que pôde. Ele ainda estava empurrando-as para baixo quando se afastou, gemendo quando o movimento fez seu pênis deslizar para baixo contra sua fenda, até que a cabeça sensível estava traçando sua fenda molhada, ficando revestido em sua excitação.

— Danny, por favor! — Ela implorou contra seus lábios e colocou os braços ao redor dele.

— Sonhei com isso. — Ele rosnou contra seus lábios quando empurrou lentamente.

Ela gritou em sua boca enquanto ele lutava para ir devagar, queria saborear este momento. Ele gemia, muito e alto quando sua vagina apertou ao redor dele. Deus, ela

estava tão molhada e apertada. Ele nunca havia sentido nada melhor que isto.

— Você é gostosa pra caralho. — Disse ele, empurrando o resto do caminho até que sentiu suas bolas pressionarem com força contra seu traseiro.

Ela riu contra seus lábios enquanto ele lutava para não gozar.

— O que é tão engraçado? — Perguntou ele com a voz tensa, se esforçando para não perder o controle e se envergonhar. Ele levantou a cabeça e olhou para ela, erguendo uma sobrancelha em questão.

— Eu posso sentir você! — Disse ela, rindo enquanto o abraçava. — Eu realmente posso senti-lo!

Rindo, ele se inclinou para baixo e a beijou.

— Como é a sensação? — Ele perguntou, puxando lentamente até que a ponta do seu pênis foi posicionada em sua entrada. Ele engoliu seu suspiro surpreso quando empurrou de volta para dentro dela, saboreando a sensação de suas paredes de seda deslizando sobre ele.

— Boa! — Ela gemeu. — É tão boa, Danny.

— Valeu a pena a espera? — Ele perguntou, começando a se mover em um ritmo lento e constante.

— Deus, sim! — Ela gemeu enquanto seus braços apertaram em torno dele.

Ele roçou os lábios contra os dela antes de se afastar, apenas o suficiente para que pudesse vê-la. Olhou-a nos olhos enquanto continuava a rolar seus quadris, deslizando para dentro e para fora dela, cada curso revestindo seu pênis e fazendo o movimento muito mais suave. Ele nunca tinha sentido nada melhor na vida. Ele nunca se sentiu assim antes, como se estivesse em casa. Em seus braços parecia que tudo em sua vida estava da maneira que deveria ser.

— Você é tão bonita, Jodi. — Disse ele, deslocando seu peso sobre o braço direito para que pudesse tocar seu rosto com a outra mão. Ele traçou o lábio inferior gordo com o polegar. — Bonita pra caralho.

Seus lábios tremeram sob seu toque e puxaram para cima em um sorriso aguado.

—Obrigada. — Ela sussurrou, inclinando-se e beijando-o. Ele seguiu seus lábios enquanto ela movia. Jodi passou as mãos nas suas costas e sobre a curva de sua bunda, incentivando-o a continuar.

Ele continuou a empurrar dentro dela, mais e mais rápido para coincidir com o beijo, que tinha saído de controle. Não importa quantas vezes tinha se imaginado transando com ela ao longo dos últimos meses, nunca imaginou que poderia ser tão bom.

— Oh, merda! — Ele gemeu quando a sentiu apertar em torno dele.

Ela gemeu alto contra sua boca quando ele aumentou o impulso, batendo nela mais e mais rápido, lutando para se segurar por ela.

— Danny! — Ela gritou quando ele a sentiu contrair a sua volta. Ele rosnou o nome dela e perdeu o controle.

Com falta de ar, ele deitou em cima dela, beijando seu rosto, nariz e queixo, incapaz de parar de sorrir enquanto fazia isso. Não foi até que ele beijou os lábios firmes que percebeu que algo estava errado.

****

— Ai!

— Não se mexa.

— Quão ruim está? — Ela perguntou, mordendo o lábio enquanto arriscou um olhar por cima do ombro para encontrar o desgraçado lutando para não rir.

— É ummm. — Ele limpou a garganta. — Não é tão ruim.

— Mentiroso. — Ela murmurou pateticamente, virou e sentou-se ali, tentando fingir que não tinha uma grande queimadura de tapete cobrindo a parte de trás de seus braços, costas e bunda.

Ele riu quando se inclinou e beijou o topo de seus ombros, um dos poucos lugares que não foi coberto com arranhões do tapete.

— Não é tão ruim assim. — Ele mentiu claramente, porque cada centímetro de sua parte traseira e inferior estava em chamas.

Chamas!

— Está... está sangrando? — Ela perguntou, mordendo o lábio inferior, rezando para que ele soasse um pouco mais convincente desta vez.

Um suspiro longo foi sua resposta.

— Eu realmente sinto muito, querida.

Ela virou a cabeça e enterrou o rosto no travesseiro.

— Valeu a pena. — Murmurou, porque tinha valido a pena...

Pelo menos tinha experimentado o orgasmo mais intenso de sua vida, estava flutuando até que percebeu que suas costas estavam queimando. Foi quando ela começou a pirar... um pouco.

Ele riu enquanto corria suavemente os dedos pelo seu cabelo.

— Eu estou contente que você pensa assim, querida.

— Foi. — Ela disse solenemente com um aceno de cabeça e uma fungada.

— Estou um pouco fora do meu elemento com a situação. — Ele admitiu com um suspiro, o que a deixou mais nervosa. — Temos duas opções aqui, Sininho. — Disse Danny,

pegando sua mão na dele. —Eu posso levá-la para a sala de emergência ou ir buscar o meu irmão.

Sim, isso é o que ela achava que ele diria.

— Eu estou bem. — Disse ela. Contanto que nada encostasse nos setenta por cento de seu corpo que estava em chamas.

— Querida. — Disse ele, dando-lhe a mão um pequeno aperto. — Você tem uma grave queimadura de um tapete de hotel. Além do fato de que parece ser muito doloroso, eu estou preocupado com todas as bactérias.

— Eu só vou lavar no chuveiro. Vai ficar tudo bem. — Disse ela, movendo-se para fazer exatamente isso, quando Danny decidiu explicar a situação.

— Querida, é um tapete de hotel. — Frisou. — Provavelmente está revestido com a sujeira, suor, comida podre, urina, sêmen, coliformes fecais...

— Ok. — Ela correu para fora, cortando-o enquanto fechou os olhos, tentando não pensar sobre todas as bactérias que revestiam seu corpo. — Vá buscar o seu irmão!

****

— Tire os germes de mim! Tire-os! — Sininho murmurou em seu travesseiro, suas pequenas mãos agarrando o travesseiro que ela tinha o rosto enterrado, com força.

— Ele estará aqui em breve. — Disse Danny suavemente e olhou para seu relógio querendo saber o que estava fazendo seu irmão demorar tanto.

— É nojento! — Ela gemeu miseravelmente em seu travesseiro.

— Shhh, eu sei, querida. Eu sei. — Disse ele, esfregando suavemente sua perna enquanto tentava não olhar para o dano que ele tinha feito as suas costas.

Ele pode ter perdido o controle um pouco no final...

— Não haverá mais sexo em pisos de hotel. — Ela murmurou.

— Concordo. — Ele concordou facilmente, porque na medida em que os planos de ataque foram perdidos, ele ferrou tudo.

Ele deveria ter esperado e seguido com seus planos para fazer isto especial para ela. Ele deveria ter conseguido rosas amarelas, suas favoritas, passeios de trenó, segurando-a na frente do fogo, champanhe, chocolate e, oh, porra.

Engolindo em seco, se levantou e foi até a bolsa que tinha deixado cair. Mesmo antes de pegar o saco, ele já sabia que tinha fodido mais do que apenas a queimadura no tapete. Ele pegou a sacola, olhou para dentro e fechou os olhos na derrota.

Os preservativos.

Ele tinha esquecido de usar preservativo, algo que ele nunca tinha feito antes. Seu pai tinha perfurado em sua cabeça para sempre usar um preservativo.

Sempre.

Descartando a sacola na mesa de café, caminhou de volta para a cama e sentou-se.

— Sininho?

— Hmmm?

— Eu tenho que te contar uma coisa.

— O quê?

— Eu, hum... — Ele começou a dizer e fez uma pausa para tomar uma respiração profunda. — Eu não usei camisinha.

— Ah, merda! — Ela murmurou com um gemido, que terminou com um: — Ai! — Quando ele tentou dar um aperto reconfortante em seu ombro.

— Desculpe. — Disse ele, querendo saber como poderia estragar ainda mais as coisas.

Capítulo 33

— O seu irmão não está aqui ainda? — Ela perguntou, simplesmente para ter algo a dizer para quebrar o silêncio.

Quando ele não respondeu, ela virou a cabeça e abriu os olhos para encontrá-lo sentado na beira da cama, olhando para a parede.

— Danny?

— Eu vou me casar com você. — Ele simplesmente disse, pegando-a de surpresa.

— Sinto muito. O quê? — Ela perguntou, tentando se sentar, mas a dor em suas costas a fez deitar de barriga para baixo com um estremecimento.

— Eu vou me casar com você. — Disse ele mais firme desta vez.

— Por causa da camisinha? — Ela perguntou, sem nenhuma ideia de outro motivo para isso.

— Sim. — Disse ele, suspirando quando balançou a cabeça e disse: — Não! — Confundindo-a ainda mais.

— Okaaay. — Disse ela lentamente, ainda mais confusa agora.

— Isso não é por causa do preservativo, Sininho. — Disse ele, esfregando a parte de trás do pescoço. — Eu planejava

pedir-lhe. Eu tenho um plano de ataque e tudo mais, mas eu pensei que depois do que aconteceu esta noite que eu deveria dizer-lhe meus planos de casar com você no caso...

— No caso de me engravidar. — Ela terminou por ele com um aceno de compreensão.

— Sim. — Disse ele, virando a cabeça e dando-lhe um daqueles sorrisos que ela amava. — Eu não quero que você se preocupe.

Ela pegou um punhado de edredom enquanto lutava para não ter um colapso nervoso.

— Eu não estava preocupada. — Disse ela, feliz que estava deitada para esta conversa. Ela não estava pronta para se casar, ainda não.

Depois do que Jerry a havia feito passar, ainda estava tentando superar, ela não estava em posição para se casar. Ainda estava consertando os erros que seu último noivo tinha feito. Ela tinha uma quantidade insana de dívidas, mesmo com uma pequena poupança, levaria um ano antes de quitar o débito. Ela não queria começar um casamento assim. Quando se casar, seria sem dívidas e sem o stress diário que elas causavam

Ela não queria que ele fosse envolvido em seus problemas.

— Bom. — Disse ele, inclinando-se e beijando seu rosto. — Eu não quero que você se preocupe com nada.

— Danny, eu não posso...

— Graças a Deus! — Disse ele, suspirando de alívio quando se levantou para ir atender a batida na porta, que a impediu de dizer que não poderia se casar com ele.

Foi provavelmente o melhor, ela decidiu, fechou os olhos e se preparou para seu irmão vê-la nua, toda arranhada. O que ela não estava esperando era que o pai de Danny viesse em seu lugar.

****

— Aidan me disse que precisava de um médico. — Disse o pai antes que pudesse perguntar o que ele estava fazendo aqui.

Por um momento, ele considerou mandar seu pai embora, mas Jodi precisava dele. Com um aceno de cabeça, deu um passo para trás e fez um gesto para seu pai entrar. Sem outra palavra, ele entrou na sala e se dirigiu para a cama onde, de repente, parou estupefato.

— É que, hum... — Seu pai limpou a garganta assim que notou a pele de Sininho virando um brilhante vermelho-fogo, das pontas dos dedos dos pés até as pontas das orelhas. — Queimadura de tapete?

— Será que é o Dr. Bradford? — Ela sussurrou.

— Sim. — Danny disse, respondendo as duas perguntas de uma só vez.

— Eu vejo. — Disse ela, levantando a cabeça. Pegou seu travesseiro e escondeu a cabeça debaixo dele.

— Foi deste tapete? — Perguntou o pai sem constrangimento quando ele olhou para o tapete verde escuro.

— Sim. — Disse ele, recostando-se contra a parede, esperando que seu pai medicasse as costas de Jodi e saísse.

— Você provavelmente vai precisar de uma injeção de antibióticos, bem como uma solução tópica apenas no caso... — Disse o pai, claramente com a intenção de agir como se Dany não estivesse mesmo na sala.

Como de costume.

Ele não iria aturar isto, não quando se tratava de sua Sininho.

— Ela reage mal aos medicamentos. — Disse a ele, nem um pouco surpreso quando seu pai não se incomodou em olhá-lo.

— Qual é a sua reação? — Perguntou o pai, tirando a mochila preta de seu ombro e colocando-a na beira da cama ao lado dos pezinhos delicados de Jodi.

Jodi murmurou algo no colchão, mas o travesseiro abafou o som, imaginando que ela estava envergonhada demais para tirá-lo da cabeça e responder, respondeu por ela.

— Ela torna-se desorientada e embriagada.

Seu pai acenou com a cabeça, pensativo enquanto olhava os danos causados à pele de Jodi, enquanto Danny fazia o mesmo. Sentia-se como um idiota por tê-la possuído assim.

— Eu temo que seja necessário. — Seu pai finalmente disse com um suspiro. — Jodi, vou limpar as escoriações e provavelmente vai arder.

Ele não tinha certeza, mas pensou que ela concordou.

— Uma vez que suas escoriações estejam limpas, vou aplicar um antibiótico tópico, que também tem um agente anestésico e deve dar-lhe algum alívio. Depois disso, eu vou dar-lhe uma injeção para me certificar de que você não tenha uma infecção. Tudo bem com você?

O travesseiro em cima de sua cabeça se moveu um pouco novamente. Seu pai tomou isso como outro aceno.

— Eu vou começar agora. — Disse ele com um sorriso tranquilizador quando enfiou a mão na bolsa e tirou um kit.

Outro aceno lhe fez passar por seu pai e ir para o outro lado da cama onde ele se sentou na cama ao lado de Jodi e tomou-lhe a mão. Ela apertou sua mão, mas não disse nada enquanto seu pai limpava suas costas, a parte inferior e os braços.

— Ela não vai sentir vontade de fazer nada por alguns dias, que é o melhor. Ela deve relaxar, ficar na cama e dar às escoriações a chance de curar. Ela deve se abster de tomar banhos de banheira pelos próximos dois dias. Chuveiros tudo

bem, mas certifique-se de que você aplique mais antibiótico depois.

Ela gemeu, muito e alto sob a segurança de seu travesseiro.

— Eu vou ter alguma pomada antibiótica entregue mais tarde. — O pai explicou quando tirou uma seringa e uma pequena ampola do medicamento. — Por enquanto isso deve ajudá-la a dormir.

O travesseiro passou de um lado para outro e ele sabia que ela balançando a cabeça, porque ambos sabiam que tudo o que seu pai lhe deu não ia ajudá-la a dormir.

— Ela vai ficar bem. Eu prometo. — Disse o pai tranquilizador, quando se inclinou e injetou em Jodi o medicamento que transformaria as próximas 12 horas num inferno.

****

— Sente-se sobre ela!

— Sente-se você! — Danny retrucou ao seu pai, que foi pressionado contra a porta, tentando impedir Jodi de fazer outra fuga.

— Por Favor! Eu só quero ir a um passeio, dois no máximo. — Disse Jodi com esse maldito sorriso alegre, que ela tinha tentado enganá-los pelas últimas horas, puxou a

gola da camiseta que eles finalmente conseguiram vesti-la depois de uma hora. Era uma de suas camisas e ela estava praticamente nadando nela, mas pelo menos estava coberta.

— Nós não vamos levá-la para o Magic Kingdom. — Disse ele, percebendo que provavelmente soava como um CD arranhado até agora.

— Eu não preciso de você para me levar. Eu posso tomar um dos taxis do hotel super amigável, com serviço rápido. — Disse ela com aquele maldito sorriso que estava começando a fazer o seu olho tremer.

— Jodi. — Disse o pai dele em voz baixa: — Querida, eu não acho que agora é um bom momento para você ir ao parque.

— Oh. — Disse ela, franzindo o rosto adoravelmente enquanto considerava suas palavras. — Então eu posso ter algo para comer?

Seu pai caiu contra a porta enquanto murmurou:

— Graças a Deus!

— O que você gostaria, Sininho? — Danny perguntou calmamente, esperando não assustá-la e pular para outro assunto, desde que comida era seguro. Lidar com uma refeição seria muito melhor, pois se ela estivesse comendo não poderia enlouquecê-los, não que ele admitiria isso, mas ela estava assustando eles.

— Posso ter um hambúrguer e batatas fritas? E um milk-shake de chocolate? Ou uma cerveja? — Ela perguntou com um sorriso esperançoso.

— Você pode ter o que quiser. — Disse ele, inclinando-se e dando-lhe um selinho, feliz que ela estava, finalmente, se acalmando.

— Anote como ela gosta de seu hambúrguer e eu posso ir pegar. — Seu pai começou a dizer, parecendo ansioso para escapar de lá.

— Eu vou pegar seu hambúrguer. — Ele retrucou, encarando seu pai.

— Não, eu vou pegar. — Seu pai retrucou, empurrando-se para longe da porta.

— Você é a pessoa que lhe deu o remédio. — Ressaltou ele, mantendo o olhar fixo em seu pai quando ele estendeu a mão e pegou a carteira. — Você deveria ficar e monitorá-la.

— Você é a pessoa que lhe deu as queimaduras de tapete!

— Ele realmente fez... — Disse Jodi com um pequeno suspiro sonhador e sorriso que ele se forçou a ignorar e se dirigiu para a porta.

— Eu vou estar de volta em 20 minutos. — Disse ele a seu pai. — Por favor, apenas a fiscalize.

Ele pensou que seu pai ia discutir, mas para sua surpresa, ele afastou-se da porta com um aceno. Grato pela pausa, mesmo que pequena, ele saiu do quarto e foi em

direção ao elevador, rezando o tempo todo para que Sininho estivesse dormindo no momento em que ele retornasse, para que ele pudesse fingir, por pelo menos uma noite, que seu pai não sabia que ele faltava aos passeios em família para comer sua namorada no chão cru.

Capítulo 34

— Então... — Disse o Dr. Bradford, de frente para a pequena mulher observando-o com curiosidade e sem nenhuma ideia do que dizer à mulher que seu filho estava, obviamente, cegamente apaixonado.

Ela piscou adoravelmente para ele.

Apenas piscou.

— Você já foi a Disneyworld antes? — Perguntou ele, só para quebrar o silêncio cada vez mais estranho.

Nada.

— Trouxemos Danny aqui quando ele tinha dois anos, mas logo depois a proibição começou... — Disse ele, esperando um comentário ou pergunta sobre a proibição, mas em vez disso ela simplesmente ficou lá, piscando e começando a assustá-lo um pouco.

— Quando eles finalmente retiraram a proibição há alguns meses atrás, Mary decidiu que era hora de trazer as crianças para cá. Nós...

— Por que você odeia tanto o Danny? — Perguntou ela, de repente, assustando-o pra caralho.

— Eu não o odeio! — Disse ele, negando ferozmente.

— Você não fala com ele. — Disse ela, olhando para ele com curiosidade.

Ele esfregou as mãos pelo seu rosto mais uma vez e admitiu:

— Eu não sei o que dizer a ele.

— Você não olha para ele.

Ele suspirou profundamente, de repente, desejando que não tivesse prendido Aidan e ameaçado espancá-lo até a morte, se ele não dissesse onde Danny estava hospedado.

— Eu olho para ele. — Disse, querendo saber quando o medicamento ia agir e derrubá-la num sono profundo.

— Não, você não. — Ela disse simplesmente, não parecendo com raiva, apenas curiosa. — Por quê?

Ele riu sem humor e verificou duas vezes para se certificar de que a porta estava trancada e, em seguida, passou pela pequena mulher, parando apenas tempo suficiente para lhe dar um tapinha na cabeça, simplesmente porque não pôde resistir e se sentou no sofá.

— Ele não quer ter contato comigo.

— Por quê?

Ele esfregou as mãos pelo seu rosto e encostou-se no sofá enquanto a estudava.

—Você vai se lembrar disso pela manhã? — Ele perguntou, observando como a pequena mulher foi até a cama, sentou-se e fez uma careta.

— Lembrar-me do que pela manhã? — Ela perguntou, parecendo adoravelmente confusa.

Rindo, ele perguntou:

— Danny já lhe disse como ele foi parar na Marinha?

Ela balançou a cabeça em negativa, encolheu-se e deixou-se cair para o lado com um pequeno suspiro.

— Danny era um garoto arrogante, mas um bom garoto. Eu nunca tive que pedir-lhe para ajudar a sua mãe a cuidar de seus irmãos e irmã. Ele sempre tirava boas notas. Não usava drogas. Nunca causou problemas reais, e depois... — Ele olhou para fora, balançando a cabeça, ainda incapaz de acreditar no quanto tinha estragado tudo.

“Então, a primeira vez que ele fez uma besteira, uma besteira séria, eu me descontrolei. Isso me assustou muito e eu reagi mal. Estava tão determinado a ter certeza que ele nunca fizesse nada tão estúpido de novo, que eu acabei deixando tudo pior. Eu arrastei o pobre garoto para fora do hospital e o fiz fazer as provas da faculdade quando ele deveria estar apenas recebendo uma bronca de sua mãe. Eu o empurrei e quando ele se saiu mal nos testes, eu continuei empurrando-o. Estava com tanta raiva que ele tinha feito algo tão tolo, que poderia ter lhe custado a vida, mas acabou me custando o meu filho. — Ele grunhiu, fechando os punhos e desejando mais do que tudo que pudesse voltar àquela manhã quando ele encontrou seu filho mal respirando no chão do banheiro e fazer as coisas de forma diferente. ”

“Quando ele se juntou aos Fuzileiros Navais... — Ele fez uma pausa, respirando fundo e apertou as mãos trêmulas juntas. — Eu estava apavorado por ele e não parei de me preocupar até que ele foi levado para casa, há três anos, quando enviaram o seu corpo de volta aos Estados Unidos. Então, meu terror se transformou em algo que não existem palavras para descrever. ”

Ele olhou para cima para encontrá-la mordendo o lábio inferior enquanto o observava.

— Você sabia que o enviaram para casa para morrer?

Ela negou com a cabeça contra o colchão.

— Ele levou um tiro para salvar seus homens e uma unidade médica com um caminhão cheio de pacientes. Ele deveria ter morrido no hospital de merda que eles tinham lhe enviado, mas a sua companhia pediu alguns favores e, uma vez que ele estava estável o suficiente para viajar, eles o mandaram para casa... para um hospital, mesmo de merda.

“Meu filho estava morrendo, Jodi, por causa de mim. — Disse ele, esfregando as mãos pelo seu rosto. — Eu o tirei daquele hospital, o trouxe para o meu, pelos dois meses seguintes, eu passei um inferno, para me certificar de que ele não só sobreviveria, mas andaria novamente. Eu o mantive em coma induzido para que ele não tivesse que lidar com a dor e dar-lhe uma chance melhor de sobrevivência pelo que tínhamos que fazer com ele. ”

“O melhor momento da minha vida foi quando ele abriu os olhos, mas também o pior, porque eu sabia que não havia nada que pudesse dizer para compensar o que ele tinha passado. ”

— Você o ama? — Ela perguntou, com um sorriso triste.

Ele balançou a cabeça olhando para baixo quando ele disse:

— Mais do que minha própria vida.

— Eu vejo. — Disse ela, segundos antes das coisas tomarem um rumo desastroso e a pequena mulher, que fez seu filho sorrir pela primeira vez em anos, lhe mostrou o que era o verdadeiro inferno.

****

— Pare de chorar! Por favor, pare de chorar!

— Que diabos? — Danny perguntou, forçando sua chave eletrônica com o leitor enquanto ele lutava para segurar todos os sacos de comida em seu outro braço.

Aterrorizado de que ela estivesse com dor ou que seu pai tenha dito algo para incomodá-la, ele abriu a porta, entrou no quarto e quase tropeçou em seus próprios pés quando avistou Jodi, enrolada num cobertor no colo de seu pai, chorando copiosamente.

— O que você fez com ela? — Ele perguntou, deixando cair os sacos na mesa de café para que ele pudesse se ajoelhar na frente dela. Ele correu as mãos trêmulas sobre seu pescoço e braços, procurando uma razão para as lágrimas.

— Eu não fiz nada para ela! — O pai gritou, soando um pouco histérico quando ele a entregou para ele. Felizmente, a tomou em seus braços e levantou-se para que pudesse sentar-se no sofá ao lado de seu pai.

— Shhh, Sininho, está tudo bem. — Disse ele, dando ao seu pai um olhar de questionamento, apenas para encontrá-lo cegamente enchendo a boca de batatas fritas.

— Num minuto ela estava bem. — Disse ele, empurrando comida na sua boca. — E, em seguida, estava ao lado chorando sem parar!

— Eu... foi tão... meigo! — Disse ela, chorando histericamente contra seu peito. — É tão triste!

— O que é tão triste? — Ele perguntou, encarando seu pai ao vê-lo dar uma mordida grande num dos hambúrgueres que ele havia comprado.

Seu pai deu a Jodi um olhar nervoso e murmurou:

— Nada.

— Tão... — Fungada. — Triste. — Ela murmurou, agarrando sua camisa em seus pequenos punhos e mais uma vez escondeu o rosto contra seu peito.

Ele olhou para seu pai para encontrá-lo tomando um dos shakes. Seu pai deu de ombros e voltou para terminar o shake enquanto ele ficava sentado, segurando Jodi e se perguntando o que ele tinha perdido.

****

— É a sua mãe de novo? — Jodi perguntou, rolando de bruços para que pudesse olhar para Danny.

Ele sentou-se contra a cabeceira da cama, olhando para o telefone na mão.

— Está tudo bem.

Não, realmente não estava.

Ele deveria estar com sua família, mas ao invés disso estava aqui, gastando suas férias preso neste quarto de hotel com ela e esfregando antibióticos em sua bunda. Foi muito carinhoso, mas ele não deveria estar aqui. Deveria passar o tempo com sua família, fazer sua mãe feliz e lidar com seu pai.

Deus, ela estava tão triste...

— Você está chorando de novo? — Perguntou Danny, lançando seu telefone de lado e rapidamente se movendo para o lado dela e pegando sua mão.

— Não! — Ela negou rapidamente, virando a cabeça e discretamente enxugando os olhos antes de se virar e colocar um grande sorriso no rosto. — Eu estou bem.

— Você quer alugar outro filme? — Ele perguntou, deslocando-se na cama de modo que estava deitado de bruços ao lado dela.

— Não. — Ela disse, balançando a cabeça e abstendo-se de dizer-lhe para sair. — Eu pensei em ler um livro ou tirar um cochilo. — Disse ela, decidindo que uma soneca provavelmente seria a melhor escolha, pois a leitura de um livro nesta posição não era muito confortável e bem, realmente não havia qualquer outra coisa que ela poderia fazer graças ao tapete que queimou sua bunda.

— Um livro soa como uma boa ideia. — Disse ele, balançando a cabeça em aprovação. — Você quer que eu vá encontrar-lhe algo para ler?

— Eu estava realmente pensando em tirar uma soneca. — Disse ela, mordendo o lábio inferior quando olhou para ele, com um pouco de medo que ele falasse de casamento novamente, mas felizmente, ele não o fez.

— Um cochilo soa bem, também. — Disse ele, balançando a cabeça.

— Bem. — Disse ela, limpando a garganta desconfortavelmente. — Eu estava pensando que, enquanto eu tiro uma soneca, seria um bom momento para você ir passar algum tempo com sua família.

Ele balançou a cabeça e entrelaçou os dedos juntos.

— Eu estou bem onde estou. — Disse ele sorrindo, se inclinou e roçou os lábios provocativamente contra os dela.

Ela quase gemeu quando ele se afastou. Depois de descobrir como realmente parecia fazer amor com um homem, ela estava de volta a segurar as mãos e aos beijos castos, que duravam menos de um segundo e ela odiava. Queria beijá-lo, se sentar em seu colo, experimentar todas essas posições sexuais que ela nunca tinha tentado, porque Jerry só tinha sido capaz de lidar com uma e ele quase não tinha sido capaz de manipular até mesmo isso. Ela queria ter relações sexuais na cama, no sofá, num carro, contra a parede, no chuveiro. Basicamente, ela queria fazer sexo, muito sexo com seu namorado incrivelmente gostoso, mas até sua bunda, costas e braços se curarem das queimaduras do tapete, sabia que não ia acontecer tão cedo.

— Você não está cansado. — Disse ela, suspirando quando tirou a mão da dele.

Ele deu de ombros, pegando sua mão de novo.

— Vamos tirar um cochilo, assistir a um filme, jantar e talvez eu pegue novos livros mais tarde. — Disse ele com aquele sorriso encantador que ela amava, mas foi aumentando a sua frustração.

— Olha. — Disse ela, lambendo os lábios. — Eu realmente aprecio você ficar comigo pelos últimos dias, mas você não tem que fazer isso. Estamos na Flórida com sua

família e você não tem passado muito tempo com eles, porque você ficou preso como minha babá.

— Não sou sua babá. — Disse ele com um sorriso tranquilizador, que ela não estava comprando... de jeito nenhum.

Seus olhos se estreitaram sobre ele, estudando esse sorriso encantador, a maneira preguiçosa que ele brincava com seus dedos e o que ela viu a teve puxando sua mão livre. Com um olhar, ela fez o que precisava ser feito.

Capítulo 35

— Pare de enrolar, você mal comeu um pouco!

Tomando um gole de refrigerante, ela simplesmente empurrou-o e continuou andando. Ele lançou um olhar assassino por cima do ombro, mas sabiamente continuou andando. Sacudindo a cabeça em desgosto, ela tomou outro gole de refrigerante, enquanto observava-o caminhar em direção as bilheterias, onde seus irmãos estavam esperando por eles.

Ela ainda não conseguia acreditar que ele a usou para escapar dos passeios em família. Era vergonhoso como tentou chantageá-la com um bicho de pelúcia, então ela decidiu acabar com suas desculpas.

— Você não deveria estar fora da cama. — Ele disse por cima do ombro, obviamente fazendo uma última tentativa patética de sair dessa. Sua bunda doía com cada passo que dava, mas não era nada que não pudesse lidar.

— Continue andando. — Disse ela, notando onde o carrinho vendendo o boneco Bisonho[3] estava, para comprá-lo mais tarde.

****



3

— Pequeno demônio! — Lúcifer rosnou, alcançando o Bisonho de pelúcia apenas para retirar a mão por causa de um tapa.

— É meu! — Sininho rosnou de volta, abraçando o Bisonho que ela tinha feito Danny comprar-lhe alguns minutos atrás, quando ela descobriu que ele era o único que restou em todo o parque.

— Eu espero que você seja atropelada por anões. — Lúcifer grunhiu encarando Sininho enquanto sacudia a mão ardendo do tapa.

— Lúcifer Bradford! — Sua mãe suspirou, parecendo absolutamente chocada quando parou ao lado deles.

— Foi ela quem começou! — Lúcifer murmurou, dando ao Bisonho nos braços de Jodi outro olhar e cruzou os braços sobre o peito, se afastando enquanto dava-lhe um olhar furioso.

— Pare de chorar, filhinho da mamãe. — Disse Jodi com um sorriso sarcástico, logo depois soltando um grito de surpresa quando Lúcifer de repente voltou, forçando-a a saltar atrás de Danny e se esconder.

— Filhinho da mamãe? — Lúcifer rosnou, tentando chegar ao seu redor para agarrá-la.

Suspirando, porque esta cena estava ficando cada vez mais triste a cada minuto, Danny chegou por trás dele, agarrou Jodi pelo braço e puxou-a suavemente na frente dele,

onde ele passou os braços em volta dela e puxou-a, dando a Lúcifer um olhar de aviso. Ele resmungou algo sobre pequenos valentões quando saiu com um biquinho.

— Onde é que vocês gostariam de começar, crianças? — Perguntou sua mãe, ajustando as orelhas do Mickey que tinha feito seu pai comprar para ela.

— Não importa para mim. — Disse ele, enquanto o resto de seus irmãos começaram a debater onde deviam começar, beijando o topo da cabeça de Jodi quando notou o momento exato em que sua mãe percebeu que ela não ia ser capaz de ir em noventa por cento dos passeios.

— Oh, Danny! — Disse ela, parecendo inconsolável. — Eu sinto muito. Eu não estava pensando quando eu...

— Está tudo bem, mãe. — Disse ele com uma piscadela, pressionando outro beijo contra o topo da cabeça de Jodi e fingiu que não viu o olhar que passou entre seus irmãos e irmã ou o fato de que seu pai parecia querer bater o punho através de uma parede.

— Não, não, não está. — Sua mãe murmurou dando-lhe aquele olhar que ele tinha aprendido a odiar, logo após sair do coma. Ela estendeu a mão e esfregou as têmporas, balançando a cabeça, disse: — Eu deveria ter programado isso melhor.

Ele riu e afastou os braços de Jodi, segurando sua pequena mão na dele.

— Pare de se preocupar com isso.

— Nós podemos ir para outro lugar. — Disse Duncan com aquele mesmo sorriso zombeteiro, que ia fazê-lo ganhar um soco.

— Nós estamos bem. — Disse ele mais firmemente e gesticulou para o mapa de guia na mão de sua mãe. — Onde você quer ir primeiro?

Ela abriu a boca para dizer algo, mas seu pai a cortou antes que tivesse a chance.

—Por que não começar com a Splash Mountain?

****

— Eu não vou dividir o quarto com aquele filho da puta! — Garrett rosnou no rosto de Duncan.

— Parem de xingar! — Dr. Bradford retrucou, empurrando uma chave nas mãos de seu filho e gesticulando em direção ao elevador onde estava assistindo ao show com fascinação mórbida enquanto esperava o elevador.

— Comportem-se! — Disse a Sra. Bradford, silenciando seus meninos apenas com um olhar.

— Por que não vamos pegar alguma coisa para comer? — Danny sugeriu, inclinando-se e dando-lhe mais um daqueles beijos castos que deixavam-na reprimindo um suspiro de frustração.

— Claro. — Disse ela distraidamente enquanto olhava ao redor do hall do hotel. —Como exatamente eles foram chutados para fora de seu hotel?

— Serviço de quarto. — Disse ele encolhendo os ombros e pegando sua mão, levando-a para a entrada.

— O serviço de quarto? — Ela perguntou, franzindo a testa enquanto permitia que ele a levasse para as portas de vidro deslizantes.

— Provavelmente seria melhor não mencionar isso. Mamãe ainda está muito chateada que eles quebraram as regras.

— Regras?

— É provavelmente melhor se nós não falarmos sobre isso também. — Disse, sorrindo para ela, enquanto ela tentava entender o que ele estava dizendo. Eles tinham regras sobre o serviço de quarto?

— Onde você está indo? — Perguntou Aidan, desencostando-se da parede para se juntar a eles quando passaram por ele.

— Pegar comida. — Respondeu Danny, não diminuindo o ritmo enquanto caminhavam para fora, forçando seu irmão a correr para alcançá-los.

— Ótimo! Estou morrendo de fome. — Disse Aidan, sorrindo bastante quando se juntou a eles.

— Você não está convidado. — Disse Danny, sem perder o passo. — Então, vá se foder.

— Para onde estamos indo? Pizza? Buffet? Hambúrgueres? Italiano? — Perguntou Aidan, ignorando o brilho homicida de Danny e continuou caminhando ao lado deles.

— O que está acontecendo? — Perguntou Reese, batendo seu irmão gêmeo no ombro e gesticulando em direção a eles.

— Estamos pegando um jantar tardio. — Aidan respondeu antes de Danny ter a chance e, a julgar pelo seu olhar, ele queria desesperadamente dizer alguma coisa.

— Estou morrendo de fome. — Disse Duncan atrás deles, parecendo aliviado quando ele se juntou a eles. — O que iremos comer?

— Eu comeria comida chinesa. — Disse ela, tentando não rir ao ver a expressão no rosto de Danny quando o resto de seus irmãos e sua irmã se juntou a eles.

—Ótimo! — Disse Garret, quando se juntou a eles na calçada. — Há um certo buffet na rua...

****

— Eu sinto muito. — Disse ele, sem ter absolutamente nenhuma ideia do que mais deveria dizer.

— Está tudo bem. — Disse ela com uma fungada.

— Sério? — Ele perguntou, ajoelhando-se na frente da banheira e, por algum motivo, não acreditando nela.

— Eu... eu só preciso de um minuto. — Disse ela, apertando os olhos fechados quando lambeu os lábios e de alguma forma, conseguiu se enrolar em uma bola menor ainda.

— Ninguém se machucou. — Disse ele suavemente, estendeu a mão e tocou seu ombro, só para puxar a mão para trás com um palavrão murmurado quando ela se encolheu.

— Eu só preciso de um minuto. — Repetiu ela, respirando fundo enquanto ele ficou ajoelhado ali, pensando em caçar seus irmãos e arrebentar suas caras.

— Querida, está tudo bem. Foi apenas um pequeno mal-entendido. — Disse ele, estendendo a mão para ela, apenas para tê-la recuando de seu toque, novamente.

— Eu... eu simplesmente não consigo abafar os gritos da minha cabeça. — Ela sussurrou. — Os gritos... eles eram apenas... — Disse ela, engolindo em seco e balançando a cabeça, incapaz de continuar.

Ele suspirou, se levantou e tirou sua camisa. Jogou no chão enquanto chutava os sapatos.

— Eles vão embora. Confie em mim. — Disse ele enquanto desabotoava a braguilha e empurrava as calças e cuecas boxers para baixo.

— Quando? — Perguntou ela com um suspiro trêmulo que o fez rir. Agarrou a cortina do chuveiro e puxou-a de lado

para que pudesse se juntar a ela, com cuidado para não pisar na bela mulher enrolada em posição fetal no fundo do box.

— Em breve. — Prometeu a ela, se abaixou e a pegou no colo.

— Foi horrível! — Disse ela fungando mais uma vez, lhe fazendo sorrir de novo e beijar o topo de sua cabeça.

Ele a colocou em seus pés, mas não a deixou se afastar.

— Eu sei. — Disse, ainda se perguntando como seus irmãos poderiam ter fodido um simples jantar, especialmente logo depois que sua mãe tinha feito cada um deles prometerem se comportar antes de serem autorizados a entrar.

— Sua mãe parecia uma louca. — Disse ela, apertando seu rosto contra seu peito, agarrou seus bíceps e segurou com força.

Ele riu e passou os braços em volta dela, tomando cuidado com a queimadura de tapete ainda cobrindo suas costas e braços.

— Bem... — Disse ele pensativo, parando apenas o tempo suficiente para pressionar outro beijo no topo de sua cabeça. —... eles quebraram as regras.

Jodi suspirou contra seu peito e ele a sentiu começar a relaxar.

— Regras?

— Mmmhmm. — Ele murmurou fechando os olhos, gostando de tê-la em seus braços. Nenhum momento em sua vida pareceu mais perfeito do que este. — Minha mãe criou uma lista de regras para nós quando éramos pequenos, para ajudar a evitar incidentes como os de hoje.

— Inteligente. — Disse ela, dando um beijo em seu peito e se fazendo mais confortável em seus braços.

Ele sorriu satisfeito, fechou os olhos e ficou saboreando o momento com ela. Pelos últimos três dias, ele se obrigou a se contentar em segurar sua mão e dar-lhe pequenos beijos castos, quando tudo o que queria fazer era envolvê-la em seus braços, tocá-la, beijá-la, passar as mãos sobre seu corpo e deslizar seu pau em sua boceta apertada e molhada que ele já amava.

— É por isso que você estava evitando a sua família? — Ela perguntou de repente, mas não foi o suficiente para distraí-lo dos pensamentos que rondavam sua mente.

— Hmmm? — Perguntou ele, beijando o topo de sua cabeça enquanto corria suavemente suas mãos pelas costas, testando sua sensibilidade.

— Sua recuperação... — Começou, depois interrompeu a fala com um gemido.

Outro beijo.

— Sim, eu não queria arruinar sua viagem. A bala não me paralisou, mas esteve perto. Ela causou uma série de danos e por isso, fiz as cirurgias. Então, sempre que algo

apresente uma restrição para pessoas com lesões nas costas eu fico no banco.

Ela assentiu com a cabeça apertando mais um beijo em seu peito.

— Isto foi o que eu imaginei. — O que a deixava curiosa...

— Foi por isso que você não quis ir em nenhum dos passeios divertidos hoje? — Perguntou ele, traçando os dedos para cima e para baixo de sua coluna vertebral.

— Eu fui em todos os passeios divertidos hoje. — Assegurou ela, afrouxando seu domínio sobre seus bíceps e envolvendo os braços em volta dele.

— Você não foi nos passeios em que eu não podia ir. — Ressaltou ele, permitindo que seus dedos se movessem mais para o sul, seguindo a fenda entre suas nádegas.

Ela riu baixinho e admitiu:

— Eu não quero ir em nenhum dos passeios que você não pode ir.

— Porque você é apaixonada por mim? — Ele meio que brincou.

— Sim. — Ela disse suavemente, tomando-o de surpresa antes de acrescentar: — Isso e eu tenho medo de altura.

Capítulo 36

— Você vai deixar-me? — Danny perguntou com um suspiro pesado.

— Você vai esquecer o que eu disse? — Perguntou ela, apertando os braços ao redor do homem grande que ela tinha acabado de admitir estar apaixonada, porque, aparentemente, ela era incrivelmente estúpida.

Ele se acalmou.

— Você realmente quis dizer isso?

Ela se acalmou.

— Por que você pergunta?

Ele suspirou, tentando dar um passo atrás, mas tudo o que ele conseguiu fazer foi afastá-la da água quente, já que ela se recusou a soltá-lo.

— Você vai me deixar sair?

— Não até você me responder. — Disse ela, segurando-o mais forte e escondendo o rosto contra seu peito, numa tentativa de salvar-se de mais humilhação.

Ele suspirou profundamente, se inclinou e beijou o topo de sua cabeça, o que ela decidiu tomar como um bom sinal.

— Eu não estou apaixonado por você, Sininho, eu não posso dizer essas palavras para fazer você se sentir melhor.

— Disse ele em voz baixa, tentando amenizar as palavras com outro beijo, enquanto ela ficou ali sentindo seu coração se despedaçar em mil pedaços.

Surpreendeu-a o quanto ouvir que ele não a amava realmente doía. Ela não tinha percebido o quanto se importava com ele até recentemente. Naturalmente, a primeira pista deveria ter sido o fato de que ela estava disposta a pedir férias, correndo o risco de estourar seu cartão de crédito e gastar sua pequena poupança, que tinha sido capaz de juntar nos últimos dois meses. Ela estava trabalhando tão duro para quitar a dívida, que apesar de não poder se dar ao luxo de uma viagem, sabia que precisava do descanso. Ela não queria viajar, mas queria estar com ele.

Ela também não queria ficar aqui, nua no chuveiro, mortificada além das palavras e tentando se esconder em seu peito depois de ter confessado algo que ela ainda estava se acostumando. Como desejava virar e ir embora com alguma dignidade... e roupas, roupas e dignidade seria muito bom agora mesmo.

— Vou, no entanto... — Disse ele, fazendo uma pausa para beijar o topo de sua cabeça, enquanto ela tentava descobrir uma maneira de sair dessa. —... ficar com você.

— Ficar comigo? — Perguntou ela, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado, olhou para ele e franziu a testa com desgosto. — Como um filhote de cachorro?

Sorrindo, ele se inclinou e beijou a ponta de seu nariz.

— Mais como minha própria fada pessoal. — Ele brincou.

Irritada, ela abriu a boca para dizer-lhe que não era uma fada maldita quando ele a cortou com outro beijo na ponta do nariz e continuou:

— Eu não estou apaixonado por você. — Disse ele, aparentemente decidindo que repetir esse fato era a melhor maneira de continuar essa conversa. — Mas eu estou pensando em passar o resto da minha vida com você, Sininho.

— Espere. O quê? — Disse ela, piscando para ele, certa de que em algum momento na conversa ele diria algo que fizesse sentido.

— Eu posso não estar apaixonado por você, Sininho, mas eu sei que eu quero passar o resto da minha vida com você. — Disse ele, sorrindo para ela. — Você é a melhor parte do meu dia, Sininho. Você me faz sentir completo e feliz e quando eu não estou com você, eu estou pensando em você. Eu não estou apaixonado por você, mas eu sei que não posso viver sem você.

Ela abriu a boca para... bem, ela não sabia o que dizer, porque no momento estava sendo difícil processar o que ele tinha acabado de dizer. Ele não a amava, mas sentia a mesma coisa que ela sentia por ele. A única diferença? Ela sabia que isso era amor.

E ela sabia que ele a amava.

Sorrindo, o soltou e deu um passo para trás, soltando um grito embaraçosamente alto quando Danny agarrou-a, virou-a e empurrou-a contra a parede.

— Agora, já que eu tenho a sua atenção, por que não te conto sobre meu plano de ataque?

****

— Plano de ataque? — Ela perguntou, tentando se virar, mas ele a impediu com um beijo em seu ombro.

— Mmmhmm. — Ele murmurou, beijando seu pescoço enquanto corria as pontas dos dedos para baixo dos braços. Quando chegou as suas mãos, levantou-as e posicionou contra a parede acima de sua cabeça.

— Esse plano de ataque é para quem? — Perguntou ela, lambendo os lábios ansiosamente e olhando por cima do ombro.

Ele se inclinou e beijou-a.

— Para você.

— Para mim? — Perguntou ela contra seus lábios.

— Para você. — Disse ele com um aceno de cabeça e se afastou apenas o suficiente para que pudesse beijar seu queixo.

— Você vai me contar como é esse plano de ataque? — Ela perguntou, parecendo um pouco sem fôlego quando ele beijou o seu caminho através de sua mandíbula.

— Em detalhes. — Ele prometeu e beijou até o ombro. — A primeira parte do meu plano é muito simples.

— Ah, e o que é? — Perguntou, fechando os olhos e lambendo os lábios quando ele traçou as pontas de seus dedos de volta para baixo dos braços.

— Bem, em primeiro lugar... — Disse ele, fazendo uma pausa longa o suficiente para lamber uma gota de água fora de seu ombro. — Eu pensei em começar respondendo a uma pergunta que está me incomodando por um tempo.

— Que pergunta? — Disse ela suspirando quando ele continuou a passar as pontas dos dedos sobre os ombros e descer pelos braços.

Ele segurou seus quadris e se inclinou até que sua boca estava perto de seu ouvido.

— O que é melhor, te comer com os dedos ou com a língua?

****

— Você está pronta para descobrir? — Ele sussurrou e usou seu poder sobre seus quadris para puxá-la suavemente para trás, de modo que suas costas ficassem arqueadas.

— Sim. — Ela se ouviu concordar e avidamente lambeu os lábios, esperando para ver o que ele faria em seguida.

— Por que não começamos com os meus dedos? — Sugeriu ele num murmúrio sexy e usou o pé para conseguir que ela abrisse as pernas.

— Danny. — Disse ela, gemendo seu nome e sentiu as pontas dos dedos passarem por seu quadril, sobre seu traseiro e entre as pernas.

Um suspiro assustado saiu dela quando ele levemente traçou os grandes lábios com os dedos. Ela mal podia senti-lo, mas foi o suficiente para tê-la abrindo as pernas mais amplas, desesperada por mais.

— Você gosta? — Ele perguntou num sussurro sedutor e continuou a provocá-la levemente.

— Sim.

Ele beijou seu ombro continuando a provocá-la, acariciando sua vagina para trás e para frente, para trás e para frente. Com cada toque de seus dedos a pressão aumentava até que soltou um suspiro trêmulo. Seus dedos deslizaram entre os lábios, provocando o feixe de nervos sensível desesperado por seu toque.

— Como está isto?

— Melhor. — Admitiu ela, lambendo os lábios enquanto empurrava para trás, precisando de mais contato, mas o bastardo se recusou a dar-lhe.

Na verdade, o bastardo puxou para trás apenas o suficiente para fazê-la reconsiderar seus antigos planos de matá-lo com as mãos nuas.

— Danny!

— O que é, Sininho? — Perguntou ele, beijando seu rosto enquanto continuava a provocá-la.

— Por Favor!

— Por favor, o que, querida? — Ele perguntou e beijou sua mandíbula.

— Por favor, não me faça te matar! — Ela retrucou, tão perto de se virar e... e... e...

— Oh, Deus! — Ela engasgou quando de repente, ele deslizou um dedo dentro dela por trás.

Era uma sensação que ela tinha experimentado antes e que foi rapidamente adorando. Durante o mês passado eles tinham dado prazer um ao outro com suas bocas e mãos e, embora Danny tenha lhe apresentado uma série de maneiras interessantes e satisfatórias de dar prazer, ele nunca tinha chegado a este nível. Isso a fez pensar o quão bom seria tê-lo por trás.

— Hoje à noite... — Disse ele, com a voz tensa quando deslizou lentamente o dedo dentro dela. —... depois de ter a minha resposta, eu vou te foder nessa posição.

— Oh, Deus... — Ela gemeu, porque sabia que, se ele não cumprisse sua promessa, ela ia precisar de um advogado de defesa até o final da noite.

****

Pressionando um último beijo em sua mandíbula, ele se inclinou para trás para que pudesse ver o que estava fazendo. Observou seu dedo desaparecer dentro dela e depois reaparecer, brilhando com seus fluidos. Adicionando um segundo dedo e desejando que fosse seu pênis esticando suas paredes internas, ele continuou a empurrar a mão entre as pernas dela.

Danny adorou os gemidos que ela fazia, enquanto ele movia os dedos entre suas pernas. Sabia que ela gostava e que se continuasse fazendo isso ela gozaria em seus dedos, mas ele queria uma comparação justa e para fazer isso, precisava seguir em frente com a próxima fase de seus planos.

Lambendo os lábios em antecipação pelo doce deleite que tinha há muito tempo se tornado seu vício, ele caiu de joelhos.

— Você está pronta, Jodi? — Ele perguntou, puxando os dedos para longe antes que ela pudesse responder.

Ele se inclinou e passou a ponta de sua língua através de sua fenda, gemendo quando seu gosto revestiu sua língua.

Ela tinha um gosto bom pra caralho, melhor do que qualquer coisa que ele já tinha provado antes. Fechando os olhos, ele se inclinou ainda mais, saboreando-a, correndo a ponta de sua língua sobre seu núcleo.

Ele amava o jeito que ela gemia, mas ele gostava ainda mais quando ela gemia seu nome, incentivando-o a fazer de novo e de novo até que fosse forçado a bater as mãos contra a parede de azulejos de tanto que seu corpo tremia. Ele a desejava. Deus, como ele a desejava.

— Danny, por favor! — Ela choramingou, empurrando-se contra sua língua.

Ele poderia tê-la deixado gozar assim, mas...

Ele precisava estar dentro dela.

Ele deu-lhe uma última e longa lambida antes de se levantar. Segurou seu quadril com uma mão enquanto estendeu a outra e envolveu ao redor de seu pênis, lutando para resistir ao impulso de se masturbar, ele rapidamente posicionou a cabeça de seu pênis em sua fenda.

— Qual deles você gostou mais? — Ele perguntou, simplesmente para ter algo para distrair-se enquanto empurrou lentamente dentro dela.

— Isto. — Disse ela, chegando para trás e batendo a mão em seu quadril. — Eu gosto disto.

— Eu gosto muito também, baby. — Disse ele, empurrando o resto do caminho dentro dela.

Ele chegou em torno dela e segurou-lhe o seio negligenciado, gentilmente apertando-o, pesando o peito em sua mão, amando o jeito que seu mamilo duro ficava contra a palma da mão. Ele se afastou, gemendo com a perda de sua vagina apertada e empurrou de volta, amando o jeito que suas paredes de seda apertaram ao redor dele em boas-vindas.

Era muito bom.

Parecia que ele estava voltando para casa.

— Você é tão gostosa, Jodi. — Ele rosnou, se inclinou e beijou-lhe o ombro e pescoço, desejando que pudesse beijá-la adequadamente, mas ela tinha a testa pressionada contra os azulejos frios, ofegante enquanto ele a fodia por trás. — Gostosa pra caralho.

Ele tirou a mão de seu quadril e posicionou entre suas pernas, necessitando fazer isto bom para ela, mesmo que não estivesse apaixonado. Ele queria que ela precisasse dele, tanto quanto ele precisava dela. Sabia que isso o tornava um filho da puta egoísta, mas queria que ela o amasse.

Capítulo 37

— Eu poderia fazer isso o dia todo. — Ele rosnou em seu ouvido.

Mantendo a testa encostada na parede, ela lambeu os lábios e abriu as pernas mais afastadas para lhe dar melhor acesso. Ele a recompensou com um beijo no ombro e um gemido: — Boa menina. — E acrescentou um segundo dedo entre suas pernas.

Ele esfregou a ponta de seu clitóris com as pontas dos dedos em um movimento circular de modo que houve uma ligeira quebra de contato, provocando-a de uma forma que ela nunca tinha esperado. Sua mão apertada na cintura, segurando-a perto enquanto ela estava à beira do orgasmo mais poderoso de sua vida. Ela sentiu os músculos em seus quadris trabalhando enquanto ele empurrava dentro dela. Deus, isso era tão bom, pensou, a mão que ela tinha pressionada contra a parede se fechou em punho e um grito rasgou de seus lábios.

— É isso aí, querida! — Ele gemeu encorajador e aumentou a pressão entre as pernas dando estocadas curtas.

A mudança imediata da pressão rasgou outro grito da garganta dela e desta vez não houve como impedi-lo. Suas pernas trêmulas cederam e ela teria caído se Danny não tivesse um braço ao redor dela. Ele manteve sua posição e

gemia o nome dela em seu ouvido, grunhindo torturado, Jodi o sentia endurecer ainda mais em seu interior. Outro grito rasgou de seus lábios quando ela sentiu que ele gozava dentro dela.

Ficaram ali por alguns minutos, recuperando o fôlego, enquanto Danny a segurava seus braços. Ele beijou-lhe o ombro, ganhando uma risada trêmula.

Ela se perguntou se as pernas voltariam a funcionar um dia.

— Eu vou dar-lhe mais alguns minutos antes de começarmos. — Disse ele, dando um beijo contra seu outro ombro.

— Antes de começarmos... — Disse ela, parando para recuperar o fôlego. —... o quê?

— Antes de começarmos a fase dois do meu plano de ataque.

****

— Oh Deus, Danny, eu não posso!

— Sim. — Ele rosnou, dobrando-a sobre o braço do sofá. — Você pode.

Segurando sua ereção, ele traçou a curva da bunda dela com a ponta. Ela gemeu e mexeu essa bunda deliciosa, que ele tinha passado os últimos 20 minutos admirando, depois

de fodê-la contra a parede. Ele deveria estar exausto. Droga, ele não deveria nem mesmo ser capaz de se mover, após as últimas quatro horas, mas ele não conseguia o suficiente dela.

— Seu filho da puta! — Ela engasgou com um gemido quando ele traçou a pele macia entre suas pernas.

— Tão macia, porra! — Ele rosnou, lambendo os lábios enquanto continuava a passar a cabeça de seu pênis sobre sua fenda e a pele macia protegendo seu lugar favorito na terra.

Deus, ele poderia gozar apenas com isto, esfregando a ponta do seu pênis contra ela. Ele poderia...

— Danny. — Ela disse um pouco fora do ar, contorcendo a bunda gostosa para trás e para a frente, deixando-o com ainda mais tesão. — Se você não colocar essa marreta entre as pernas dentro de mim agora, eu vou te matar!

Rindo, ele se moveu até que a ponta do seu pênis penetrou em sua entrada molhada. Molhada pra caralho...

Ele empurrou, saboreando a sensação de seus fluidos cobrindo-o quando deslizou para dentro. Gemeu alto e deixou a cabeça cair para trás, fechando os olhos. Era bom pra caralho...

— Agora... — Disse, lambendo os lábios. — Onde eu estava?

— Estágio três. — Ela suspirou. — Você estava me contando sobre o estágio três!

****

— Fique do seu lado da cama. — Ela murmurou, fingindo que não terminou, com um gemido enquanto abraçava seu Bisonho de pelúcia com força.

Danny riu fracamente do seu lado da cama, o lado que ela separou com cinco pares de meias.

— Você não tem nada para se preocupar, Sininho. Não posso me mover.

Ela não acreditava nele, mas não tinha a energia para dizer qualquer coisa. Em vez disso, abraçou Bisonho mais apertado e fechou os olhos, rezando para o sono vir e dar-lhe um pouco de descanso, finalmente. Ela começou a cair no sono quando sentiu Danny mexendo ao lado dela. Abriu os olhos e esperou, mas quando nada mais aconteceu, fechou-os novamente.

Em poucos segundos, sentiu-se começar a adormecer, seus olhos se fechando apenas para abrirem-se de novo no susto. Ela esperou, porém mais uma vez não aconteceu nada. Estava prestes a fechar os olhos mais uma vez quando o sentiu se mexer do seu lado novamente. Acreditando que estava imaginando coisas, ela abraçou Bisonho firmemente contra o peito e olhou por cima do ombro para Danny.

Que parecia dormir pacificamente em suas costas com um braço dobrado atrás da cabeça e o outro braço deitado ao

seu lado. Franzindo a testa, ela balançou a cabeça e voltou a fechar os olhos.

Voltou-se quando sentiu Danny mexer atrás dela, só para encontrá-lo ainda deitado de costas, dormindo pacificamente. Achando que estava sendo paranoica, virou-se e mais uma vez o sentiu mexer atrás dela, só que olhando para ele, continuava deitado. Ela estava sendo ridícula.

Sacudindo a cabeça em desgosto, se virou, fechou os olhos e decidiu que estava sendo boba. Ficando mais confortável ao seu lado, ela lentamente relaxou.

— Seu filho da puta! — Ela engasgou quando de repente se viu sendo jogada em cima dele.

— Shhhh! — Ele sussurrou irritado, enquanto se ajustou até que ela estava esparramada em cima dele. — Eu estou tentando dormir.

— Deixe-me ir. — Ela resmungou, cansada demais para jogar este jogo com ele, mas seus braços se fecharam ao redor dela, mantendo-a no lugar.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Deixe-me ir, seu maldito mandão! — Ela rosnou, batendo as mãos contra o peito dele e tentando empurrá-lo, mas o grande filho da mãe não iria soltá-la.

— Não. — Ele murmurou sonolento com um bocejo e beijou o topo de sua cabeça. — Eu estou confortável.

Ela lutou por mais um minuto, até que finalmente desistiu e, a contragosto, deixou cair a cabeça sobre seu peito, surpreendentemente confortável e fechou os olhos. Uau, ele realmente era confortável, pensou com um pequeno suspiro sonolento, mais uma vez começou a adormecer apenas para abrir os olhos quando o sentiu mexer embaixo dela.

— Desculpe. — Ele murmurou sonolento, quando ele não se mexeu depois de um minuto, ela fechou os olhos...

Cravou as unhas em seu peito quando ele deslizou dentro dela.

— Oh...meu...Deus... — Ela engasgou enquanto seu corpo respondia imediatamente à invasão.

— Não. — Ele disse com um suspiro de satisfação quando empurrou todo o caminho para dentro. — Isso é muito melhor.

E quando ele espalmou sua bunda e embalou-a na grande ereção enterrada dentro dela, teve que concordar.

****

— Merda. — Ele sussurrou, olhando rapidamente por cima do ombro para se certificar de que não tinha acordado Sininho.

Quando ela não se moveu ou jogou qualquer coisa em sua cabeça, ele voltou a escrever-lhe uma rápida nota explicando por que ele iria sair. Prometeu a sua mãe que iria encontrá-los no café da manhã e sabia que se não aparecesse, ela viria bater à sua porta para buscá-lo e acordaria Jodi.

Colocou a nota no travesseiro ao lado de sua cabeça, ele não pôde deixar de se sentir mal sobre a noite passada... e esta manhã. Ele tinha transado com ela a noite toda, só permitindo pausas curtas para recuperar o fôlego, antes de encontrar outra desculpa para possuí-la novamente. Ele a teria possuído novamente se o toque de uma mensagem de texto não tivesse lhe acordado, mas parecia cruel tomar um banho rápido e se vestir enquanto lutava para resistir à mulher muito tentadora desmaiada em sua cama.

Lamentou deixá-la assim, mas foi provavelmente o melhor, tentou convencer-se. Dirigiu-se para a porta, xingando quando o telefone começou a tocar. Ele o tirou do bolso e se atrapalhou para atender a ligação antes que pudesse acordar Jodi.

— O quê? — Ele perguntou irritado enquanto se dirigia para a porta.

— Onde está você? — Perguntou Aidan, parecendo entediado.

— Eu estou a caminho.

— Por que você está sussurrando?

— Eu não estou sussurrando! — Ele grunhiu.

— Sim, você realmente está.

— Não estou. — Ele começou a discutir, parando abruptamente com uma careta quando olhou para baixo e viu a mulher pequena, que ele tinha pensado ter deixado dormindo na cama, ajoelhada no chão na frente dele.

— Anda logo, eu estou morrendo de fome. — Aidan reclamou enquanto Danny assistia com fascinação Jodi estender a mão para a braguilha e soltar um bocejo sonolento.

Ele deveria impedi-la, mas...

Queria ver onde ela iria com isso.

— Danny? Onde você está, merda?

— Espere um segundo. — Disse ele, na esperança de dispensar o seu irmão para que pudesse se concentrar na pequena mulher, puxando seu zíper.

Quando ela alcançou dentro de suas calças e envolveu sua pequena mão em torno de seu pênis já endurecido, ele se obrigou a reprimir um gemido que seu irmão provavelmente teria questionado, porém não conseguiu reprimir outro gemido quando ela colocou os lábios cheios em torno da ponta do seu pênis e chupou.

— Danny? Você está bem?

— Eu estou bem. — Ele grunhiu, afastando mais as pernas para que Jodi pudesse puxá-lo para ela... — Ah, foda-se! — Ele gemeu enquanto ela movia a boca sobre ele, sugando apenas o suficiente para fazer com que seu pênis entrasse um pouco em sua boca enquanto ela o chupava.

Jodi olhou para ele com aqueles lindos olhos verdes, enquanto lentamente engolia-o até a base, fazendo sua visão escurecer e precisar segurar-se contra a parede quando suas pernas enfraqueceram.

— Danny? Merda! Eu estou a caminho do seu quarto. Apenas aguente firme! — Aidan gritou parecendo em pânico, finalmente trazendo sua atenção de volta a ele.

— Não! — Ele retrucou, sacudindo a cabeça e tirando a mão da parede, acenando para Jodi continuar quando ela fez uma pausa dando-lhe um olhar interrogativo. — Eu estou bem. Eu só vou estar um... — Ele fez uma pausa para lamber os lábios. —... atrasado.

— Oh, bem... não demore muito. Nós estamos...

O que quer que seu irmão disse foi interrompido quando ele desligou a ligação e jogou o telefone de lado, se concentrando em Sininho enquanto ela iniciava uma nova fase no seu plano de ataque.

Capítulo 38

Oh Deus, ela ia vomitar.

— Eu realmente sinto muito, Jodi, mas Eleanor não deveria ter dito que aceitaríamos depósito direto. Nós não fazemos o depósito direto. Deveríamos, mas não fazemos.

— Eu entendo. — Disse ela, enquanto as implicações do que estava prestes a acontecer se registravam em sua mente.

— Espero que você aproveite o resto de sua viagem. — Disse Anna, parecendo alegre, enquanto Jodi lutava para não desmaiar.

— Obrigada. — Ela murmurou, desligando o telefone e sentandando.

Seu corpo inteiro estava dormente. Sua cabeça estava girando e sua respiração estava acelerada. Ela não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Isto não podia estar acontecendo. Não depois de tudo o que ela tinha passado. Não depois de tudo o que ela tinha sacrificado para que pudesse consertar sua vida.

— Sininho? — Danny chamou quando saiu do banheiro, com uma toalha enrolada na cintura. — O que está errado?

— Nada. — Disse ela, virando-se e guardando seu telefone, precisando de um momento para se recompor.

— Tem certeza? — Ele perguntou depois de uma pausa.

Ela assentiu com a cabeça, mantendo as costas para ele.

— Sim, eu estou bem.

Ele veio por trás dela e passou os braços ao seu redor.

— Você não iria mentir para mim agora, iria?

— Claro que não. — Disse ela, colando um sorriso falso no rosto e se virou em seus braços. — Eu estou bem.

Ele inclinou a cabeça para o lado, estudando-a por um longo momento.

— Agora, por que eu não acredito em você? — Ele murmurou, pensativo.

— Porque você é paranoico. — Brincou ela, ficou na ponta dos pés e pressionou um beijo em seu queixo teimoso. — Está tudo bem. — Ela mentiu.

****

— Então, eu estava pensando que já que estamos em casa, eu poderia levar Jodi para ver um filme ou algo assim. — Disse Duncan em frente ao parque dos jacarés.

— E por que isso? — Perguntou ele, sem realmente prestar atenção ao seu irmão ou as centenas de jacarés circulando livremente no grande poço abaixo.

Toda a sua atenção estava na pequena mulher sentada no banco à frente, olhando para o chão e parecendo perdida.

Alguma coisa estava errada. Ele não tinha certeza do que tinha acontecido entre o momento em que ele caiu de joelhos e enterrou a cabeça entre suas pernas e o momento em que ele terminou seu banho, mas ele ia descobrir.

— Porque ela claramente está chateada com você. — Disse seu irmão, confirmando seus temores de que ele era a razão pela qual ela parecia tão chateada.

— Claramente. — Ele murmurou distraidamente, repassando tudo o que ele tinha dito e feito nas últimas 48 horas através de sua cabeça e, embora ele tenha feito várias merdas, não tinha a mínima ideia de qual realmente estragou tudo.

Ele ouviu que ela estava apaixonada por ele, porém tinha fodido tudo dizendo-lhe que queria casar-se com ela, mas que não a amava. Ele nunca deveria ter aberto a boca e dito aquilo. Ele tinha avançado tanto com seu plano de ataque e agora...

Estava pagando por isso.

Ela estava se afastando e ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que fazer para detê-la.

— Bom. Então, você está bem, se eu a convidar para sair? — Perguntou seu irmão, já se afastando da parede para fazer exatamente isso.

— Claro. — Disse, de frente para o seu irmão. Puxou o punho e acertou a cara dele, porque se há uma coisa em que

irmãos mais novos são bons, era para serem espancados quando se está chateado.

****

— Afastem-no! Afastem-no! — O grito histérico interrompeu seus pensamentos de auto piedade e o fez olhar para cima a tempo de ver a maioria dos seus irmãos agarrando-o pelos braços e cuidadosamente puxando-o de cima de Duncan, mas não antes dele dar um último soco.

— Eu estou avisando a você, seu bastardo! — Duncan gritou e se levantou. Danny lutou para se libertar e voltar a esmurrá-lo.

— Vá em frente, seu desgraçado! — Disse Danny, livrando-se do agarre de seus irmãos.

— Oh, eu vou! — Disse Duncan, olhando para ele quando saiu, indo em direção à loja aonde seus pais haviam desaparecido há vinte minutos. Quando ele viu Jodi, parou, sorriu presunçosamente e foi direto para ela. Foi quando Danny foi atrás dele para o segundo round.

Sem vontade de assistir a cena e precisando de algum tempo para si mesma enquanto tentava descobrir como iria lidar com a nova situação, ela se levantou e caminhou em direção à saída, saindo do caminho, quando Danny jogou Duncan no chão, quase colidindo com ela. Balançando a cabeça, deu um pequeno sorriso quando Duncan gritou como

uma menina e chamou sua mãe, ela deixou o parque de répteis e se dirigiu para o banco que ela tinha visto antes. Sentou, inclinou-se e fechou os olhos enquanto deixava o sol quente da Flórida tocar sua pele, na esperança de que isso ajudaria a descobrir uma maneira de sair dessa bagunça.

— Você está prestes a magoar meu filho? — Perguntou o Dr. Bradford, assustando-a... um pouco.

— Aii! — Ela gritou quando caiu fora do banco, e sem jeito, em alguns dos tijolos que faziam fronteira com o jardim de rocha ao redor dos portões do zoológico.

— Ah merda! — Dr. Bradford xingou, apressando-se para o seu lado e ajudando-a a se levantar. — Você está bem?

— Eu estou bem. — Disse envergonhada, sem forças para passar pelo constrangimento de ter o pai de seu namorado vendo sua bunda pela segunda vez em menos de uma semana.

Ele a ajudou a levantar e quando fez um gesto para que ela se sentasse, ela negou com a cabeça, decidindo que era melhor não exercer pressão sobre os cortes recentes em sua bunda.

— Eu estou bem, realmente. — Disse ela, colando um falso sorriso no rosto, que estava usando durante todo o dia.

Sua esperança de que o Dr. Bradford fosse embora desapareceu quando ele sentou-se no banco, cruzou os braços sobre o peito e se preparou para uma longa conversa.

—Você vai responder a minha pergunta? — Ele perguntou, olhando-a de perto e fazendo uma cara de confuso.

— Eu não acabei de responder a sua pergunta? — Ela teve que perguntar, porque tinha certeza de que tinha acabado de lhe responder.

Seus olhos se estreitaram sobre ela.

— Não essa. Eu quero saber se você está prestes a magoar meu filho.

— Okaaaay. — Disse ela devagar, sem saber de onde isto saiu. — Por que exatamente você está me fazendo essa pergunta?

— Porque você está ignorando-o durante todo o dia e agindo como se preferisse estar em qualquer lugar, menos aqui.

— Eu não estou ignorando-o. — Respondeu ela, esfregando as mãos pelo rosto com a lembrança de como sua vida estava prestes a se tornar uma merda.

Não havia nenhum dinheiro em sua conta bancária para pagar sua fatura de cartão de crédito amanhã, o que significava que iria atrasar o pagamento e acumular juros. Também significava que seu nome seria negativado mais uma vez. Basicamente levaria meses, senão anos para quitar essa dívida.

Era deprimente saber que a lembrança do seu ex idiota iria segui-la por mais alguns anos. Ela esperava se livrar da

dívida, das memórias e principalmente se livrar dele em breve. Só queria seguir em frente com sua vida e...

— É sobre o seu ex-noivo?

— O quê? — Ela perguntou, pega de surpresa.

— Sabe aquele ex-noivo? Você se lembra dele, não é? Altura média, com problema de peso, queda de cabelo, um verdadeiro perdedor, que deixou você com mais de quinze mil dólares em dívidas e esvaziou suas contas bancárias num dia antes de terminar com você. Esse noivo. — Disse ele calmamente.

— Como é que você...

— Você é a primeira mulher que meu filho tem demonstrado qualquer interesse desde que ele voltou. Eu fiz questão de saber tudo sobre você. — Explicou com um sorriso caloroso.

— Oh! — Foi a única resposta que ela poderia dar no momento. Ficou mortificada por saber que o pai de seu namorado sabia tudo sobre seus problemas. Ele sabia...

— Eu considerei chamar os meninos e arrebentarmos a cara dele, mas eles teriam terminado muito rápido com ele. — Disse ele com um encolher de ombros quando olhou para cima e encontrou o olhar dela. — Então, eu fiz isso sozinho.

— Me desculpe, o quê? — Ela perguntou, esperando ter ouvido mal.

— Ele gritou como um bebê. — Disse ele, parecendo pensativo por um momento. —Eu fiquei com vergonha por ele.

— Você o espancou? — Perguntou ela, esperando ter ouvido mal, porque caso contrário, isso significava que...

— Eu acabei com ele. — Admitiu com um encolher de ombros. — Ele merecia.

— Ummmmm. — Disse ela, sem saber como responder.

— Eu dei a ele a opção de pagá-la de volta, mas como eu tenho certeza que você conhece seu ex, além de ser um pedaço de merda, também é horrível com o dinheiro. Ele está com dívidas sérias, então eu duvido que você receba o que ele te deve. Sinto muito.

— Eu já percebi isso. — Ela já sabia, mas ouvir isso de outra pessoa era muito pior, porque agora, ela tinha certeza que não havia absolutamente nenhuma esperança de que Jerry agisse como um homem e resolvesse a bagunça que fez.

— Eu paguei a dívida e substituí o dinheiro como um presente de casamento antecipado. — Disse ele com aquele sorriso caloroso que a fez se sentir absolutamente horrível e por uma boa razão.

— Me desculpe, mas eu não posso me casar com seu filho. — Disse ela fracamente e deu um passo para trás. — Eu vou devolver o dinheiro e pagar a dívida com juros logo que eu puder, mas... — Ela fez uma pausa para lamber os lábios secos. —... eu não posso me casar com ele.

— Então você deveria ter me dito na noite passada quando eu pedi. — Disse Danny, fazendo-a perceber que ele estava parado ali ouvindo tudo. — Mas, tudo bem, Sininho. Eu já peguei a dica. — Disse ele, dando-lhe uma saudação simulada e saiu, deixando-a parada ali, percebendo que havia uma coisa pior do que ser deixada pelo homem que tinha prometido se casar.

Era ver o homem que amava se afastar.

Capítulo 39

— Não se afaste de mim! — Ela gritou. — Vamos terminar isso de uma vez por todas!

— Já terminamos! — Ele retrucou, sem sequer olhar para trás quando disse isso. Ela teve que correr e pular em suas costas e acabou derrubando-o com força no chão.

Próximo a eles tinha outro casal brigando também.

— Você não deveria ajudá-lo? — Perguntou Jodi, apontando para Darrin e Marybeth assim que Marybeth torceu o braço de Darrin atrás das costas.

— Não. — Ele disse, com a certeza de que seu irmão tinha tudo sob controle.

— Podemos conversar? — Ela perguntou, estendendo a mão para pegar a dele com uma ligeira hesitação, esperando que ele se afastasse.

Embora soubesse que mesmo magoado ele nunca faria nada para machucá-la. Assim que suas mãos se tocaram, ele fechou a mão em torno da dela e deu um aperto suave, deixando-a saber que tudo estava bem.

— Eu não devia ter gritado com você. — Disse ele, suspirando pesadamente enquanto observavam seu irmão apanhar. — Sinto muito.

— Não há nada para se desculpar. — Disse ela.

— Sim, há. — Disse ele, não disposto a tomar o caminho mais fácil. — Eu exagerei e agi como um idiota. Você nunca concordou em se casar, mas eu tenho agido como se fosse uma coisa garantida e isso não é justo com você.

— Obrigada. — Murmurou com um pequeno aceno de cabeça e um estremecimento quando viu Marybeth agarrar o mamilo de Darrin através da camisa e torcer.

— Filha da puta! — Darrin rugiu e Danny reprimiu um bocejo.

— Você vai dizer por que não quer se casar comigo? — Perguntou ele, rezando como um louco para que não fosse porque ela não o amava, pois, honestamente, ele não tinha certeza se poderia lidar com esse tipo de golpe agora.

Não depois de ouvir o que seu pai disse.

Ele não tinha a intenção de escutar, mas depois que sua mãe brigou com ele por bater no caçula, porque ele poderia acabar machucando as costas, percebeu que havia deixado Jodi sozinha. Com medo de ter lhe assustado, foi atrás dela só para encontrá-la conversando com seu pai... sobre o ex imbecil.

Ou melhor, ele ouviu seu pai falar com ela sobre o imbecil.

Ainda não podia acreditar no quanto aquele pedaço de merda tinha fodido com ela. Que tipo de homem faz isso a uma mulher? Ele não só a deixou, como também deixou dívidas e toda sua bagunça pra ela resolver. Não havia

nenhuma dúvida em sua mente que, se estivessem em casa quando ele descobriu o que aquele filho da puta tinha feito, neste exato momento, ele poderia estar preso por matar o desgraçado.

Todas as vezes que ele a viu abrir mão de algo que queria e se contentar com menos, foi tudo por causa daquele fracassado de merda. Quando descobriu como o idiota era incompetente na cama ele ficou chateado, com raiva por ela ter estado com um homem que não a satisfazia, mas isto...

Isto foi muito pior. Muito pior!

E ela estava disposta a casar com aquele babaca?

Essa é a parte que ele realmente não entendeu. O cara tinha sido um maldito fracassado em todos os sentidos possíveis, ruim de cama, idiota e não a tinha tratado do jeito que ela merecia. Agora ele sabia que era realmente muito pior. De acordo com seu pai, o cara era um gordinho feio e careca, que pensava que estava certo em roubar mulheres e arruinar suas vidas antes de abandoná-las. O pior era que sua Sininho tinha ficado com ele.

Não tinha só ficado, como também estava disposta a se casar com o filho da puta, porém não com ele...

Essa era a parte que ele não conseguia entender.

Era também a parte que o deixava sentindo-se um merda.

Ele deveria ser o único para ela, aquele que cuidava dela, a fazia feliz, amava e...

Oh... porra!

Ele a amava.

Ele a amava, porra!

— Merda. — Xingou, soltando a mão dela para que pudesse passar as mãos pelo rosto, precisando de um momento para processar a informação.

— O que há de errado? — Ela perguntou, parecendo preocupada.

— Nada. — Disse ele com um pequeno aceno de cabeça, não particularmente feliz com esta revelação.

Ele não gostava disso, nem um pouco.

Ela deveria se apaixonar por ele e não o contrário. Este foi o seu plano de ataque! Ela deveria precisar dele, desejá-lo e, finalmente, amá-lo para que ele pudesse se casar com ela e ter o que seu pai, tios e primos tinham. Ele não deveria se apaixonar por essa baixinha, que não só não o amava, como também não queria se casar com ele. Ele precisava que ela se apaixonasse por ele, então quando finalmente se apaixonasse por ela, seu plano de ataque estaria concluído e ela seria toda dele.

— Diga-me por que você não vai se casar comigo. — Disse ele, dando um passo para trás, precisando de espaço para limpar a cabeça.

— Não tem nada a ver com você. Eu apenas não estou interessada em casamento. — Ela explicou com um sorriso vacilante que chamou sua atenção.

— Você não quer se casar? — Ele perguntou casualmente, à espera de sua resposta. Precisando dessa confirmação enquanto formulava um novo plano de ataque, um que iria funcionar e fazer com que ele conseguisse exatamente o que queria.

Era arriscado e algo que ele disse a si mesmo que nunca faria. Mas a mulher teimosa em pé na frente dele, procurando as palavras certas para lhe dizer que não estava interessada em casamento, realmente não estava lhe dando escolha, estava? Ele, na verdade, não deveria estar chocado. A mulher parecia não saber o que era bom para ela.

— Não, sinto muito. Eu não estou interessada em me casar. — Disse ela suavemente, como se isso fosse de alguma forma mais fácil para ele aceitar.

Não foi, apenas deixou a decisão de armar um novo plano de ataque mais fácil. Havia uma possibilidade real de que ela nunca falasse com ele novamente depois disso, mas...

Que porra, valeria a pena. Ela seria sua para sempre e saberia para o resto de sua vida que um homem a amava, realmente a amava e queria ficar com ela, então, era um risco que ele estava disposto a correr.

— Eu entendo. — Ele murmurou distraidamente, se abaixou e pegou a mão dela, passando várias estratégias através de sua cabeça. — Entendo.

****

— Danny?

— Eu preciso fazer uma ligação. — Disse ele, pegando o telefone e saindo em direção à porta. — Vou demorar um bom tempo.

— Tudo bem. — Disse ela com um bocejo e se aconchegou debaixo das cobertas, mais do que feliz por ter uma desculpa para ficar mais alguns minutos na cama antes de enfrentar um longo dia de caminhadas nos parques.

— Eu vou estar de volta logo que eu puder. — Ele prometeu, assim que ela começou a adormecer.

****

Nove horas depois...

— Rosa bebê ou azul bebê? — Ela perguntou em voz alta para o quarto de hotel vazio, enquanto tentava decidir entre

as duas pequenas garrafas de insanamente caro esmalte para unha que ela tinha comprado na loja de hotel.

Suspirando, ela lançou outro olhar para o relógio aparafusado à cabeceira e mais uma vez se perguntou que tipo de telefonema levava nove horas. Quando ela acordou para descobrir que tinha conseguido dormir por três horas, ficou reconhecidamente surpresa. Depois de tomar banho e vestir-se, começou a ficar um pouco preocupada e agora estava ficando chateada e por um bom motivo.

Porque Danny tinha abandonando-a novamente esta manhã e saído sem ela. Não que ela o impediria de passar um tempo a sós com sua família, se fosse o que ele queria. Ela entenderia se ele quisesse sair sozinho com sua família. Na verdade, ela o encorajou a passar algum tempo com eles mais de uma vez.

Mas ele não estava com eles.

Aparentemente, ontem à noite, ela feriu seu ego, mas em vez de admitir isso, ele lhe deu uma pobre desculpa de que tinha algo para fazer e a deixou encalhada com sua família na fazenda de répteis. Mesmo chateada, estava disposta a dar-lhe o benefício da dúvida, imaginando que ele precisasse de um tempo para si mesmo. Quando voltou para o hotel e ele não estava, nem atendeu às ligações, respondeu suas mensagens, ou mesmo retornou para o quarto depois das duas da manhã, ela, exausta e distraída, decidiu conversar com ele de manhã. Mas, aparentemente, ele decidiu que não era necessário.

Agora, estava sentada na cama do quarto que ela decidiu alugar sozinha, depois que descobriu por Darrin, quando o encontrou comprando Advil, compressas de gelo e uma quantidade insana de lanches na loja do hotel há duas horas, que Danny tinha deixado a família para sair por conta própria. Ela estava contando as horas até ir para o aeroporto pela manhã.

Eles estavam terminados.

Claro, Danny ainda não sabia que tinha levado um pé na bunda, mas saberia em breve. Ela deixou um bilhete em seu quarto, junto com uma nota promissória prometendo pagá-lo de volta pela passagem aérea, deixou também uma promissória para seu pai pelo cartão de crédito que ele tinha pagado. Ela também ligou para Zoe e informou que estava encerrando o contrato de aluguel. Quando Trevor pegou o telefone de sua esposa e tentou argumentar com ela, ela lhe informou que estaria mais do que feliz em pagar a multa por quebra de contrato.

Quando ele perguntou por que ela precisava sair do apartamento, lhe informou que seu primo era um filho da puta cujo ego não poderia aceitar que uma mulher se recusou a casar com ele. Trevor suspirou e desejou-lhe sorte. Depois de resolver tudo, ela fez uma ligação que estava adiando por tempo demais.

Seu pai havia sido compreensivo, mais do que compreensivo, na verdade e até se ofereceu para vir até a Flórida e levá-la de volta para casa. Ela jurou que estava bem

agora, mas precisava de um lugar para dormir enquanto pagava o Dr. Bradford e recuperava sua vida. Ela também ligou para Greg e perguntou se ele poderia conseguir uns rapazes para ajudar a mudar suas coisas para a casa de seu pai.

Greg jurou arrebentar a cara do Danny e ignorou seu pedido para não fazer isso, depois perguntou a ela a única coisa que quase a fez desmoronar. Ele perguntou se ela estava apaixonada por Danny, então ela mentiu, já que a última coisa que precisava era ter Greg se preocupando com ela. Ele tinha presenciado o suficiente de sua humilhação no ano passado e não precisava ver mais.

Capítulo 40

— Danny.

— Estou ocupado. — Disse ele, sem se preocupar em desviar os olhos do telefone enquanto se dirigia ao seu quarto.

— Eu preciso te dizer uma coisa. — Disse Darrin, apressando o passo para alcançá-lo.

— Diga-me mais tarde. — Disse ele, puxando o seu cartão-chave.

— Mas...

— Mais tarde. — Disse ele, abrindo a porta e parando de repente quando viu seu pai sentado na beira da cama.

— Ela deixou o hotel. — Disse Darrin, desnecessariamente, já que o bilhete de Sininho no espelho disse tudo.

— Quando? — Ele perguntou, tentando não entrar em pânico.

— Um pouco depois das dez da manhã. – Respondeu seu pai, levantando-se.

Ele olhou ao redor do quarto e observou que todas as coisas dela tinham sumido. Balançando a cabeça, se virou para ir atrás dela, mas ele mal conseguiu virar-se antes de

seu pai o impedir, dizendo a única coisa que ele tinha esperado durante os últimos oito anos, mas nunca pensou que ele realmente diria.

— Você fodeu tudo... — Disse seu pai, parando-o em seus passos.

— Papai. — Disse Darrin, balançando a cabeça, mas seu pai não estava escutando.

— Você fodeu tudo e então fugiu como um covarde.

Apertando a mandíbula, ele encontrou o olhar chocado de seu irmão e, lentamente, virou-se para que seu pai o chamasse de covarde na cara.

— Eu cometi um erro. — Disse ele calmamente. — Eu era um garoto e cometi um erro.

— Não. — Disse o pai, balançando a cabeça e se aproximou, parecendo furioso. —Você não cometeu um erro. Você fodeu tudo. Fodeu sua vida e, em vez de ser um homem e corrigi-lo, você fugiu como um covarde!

Sem pensar, ele agiu. Girou e acertou um soco em seu pai e continuou a socá-lo, sem se importar que seu pai estava apenas parado recebendo os socos ou que seu irmão estava tentando puxá-lo para fora. Ele não se importou. Havia muitos anos de dor e raiva para ignorar um comentário como esse. Seu pai o havia ignorado durante anos. Anos do caralho! E a primeira vez que ele realmente se dirigiu a ele era para chamá-lo de covarde?

— Solte-o! — Ouviu Aidan gritar, mas ele não podia parar.

Este era o seu pai e ele o amava. Ele o amava muito e tinha sido abandonado quando mais precisava dele. Ele virou as costas para ele e o fez se sentir como um merda, como se fosse um inútil e fracassado. Isso era ruim o suficiente, mas quando ele se juntou à Marinha esperou que seu pai falasse com ele de novo, esperou que ele ligasse, visitasse, ou pelo menos, enviasse uma carta dizendo-lhe que ele tinha errado, mas que tudo ficaria bem, qualquer coisa, mas não houve nada.

A mensagem foi clara. Seu pai tinha lavado as mãos. Nada poderia ter sido mais claro no momento em que ele acordou e encontrou seu pai de pé em sua porta, olhando-o com uma expressão distante. Em seguida, virado as costas e ido embora enquanto ele estava preso na porra da cama lutando para não gritar de dor. Essa tinha sido a pior merda de momento de sua vida e agora...

Ele não conseguia parar.

Ele só não podia e Deus, como ele queria parar os socos, mas não conseguiu. Havia apenas muita dor e não conseguia parar. Então, quando ele sentiu seus irmãos agarrá-lo e puxá-lo para longe de seu pai, ficou incrivelmente grato. Mas à medida que sua respiração se normalizava, a gratidão se transformou em pura agonia.

****

— Respire, Danny. — Disse Dr. Bradford, tentando não se emocionar enquanto observava Danny lutar para respirar através da dor.

— Pai? — Chamou Darrin, colocando muito significado em apenas uma palavra quando ele olhou para cima até Danny, suplicando-lhe para dizer que o seu irmão ficaria bem com um olhar, um olhar que ele reconhecia muito bem.

— Ele vai ficar bem. — Disse ele com firmeza, distraído enxugando o sangue escorrendo pelo seu queixo na parte traseira de seu braço enquanto olhava seu filho.

— Fique quieto, homem. — Disse Reese, segurando a mão de seu irmão na sua. —Basta aguentar firme.

— Chamem uma ambulância. — Disse Aidan calmo, mas suas mãos tremiam quando ele agarrou a camisa de Danny e puxou-o para cima. Ethan empurrou as mãos de seu filho longe e examinou o estômago de Danny. Quando seus dedos se moviam sobre sua cicatriz e Danny gritou, muito e alto, ele tentou não entrar em pânico.

Por favor Senhor, ajude meu filho, ele rezou em sua cabeça, a mesma oração que ele tinha feito todos os dias durante os últimos 11 anos. Por favor, olhe pelo meu filho, por favor, olhe pelo meu filho, por favor, olhe pelo meu filho...

— Lúcifer, vá buscar Jodi e encontre-nos no hospital. — Disse ele, tentando manter a calma, enquanto observava os

primeiros sinais de hematomas e a propagação do inchaço ao redor da cicatriz, um sinal claro de que seu filho ia precisar de mais uma cirurgia que ele não poderia atravessar.

Oh, Deus!

— Alguém chame a mamãe. — Disse Aidan e encontrou seu olhar.

— O que há de errado com ele? — Darrin exigiu, segurando a outra mão de Danny na dele. O fato de Danny não tentar afastar suas mãos e dizer que estava muito bem disse a eles tudo o que precisavam saber.

— Foi um acidente. — Disse Reese, olhando para seu irmão, balançando a cabeça em descrença. — Deus, foi um acidente.

— Está tudo bem. — Disse a seus filhos em seu tom mais suave, o que ele usava com os pais assustados que foram obrigados a ficar em torno, observando impotentes, enquanto seus filhos sofriam.

— Ele não deveria ter batido em você. — Darrin grunhiu, parecendo chateado mesmo quando deu a mão de Danny um aperto reconfortante.

— Eu precisava. — Ele disse ao seu filho, porque todos sabiam que ele precisava disso e muito mais pelo que tinha feito a Danny.

— S-Sininho. — Danny sussurrou fracamente.

— Ei, o que está acontecendo? — Kenzie perguntou quando ela entrou na sala só para parar quando viu Danny no chão. — Danny? — Gritou ela, correndo para o seu lado. — Oh meu Deus, Danny! — Ela chorou, tentando segurar a mão dele no lugar de Reese, mas ele não soltou.

— Ele vai ficar bem. — Disse Aidan, forçando um pequeno sorriso tranquilizador quando pegou a mão de sua irmã e gentilmente a puxou para seus pés e para seus braços. — Ele vai ficar bem.

— Eu não consigo sentir minhas pernas. — Disse Danny segundos antes de, finalmente, desmaiar e tudo virar um inferno.

****

— Quanto tempo ele vai ficar em cirurgia? — Perguntou Duncan.

Aidan olhou para cima para ver se seu pai responderia, mas o olhar no rosto dele lhe disse o suficiente.

— Nós não sabemos.

— Ele vai ficar bem. — Disse sua mãe, soltando um suspiro trêmulo enquanto permanecia sentada, segurando a mão do marido com força.

— Nós quebramos suas costas! — Disse Reese, parecendo tão perto de chorar como ele jamais tinha visto nenhum de

seus irmãos e o fato de que a expressão de Darrin combinava com seu gêmeo, aterrorizava.

Nenhum dos homens de sua família chorou quando Danny tinha sido enviado de volta para eles, enfaixado e em coma com um prognóstico desesperador. Eles não tinham chorado quando esperavam cirurgia após cirurgia para descobrir se seu irmão iria sobreviver. Eles não choraram quando seu irmão tinha ido ao inferno e voltado para aprender a andar de novo, mas hoje, estavam todos lutando para não sucumbir.

Pelos últimos dois anos, eles todos trataram Danny com luvas de pelica, com cuidado para não abraçá-lo com muita força, colocar muita força em seus socos ou golpes de chave de braço, sempre se refreando, muito apavorados com o que poderia acontecer se eles não se contivessem e hoje...

Hoje eles o tinham visto finalmente reagir ao seu pai e dar-lhe a surra, que mesmo ele admitia que seu pai merecia, e eles apenas reagiram. Todos agarraram-no sem pensar. Agarraram-no pelos braços, pernas e ele agarrou Danny ao redor da cintura, o puxaram para trás, tropeçando e trazendo Danny para o chão em uma pilha estranha. Ele ouviu o estalo e juraria até seu último dia que tinha sido capaz de senti-lo quando aconteceu.

— Alguém já recebeu notícias de Lúcifer? — Perguntou Duncan, apertando seu braço em Kenzie, que estava chorando em silêncio desde que o médico saiu e confirmou que Danny tinha quebrado suas costas.

— Não, ele...

— Ponha-me no chão, seu filho da puta!

Como um, todos olharam para as portas duplas para a ala de cirurgia a tempo de ver Lúcifer transportando Jodi. A princípio, ele pensou que ela estava chateada por ter sido trazida aqui contra a sua vontade, mas, em seguida, ele observou empurrando uma maca atrás dela, seguido por dois enfermeiros e um médico, que parecia resignado enquanto seguiam Lúcifer e a mulher que não parava de se contorcer descontroladamente em seus braços.

— Ponha-me no chão! — Ela gritou.

— O que está acontecendo, meu filho? — Perguntou o pai, levantando-se lentamente quando Aidan notou o grande bloco de gelo que Jodi tinha pressionado contra sua mão.

— Eu quebrei a mão dela. — Lúcifer admitiu, deslocando-se nervosamente.

— O quê? — Perguntou Aidan, lançando um olhar ao seu pai, ambos correndo para seu lado.

— Ponha-me no chão! — Jodi exigiu, lutando para sair dos braços de Lúcifer.

Assim que chegaram ao seu lado, seu pai a examinou. Em segundos, ele a segurou e levou até a maca.

— Por que ela não está com a mão engessada? — Ele perguntou olhando para cima, vendo o médico deslocando-se

nervosamente, lançando à maca um olhar antes de voltar sua atenção para a mão machucada de Jodi.

— Ela não nos deixou. — O médico retrucou na defensiva, dando um passo para trás.

— Ela vai precisar de cirurgia. — Murmurou Aidan distraído enquanto pegava delicadamente a mão dela e examinava.

— Eu não tive a intenção de fazê-lo. — Disse Lúcifer, parecendo miserável.

— Como você quebrou a mão dela, porra? — Ele perguntou, dando a ele um olhar assassino.

— Assim. — Ela retrucou, puxando a mão ferida para trás e mostrando-lhe exatamente como tinha conseguido quebrar a mão.

Capítulo 41

— Sininho. — Ele conseguiu falar antes que sua garganta ardesse em protesto.

— Não tente falar. — Disse Aidan, pressionando algo contra seus lábios. — Tome um pequeno gole.

Abrindo os olhos e tentando forçá-los a ficarem abertos, ele tomou um pequeno gole, enquanto esperava sua visão limpar e quando o fez, ele não podia deixar de perguntar: — Que merda aconteceu com seu rosto?

— Ummm. — Disse Aidan, lambendo os lábios nervosamente enquanto lançava um rápido olhar por cima do ombro. — Nada de mais. — Ele murmurou e ganhou um bufo de risadas de algum lugar à sua direita.

Sonolento, ele olhou para a direita para encontrar sua irmã e irmãos em pé ao lado da cama, parecendo exaustos, aliviados e um pouco divertidos. Franzindo a testa, ele olhou para seu irmão, observando seu olho roxo e, em seguida, mudou o seu olhar para encontrar Lúcifer em pé na frente de sua cama, parecendo tão exausto e sem conseguir encontrar seu olhar, atrás de outro olho roxo, que realmente parecia muito pior do que o de Aidan.

Decidindo que não se importava com isto, voltou sua atenção para Aidan.

— Onde está Sininho?

Ele se mexeu nervosamente enquanto compartilhava um olhar com Lúcifer, um olhar que ele não gostou.

— Ela está... umm... — Começou Aidan, parando e franzindo os lábios, pensativo. —... ela está... ummm... — Ele limpou a garganta nervosamente. —... tirando um cochilo.

— Tirando um cochilo? — Ele perguntou sem rodeios, encarando seus irmãos e irmã e os encontrou olhando em qualquer outro lugar, menos para ele. — Onde ela está tirando esse cochilo exatamente? — Ele perguntou, olhando para Aidan, que não conseguia esconder seu estremecimento.

— Ela está bem aqui. — Disse o pai, chamando a sua atenção para a cortina fechada atrás de Aidan.

— Abra a cortina. — Ele pediu, tentando se sentar, mas ele estava muito cansado e fraco para fazer muito mais do que olhar seu irmão, quando ele registrou a sensação de metal e fitas coladas em seu torso.

Aidan ergueu as mãos.

— Antes de fazer isso, por favor, deixe-me explicar que não é tão ruim quanto parece e que ela vai ficar bem.

Ele deixou as palavras de seu irmão se registrarem, antes de abrir a boca e gritar:

—Mova a porra da cortina!

O gemido patético que se seguiu, o fez estender a mão para seu irmão, pronto para jogá-lo através da cortina. Aidan

inteligentemente percebeu isso e saiu do caminho. Ele agarrou a cortina e abriu...

Quem eram todas essas pessoas, porra? Ele não podia entender, mas perguntava-se como cabiam todos os homens presentes do outro lado da sala. As únicas pessoas que ele reconheceu eram seus pais e Greg. Franzindo a testa, ele desviou o olhar dos homens que olhavam acusadoramente para ele e viu...

— Que merda aconteceu? — Ele perguntou quando viu Jodi, adormecida com um braço engessado e o outro ligado à cama com um apoio suave. Um rápido olhar para baixo ao pé de sua cama lhe disse que suas pernas estavam contidas também.

O homem de meia idade com o cabelo tão loiro quanto o de Jodi de lhe respondeu:

— Parece que minha filha não reagiu muito bem ao que aconteceu com você.

— Ela espancou seus irmãos. — Greg esclareceu com um enorme sorriso zombeteiro.

— Por que ela está contida? — Perguntou ele, desejando poder tocá-la, mas ele mal conseguia manter os olhos abertos, muito menos se movimentar.

— Medicamentos. — Disseram todos os homens na sala ao mesmo tempo, fazendo-o sorrir, porque ele só podia imaginar o inferno que sua pequena Sininho tinha aprontado com todos eles.

— Será que ela vai ficar bem? — Perguntou, enquanto seus olhos se fechavam lentamente.

— Ela vai ficar bem. — Ouviu alguém dizer e perguntá-lo: — Você pode mover as pernas?

****

— Querida. — Ele ouviu seu pai dizer: — Abaixe o pudim.

— Afaste-se dele! — Ouviu Jodi gritar, assim que registrou a sensação de seu corpo pequeno rastejando sobre a cama ao lado dele.

Houve um suspiro cansado quando alguém disse:

— Eu lhe disse que ela estava fingindo.

— Como iríamos saber isso? — Ele ouviu Aidan resmungar. — Já se passaram quatro horas desde a sua última dose!

Ele sentiu seus lábios curvarem para cima em um pequeno sorriso quando percebeu que sua pequena Sininho ainda estava drogada.

— É preciso 12 horas para sair do seu sistema. — Ele sussurrou com a voz rouca quando conseguiu abrir os olhos, não exatamente surpreso ao encontrar Sininho num vestido de hospital de grandes dimensões pendurado a ela, ajoelhando-se ao lado dele na cama, segurando uma colher de pudim de chocolate ameaçadoramente na frente dela.

— Afaste-se! — Ela retrucou, usando a colher na mão como arma.

— Sininho. — Chamou, colocando a mão em suas costas, acariciando as costas nuas, apreciando a sensação.

Ainda segurando a colherada de pudim, ela olhou para trás e o viu, acenou com firmeza e voltou sua atenção para o pequeno grupo se aproximando dela. Ele abriu a boca para dizer-lhes para afastarem-se, mas sentiu-se à deriva, antes que pudesse conseguir as palavras.

****

— Ela precisa ficar em sua própria cama. — Ele ouviu uma mulher dizer algum tempo depois.

— Ela está bem. — Ouviu seu pai dizer exatamente quando registrou a sensação de Sininho enrolada ao seu lado, sua pequena cabeça descansando em seu peito e seus roncos suaves embalando-o de volta num sono profundo.

— Eu sinto muito, mas temos de movê-la para sua própria cama. — Continuou a mulher. — Política do hospital.

— E eu estou modificando a política. — Disse o pai com firmeza. — Ela fica.

****

— Vocês o quebraram!

— Pare de nos bater!

— E nós dissemos que foi um acidente!

— Ai! — Ele ouviu um de seus irmãos, talvez Reese, gritar seguido pelo gemido de dor de Sininho.

Era um grito de angústia que o fez abrir os olhos e tentar se concentrar nas figuras desfocadas ao redor dela.

— Sininho? — Chamou ele com a voz rouca, procurando desesperadamente por ela.

— Ela está bem aqui. — O vulto da esquerda disse.

Ele olhou naquela direção e piscou, e piscou novamente, até que a imagem borrada se dissipou e ele pôde ver seu irmão Lúcifer lutando para segurar Jodi, enquanto ela tentava avançar em Darrin.

— Pegue as restrições! — Lúcifer gritou, soando um pouco desesperado, enquanto tentava colocar Sininho de volta na cama ao lado dele, mas ela não estava facilitando.

— Vocês o quebraram! — Ela gritou em tom de acusação.

— Foi um acidente! — Lúcifer gritou de volta, mas isso só pareceu irritá-la mais. — Será que alguém poderia pegar as restrições? Merda!

— Sininho. — Chamou fracamente, tentando levantar os braços, mas as drogas que estavam bombeando nele tornaram impossível.

— Danny! — Disse Sininho parecendo aliviada de repente, ela mudou sua atenção de Reese para ele.

— Graças a Deus! — Lúcifer murmurou, pegando-a e colocando-a cuidadosamente sobre a cama ao seu lado.

Com um último olhar para Lúcifer, ela enrolou-se ao seu lado, colocando seu braço ferido no peito e sua cabeça em seu ombro. Em poucos minutos, ele estava mais uma vez cochilando, distraidamente se perguntando por que eles o estavam mantendo drogado.

****

— Danny? — Ele ouviu seu pai chamá-lo, distante. — Danny? Eu preciso que você acorde agora.

— Cansado. — Ele murmurou, virando a cabeça para o lado, tentando voltar a dormir, mas seu pai não deixou.

— Danny, eu preciso que você tente mover os dedos dos pés. — Disse o pai, quando tudo o que ele queria fazer era voltar a dormir.

— Vá embora... — Ele murmurou, sentindo-se como se estivesse se afogando numa névoa.

— Danny, mova os dedos dos pés. — Disse seu pai com mais firmeza.

Ele balançou a cabeça, apertando os olhos fechados quando o movimento ameaçou fazê-lo vomitar.

— Vamos, filho. Basta mexer os dedos para mim e você pode voltar a dormir. — Repetiu seu pai, começando a soar desesperado.

— Eu não posso. — Ele murmurou, começando a adormecer, quando ouviu a voz mais doce do mundo dizer:

— Danny, mexa os dedos.

— Sininho. — Disse ele, sentindo os lábios levantarem num sorriso satisfeito.

— Mova os dedos dos pés, Danny. — Disse ela, quando ele registrou a sensação de seus lábios macios roçando os seus.

— Dói. — Ele murmurou entorpecido, percebendo que estava dolorido, em todos os lugares.

— Eu sei, querido. — Ela disse. — Mas preciso que você mova seus dedos para mim.

— O que eu ganho se fizer isto? — Ele perguntou, ainda lutando para abrir os olhos, mesmo quando reprimiu um gemido de dor disparando por sua espinha.

— O que você quer? — Perguntou ela, com a voz embargada.

— Você. — Ele simplesmente disse.

Houve uma fungada, antes dela dizer:

— Você me tem, Danny. Agora é só mover os dedos dos pés, ok?

Ele balançou a cabeça, mesmo quando se sentiu à deriva na névoa de novo e desta vez quando tentaram acordá-lo, ele foi capaz de ignorá-los.

Capítulo 42

— Você me deixou. — Danny sussurrou com voz rouca quando ele finalmente conseguiu abrir os olhos.

— Você não me deu outra escolha. — Disse ela, tentando não chorar ou mostrar-lhe o quanto estava aliviada por ele finalmente ter acordado.

— Tive que fazer isto. — Disse ele, olhando ao redor da sala enquanto ela lhe entregava um copo pequeno de água. — Onde estão todos?

— São três da manhã, então eu suponho que estejam dormindo ou sendo expulsos de algum buffet. — Disse ela, ganhando um sorriso fraco dele. — Tome um gole. — Ela ordenou, segurando o copo na frente dele com a mão boa.

— Sim, senhora. — Disse ele, obedientemente tomando um gole.

Depois de um minuto, ela puxou o copo longe e colocou na bandeja, desejando que seu pai estivesse aqui para ajudar com isso, mas em torno de uma hora atrás, Mary finalmente conseguiu intimar o marido a voltar para o hotel e dormir um pouco. Agora, ela estava sentada aqui sozinha, com medo de estar prestes a descobrir que Danny estava paralisado.

Ela devia chamar um médico, mas em vez disso, se viu subindo na cama com ele e se enrolando ao seu lado. Ela

precisava disso depois de tudo o que tinham passado nas últimas duas semanas, ela precisava de um momento antes de suas vidas se transformarem num inferno de vez.

— O que aconteceu? — Ele perguntou, dando um beijo no topo de sua cabeça e se aproximou, colocando a mão com cuidado em suas costas.

— Eu arrebentei a cara dos seus irmãos. — Admitiu ela com uma fungada.

Ele riu fracamente e pressionou um beijo na sua cabeça.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Você arrebentou a cara do seu pai. — Disse ela, ainda lamentando não ter estado lá para impedir isso. — Seus irmãos tiveram que puxá-lo de cima dele, no meio do processo vocês caíram, sua coluna quebrou e as cicatrizes de sua lesão antiga e cirurgias abriram, causando uma hemorragia interna. Eles foram capazes de parar o sangramento e remover o tecido da cicatriz, mas a sua...

— Eu tinha pontos fracos nas minhas vértebras, por causa do tiro. — Disse ele com naturalidade enquanto ela lutava para não chorar de novo. — Era para eu ter calma.

— Os pontos romperam. — Disse ela, com a voz embargada.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de perguntar:

— Minha coluna foi comprometida?

— Você pode mover os dedos dos pés? — Perguntou ela, repetindo a pergunta que tinha sido feita a ele, cada vez que recuperava a consciência e com medo de sua resposta.

— Sim. — Disse ele, para provar isso, trouxe sua perna para cima lentamente, dobrando-a antes de abaixar lentamente de volta para a cama. Então ela desabou.

— Shhhh, não chore, Sininho. Eu estou bem. — Disse ele, suavemente.

— Eu sinto muito. — Disse ela, tentando parar, mas parecia impossível agora que as comportas abriram.

Ele a assustou pra caralho!

— Você realmente bateu nos meus irmãos? — Perguntou ele, beijando sua cabeça de novo e, obviamente, tentando distraí-la.

— Sim. — Ela admitiu com uma fungada.

— Por quê?

— Porque eles te machucaram.

— Foi um acidente. — Disse ele, mas ela não perdeu a diversão no seu tom.

— Eu não me importo! — Ela murmurou, tentando ignorar a dor latejante em sua mão. Ela podia tomar um dos analgésicos que os médicos tinham prescrito, mas ela já ingeriu o suficiente deles ao longo das duas últimas semanas para durar uma vida inteira.

— Eu não devia ter batido nele. — Disse Danny, suspirando pesadamente. — Ele começou a falar e eu simplesmente perdi o controle.

— Seu pai não está chateado.

— Isto é ótimo, mas não é realmente o que eu quero saber. Quero saber por que você me deixou.

— Porque você estava se afastando. — Disse ela soltando um pequeno soluço, e uau, ela soou patética.

— Eu não estava me afastando. — Prometeu ele.

— Sim, você estava. — Insistiu, porque ela conhecia os sinais. Ela tinha visto isso antes com Jerry. Quando ela sentiu Danny fazer o mesmo, decidiu sair antes que ele pudesse magoá-la. Ela não seria capaz de passar por isso com ele.

— Eu nunca iria deixar você, Sininho. — Disse ele, levantando suavemente seu queixo e inclinando a cabeça para que ela olhasse para ele. — Nunca.

— Então o que você estava fazendo? — Ela perguntou, querendo saber que tipo de desculpa esfarrapada ele poderia usar para justificar seu comportamento. Ele disse que não estava deixando-a, mas...

— Eu estava planejando seu sequestro. — Disse ele, piscando inocentemente para ela.

Ela abriu a boca, mas não conseguia encontrar as palavras para responder a essa declaração.

— Eu tive que fazer algumas ligações e pedir alguns favores para suspender a proibição de Vegas temporariamente, apenas o tempo suficiente para arrastá-la até lá e me casar com você, antes que você tivesse a chance de fugir. — Explicou calmamente, enquanto ela continuava parada, olhando em silêncio para ele.

— Me desculpe, o quê? — Ela finalmente conseguiu dizer.

— Vamos nos casar. — Disse ele dando de ombros, como se o que tinha acabado de falar não fosse grande coisa.

— Eu disse a você que eu não quero me casar. — Ela lembrou.

Outro encolher de ombros.

— Eu decidi ignorar isso.

— Ok... — Disse ela, porque realmente, o que mais deveria dizer depois disso?

— Assim que eles me liberarem, nós vamos nos casar. — Anunciou ele e sim, agora ela estava se perguntando se eles não tinham notado algum ferimento na cabeça, quando o tinham examinado.

— E por que você está tão determinado a se casar comigo de repente?

— Porque eu te amo. — Disse ele com outro encolher de ombros e acenou para o copo de água. — Posso beber mais água?

— V-você acabou de dizer que me ama? — Ela perguntou, olhando para ele e incapaz de negar que ele realmente tinha sofrido uma lesão cerebral. Era isso, ou as drogas em seu sistema.

— Sim. — Ele disse, fechando os olhos. — Descobri no dia do jardim zoológico de répteis. Me irritava que você não me amasse também, mas eu percebi que, em dez anos ou mais, te saturando de sexo maravilhoso, você acabará morrendo de amor por mim, então está tudo bem.

Ela riu, não pode segurar.

— Você está pensando em usar o sexo para fazer eu me apaixonar por você?

— Mmmhmmm. — Ele murmurou sonolento. — Estou disposto a fazer esse sacrifício.

— Uau, você é um mártir! — Disse ela, sorrindo para o homem que amava.

— Eu sou. — Disse ele, dando aquele sorriso sexy que a deixava louca. — E você se casará comigo. Logo. — Ele disse, com firmeza, mesmo quando começou a cochilar.

— Eu farei. — Disse ela, balançando a cabeça em concordância, fungando enquanto as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. — Porque eu te amo.

Ele despertou por um minuto, aquele sorriso sexy se transformando numa careta. — E quanto ao suborno de sexo?

Sorrindo, ela se inclinou e beijou-o. — Eu ainda estou disposta a ser subornada com sexo.

— Isto é muito gentil da sua parte. — Ele disse, sorrindo contra seus lábios.

— Isto realmente é.

****

— Ela finalmente caiu no sono, hein? — Perguntou o pai suavemente quando ele olhou para Sininho, que estava aconchegada ao seu lado.

— Sim. — Disse ele, sorrindo para a mulher que o amava.

Não que tenha ficado surpreso, ele era um grande partido afinal.

— Parece que finalmente encontraram a combinação certa de medicamentos. — Disse seu pai, pegando um cobertor da outra cama e cuidadosamente colocou sobre os dois.

Franzindo a testa, ele olhou para a mulher roncando suavemente em seus braços.

—Você a medicou?

— Coloquei em seu suco de maçã. — Disse o pai dando de ombros. — Ela estava com dor e se recusava a tomar qualquer coisa, sendo assim, eu a mediquei.

— Eu vejo. — Ele murmurou e o silêncio tornou-se estranho.

Isto é, até que seu pai decidiu retomar de onde tinham parado.

— Eu o levei a enfrentar seus erros, Danny.

— Não comece essa merda de novo. — Disse ele, cerrando a mandíbula quando olhou para cima para enfrentar seu pai.

— Você fugiu, Danny. — Disse seu pai, esfregando a parte de trás do pescoço e balançou a cabeça, parecendo um pouco perdido. — Você apenas fugiu.

— Você não me deu muita escolha. — Disse ele calmamente.

Seu pai encontrou seu olhar e disse:

— Não, eu não dei. Eu ficava te empurrando quando eu deveria ter aceitado o fato de que você não era perfeito, Danny.

— Eu nunca disse que era.

— Não. — Disse o pai em voz baixa. — Você não disse, mas nos meus olhos você era. Você era um garoto inteligente, um grande irmão, um filho maravilhoso, um pequeno filho da mãe arrogante, mas para mim, você era perfeito. Quando você me provou o contrário, eu não consegui enfrentar isso. Eu

nunca estive tão assustado na minha vida como eu estava naquela manhã, Danny. Eu pensei que ia perdê-lo e quando você sobreviveu, pensei em como eu poderia facilmente ter perdido você com algo tão estúpido. — Ele fez uma pausa, sacudindo a cabeça. — Eu simplesmente perdi o controle.

— As coisas deram certo. — Disse ele, surpreso com o quanto doía ouvir seu pai admitir que também tinha errado. Durante anos, ele tinha imaginado este momento, imaginou seu pai assumindo a própria culpa, mas agora, pela primeira vez desde que ele saiu daquele coma, desejou que seu pai não falasse nada.

Seu pai concordou.

— Na maior parte, deram. Os fuzileiros navais fizeram por você o que eu nunca pude, mas a um custo alto.

— Por que você parou de falar comigo? — Ele se obrigou a perguntar.

— Porque eu não sabia o que dizer a você sem te afastar novamente, Danny. Eu só... — Ele balançou a cabeça, olhando para longe. — Eu só não sabia o que dizer e como consertar as coisas com você.

— Você não fez nada contra mim. — Disse ele, suspirando, porque seu pai não era o culpado pela forma como sua vida tinha virado uma merda. — Você estava certo. Eu era arrogante e quando eu fodi tudo, agi como uma criança mimada e saí correndo, pensando que estava

tomando o caminho mais fácil com os fuzileiros navais. Eles me ensinaram muito e me ajudaram a crescer.

— Eu ainda lhe afastei. — Disse seu pai, parecendo atormentado. — Eu nunca deveria ter feito isso. Eu nunca deveria ter feito isso...

— Sim, você fez, mas eu também. Nós dois erramos.

Seu pai levantou a mão e colocou-a sobre a dele, que descansava no quadril de Jodi. — Eu não vou cometer esse erro novamente. — Seu pai jurou, dando a sua mão um aperto.

Ele abriu a boca para jurar ao seu pai o mesmo quando a mulher pequena em seus braços o cortou.

— Se vocês, meninas, pararem de falar, eu poderia realmente pedir um donut de chocolate duplo.

Ele olhou para seu pai a tempo de pegar a expressão apavorada em seu rosto.

— Oh, merda... — Seu pai murmurou, engolindo nervosamente, soltou sua mão e cambaleou para trás, longe da cama quando Danny suspirou, resignando-se a passar as próximas 12 horas no inferno com a mulher que amava.

Epílogo

Cinco meses depois...

— Você precisa de mais alguma coisa? — Ela perguntou, distraidamente esfregando a barriga grande.

Danny revirou os olhos e colocou as mãos sobre as rodas de sua cadeira de rodas, rolando para longe da mesa.

— Eu estou bem, Sininho.

— Tem certeza? — Ela perguntou, caminhando até a geladeira para que pudesse se certificar de que tudo estava ao seu alcance. Uma vez que se certificou que ele poderia alcançar a cerveja e refrigerante para assistir seu jogo, ela se moveu para as bandejas e verificou duas vezes se ele poderia alcançar todos os seus petiscos favoritos.

— Sininho... — Ele disse num tom de repreensão, com um toque de exasperação. —Eu estou bem. Vá tomar seu banho.

Ela olhou ao redor da grande cozinha de sua nova casa e suspirou com as pilhas de caixas que ela ainda precisava desempacotar e quase gemeu. Deveria arrumar, pelo menos, mais algumas dessas caixas antes de sequer pensar em tomar um banho, mas ela estava tão cansada. Tudo o que queria fazer era tomar um banho, se enrolar na cama e

dormir pelos próximos dois dias, mas havia muita coisa para fazer.

Eles estavam de mudança por quase dois meses, mas parecia apenas dois dias. Parecia que ela estava acelerada desde que saiu da confusão induzida pela droga. Danny tinha quebrado a coluna em três lugares e precisava de todo o cuidado e duas cirurgias adicionais para corrigir tudo. Uma semana depois de sua cirurgia para corrigir a mão, ela tinha feito a escolha para ficar com ele na Flórida enquanto se recuperava.

Ela pediu uma licença no trabalho e se preparou para ser demitida, mas ao invés disso, seu chefe tinha encontrado uma maneira para ela gerenciar a biblioteca da Flórida e salvar seu trabalho. Quando ela não estava sentada com Danny, segurando sua mão e tentando distraí-lo da dor, ela estava trabalhando e tentando encaixar em poucas horas de sono.

Graças ao seu pai e o pai de Danny, ela não teve o esforço adicional de se preocupar com suas contas, carro ou qualquer outra coisa. Eles até mesmo alugaram uma casa na Flórida para que ela pudesse ter um lugar para descansar, quando não estava no hospital com Danny. Eles mudaram todas as suas coisas para o apartamento de Danny, embalando tudo, cuidando de seu carro, com a certeza de que todas as suas contas foram pagas e até encontraram uma antiga casa de fazenda colonial que precisava de um monte de trabalho. Seu pai e Trevor compraram a casa e todos os

homens de sua família, incluindo seus primos em New Hampshire, passaram os últimos dois meses e meio reparando a casa, tornando-a habitável e acessível para deficientes físicos, tudo por eles.

Quando tinha descoberto que estava grávida de um mês desde sua estadia na Flórida, eles triplicaram seus esforços. Tinham a certeza de sempre haver, pelo menos, duas pessoas na casa com ela em todos os momentos para ajudar com Danny e para se certificar de que ela estava se cuidando. Infelizmente, eles não puderam fazer nada sobre seus enjoos matinais.

Ou o esgotamento...

Os hormônios em fúria...

O apetite insaciável...

O choro...

E cerca de uma centena de outros problemas que vieram com a gravidez, que conseguiu transformar os homens de sua família em mamães galinhas. Eles fizeram o seu melhor para cuidar dela, até mesmo nos momentos em que era óbvio que eles queriam fugir gritando. Eles eram fantásticos, mas mesmo com toda a sua ajuda e cuidados, ela ainda estava esgotada, o que não havia mudado desde que Danny foi liberado do hospital.

De qualquer forma, ela ainda estava mais exausta agora. Pareceu que num minuto ela estava ajudando Danny em sua cadeira de rodas e à espera de seus documentos de liberação

do hospital e no próximo foi sequestrada com a ajuda de sua família, viajado para Nevada, entrado sorrateiramente em Vegas e se casado. De lá, ele a levou para uma lua de mel que tinha drenado cada última gota de energia que ela tinha deixado, mas tinha sido incrível.

Depois, eles finalmente voltaram para casa e as coisas tinham se tornado ainda mais agitadas. Eles tinham uma casa nova que precisava ser organizada e modificada para que Danny pudesse se locomover com sua cadeira de rodas. Além do seu trabalho na biblioteca e se certificar que Danny fizesse todos os seus exercícios, corria de um lado para o outro durante todo o dia, dividida entre a biblioteca e a casa, para se certificar de que ele estava bem e tentando arrumar as coisas para os bebês.

Ela estava tão cansada.

— Vá tomar um banho. Eu estou bem. — Disse-lhe com um sorriso tranquilizador.

— Eu só vou ficar por poucos minutos. — Prometeu ele, inclinando-se para que ela pudesse beijar sua bochecha. Ele deu uma piscadela e empurrou sua cadeira de rodas para a sala, deixando-a ali, pensando se deveria segui-lo e ver se ele tinha tudo o que precisava.

Com um aceno de cabeça, obrigou-se a ir para o seu quarto e tirar a roupa, enquanto ignorava a cama extremamente confortável a poucos metros de distância. Ela precisava de um banho e o mais importante, um chuveiro iria ajudá-la a acordar para que pudesse dar um pulo até a

farmácia, pegar a medicação de Danny, chegar a casa, fazer o jantar, lavar a roupa e preparar algo decente para Danny comer no almoço de amanhã, antes que ela o ajudasse com seu banho.

Suspirando, resignou-se à longa noite pela frente e ligou o chuveiro. Ela esperou por um minuto para que a água ficasse quente e quando ficou, colocou a mão na parede e, cuidadosamente, começou a entrar na banheira. Ela colocou o pé no fundo da banheira e...

Escorregou.

Ela mal conseguiu soltar um grito assustado quando se viu caindo para a frente e...

De repente, estava nos braços do homem que ela amava.

— Shhhh, Sininho, está tudo bem... — Disse ele, roçando seus lábios nos dela.

Ela abriu a boca apenas para soluçar e sacudir a cabeça, porque não estava nada bem. Ela estava exausta, mas não era por isso que estava chorando. Ele estava de pé. Danny estava em pé e segurando-a em seus braços.

Ele também estava completamente nu.

— Eu estava tentando surpreendê-la. — Disse ele com um sorriso triste, virando-se cuidadosamente com ela em seus braços e levou-a para o quarto.

— Bem, você conseguiu! — Disse ela com um soluço que parecia quase histérico quando ela colocou os braços ao redor dele e o abraçou com força.

— Papai sugeriu que eu esperasse até a consulta com o médico amanhã, mas eu não podia esperar. — Disse ele, dando um beijo em sua testa enquanto a deitava na cama.

— Estou feliz. — Disse ela com um sorriso aguado e se forçou a soltá-lo.

— Agora. — Disse ele, sentando-se ao lado dela e colocando a mão em sua barriga. — Eu começo a tomar conta de você.

****

— Eu não preciso de ninguém cuidando de mim. — Disse ela com a fungada mais patética que ele já tinha ouvido. — Eu estou bem. — Disse a pequena mentirosa.

— Você mente muito mal. — Disse ele, cuidadosamente deitando ao lado dela e reprimindo um estremecimento quando suas pernas e costas protestaram, mas não o suficiente para impedi-lo, não quando finalmente foi capaz de rastejar na cama com sua esposa, depois de muito tempo, por conta própria e puxá-la em seus braços. — Vá dormir, Sininho.

— Mas...

— Durma.

Ela, teimosamente, balançou a cabeça e tentou sentar-se, mas ele não iria deixá-la, não quando ele sabia que ela estava pensando em cuidar dele. Ele apreciava tudo o que ela tinha feito por ele, mais do que ele jamais poderia dizer, mas esses dias terminaram. Ele não estava cem por cento ainda, mas estava no estágio onde poderia dizer foda-se e cuidar de sua esposa.

Ele não dava a mínima se se apressar significaria que ele nunca seria capaz de correr de novo, ou que teria que aceitar a oferta de emprego de seu tio para ser um supervisor de campo, porque tinha fodido as placas nas costas e não podia pegar nada mais pesado do que um galão de água pelo resto de sua vida. Ela estava exausta e precisava dele. Ela precisava dele para colocar seus próprios problemas de lado e cuidar dela e isso era exatamente o que ia fazer.

— Vá dormir, Sininho. — Disse ele, virando-a para que ficassem de conchinha.

— Mas eu preciso ir até a farmácia e comprar o seu medicamento e...

— Não. — Ele disse, dando um beijo entre suas omoplatas. — Você precisa descansar, querida. Apenas descansar.

****

— Em qual quarto coloco esta? — Duncan perguntou quando pegou outra caixa.

— Você pode colocar no térreo, se você quiser. — Disse ele, apertando a mão em suas costas enquanto caminhava com dificuldade em direção ao balcão da cozinha, onde Jodi manteve todo o seu medicamento. Ele ignorou os principais analgésicos e pegou a garrafa de Advil e engoliu quatro à seco.

— Tem certeza? — Perguntou Duncan, olhando para a garrafa de Advil, mas ele não disse nada.

— Sim, nós não vamos precisar dela por um tempo. — Disse ele, caminhando até a geladeira e pegando um dos pacotes de gelo que sua esposa mantinha à mão para ele e apertou-o contra a sua parte inferior das costas. — Eu não quero que ela suba as escadas.

— Boa ideia. — Duncan concordou com um aceno de cabeça quando pegou outra caixa para desempacotar. — Por que você não vai deitar-se por um tempo?

Ele odiava o quanto precisava fazer exatamente isso, mas ele sabia que insistir só iria piorar sua coluna.

— Chame-me se você precisar de alguma coisa. — Disse ele, dirigindo-se para a porta da cozinha, parando ao longo do caminho para puxar seu irmão mais novo em um abraço forte. — Obrigado.

— Não foi nada. — Disse Duncan, devolvendo o abraço. — Vá descansar um pouco. Eu tenho tudo sob controle.

Balançando a cabeça, ele soltou seu irmão e continuou a longa viagem de volta para seu quarto. Quando ele passou por sua cadeira de rodas onde tinha deixando-a contra a parede, se forçou a continuar. Contendo um gemido tirou sua camisa e empurrou suas calças e cuecas boxers para baixo. Lentamente, se arrastou de volta para a cama e se enrolou de conchinha com sua esposa.

Ele colocou seu braço ao redor dela, beijou-lhe o ombro e lentamente exalou, forçando sua mente longe da dor.

****

Dois meses após...

— Você não tem que acordar. — Informou ela, enquanto se moveu com cuidado para não cair, graças à sua grande barriga, e lentamente se empalou em sua ereção.

Danny riu sonolento, estendendo a mão para ela e abriu os olhos devagar. Ele gentilmente segurou seus quadris para ajudar a guiá-la.

— Não podia esperar?

Lambendo os lábios, ela negou com a cabeça, se abaixou e agarrou seus braços para se equilibrar.

— Você estava demorando muito. — Ela gemeu, usando seu poder sobre ele para levantar-se e deslizar de volta para baixo.

Estava tão bom...

Nos últimos dois meses, ela tinha sido capaz de descansar mais, seu estresse praticamente desapareceu, Danny estava muito melhor de saúde e ela finalmente foi capaz de desfrutar de estar grávida. Ela comia o que quisesse, dormia sempre que queria e fazia isso sempre que queria, o que era praticamente toda hora.

Ela deixou o emprego na biblioteca, que na verdade só aumentava seu stress. Ok, na verdade ela meio que foi forçada a sair da biblioteca, quando Danny recebeu uma ligação para ir buscá-la, porque ela não parava de chorar devido à constatação de que odiava seu trabalho e isso foi simplesmente... deprimente. Quando ela terminou seu mestrado nunca pensou que teria que usá-lo para decidir entre assado francês e café torrado árabe para vender na cafeteria, que ela foi forçada a gerenciar como forma de tirar a biblioteca do vermelho.

Ela odiava isso... apenas odiava...

Quando Danny tinha ido buscá-la um mês atrás, ele suspirou profundamente e decidiu por ela. Ela estava tão feliz por finalmente estar livre daquele lugar que não tinha discutido com ele. Ela permitiu que ele a tirasse de lá, a colocasse na cama enrolada com ele, onde passou os próximos dois dias dormindo. Quando ela acordou às três da

manhã, dois dias depois, encontrou-se em sua mesa, escrevendo um romance histórico que ela estava cogitando escrever por anos, mas nunca pensou em levar a sério.

Agora...

Agora, ela não poderia imaginar-se fazendo outra coisa e, graças a Danny, não precisava. Ele tinha sido incrivelmente favorável sobre isso. Ele até comprou um MacBook para que ela pudesse trabalhar onde quer que fosse. Ele reformou o grande e velho celeiro, que tinha pensado em transformar numa sala de jogos num escritório com uma grande área de estar confortável e área de recreação para os bebês, para que ela pudesse continuar a trabalhar depois que seus filhos nascessem. Ele era um homem tão carinhoso, um marido maravilhoso e ela sabia, sem dúvida, que ele seria um pai incrível.

— Mais pesquisas para o seu livro? — Ele perguntou, sentando-se para que pudesse envolver seus braços em volta dela e segurá-la enquanto ela lentamente balançava-se sobre ele.

— Mmmhmmm. — Ela murmurou contra seus lábios. — Você é um homem muito útil.

— Eu faço o meu melhor. – Colocando a mão entre eles e...

— É isso aí! — Duncan anunciou, abrindo a porta do quarto. — Estamos nos mudando!

— Sai daqui! — Danny gritou, agarrando o edredom e puxando-o para cobri-la, porque em seu estado atual, ela não estava em condições de saltar fora de seu colo e se esconder e ela realmente, realmente, queria se esconder neste momento.

Ela abriu a boca para pedir para Danny tirá-la da cama quando o cheiro a atingiu, o que a levou a fechar imediatamente sua boca. Ela agarrou o edredom e puxou-o completamente sobre a cabeça e escondeu o rosto contra o peito de Danny, logo acima da tatuagem da Sininho, esperando que fosse o suficiente para bloquear esse odor rançoso estranho.

— Por que você está coberto de lixo? — Danny perguntou a Duncan, enquanto ela lutava para não vomitar.

— Essa... mulher! — Seu cunhado normalmente adorável e atencioso rosnou, fazendo-a sorrir.

— Problemas com a nova vizinha? — Perguntou Danny, parecendo se divertir e ela mordeu o lábio tentando não rir. — Você quer que eu vá contar tudo para sua mãe por você? — Ele perguntou em tom de zombaria, fazendo seu irmão rir.

— Eu te odeio, seu filho da mãe sem coração! — Duncan gritou dramaticamente e saiu batendo a porta.

Ela suspirou feliz quando empurrou o edredom da cabeça.

— Eu amo os nossos novos vizinhos.

Nem mesmo perto de ser o fim...

Aviso Um

Por favor, não publicar o arquivo em comunidades de redes sociais, principalmente Facebook. Quer ler os livros traduzidos pelo PL? Entre no nosso grupo do Google, fórum ou nosso grupo PL no Facebook,lá você encontrará a nossa biblioteca. Postagens no Facebookpodem acarretar problemas para o PL

Aviso Dois

Gostou do livro lido traduzido pelo PL e quer conversar com a sua autora? Evite informá-la,ou a editora que os leu traduzidos e distribuídos por Grupos de Tradução. Se quiser conversar com ela, informe que leu no idioma original, mas, por favor, nunca mencione o nome do grupo PL ou qualquer outro grupo de tradução. Ajude a preserva o seu grupo de tradução, a equipe PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com comunidades/fóruns que tentam vender traduções de livros, que são trabalhados e distribuídos gratuitamente. Nós da equipe PL,somo contra e distribuímos todos nossos livros gratuitamente,Sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a leitura e a divulgar livros e autoras que possivelmente nunca serão traduzidos no Brasil. Solicitar dinheiro por romances é crime de pirataria. Seja esperta!

Equipe PL